

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
HISTÓRIA**

FÁBIO DE SOUSA NETO

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO: UMA
ANÁLISE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS**

**GOIÂNIA
2021**

FÁBIO DE SOUSA NETO

**REPRESENTAÇÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO: UMA
ANÁLISE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros. Área de Concentração: Cultura e Poder. Linha de Pesquisa: Poder e Representação.

GOIÂNIA

2021

S725r Sousa Neto, Fábio de
Representações sobre o campo religioso brasileiro
: uma análise das Assembleias de Deus/ Fábio de Sousa
Neto.-- 2021.
180 f.;

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em História, Goiânia, 2021
Inclui referências f. 134-139

1. Assembleia de Deus. 2. Igrejas pentecostais. 3.
Brasil. 4. Representações sociais. 5. História. I. Programa
de Pós-Graduação em História. II. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em História
- 2021. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 279.153(043)



**PUC
GOIÁS**



**JUBILEU DE
DIAMANTE
1959 2019**

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 23 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar / FTBSP

Prof. Dr. José Maria Baldino / PUC Goiás

Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás

Prof. Dr. Jeová Rodrigues dos Santos / FASSEB

RESUMO

Sob o prisma do fenômeno religioso localizado na experiência cristã dita pentecostal, ou sob os pentecostalismos, procuramos interrogar alguns documentos produzidos pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus. As representações, são assumidas como institucionais, e dizem respeito ao campo religioso brasileiro. Compreende-se, porém, na esteira de Pierre Bourdieu, que haveriam relações entre religião e outras estruturas sociais, sobretudo, com a política. A pesquisa se abre para possibilidades na compreensão da intrincada trama que se apresenta hoje no campo religioso brasileiro em suas várias articulações. Para tanto, a construção de nosso objeto contou com os aportes metodológicos da Análise de Conteúdo além da teoria social de Pierre Bourdieu, do *métier* da História Cultural e dos Estudos Culturais, sobretudo, sob os conceitos de representação, imaginário e campo. Dessa forma, essa pesquisa não ignorou as forças mobilizadas no campo religioso considerando um substrato profundo identificado como imaginário religioso, ou aquilo que na orientação teórica aparece como esquemas de construção de representações e práticas. Como resultado, vários imaginários se apresentam sob o mesmo cenário, imaginários religiosos e políticos surgem, amalgamados ou no mínimo, em uma perspectiva dialógica. Além disso, se verificou uma leitura específica sobre as desigualdades sociais, algo que diferentemente das leituras de base iluminista, as causas profundas foram identificadas sob o imaginário religioso no conflito entre o bem e o mal. O motivo para a ação do fiel seria a fé em sua coerência praxiológica, logo, toda orientação advinda de base marxista-leninista ou à ela associada é vista com desconfiança. Isso faria dessa leitura pentecostal, também uma leitura política. De todo modo, as representações sobre o poder ultrapassam o campo religioso, atravessando cada espaço social, incluindo a cultura, os artefatos culturais, ou a tentativa de direcionar as aquisições culturais dos fiéis. Em razão disso, percebe-se certo cuidado com a indústria cultural e à construção de significados sob o circuito cultural. Por último, notam-se vestígios sobre uma corrida por capitais e construção de novos *habitus* entre os agentes religiosos. Embora se observe representações de posturas apolíticas entre os leitores, todo o arsenal simbólico foi convocado para transformar o quadro. Nesse sentido, a associação entre os espaços político e religioso, nos usos do imaginário, parece ter servido como elemento de projeção pessoal de alguns sujeitos.

Palavras-chave: Representação. Campo Religioso. Imaginário. Assembleias de Deus. Pentecostalismos.

ABSTRACT

Under the prism of the religious phenomenon located in the Christian experience called Pentecostal, or under Pentecostalism, we try to interrogate some documents produced by the Evangelical Church Assembly of God. The representations are assumed to be institutional, and relate to the Brazilian religious field. However, it is understood, in the wake of Pierre Bourdieu, that there would be relations between religion and other social structures, above all, with politics. The research opens up possibilities for understanding the intricate fabric that appears today in the Brazilian religious field in its various articulations. For this, the construction of our object relied on the methodological contributions of Content Analysis in addition to the social theory of Pierre Bourdieu, the *métier* of Cultural History and Cultural Studies, above all, under the concepts of representation, imaginary and field. Thus, this research did not ignore the forces mobilized in the religious field considering a deep substrate identified as religious imaginary, or what in the theoretical orientation appears as schemes for the construction of representations and practices. As a result, several imaginary ones present themselves under the same scenario, religious and political imaginary appear, amalgamated or at least, in a dialogical perspective. In addition, there was a specific reading on social inequalities, something that, unlike the readings with an Enlightenment basis, the root causes were identified under the religious imaginary in the conflict between good and evil. The reason for the action of the believer would be faith in its praxiological coherence, therefore, any orientation arising from or associated with Marxist-Leninist base is viewed with suspicion. This would make this Pentecostal reading, also a political one. In any case, representations of power go beyond the religious field, crossing each social space, including culture, cultural artifacts, or the attempt to direct the cultural acquisitions of the faithful. As a result, there is a certain care with the cultural industry and the construction of meanings under the cultural circuit. Finally, there are traces of a race for capitals and the construction of new habitus among religious agents. Although there are representations of apolitical postures among readers, the entire symbolic arsenal was called upon to transform the painting. In this sense, the association between the political and religious spaces, in the uses of the imaginary, seems to have served as an element of personal projection of some subjects.

Keywords: Representation. Religious Field. Imaginary. Assemblies of God. Pentecostalism.

LISTA DE SIGLAS

AD – Assembleia de Deus.

ADs – Assembleias de Deus.

ALEGO – Assembleia Legislativa do Estado de Goiás.

CEMP – Centro de Estudos do Movimento Pentecostal.

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

CMI – Conselho Mundial de Igrejas.

CPAD – Casa Publicadora da Assembleia de Deus.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

MP – Mensageiro da Paz.

OIT – Organização Internacional do Trabalho.

SESC – Serviço Social do Comércio.

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

IES – Instituição de Ensino Superior.

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus.

PDT – Partido Democrático Trabalhista.

PUC/GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Pré-análise, transcrição dos conteúdos presentes no campo Editorial...	72
Quadro 2 – Classificação dos conteúdos a partir da exploração dos editoriais.....	77
Quadro 3 – Categorias construídas a partir da exploração dos editoriais.....	79
Quadro 4 – Categorias construídas a partir da exploração da primeira página.....	84
Quadro 5 – Classificação das imagens no item primeira página do periódico.....	89
Tabela 1 – Os números de católicos evangélicos e sem religião no Brasil.....	12
Tabela 2 – Religião dos brasileiros em %.....	14
Tabela 3 – Experiências cristãs segundo o censo de 2010.....	31
Tabela 4 – Números do ensino superior em Goiás até o final da década de 1960.....	32
Tabela 5 – Números simplificados da educação superior em Goiás no ano de 2013...	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n. 1 – Religião declarada em % e projeção até 2032.....	14
Gráfico n. 2 – Perfil religioso na cidade de São Paulo durante a pandemia de COVID-19.....	15
Gráfico 3 – Índices e indicadores das categorias obtidas no item Editorial.....	31
Gráfico 4 – Índices e indicadores das categorias no item Capa.....	85
Gráfico 5 – Percentual das representações/conteúdos explícitos e subjacentes sobre a dinâmica do campo religioso.....	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jornal presbiteriano em 1879 em sua defesa das ideias republicanas.....	52
Figura 2 – Capa do MP n. 2 de 1974 – O periódico como “evangelista silencioso”.....	62
Figura 3 – Editorial nº 15, de 1973.....	76
Figura 4 – Editorial nº 1098, de 1978.....	76
Figura 5 – Capa do MP, n. 22 de 1970.....	83
Figura 6 – Capa do MP, n. 1017 de 1979.....	83
Figura 7 – Capa do MP, n. 5 de 1976.....	90
Figura 8 – Capa do MP, n. 5 de 1974.....	90
Figura 9 – Artigo resposta de Vasconcelos à Joanyr. Ao lado, a coluna de seu interlocutor.....	111
Figura 10 – Coluna do MP em 1975 destacando os capitais de Joanyr.....	113
Figura 11 – Cobertura da formatura de acadêmico em medicina, com ênfase em sua origem pentecostal.....	114
Figura 12 – Páginas da Revista A Seara de 1974 com destaque para formaturas....	117
Figura 13 – Coluna Contato Poético idealizada por Joanyr de Oliveira divulgando concurso de poesia.....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1.....	19
“DEUS É BRASILEIRO”: A DINÂMICA DAS EXPERIÊNCIAS CRISTÃS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.....	19
1.2 UMA NOTA SOBRE A ASSEMBLEIA DE DEUS.....	26
1.1 A FRAGMENTAÇÃO EM CONTÍNUO DO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO E O LUGAR DA REPRESENTAÇÃO.	28
1.3 REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS E A CIDADE: O PLANO URBANO COMO O LUGAR PRIVILEGIADO DA REPRESENTAÇÃO.	31
1.3.1 Imaginários citadinos	34
CAPÍTULO 2.....	50
CAMPO RELIGIOSO E COMUNICAÇÃO: OS SIGNIFICADOS DA IMPRENSA, OS PERIÓDICOS CONFESSIONAIS E OS IMPRESSOS ASSEMBLEIANOS.	50
2.1 A FÉ CRISTÃ E SEUS ARTEFATOS CULTURAIS DE COMUNICAÇÃO: ENTRE A LINGUAGEM, A REPRESENTAÇÃO E O DISCURSO.	50
2.1.2 Os Protestantes a República e os impressos.	53
2.2 OS IMPRESSOS COMO FONTE E OBJETO E SEU VALOR PARA O PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.....	63
CAPÍTULO 3.....	67
REPRESENTAÇÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NA DÉCADA DE 1970 POR MEIO DOS IMPRESSOS CONFESSIONAIS.....	67
3.1 A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> E O ROTEIRO DA EXPLORAÇÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE O PROCEDIMENTO DE PESQUISA E A ORIENTAÇÃO TEÓRICA.....	69
3.2 CELEBRAÇÃO, EXERCÍCIO DO PODER E <i>MARKETING</i> RELIGIOSO.	86
3.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE O PODER: O CAMPO RELIGIOSO E O IMAGINÁRIO.....	95
3.3.1 Religião e política: Anticaticolicismo, rejeição ao ecumenismo e crítica ao comunismo.	98
3.4 NOVOS AGENTES, OUTROS CAPITAIS: A <i>ILLUSIO</i> DO PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.	114
3.4.1 Ampliação de capitais: o doutor, o poeta, o professor e o político.	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	134
Anexo 1 – Processo de pré-análise: transcrição dos conteúdos no item selecionado no corpus documental: o Editorial.....	140
Anexo 2 – Classificação dos conteúdos a partir da exploração dos editoriais.....	161

Anexo 3 – Classificação dos conteúdos obtidos na Capa – primeira página do MP.	164
Anexo 4 – Classificação das imagens no item primeira página do periódico.....	169
Anexo 5 – Primeira página do MP n. 2 de 1970.....	171
Anexo 6 – Primeira página do MP n. 15 de 1971.....	172
Anexo 7 – Primeira página do MP n. 15 de 1972.....	173
Anexo 8 – Primeira página do MP n. 8 de 1973.....	174
Anexo 9 – Primeira página do MP n. 8 de 1974.....	175
Anexo 10 – Primeira página do MP n. 5 de 1975.....	176
Anexo 11 – Primeira página do MP n. 2 de 1976.....	177
Anexo 11 – Primeira página do MP n. 5 de 1977.....	178
Anexo 11 – Primeira página do MP n. 1083 de 1978.....	179
Anexo 12 – Primeira página do MP n. 1107 de 1979.....	180

INTRODUÇÃO

Não faz muito tempo que Antony Giddens (1938 -) fez uma constatação no mínimo curiosa, que em linguagem religiosa soaria em tom quase profético: “O século XXI será o campo de batalha em que o fundamentalismo irá se defrontar com a tolerância cosmopolita” (GIDDENS, 2006, p. 18). Para além dos preconceitos e estereótipos religiosos, algo não pode ser negado: os usos de linguagem religiosa nos espaços de poder e a presença cada mais perceptível de agentes religiosos em outras esferas sociais. Logo, o ponto de partida para esta pesquisa é marcado por inquietações do presente, o que dá sentido ao axioma de Croce (1964) para quem toda história seria uma história do presente.

Portanto, mesmo que essa visibilidade dada à agentes religiosos não seja nova, contudo, adquire outras dimensões com a adesão de parte considerável dos evangélicos à campanha do atual presidente do Brasil. Mais ainda, pode-se afirmar que “as tensões engendradas sob a administração do atual governo no uso constante de linguagem religiosa [...] acabaria por alimentar a luta por adesões à eleição e manutenção do poder” (SOUSA NETO, 2020a, p. 7).

As últimas campanhas eleitorais exploraram as representações da fé cristã ao ponto de fazer seu mantra o excerto bíblico do evangelho canônico: “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). Um importante veículo de imprensa registrou trechos da fala do atual presidente da República em um evento evangélico:

Confesso que fiquei com muito medo quando me elegi presidente da República. Não foi aquele ato (do atentado a facada) que me elegeu. Deus tem um propósito para cada um de nós. Cheguei calcado numa passagem bíblica: 'Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará'. Vencemos usando essa passagem”.

O presidente chegou a dizer que o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", foi uma inspiração divina que ele teve durante uma oração há quatro anos. "Tinha que acontecer naquele momento. São os sinais que começaram acontecer lá atrás¹.

Há algum tempo atrás, essas relações entre evangélicos e a esfera do Estado eram inviáveis. Isso não diz respeito apenas à aproximação do presidente com os evangélicos, mas, sobretudo, à força que os grupos evangélicos adquiriram nas últimas décadas. Esse grupo religioso cresceu e se projetou nos espaços públicos. E

¹ Correio Brasiliense. 27/11/2019. Disponível em: <https://bit.ly/3hSTZSz>. Consulta em: 06/04/20.

por “grupo” não estamos afirmando a existência de um bloco monolítico, mas, admitindo uma pecha comum, para efeito de uma identificação mínima. Essa constatação basta para dar legitimidade a essa pesquisa, levando em consideração o que diz Stuart Hall (2016, p. 23-25) quando escreve que as representações incidem sobre os comportamentos, e não somente no âmbito da abordagem semiótica. Portanto, para o autor, o estudo do universo discursivo:

Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados (HALL, 2016, p. 27).

Dessa forma, para compreender razoavelmente o cenário dado em nossa temporalidade, é que propomos a investigação das representações possíveis encontradas nos arquivos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD)². Nesse sentido, começaremos exatamente naquele ponto visto sob suspeita por um importante pesquisador dos pentecostalismos, ao pontuar em suas pesquisas que: “as “razões dos fiéis” serão respeitadas, mas não validadas como explicação sociológica” (ALENCAR, 2010, p. 24).

Certamente, o autor assume as regras de seu campo de estudo, regras que orientam a leitura em suspeição sobre o que chamou de “razões dos fiéis”. Em nosso caso, sob o campo disciplinar que atuamos, a História Cultural, por sua tendência antropofágica se maravilhará em considerar essas mesmas “razões”, agora assumidas como representações. Certamente, assim como Alencar (2010) teremos o cuidado com a avaliação suspensa, romântica, inocente ou com a declinação passiva diante do documento monumento (LE GOFF, 2013). Não há dúvidas que Alencar (2010) tem muita razão.

Nessa relação, é bom lembrar o que constatou Bourdieu (2013), que os campos sociais muito embora possuam distinções e sejam regidos por leis próprias, eles não são totalmente independentes, o seja, são relativamente autônomos. Desse modo, haveria no campo religioso alguma coisa de político, além da interação entre outros campos. Portanto, consideraremos esses borramentos.

²A partir daqui, para designar o nome “Assembleias de Deus”, opta-se pela sigla, “AD” no singular e “ADs” para a forma no plural. Os casos no singular apenas servem como indicativo de duas situações: referência à uma comunidade local ou ao grupo religioso a frente da Casa Publicadora – CPAD.

O principal autor visitado nesse capítulo, dedicou parte considerável de seu tempo explorando o modo de funcionamento do campo religioso. Suas reflexões consideraram as explicações que a sociologia, linguística e a antropologia propuseram dar à religião enquanto estrutura simbólica; linguagem, “princípio de estruturação do mundo”, ao mesmo tempo “espaço estruturado e estruturante”.

De todo modo, a partir de uma leitura sociológica sobre as funções sociais da religião, afirma-se que ela manteria um relacionamento com as estruturas sociais, ou como pontua Bourdieu (2013, p. 33), com as “estruturas do poder”, uma vez que forneceria, ou inculcaria *habitus*, norteados as representações através dos:

[...] princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo, e em particular do mundo social, na medida em que, um sistema de práticas e de representações, cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2013, p. 34-35).

De outra forma, essa relação seria objeto da sociologia, conquanto, as relações propriamente mundanas que a religião como sistema simbólico possibilita na construção mesma da experiência. Dessa forma, segundo Bourdieu, religião pode ser entendida como “veículo de poder e de política” (BOURDIEU, 2013, p.31). Entretanto, quanto maior a capacidade de ocultação desses interesses temporais, maior os efeitos de mobilização, ou do poder simbólico do grupo, ou seja, um poder de classificar ou construir o mundo (BOURDIEU 2004, p. 165).

Muito embora nessa pesquisa o campo religioso seja considerado como um todo, uma primeira seleção foi considerada, a leitura será realizada a partir das representações de uma das principais vertentes da paisagem religiosa nacional. Trata-se das Assembleias de Deus, grupo que tem sua origem no alvorecer do século XX sob o fenômeno do pentecostalismo clássico. Não é sem razão que Alencar (2010) a “abrasileirou”, de tal modo que para o autor, sua história se confunde com a própria história do Brasil nos últimos cem anos. Isso teria uma explicação; o grupo fundado por imigrantes nórdicos, num período onde havia o incremento da imigração e o “embranquecimento do Brasil” (SKIDMORE, 1998, p. 112), logo assumiu seu próprio destino tornando-se autóctone. Inicialmente, de perfil nortista e nordestina, se espalhou por todo Brasil. Como indica o sociólogo Paul Freston (1952 –):

As únicas igrejas verdadeiramente nacionais, e não apenas regionais, são a AD e a Igreja Batista. Mesmo assim, os batistas têm uma concentração regional muito forte. A distribuição da AD é bem mais uniforme; em alguns lugares, o protestantismo praticamente se reduz a ela (FRESTON, 1993, p. 34).

As Assembleias de Deus logo ganharam “a cara” do Brasil. Suas práticas e representações não podem ser tomadas como isoladas desse contexto, do berço que a nutriu. Contudo, à medida que se desenvolvem, suas práticas e representações indicam a construção de uma identidade marcada. Tal marca, ao mesmo tempo, habilita a aproximação com o contexto maior, com as distinções no campo em que se insere. Esse “rosto brasileiro”, possivelmente comportaria boas doses de estrangeirismos, melhor, de representações colonialistas, em sua *ortodoxia* e *ortopraxia*.

Essas proposições podem ser corroboradas por Chartier (2012) em duas frentes. Primeiro, na afirmação de que “não existem objetos históricos fora das práticas, móveis, que os constituem, e por isso não há zonas de discurso ou de realidade definidas de uma vez por todas” (CHARTIER, 2002, p. 78). Em seguida, o historiador chama a atenção para as duas operações fundantes do discurso historiográfico: (1) os vestígios, não importando sua natureza, são assumidos como representação; (2) haveria uma relação hipotética levantada pelo historiador entre o conjunto das representações, “construídas e trabalhadas enquanto tais” e as práticas, tomadas como um “referente externo” (CHARTIER, 2002, p. 87). Dessa forma, representação para Chartier significaria:

O modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Logo, seria importante frisar que, à medida em que as ADs desenvolvem certa consciência de sua (des) importância, suas representações se avolumam. Nesse sentido, o rastro que deixa são vestígios importantes para o pesquisador. Tem-se uma constelação inteira dessas representações; nas memórias do grupo, em sua musicalidade, nos discursos que nos chegam possibilitados pela paixão que nutriam

pela imprensa. Esse, de fato se constitui um ponto interessante para análise; as práticas de leitura e escrita, ou o valor da imprensa para o grupo religioso. De todo modo, exatamente essas práticas sugeridas pelas representações se tornam para a pesquisa, a alavanca de Arquimedes, o ponto de apoio, para mover o mundo, ou na esteira da escrita de Chartier (2002, p. 23), para conceber o “mundo como representação”.

Nesse ponto, é apropriado apresentar as principais fontes dessa pesquisa. Tomamos para construir o *corpus* documental que nos servirá de fonte os impressos confessionais produzidos pelas Assembleias de Deus. O principal documento é o periódico “Mensagem da Paz”. No entanto, a necessidade de contextualização exigiu a consulta de outros textos, outros impressos produzidos pelo grupo, entre eles, a revista “A Seara”. O primeiro, é publicado em formato de tabloide desde 1930 e tem servido como veículo de comunicação oficial do grupo. Ganha uma dimensão duplamente simbólica, pois seu criador fora o pioneiro das ADs no Brasil, o sueco Gunnar Vingren. Além disso, está preso à uma temporalidade onde o impresso reinava sozinho como artefato tecnológico de comunicação, antes do rádio, da TV e da internet.

Por outro lado, o tabloide fora a razão de ser do maior parque gráfico evangélico da América Latina (DANIEL, 2004, p.260), ou, pelo menos, essa seria a autorrepresentação do grupo sobre seu bem simbólico mais importante, a saber, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Registra-se que o dito periódico ainda é publicado, inclusive seus usos por parte dos grupos e sujeitos de expressão associados à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

O segundo impresso segue outra linha editorial, mas, também é um impresso com ligações com o periódico supracitado. Muito embora, Araújo (2015, p. 773), afirme que ainda em 1954 um funcionário da gráfica da CPAD tenha sugerido uma revista que “contivesse também notas sociais”. A revista foi oficialmente fundada tendo à frente o poeta Joanyr de Oliveira em 1956. Uma apreciação cuidadosa da linha editorial poderia apontar para uma nova fase das ADs no Brasil. Na apreciação desse pesquisador, a revista “A Seara” serviu como instrumento de amplificação do jogo de forças no campo religioso brasileiro. As ADs agora mostrava que possuía capitais a altura das disputas que urdiam por aqui.

O veículo seria voltado para a construção e amplificação de práticas culturais; a construção de práticas de leitura, a valorização da poesia, da visibilidade dos

membros das ADs articulados em todas as esferas da sociedade. Aliás, o poder-saber surge com ressonância nunca vista. No entanto, ambos os impressos também sinalizam para certas intencionalidades não tão claras nos conteúdos publicados, mas, que uma exploração cuidadosa pode nos guiar com razoável segurança em sua percepção.

Isso significa que ambos os periódicos, muito embora, se apresentem com linha editorial, formato e objetivos aparentemente distintos, não podem ser assumidos como projetos desarticulados. Ou seja, o *Mensageiro da Paz*, e a Seara operavam em regime de parceria, uma vez que articulavam ao mesmo tempo, visibilidades e ocultamentos, intenções percebidas em projetos de formação de *habitus* e práticas culturais, bem como, veículos de poder e instrumentos de capitalização política por parte de alguns sujeitos ligados à CPAD.

Tais sujeitos por trás desses artefatos ou bens simbólicos do grupo eram os mesmos, intelectuais com trânsito em outras esferas sociais, como o caso de Joanyr de Oliveira, pastor, jornalista, poeta, membro fundador de várias instituições culturais, com vínculos de amizade com os modernistas de segunda geração, entre eles, Carlos Drummond de Andrade, com quem trocava correspondência. Algo importante é que esses impressos da CPAD, como eram órgãos oficiais, significam indiretamente com sua tiragem o avanço do grupo em termos numéricos.

Dito isso, o primeiro momento da abordagem deverá apresentar o contexto geral do campo religioso brasileiro e suas dinâmicas a partir do cristianismo e a penetração do pentecostalismo. Para tanto, isso contará com digressões e avanços cronológicos. No momento seguinte, abordaremos o impulso da comunicação no cristianismo como condição *sine qua non* de sua natureza proselitista. Nessa altura, o conceito de representação será a chave de leitura, sobretudo, o que ele comportaria, a partir das reflexões de Stuart Hall (2016, p. 150) onde a comunicação seria a razão de ser da linguagem. Além disso, abordaremos os significados dos periódicos assembleianos, que são também, nossas principais fontes de pesquisa.

Por fim, no último capítulo exploraremos as representações sobre o campo religioso brasileiro presentes em nossas fontes. O referencial teórico metodológico reúne os esforços da História Cultural, considerando as contribuições do historiador britânico Peter Burke (2009), da sociologia francesa de Pierre Bourdieu (2013, 2012, 2004, 2001, 1996) e o importante auxílio metodológico da Análise de Conteúdo em Franco (2005).

Destacamos que as fontes serão exploradas inventariando as representações possíveis sobre o campo religioso brasileiro. Sendo assim, em razão de seu caráter oficial, tais representações serão tomadas *strictu sensu* como institucionais, ou pelo menos, sob a chancela dos principais sujeitos da instituição.

A relevância da pesquisa se dá em um cenário de intensa polarização política, onde a experiência religiosa parece subsidiar muitos embates. Daí a necessidade de compreensão dessas relações que certamente vem sendo tecidas temporalmente. Por outro lado, o contínuo crescimento das igrejas ditas, evangélicas, dão o tom da importância em se debruçar sobre o tema, principalmente em razão das contradições apresentadas em tempos onde se discute a laicidade do Estado exigindo um recuo da experiência religiosa para os espaços privados, uma defesa explícita do que tem sido chamado de secularização.

Portanto, há um imperativo em se debruçar sobre a problemática das relações que se configuram no campo religioso brasileiro, relações inevitavelmente atravessadas por relações de poder, compreendendo as tensões inerentes ao jogo de forças que se estabelecem na busca por espaço de atuação e visibilidade. Soma-se a isso, a inquietação do pesquisador por suas ligações com as ADs desde sua infância, portanto, evidencia-se a experiência da inserção no grupo como fator preponderante e motivador para a pesquisa.

Quanto ao o recorte cronológico, ele ocorreu por diversos motivos. Primeiro, por assinalar o surgimento nas ADs de certa consciência de si, cuja evidência, entre outras, se verifica na materialização da construção memorialística do grupo a partir de 1960 (CONDE, 2000). Em segundo lugar, deu-se a ascensão das ADs como o segundo maior grupo religioso no Brasil, acentuando a projeção no cenário nacional de grupos religiosos concorrentes.

Além disso, sob o mesmo recorte, os contextos nacional e global anunciam, ao mesmo tempo, um desejo de liberdade evocado na revolução cultural ou na contracultura, tanto de maior repressão das liberdades, sob o governo ditatorial militar. De todo modo, o contexto nacional aponta para o crepuscular de um novo período de transição política, rumo à redemocratização do país (SKIDMORE, 1998).

O recorte sob a década de 1970 recobre um período por demais importante, onde se evidenciou inúmeras tensões no seio do grupo na construção e manutenção de sua identidade. Além disso, seu crescimento não poderia ser ignorado. Na esteira de Paul Freston (1993) percebe-se que a caixa de ressonância fora a participação política

a partir da redemocratização na década de 1980, além da descoberta dos pentecostais pela grande mídia, uma consequência do processo iniciado nas décadas anteriores.

Espera-se com a pesquisa, contribuir nos termos de uma reflexão madura, procurando dar um mínimo de respostas à intrincada trama de relações que se apresentam no seio da sociedade civil organizada, sob o prisma das experiências religiosas e do pentecostalismo assembleiano.

CAPÍTULO 1

“DEUS É BRASILEIRO”: A DINÂMICA DAS EXPERIÊNCIAS CRISTÃS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.

Na experiência cristã, Deus não se sujeitaria ao tempo e ao espaço, contudo, na sabedoria popular se diz que “Deus é Brasileiro”. Neste chão pátrio, no ano de 2002 Cacá Diegues (1940) dirigiu uma trama homônima. O personagem central – Deus – protagonizado por Antônio Fagundes - estava decepcionado com a humanidade e decidiu se retirar do mundo. Antes, porém, se torna todo imanente, de modo a se humanizar, tocar suas criaturas e procurar um substituto temporário. Afinal, a divindade representada na trama cinematográfica brasileira, possuiria uma verve teísta, já que mesmo decepcionado não abandonaria sua criação.

A divindade se veste de brasilidade. O ponto de contato seria o *ethos*³, nacional. As idiossincrasias do brasileiro são incorporadas e representadas durante o processo de busca ao candidato a santo e substituto temporário, Quinca das Mulas. O *leitmotiv* para a busca inusitada é que o Brasil, sendo um país tão religioso, não possuía nenhum santo de expressão.

A peça fílmica certamente fora inspirada por um conto de João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), autor responsável pelo roteiro. No entanto, há razões para relacionar o título ao Papa João Paulo II, quando em outubro de 1997 por ocasião de sua terceira visita oficial ao Brasil, brincou reproduzindo o grito da plateia: “Se Deus é Brasileiro, o Papa é Carioca” (O Estado de São Paulo, 1997, p. 17). Nessa última visita, o pontífice encontrou um país majoritariamente católico, mas com números diferentes daquele registrado em sua primeira visita em 1991, quando pela primeira vez, o líder supremo da Igreja Católica aportou por aqui.

Para além da licença poética, se Deus é brasileiro ou não, uma coisa é certa: por aqui ele é bem conhecido, ou, pelo menos, não há dúvidas de que a experiência cristã se faz presente desde muito nestes trópicos. No caso específico da fé cristã, entre tantos vestígios dessa experiência, tem-se a famosa carta do escrivão da esquadra de Cabral. O documento depositado nos arquivos da Torre do Tombo em

³ O conjunto de características comuns a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Na sociologia Weberiana, o *ethos* é uma ordem normativa interiorizada, um conjunto de princípios mais ou menos sistematizados que regulam a conduta da vida.

Portugal encontra-se eivado com as representações do catolicismo no período imediatamente anterior a Reforma Protestante.

O imaginário religioso move a aventura marítima, como se vê no final da carta, quando o escrivão de D. Manuel exalta as belezas naturais da terra e aconselha sua majestade dizendo: “Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (CAMINHA, 1997, p. 51). Assim, o conselho registrado no documento inaugural da “literatura brasileira” adquire tons proféticos.

Passados quase cinco séculos, o guardião daquelas representações estranhas aos nativos, o chefe da igreja de Roma pôs os pés em solo Brasileiro. O Papa João Paulo II conheceu um país majoritariamente católico. Entretanto, algo curioso despontava nas estatísticas, o salto no número de evangélicos e dos “sem religião”, como se verifica na tabela abaixo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Tabela 1 – Os números de católicos evangélicos e sem religião no Brasil.

População			
Ano	Católica	Evangélica	Sem religião
1890	14.179.615	143.743	7.257
1940	39.177.880	1.074.857	189.304
1950	48.558.854	1.741.430	412.042
1960	65.329.520	2.824.775	388.126
1970	85.472.022	4.814.728	715.056
1980	105.861.113	7.885.846	2.252.782
1991	122.366.692	13.189.284	7.542,246
2000	124.980.132	26.184.941	12.876,356
2010	123.280.172	42.275.440	14.595.979

Fonte: tabela adaptada pelo pesquisador a partir dos dados do IBGE.

Os dados acima são esclarecedores e sugerem pelo menos três tendências em termos proporcionais; o salto no número de pessoas que se declaram sem religião, sobretudo, entre 1970 – 2000 (triplicou entre 1991-2000 e desacelerou na década seguinte). A aceleração constante dos números daqueles declarados evangélicos, sem nenhuma retração. Por fim, se considerarmos o século XX como um todo,

observa-se uma desaceleração constante daqueles que se declaram católicos romanos e subsequente retração no último censo. O pico desse fenômeno ganha corpo com os dados do censo de 2010.

Em tempos em que a América Latina se faz representar na Santa Sé através de um Papa de origem Argentina, outro trocadilho de uma figura importante no campo político brasileiro diz muita coisa sobre o cenário religioso atual. Trata-se de Dilma Vana Rousseff, primeira mulher empossada como chefe maior da nação. A petista em visita ao Vaticano foi recebida pelo Papa Francisco como o primeiro compromisso do pontífice após sua posse. Na ocasião, brincou com jornalistas argentinos respondendo: “o Papa é argentino, mas Deus é brasileiro” (BBC NEWS, 2013, n/p).

A frase da presidenta Dilma pode ser apropriada como metáfora do cenário religioso brasileiro. Mesmo com a desaceleração do catolicismo, e o avanço aparente daqueles que se identificam como “sem religião”, os últimos resultados dão conta de um fenômeno sem precedentes. Os evangélicos vão assumindo vorazmente maior espaço no campo religioso nacional, minando a força do catolicismo e possivelmente, frenando o avanço dos sem religião. Claro, outros fatores poderiam explicar tais fenômenos, contudo, parece razoável a interpretação dos dados demográficos.

Por outro lado, os identificados como “sem religião” podem não ser necessariamente ateus, ou agnósticos. Como pontuou Camurça (2017, p. 57), “para muitos especialistas no tema, seria um equívoco afirmar que isso signifique um crescimento do ateísmo no país”, e continua: “Do total dos 15,3 milhões de indivíduos “sem religião” apontados no censo de 2010, apenas 615 mil declararam-se ateus (0,32%) e 124 mil agnósticos”. Por outro lado, como constatou Mircea Eliade (1907-1986), aqueles que podem ser considerados sem religião, por mais que se assumam dessacralizados, carregam uma bagagem simbólica que os contradizem, pois:

A maioria dos “semreligião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. Não se trata somente da massa das “superstições” ou dos “tabus” do homem moderno, que têm todos uma estrutura e uma origem mágico religiosas. O homem moderno que se sente e se pretende areligioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados. (sic) (ELIADE, 1992, p. 98).

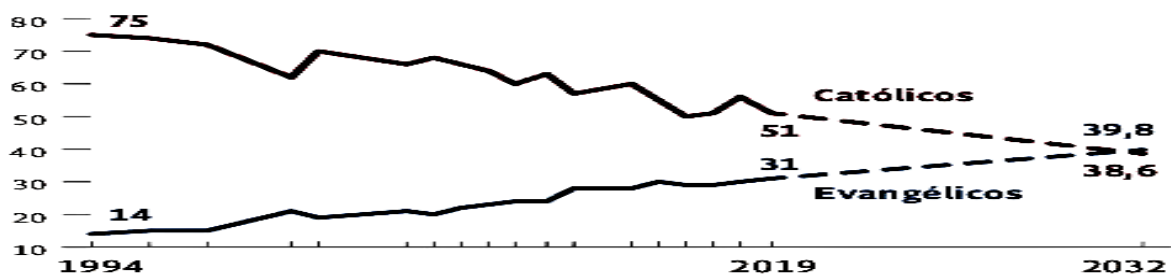
Sem nos perder na discussão da suposta (a) religiosidade daqueles (as) que se declaram ateus ou sem religião, de todo modo, seria bom lembrar que agora em

2020, tem passado mais uma década. Certamente os números são outros como indica as previsões recentes baseadas nas projeções do demógrafo José Eustáquio Alves:

Alves, que se aposentou em 2019 do IBGE, projeta que a partir de 2022, o ano em que o país comemora sua independência, os seguidores do Vaticano devem encolher para menos de 50% e, dez anos depois, seriam 38,6% da população. Já os evangélicos alcançariam em 2032 a marca dos 39,8%. Ou seja, superariam os irmãos de fé cristã (BALLOUSSIER, 2020, p. 6).

De forma a facilitar a compreensão, reproduziremos o gráfico confeccionado pela Folha de São Paulo e o pesquisador José Eustáquio Alves. O gráfico revela certa tendência aparentemente contraditória em relação à experiência religiosa brasileira, comportando, pelo menos dois fenômenos; o decréscimo contínuo do catolicismo romano e o avanço quase na mesma proporção dos grupos evangélicos:

Gráfico 1: Religião declarada em % e projeção até 2032. Balloussier (2020, p. 6).



Fonte: Datafolha e Dr. José Eustáquio Alves. Disponível em: <https://bit.ly/2BTmsl0>.

Em termos mais gerais em se tratando da paisagem religiosa brasileira, a pesquisa, empreendida pelo instituto Datafolha em dezembro de 2019 aponta os seguintes resultados:

Tabela 2 – Religião dos brasileiros em %.

Identificação religiosa ou não	Números percentuais
Católicos	50
Evangélicos	31
Não tem religião	10
Espírita	3
Umbanda, Candomblé, ou outras religiões afro-brasileiras	2
Outra	2

Ateu	1
Judaica	0,3

Fonte: Tabela confeccionada pelo pesquisador a partir dos dados da Folha de São Paulo (Balloussier, 2020, p. 8).

Novamente, o número daqueles identificados como sem religião é expressivo. Parte deles talvez pertença à uma ala mais radical entre os evangélicos, os que comumente rejeitam a pecha de religião, algo muito comum entre os antigos pentecostais. Por outro lado, os dados parecem sugerir um outro fenômeno; os decepcionados com as igrejas enquanto instituição, os denominados (des) igrejados.

Paulo Romeiro já abordou a questão. O autor entende que o fenômeno se localiza no campo religioso brasileiro sob a dinâmica do neopentecostalismo. Este, em razão de sua ênfase na teologia da prosperidade e de suas práticas pastorais, produziria uma multidão de decepcionados, acossados em razão de desapontamentos com promessas não alcançadas. Segundo ele:

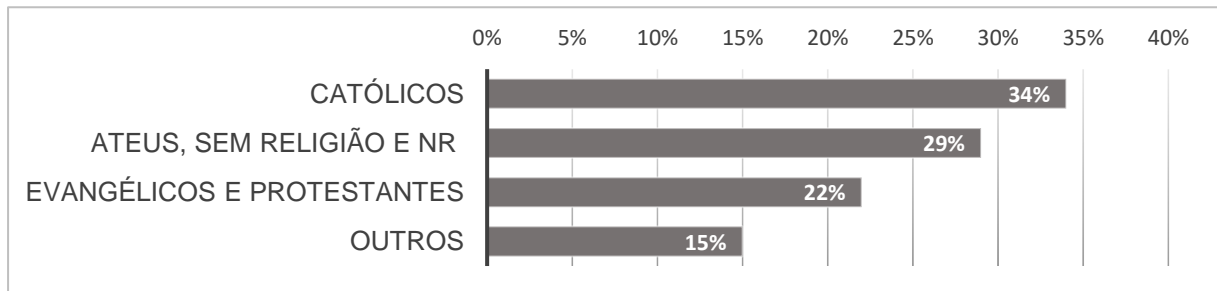
Vários exemplos de decepção com a prática pastoral do neopentecostalismo foram relatados num livro denúncia de Mário Justino de Souza, ex-pastor da Igreja Universal do Reino de Deus. Justino conta que sua mãe morreu de um câncer do qual sempre esperou curar-se, sem que a igreja se desse conta disso. Após cinco meses de sua morte, a igreja enviou-lhe uma carta acusando sua ausência nos cultos e o atraso nos dízimos (ROMEIRO, 2005, p.141-142).

Esse quadro de decepção ventilado por Romeiro (2005), incita-nos a pensar. Além disso, a localização daqueles que se declaram “sem religião” entre os confessados “ateus”, seria no mínimo interessante. O que significaria não ter religião? Certamente, não seria o mesmo que ateísmo, pois a variável “ateu” já constava na pesquisa do DataFolha. Nesse sentido, tem-se uma sinalização de uma possível resposta e que ganha nova dimensão sob o que já apontou Romeiro (2005), dessa vez, no bojo da pandemia pela COVID-19. Aqui, abre-se um parêntese.

Essas digressões e avanços cronológicos na apresentação do campo religioso brasileiro servem como proposta de contextualização, como condição preliminar para o que virá nos capítulos seguintes. Por exemplo, enquanto este trabalho estava sendo desenvolvido, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em parceria com a Rede Nossa São Paulo e o Serviço Social do Comércio (SESC) realizou uma pesquisa em julho de 2020 na cidade de São Paulo

apresentando um dado que merece atenção, cerca de 29% dos entrevistados, ou seja, quase 1/3, se declararam ateus, sem religião ou não responderam a variável sobre sua filiação religiosa. Para efeito de registro, o perfil religioso foi apresentado da seguinte forma:

Gráfico 2: Perfil religioso na cidade de São Paulo durante a pandemia de COVID-19



Fonte: gráfico construído pelo pesquisador a partir dos dados do IBOPE Inteligência. Disponível em: <https://bit.ly/3jiLZKM>.

Provavelmente a pesquisa possua fragilidades, como reunir aqueles que não responderam sob o mesmo bloco composto por ateus ou aqueles que se declararam sem religião. De todo modo, há de pensar sobre o que estaria por trás da recusa em responder a variável “Religião”. Dessa forma, no panorama geral tem-se um cenário religioso fragmentado, pouco coeso e talvez, a única possibilidade em considerar uma maioria expressiva, seja por meio de uma categoria geral de crença sob a identificação de “cristãos”. Certamente haverá muito o que investigar no período pós-pandêmico.

Por ora, o número expressivo daqueles que creem considerando o corte anterior ao período pandêmico, apontaria para um quadro revelador no atual contexto brasileiro. Trata-se da constatação de um constante envolvimento de agentes religiosos nos espaços públicos de poder evidenciando a importância dos compromissos, discursos ou representações religiosas em nossa modernidade local. Essa é uma preocupação real entre os pesquisadores das ciências humanas.

Aliás, recentemente essa problemática foi tema de capa em revista especializada da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Sob o sugestivo título: “Fé pública: pesquisadores locais e estrangeiros buscam compreender o crescimento evangélico no Brasil, o maior do mundo”. Além de divulgar a linha de pesquisa com financiamento que ultrapassa mais de 2,6 milhões de reais, a autora que assina o artigo, justifica o interesse dos pesquisadores ao constatar que: “nos últimos 30 anos, os evangélicos aumentaram sua participação na

vida pública transcendendo a fronteira da Igreja para ocupar espaços na mídia, na cultura e na política” (QUEIROZ, 2019, p. 12).

A questão ganhou tamanha dimensão que enquanto desenvolvíamos essa pesquisa, o ministro Edson Fachin em sessão recente no TSE advogou a criação de um novo tipo de crime; o abuso de poder religioso. A proposta foi derrotada, mas as intenções por traz dela podem sugerir algumas representações interessantes sobre os denominados evangélicos. Principalmente ao se considerar o pano de fundo que motivou a proposta do ministro; um julgamento de uma vereadora pela cidade de Luziânia pertencente aos quadros da Assembleia de Deus. Logo, não se poderia desprezar a hipótese de que a proposta do ministro se encontraria eivada por representações sobre o campo religioso onde opera os evangélicos, sobretudo a AD. Já refletimos sobre isso em outro momento, sobretudo, considerando o grupo religioso em questão, pode-se afirmar que:

A projeção a galope teve reflexos na cultura, sobretudo, na política, [...]. Isso, de certo modo, poderia estar por traz da preocupação do ministro Edson Fachin, quando em sessão recente no TSE, propõe o crime de Abuso de poder Religioso, afinal, a discussão surge no meio de um julgamento envolvendo uma vereadora por Luziânia pertencente aos quadros das Assembleias de Deus. Resta saber, se as razões que incomodaram o ministro, não vem a reboque de um posicionamento comum entre as elites intelectuais do país; ao pensar o pobre, o homem e a mulher “comum” como apenas massa de manobra, incapaz de pensar por si só, muito menos, de alimentar um imaginário semelhante à suas lideranças religiosas. Nesse sentido, seria preciso salvar o pobre e o ignorante, inclusive dele mesmo (SOUSA NETO, 2020c, p. 3).

Pontuamos também que, as preocupações acadêmicas entre pesquisadores de vários campos disciplinares, partem de uma constatação evidente, ou seja, a religião ou as representações religiosas não foram banidas para a esfera privada. O fenômeno tem chamado a atenção, inclusive, de pesquisadores estrangeiros, a exemplo do sociólogo peruano José Luiz Perez Guadalupe (1965-):

Ciertamente, esta “revolución silenciosa” no se ha limitado al crecimiento numérico que sepultó cinco siglos de monopolio religioso católico en el continente, sino que ha escalado a una bien planificada penetración pública y política, sustentada en supuestas bases teológicas veterotestamentarias, y complementada muchas veces con las personalistas ambiciones políticas de sus líderes. Pero, más allá de sus fuentes doctrinarias (políticas o religiosas), y de las verdaderas intenciones de sus dirigentes, lo cierto es que en la actualidad ya se ha consolidado un claro potencial político evangélico que inclinaría cualquier balanza electoral en función de sus convicciones religiosas. (GUADALUPE, 2018, p.12).

Essa “revolução silenciosa” identificada por Guadalupe (2018) na penetração dos evangélicos em outros espaços sociais, uma ação sustentada pelo imaginário religioso, certamente não é algo que surgiu de repente. Há uma tendência de considerar seus influxos a partir da redemocratização no contexto brasileiro na década de 1980, mas, certamente, foram gestadas em momento anterior. Essa afirmação cai como uma luva sob o recorte de nossa pesquisa, pois, muito do que se percebe hoje em relação as representações dos e sobre os evangélicos, ganharam forma durante o processo histórico de afirmação dessa experiência de fé, adquirindo ressonância na década de 1970.

Isso apresentaremos no último capítulo, antes, porém, haveria algo mais a dizer sobre o campo religioso brasileiro, primeiro, localizaremos a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em seguida, a dinâmica fragmentária do campo religioso e o lugar privilegiado da representação.

1.2 UMA NOTA SOBRE A ASSEMBLEIA DE DEUS

Nesse ponto, será apresentado de forma introdutória o que vem a ser a Assembleia de Deus. Melhor, a tentativa de localizar o segmento religioso no interior do pentecostalismo carrega as proposições já elencadas no título anterior, ou seja, seu caráter difuso, por isso a preferências pelo plural, Assembleias de Deus e pentecostalismos.

O pesquisador, do pentecostalismo assembleiano Gedeon Alencar (2007), apresenta o protestantismo nacional sob três classificações: o protestantismo de emigração; o protestantismo de missão, o protestantismo pentecostal e o protestantismo contemporâneo. As três primeiras, originalmente foram sugeridas por Camargo (1973), a última, é uma designação do autor (ALENCAR, 2007, p. 37).

Sobre o protestantismo de emigração, como sugere a designação, é a religião dos imigrantes europeus, daqueles que vieram ao Brasil seja através da assistência do protetorado Inglês, ou do incentivo nacional à imigração com vistas às demandas de branqueamento da populacional e substituição de mão-de-obra escrava, entre

outras. Como exemplo confessional dessa designação, tem-se as igrejas Anglicana e Luterana.

Quanto ao protestantismo de missão, tem-se uma relação com os projetos evangelizadores no curso do século XIX. Sua origem majoritária seria a América do Norte, resultando na implantação das confissões; Congregacional, Metodista e Presbiteriana. O terceiro tipo, é o protestantismo pentecostal. Segundo Alencar (2007, p. 46), também tem suas origens nos Estados Unidos e foi implantado no Brasil também por emigrantes europeus. A grande distinção seria sua origem social, ou seja, um protestantismo de “pobres para pobres”.

É sob essa terceira designação que se vincula à Assembleia de Deus. Oficialmente o nome só aparece em 1918. Conforme o historiador vinculado à CPAD/CGADB, Israel de Araújo (2015) isso se deu quando:

Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o estatuto da igreja no Cartório de Registros de Títulos e Documentos do 1º ofício em Belém, no livro A, Nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome Estatuto da Sociedade Evangélica Assembleia de Deus, número de ordem 21.320, do Protocolo Nº 2 (ARAÚJO, 2015, p. 41).

Entretanto, em correspondência de Frida Vingren, missionária sueca pioneira das ADs no Brasil a designação já aparece desde 1917. Seu filho registra a correspondência com suas impressões sobre o primeiro contato com a pequena comunidade de fé em Belém do Pará da seguinte forma:

À noite fomos ao culto. Não moramos na mesma casa onde está a igreja. De longe ouvimos os cânticos. Já havia escurecido às sete horas da noite. O local da igreja é bonito: todo branco, contrastando com o verde escuro. Sobre a porta está escrito: ‘Assembleia de Deus’ (VINGREN, 2018, p. 101).

Como visto, o uso da designação Assembleia de Deus e sua inscrição jurídica pode ser rastreado entre 1917 -1918. Contudo, suas origens recuam um pouco mais. Há um consenso na historiografia confessional onde reconhecem como marco fundante da Assembleia de Deus a saída de alguns membros da Igreja Batista de Belém do Pará aos 18 do mês de junho de 1911 (ARAÚJO, 2015, p. 40). Alencar sugere que o pentecostalismo brasileiro representado por duas principais

denominações, a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil se manteve ao longo das primeiras décadas praticamente homogêneo. As transformações viriam a partir da década de 1950, período marcado pelo início do processo de urbanização e suas consequências.

Na publicação de Alencar em 2007, o autor pontua certo ufanismo assembleiano ao destacar a marca de oito milhões de membros. Certamente, os dados eram do senso de 2000, uma vez que o IBGE o faz a cada dez anos. Agora em 2020, em razão do processo pandêmico o senso foi adiado, contudo, conforme os dados de 2010, tem-se um número consideravelmente superior. A seguir será apresentado esses números em termos comparativos entre as principais experiências cristãs:

Tabela 3 – Experiências cristãs segundo o censo de 2010.

Origem	Nº de membros
Católica Apostólica Romana	123 280 172
Evangélicas	42 275 440
Evangélicas de Missão	7 686 827
Igreja Evangélica Batista	3 723 853
Outras Evangélicas de Missão	30 666
Evangélicas de origem pentecostal	25 370 484
Igreja Assembleia de Deus	12 314 410
Evangélica não determinada	9 218 129
Outras religiosidades cristãs	1 461 495

FONTE: Tabela confeccionada pelo pesquisador a partir dos dados do IBGE.

Desse modo, os dados aqui exibidos e as projeções demográficas já apresentadas, podem sugerir um número consideravelmente superior de membros das Assembleias de Deus. Isso certamente será melhor avaliado em 2021. Além disso, outros desafios se apresentam e diz respeito ao número de inscrições jurídicas que levam o título de Assembleia de Deus seguida de outras nomenclaturas.

1.1 A FRAGMENTAÇÃO EM CONTÍNUO DO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO E O LUGAR DA REPRESENTAÇÃO.

O *annaliste* de primeira geração, Lucien Febvre, sugeriu o caráter notadamente propenso a fragmentação da experiência religiosa cristã como resultado imediato dessa força centrífuga que vem a reboque do movimento iniciado por Lutero e Calvino. Ou seja, a fragmentação do campo religioso a partir de uma referência cristã seria um corolário do precedente aberto pela Reforma Protestante. Essa sugestão se apresenta na pergunta retórica de Febvre: “não seria pelo velho protestantismo, o de Lutero e Calvino, que se manifestava um espírito sectário tão fecundo?” (FEBVRE, 2012 p. 52).

Suspeitamos que o conceito de uma longa Idade Média defendida por Jacques LeGoff vem exatamente dessa análise feita por Febvre. O autor sugere que as rupturas entre a modernidade e o medieval foram lentamente gestadas tendo como ponto de apoio esse efeito centrífugo ou “espírito sectário da Reforma”. De todo modo, segue o registro do pai *annaliste* onde interroga: “E, afinal, não foi somente em meados do século XVIII que ocorreu, decisiva, a ruptura entre dois mundos, o medieval e o moderno?” (FEBVRE, 2012, p. 52). Em termos de permanências ou continuidades, suspeitamos que pelo menos uma coisa se apresenta de forma recorrente: “esse espírito sectário”.

O historiador de matriz reformada Timothy George escreve sobre o mesmo ponto destacado por Febvre. O autor registra que o movimento revisionista sobre a biografia de Lutero se soma a outros revisionistas, na acusação de que os efeitos da Reforma Protestante, dentre outros, fora: “rasgar o manto sem costura da civilização medieval” (GEORGE, 1993, p. 16). A Reforma teria dado início a um processo irreversível de fragmentação.

No contexto brasileiro atual, no caso do pentecostalismo assembleiano, analisado por Alencar (2012), o fenômeno provocou ainda mais essa pulverização e fragmentação, ocorrendo numa dinâmica de identificação com o próprio Brasil em sua dimensão continental e diversa. Além disso, para o autor, as ADs se desenvolveram a partir de uma dinâmica de concorrência em duas frentes, uma externa e outra interna. Nesse processo de difusão, acaba se confundindo com o Brasil, melhor, com os “brasis”, assumindo suas características plurais, por isso, sua preferência pela forma plural: “Assembleias Brasileiras de Deus” (ALENCAR, 2012, p.72).

Notadamente, as Assembleias de Deus assumem a vanguarda em termos de uma pluralidade difusa. Não existiria apenas uma Assembleia, mesmo reunida sob o signo de um só ministério. Sua identidade, depende daquilo que Alencar (2012, p. 72)

chamou de “polissemia de assembleianismos”. Logo, parafraseando dialeticamente o poeta Inglês John Donne (1572-1631), cada AD é uma ilha, não necessariamente isolada; todo ministério é um pedaço e um continente, nem sempre um todo.

Hoje, seria impossível catalogar o número hiperbólico de ADs espalhadas por todo o território nacional. Muitas, nem sequer são filiadas à uma Convenção. Além disso, soma-se outras tantas pequenas comunidades carismáticas cujos títulos dependem da capacidade ilimitada da imaginação de seus membros. Essa pulverização encontra uma explicação genérica, mas, razoável; cresceu com o Brasil, sobretudo, a partir do fenômeno da urbanização (ALENCAR, 2016, p. 80).

Essa associação já ganhou *status* de oficialidade entre os primeiros estudos sobre o pentecostalismo. Contudo, como nos lembra Regina Novaes, tais estudos estariam marcados, digamos, com certo “espírito da época”, sob um contexto onde o ponto de partida era a teologia política da “opção pelos pobres” pós-vaticano II e a Conferência de *Medellín* em 1968, produzindo a “ênfase na alienação e conservadorismo pentecostal” (NOVAES, 1985, p.7).

Essa observação também é conduzida de outro modo, dessa vez sob uma tensão observada nas ADs justamente por serem multiclassistas, cresceu e incorporou outros substratos sociais. Para Freston (1991, p. 75), haveria duas tendências associadas à acomodação burguesa da AD: abandono das restrições moralistas e da idealização teológica do pobre. Essas conclusões carecem de maior ponderação, uma vez que as tais restrições moralistas parecem estar associadas unicamente ao substrato economicamente menos privilegiado, operando um corte na visão de mundo dentro do segmento religioso a partir das relações de classe.

É bom lembrar que as ênfases ditas fundamentalistas, ou pelo menos moralistas entre os grupos religiosos no cenário brasileiro contemporâneo se manifestam também entre os mais abastados, para isso, basta olhar para alguns grupos associados à classe média como presbiterianos e em outra medida os Batistas da Lagoinha mais conhecidos pela expressiva musicalidade do grupo Diante do Trono.

De todo modo, o que se percebe é que nessas primeiras leituras sobre o pentecostalismo, eram comuns as seguintes associações: pentecostalismo como sinônimo de alienação, pentecostalismo como reprodução do conservadorismo, pentecostalismo como reprodução das relações de dominação em uma sociedade de classes, e por fim, o pentecostalismo como adaptação à modernidade sob o fenômeno da industrialização e da urbanização (NOVAES, 1985, p. 7).

Nesse ponto, Alencar (2012, p. 81) mesmo admitindo as relações entre pentecostalismo e imigração, desconfia da relação pentecostalismo e urbanização, justamente por não conseguir explicar o crescimento do pentecostalismo até a década de 1950. Contudo, essa última associação é particularmente importante na pesquisa aqui empreendida, desta vez, sem desprezar tais análises, a ênfase não será dada à essas explicações conjunturais, sobretudo, ao considerar os imaginários religioso e suas referências profundas em relação ao plano da urbanidade ao que consideramos como o lugar da representação.

Sendo assim, o plano urbano seria o local privilegiado da análise, uma vez que o volume das representações encontradas em nossas fontes aponta sempre para um lugar; a cidade. Aliás, seriam representações recorrentes na história do cristianismo, de modo que, também poderiam ser exploradas a partir da categoria de análise histórica identificada como: permanência ou continuidade. Esse será o próximo ponto a ser abordado.

1.3 REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS E A CIDADE: O PLANO URBANO COMO O LUGAR PRIVILEGIADO DA REPRESENTAÇÃO.

*“Eu leio Rookmaaker, você Jean-Paul Sartre
A cidade foi tomada pelos homens
Na cidade dos homens tem gente que consegue ler
Mas os outros estão néscios pra Ti*

*Eu canto Keith Green, você canta o quê?
A cidade está cheia de sons
Na cidade dos homens tem gente que consegue
ouvir
Mas os outros estão surdos pra Ti*

*Vem, jogando tudo pra fora
A verdade apressa minha hora
Vem, revela a vida que é nova
Abre os meus olhos agora*

*Vem, jogando tudo pra fora
A verdade apressa minha hora
Vem, revela a vida que é nova
Abre os meus olhos agora*

*Eu fico com a escola de Rembrandt
Você no dadaísmo de Berlim
A cidade está cheia de tinta
Na cidade dos homens tem gente que consegue ver*

Mas os outros estão cegos pra Ti

Eu monto o paradoxo no palco

Você anda zombando da Cruz

A cidade está cheia de atores

Na cidade dos homens tem gente que consegue dizer

Mas os outros estão mudos pra Ti

(Rookmaaker – Palavrantiga)

A música que inserimos como epígrafe diz muito sobre o que planejamos abordar aqui. Trata-se de composição de Marcos Almeida, ex-vocalista do grupo de Rock alternativo Palavrantiga. Marcos seria representante de uma parcela significativa de cristãos que se apresentam como não dualistas, ou seja, não nutrem simpatia por uma cultura cristã de gueto e defendem uma atuação cristã em todos os domínios da cultura sem necessariamente produzir artefatos culturais com fins de propaganda, ou como veículos de uma mensagem proselitista.

Certamente, Marcos Almeida fora influenciado por cristãos reformados alcunhados de neocalvinistas. A leitura neocalvinista surgiu na Holanda na passagem do século 19 adentrando o próximo século com relativo vigor. Entre seus principais sujeitos destacam, Groen Van Prinsterer, Abraham Kuyper e o filósofo Herman Dooyeweerd. O título da música “Rookmaaker”, faz referência ao neocalvinismo em sua vertente filosófica conhecida como reformacional.

Hans Roelof Rookmaaker também foi um deles. Aluno de Dooyeweerd, se converteu à fé cristã durante o período em que foi prisioneiro numa “prisão nazista em Stanislav na atual Ucrânia” (AMORIM, 2009, p. 97). No pós-guerra, se envolveu com questões acadêmicas se tornando um importante historiador da arte e crítico cultural, fundando a cátedra de história da arte na Universidade Livre de Amsterdã. Como dito, a música interpretada pelos garotos do Palavrantiga além de ser uma homenagem a Rookmaaker, apresenta uma mensagem influenciada por essa corrente teológica e filosófica holandesa.

Rookmaaker faleceu em 13 de março de 1977 enquanto trabalhava em um de seus *insights*, publicado após sua morte com o título: “A arte não precisa de justificativa”. A principal defesa do autor viria no estímulo para o envolvimento do artista cristão com uma arte que não precisaria necessariamente ser cristã, ou possuir objetivos evangelísticos. Assim dizia Rookmaaker (2010, p. 27): “os artistas não são

apenas servos de uma subcultura cristã – eles são também chamados a trabalhar para benefício de todos”.

Não seria difícil compreender o autor, sua temporalidade fora marcada, digamos, por uma perigosa relação entre ideologias políticas e estética. Como percebia Walter Benjamin (1987, p. 196): “Eis a estetização da política, como a prática o fascismo. O comunismo responde com a politização da arte”. Para além dessa leitura, Rookmaaker apresenta uma justificativa teológica para o envolvimento do cristão com a cultura e mais precisamente com as artes. Para tanto, ele toma como exemplo Handel, Bach, Rembrandt e os arquitetos medievais. Segundo o autor:

Eles não comprometeram sua arte. Não estavam produzindo ferramentas de propaganda religiosa ou publicidade santa. E precisamente por isso suas obras foram tão profundas e importantes. Elas não eram um meio para um fim de ganhar almas; eram significativas em si, e um fim em si mesmas. Elas eram para glória de Deus (ROOKMAAKER, 2010, p. 37).

Percebe-se uma abertura para a cultura, pois nessa tradição, como identificado por Weber (2004, p. 107), “o percurso intramundano é dominado por um ponto de vista exclusivo: aumentar a glória de Deus na terra”. Sobre isso, falaremos um pouco mais em momento posterior. Por ora, pontuaremos exatamente as referências agostinianas na música Rookmaaker como ponto de partida para o que entendemos como o lugar privilegiado da representação no cristianismo e sobretudo, em nossas fontes.

Certamente, tais representações não são exclusividade em Agostinho em sua magna obra, “A Cidade de Deus” (413-426), considerada a primeira obra de teologia e filosofia da história, produzida no século 5 da era cristã, durante os momentos finais da Roma imperial sob as chamadas invasões dos povos germânicos. Nela, Agostinho, apresenta duas cidades em oposição, a cidade de Deus e aquela dos homens.

Enquanto essa última avançava sob o ímpeto da violência, a Cidade de Deus continuaria pujante até os limites do tempo ao tocar a própria eternidade na consumação, assim: “prosegue em seu peregrinar através da impiedade e dos tempos” (AGOSTINHO, 1990, p. 27). Para o doutor da igreja, essas duas cidades mesmo em antagonismo, pois teriam fundamentos distintos: o amor a Deus e o amor próprio (AGOSTINHO, 1990, p. 169), dividiriam o mesmo trajeto intramundano, ou

seja, atravessavam os mesmos espaços. Em um documento cristão antigo, a Carta a Diogneto, essas representações são apresentadas da seguinte forma:

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua, ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estrangeira, nem tem algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira (CARTA A DIOGNETO, 1995, p. 22).

Portanto, como se verifica nesses documentos, haveria um lugar privilegiado da representação, a espacialidade da cidade e o imaginário de uma outra marcada pela santidade e eternidade. A música Rookmaaker estaria carregada com essas representações demarcando ao mesmo tempo, a antítese agostiniana na tensão entre as duas cidades e um chamamento para que o cristão atue em meio a cidade dos homens produzindo arte e cultura para a glória de Deus. Dessa forma, o espaço para essa atuação aponta para o palco, na evocação de imaginários citadinos. Nos parágrafos abaixo desenvolveremos essa argumentação nos termos de uma contextualização.

1.3.1 Imaginários citadinos

O cotidiano, o andar pela cidade como escreveu Certeau (1998), esconde estranhas relações. Melhor, o andar citadino manifesta uma aventura que o hábito poderia ocultar. Entretanto, Certeau desperta nosso olhar para além do hábito que faz cochilar a percepção das relações que se estabelecem entre o indivíduo e as coisas que o cercam. Segundo o autor, isso ocorre, porque o plano urbano no caminhar desvela a cidade como linguagem, retórica, árvores que gesticulam (CERTEAU, 1998, p. 182). Imediatamente, essa retórica se percebe nas práticas urbanas pois:

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos.” Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do

lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores).’ O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 1998, p. 177).

A cidade apresenta lugares imaginários, melhor, alguns imaginários atravessam o plano urbano. Algumas práticas articuladas ao traçado urbano, à paisagem da cidade, poderiam informar muito sobre o campo religioso. Isso seria possível no movimento constante de atribuição de significado à medida que se desenvolve esse caminhar citadino. Algumas representações sobre a cidade, como a arquitetura, os pontos de ligação e confluências das vias e as práticas sociais relacionadas, se apreciado com desvelo, poderá contribuir para a compreensão do campo religioso.

Por imaginário assume-se o que diz o filósofo francês Jean Jacques Wunenburger (1946 -), para quem o imaginário pode ser compreendido como:

[...] um conjunto bastante flexível de componentes. Fantasia, lembrança, devaneio, sonho, crença não-verificável, mito, romance, ficção são várias expressões do imaginário de um homem, ou de uma cultura. É possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças (WUNENBURGER, 2007, p, 7).

A fim de evitar qualquer demérito no uso do conceito de imaginário, apresentamos as considerações de Durand (1995) para quem: “não existe corte entre o racional e o imaginário, não sendo o racionalismo, entre outras coisas, mais do que uma estrutura polarizante particular do campo das imagens” (DURAND, 1995, p. 75).

Em relação aos imaginários citadinos, esse deslocamento urbano apreendido por Certeau (1998), de certa forma ganha vida na sétima arte, uma vez que nossos olhares acompanham o movimento da câmera amplificando o campo de observação do olhar. As cenas rápidas da obra fílmica *Tropa de Elite: o inimigo agora é outro* (2010) dirigida por José Padilha dá uma ideia dessa “retórica da caminhada” (CERTEAU, 1998, p. 179), das possibilidades de perceber o palimpsesto das representações em movimento. No último filme da franquia, o mote girou em torno da existência de um poder paralelo ao Estado. Esse, não consegue se fazer presente o suficiente nas favelas cariocas. Nesse lugar vazio onde o Estado seria ausente, ocupa-o uma terceira via de poder; não são traficantes de drogas, mas, as milícias. O

jogo que se estabelece deixa o espaço da favela em alerta. Todos querem o protagonismo, a visibilidade.

Contudo, haveria outra força sutil, uma espécie de quarto poder. Este, a peça fílmica não aborda, senão como um relampejo, uma caricatura quase naturalizada na paisagem urbana dos morros. Ela surge entre as centenas de barracos, se confundindo com eles, cresceu com as favelas, incorporou seus dramas, seu cotidiano. Nesse filme, o quarto poder surge como representação, uma imagem arquitetônica se percebe-se cravada entre os barracos do morro carioca. Está lá o templo de uma Assembleia de Deus.

O espaço da favela, se projeta como lugar de competição pelo poder; tráfico, milicianos e o Estado – se isso não for constatado na prática, pelo menos, seria representações recorrentes no imaginário social. Percebemos a força desse imaginário quando nos dirigimos ao Rio de Janeiro para consultar o acervo do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP).

Entre o deslocamento do hotel à sede da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), onde fica o acervo, o trajeto, mesmo com auxílio do GPS se revelou angustiante. Principalmente na rota entre o centro histórico e Bangu, um bairro na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Percorremos uma distância relativamente longa pela Avenida Brasil, e no percurso, níveis de tensão se anunciaram. No trajeto, isso ficou ainda mais evidente quando alguns sinais urbanos foram lidos sob o signo da ameaça: a linha vermelha pintada no asfalto e as placas de advertência sob o perigo de ultrapassar aquele limite. Essa “retórica da caminhada” se constituiu na sobreposição entre uma linguagem da cidade e as representações sociais sobre a favela que o pesquisador alimentava.

Além de entender as proposições de Certeau (1998) a partir da experiência, e atentar para a realidade dos estereótipos sociológicos, confessamos que nossas representações sobre a realidade das favelas vêm acompanhadas com imagens de violências, medo e outras representações sobre as contradições sociais encontradas em nosso país.

Mas, justamente nesse ponto, aquela fachada da AD na peça do diretor Padilha, nos oferece uma imagem que poderia muito bem servir de retórica da experiência pentecostal na favela. Aquela representação sugere a superação de um conflito, ou, por outro lado, um indicativo de que a experiência pentecostal estaria no meio dele. Nessa relação, pelo menos duas coisas devem ocorrer; ou é ignorada por

todas as forças em competição pela favela, ou é respeitada por todas elas. Uma espécie de *trans-poder*, legitimado no cotidiano, na vida em comunidade.

Claro, se não fosse as dezenas de informações veiculadas na imprensa sobre a atuação desse quarto poder, mais ou menos identificado nos atalhos tomados pelo transeunte em Certeau (1998), o atalho como fuga da regra. Nesse sentido, a placa com a legenda *Assembleia de Deus* cravada em uma fachada no morro, serve como metáfora de outro arranjo que subverteria as regras do jogo.

A exemplo, registra-se aqui reportagem no periódico El País⁴ datada de 15 de outubro de 2017. O título da abertura na página do jornal diz: “Nos territórios proibidos do Rio, um pastor caminha entre fuzis e narcos” (MARTIN, 2017, s/p). A jornalista que assina o artigo introduz a ação do pastor sob a seguinte narrativa:

O pastor André Assis, de 45 anos, leva a palavra de Deus aonde o Estado não leva nem água nem luz: no coração das favelas do Rio de Janeiro. Tem os sapatos gastos de esquivar buracos nas calçadas e perde a voz pregando para adolescentes armados com fuzis e os bolsos cheios de cocaína. E reza para que um dia um desses jovens que baixa a arma ao vê-lo passar abandone essa vida e o siga. Eles só têm dois caminhos à frente: morte ou cárcere. O pastor quer ser a terceira opção (MARTÍN, 2017, s/p).

A reportagem segue informando sobre as atividades evangelísticas do pastor, identificando sua filiação religiosa como pertencendo a Assembleia de Deus Tempo de Restauração. Entre idas e vindas à favela da Maré e à Costa Barros, entra em festas regadas com muito álcool e drogas, traficantes armados à cintura e quilos de ouro no pescoço. Mas, nem tudo se resume à essa retórica da caminhada, pois, naquele lugar, sustenta uma casa de recuperação com mais de 50 homens, quase todos, com vida pregressa atrelada ao crime e à dependência química.

A narrativa abre um parêntese, agora para registrar a prática de intolerância religiosa levada a cabo pelos traficantes. Muitos deles, se dizendo evangélicos, partem para o ataque aos locais de culto das religiões de matriz africana. Esse registro se mostra potencialmente interessante em nossa pesquisa, pois, para além dos conflitos no campo religioso e a dose inexplicável de intolerância, aponta para uma intersecção entre os pentecostalismos e a cultura brasileira, assumida, inclusive, na esfera da linguagem e do imaginário.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3mDXRZr>. Acesso em: 18/04/2020.

O que foi dito nos parágrafos acima permite a possibilidade do já declarado quarto poder, e sugere que este seria respeitado pelos milicianos e pelos traficantes. Além disso, também testemunha sobre a fragmentação do campo religioso, sobretudo, do pentecostalismo, uma vez que a comunidade de fé ali representada, se intitula Assembleia de Deus Tempo de Restauração, outra experiência deslocada das principais matrizes das ADs.

Mas, certamente há outros casos relacionados a penetração da experiência pentecostal nos morros. O caso do sambista José Bezerra da Silva chama a atenção. Conhecido como a voz dos morros e por sua adesão à Umbanda, suas representações eram musicalizadas, entre outras, na canção “Meu Pai é General de Umbanda”. Em entrevista publicada em agosto de 2003, Bezerra revela sua nova adesão declarando: “Sempre acreditei, mas só agora me ajustei com o Evangelho” (DEL RÉ, 2005, p. D1). Como revela a jornalista, o sambista chegou atrasado à entrevista em razão da participação em um culto na Igreja Universal do Reino de Deus.

Justamente no período de crescimento das igrejas evangélicas ditas, neopentecostais como a Universal, ocorreu o acirramento do conflito com as religiões de matriz africana. Suas representações teriam sido progressivamente substituídas em um processo palimpsestico. Tal fenômeno fora constatado pela pesquisadora Christina Vital da Cunha, ao se debruçar sobre imagens colhidas entre as décadas de 1980-2000, relacionadas aos: “usos e da manipulação de símbolos religiosos por traficantes de drogas (e por policiais) na favela de Acari, zona norte do Rio de Janeiro” (CUNHA, 2014, p. 63).

A antropologia dessa comunidade se abriu à pesquisadora para além das imagens religiosas nos muros e fachadas de Acari, pois ela se surpreendeu com os usos de linguagem religiosa associada aos evangélicos por parte dos próprios traficantes. O ponto alto, segundo a pesquisadora, se relaciona ao líder do tráfico na região e sua adesão à Assembleia de Deus dos Últimos Dias.

Nesse ponto interrogamos, se os espaços urbanos são modificados e assenhoados em suas representações imagéticas relacionadas à própria dinâmica do campo religioso, há de se pensar se outros espaços virtuais e públicos não veem na mesma esteira? O quadro sugere contínua reatualização, mas o espaço de atuação conserva permanências duradouras, o espaço urbano, as representações e práticas relacionadas.

1.2.2 A Fé em movimento: uma reatualização

O caminhar Citadino de Certeau serve para introduzir a reflexão a seguir. Após testar os *insights* do autor sobre uma linguagem da cidade, recorreremos a dinâmica da língua portuguesa para apresentar nossa concepção da experiência cristã como fé em movimento. O termo seria polissêmico, uma vez que sob a filosofia cristã da história, haveria um *telos* temporal garantido por uma ação externa, transcendente, o próprio motor imóvel da história. Contudo, outros significados viriam, apontando para a plasticidade do cristianismo bem como, sua ocupação dos espaços da cidade, talvez, sugerindo aquilo que Gil Filho (2008, p. 111) chamou de “territorialidade do sagrado”.

Contudo, a concepção do autor sobre essa territorialidade, parece se circunscrever a um espaço limitado de controle por parte de instituições religiosas, significando: “a percepção das limitações imperativas do controle e da gestão de determinado espaço sagrado por parte de uma instituição religiosa” (GIL FILHO, 2008, p. 111). A concepção do autor seria promissora, entretanto, sustenta-se aqui que por força de um imaginário religioso encontrado em grande parte das tradições cristãs, essa territorialidade não seria considerada limitada, daí o impulso em estendê-la para todos os espaços possíveis. Não haveria zona interdita ou ponto cego, onde a fé não seja projetada.

Insights teológicos como a Soberania de Deus, encontra pontos de confluências em várias tradições cristãs. O ícone bizantino do Cristo *Pantocrator* traduz essa relação, uma vez que, pela encarnação, humilhação e exaltação, o Cristo garante seu domínio sobre todo o universo. As tensões engendradas a partir desse imaginário, possivelmente fora o que levou H. Richard Niebuhr (1894-1962) a desenvolver sua obra *Cristo e Cultura*, elencando os cinco modos típicos pelos quais o cristianismo através da história tem dado respostas à relação da fé com a cultura (NIEBUHR, 1967, p. 62-66). Entretanto, seria bom registrar os limites e as possibilidades da abordagem de Niebuhr (1967), em suas próprias palavras:

Quando nos voltamos de esquemas hipotéticos para a rica complexidade de eventos individuais, fica evidente que nenhuma pessoa ou grupo se conforma completamente a um tipo. [...]. Contudo, o método de tipologia, embora historicamente inadequado, tem a vantagem de chamar a atenção para a continuidade e significação dos grandes motivos que aparecem e reaparecem no longo embate dos cristãos com o seu problema duradouro (NIEBUHR, 1967, p. 66).

O problema duradouro a que o autor se refere diz respeito justamente às representações sobre a cultura encontradas historicamente entre cristãos. Dessa forma, mesmo admitindo as posturas de enfrentamento entre cristianismo e cultura, seria possível, pontuar que a relação ainda seria dialógica.

Sendo assim, parece viável sustentar o caráter plástico do cristianismo. Essa dinâmica poderia ainda ser verificada nos termos weberianos, nas tendências cíclicas, entre, acomodações e impulsos de transformações, apresentados nos tipos; igreja/seita e sacerdote/profeta (WEBER, 1999, p. 368-369).

O fenômeno reconhecido como revolução cultural, conforme registrou Eric Hobsbawm (1995, p. 314), é o lugar privilegiado para abordar essas mudanças. Elas seriam observadas, sobretudo: “através da estrutura de relações entre os sexos e gerações”. Entretanto, para o historiador da *new left*, as mudanças ocorridas a partir de 1960 no comportamento e na cultura só foram possíveis graças as condições econômicas favoráveis após a segunda grande guerra, no período da Guerra Fria. Essas condições conjunturais, como; crescimento econômico, altas taxas de natalidade, ampliação de acessos dos jovens à universidade, seria o pano de fundo para o fenômeno da contracultura.

Outro fator tangenciado por Hobsbawm (1995, p. 320) fora certa universalidade do fenômeno, que acampando nos países mais ricos, extrapolou para as periferias do globo, incluindo o Brasil. Os principais atores e beneficiários dessa conjuntura seriam os jovens, que na esteira da estabilidade garantida por seus pais, fazem questão agora de demarcar seu distanciamento em relação a eles.

Notadamente, o distanciamento geracional tinha visibilidade, garantida por meio da cultura, ou seja, quando essa juventude descobre “símbolos materiais ou culturais da identidade” (HOBBSAWM, 1995, p. 322), o *rock* e o *blue jeans* seriam as maiores expressões dessa ruptura geracional. No quadro dos valores, destaca-se certa anomia, cuja máxima se verificara nos lemas de maio de 1968: “é proibido proibir”, ou, “quando penso em revolução quero fazer amor”.

Curiosamente, nesse período que Hobsbawm (1995, p. 315) chamou de “desvairados anos 60”, no final dessa mesma década e na seguinte, explodiu a partir dos Estados Unidos um movimento conhecido como *Jesus movement*. Segundo Cunha (2004), o campo religioso norte americano foi substancialmente alterado, considerando a adesão dos *Baby Bombers* a proposta do movimento, entre outras, a

apropriação das leituras culturais dos *Hippies*, sobretudo de sua musicalidade. Cunha segue descrevendo o fenômeno da seguinte forma:

Um dos resultados desta iniciativa foi o alcance do movimento hippie. Muitos se converteram e foram batizados, mas não queriam deixar de lado algumas das bases de seu estilo de vida, que consideravam compatíveis com a fé cristã: a busca de paz, amor, realidade e vida, a rejeição do consumismo capitalista, da hipocrisia religiosa e da cultura norte-americana. A dimensão contracultural passou a ser um componente do movimento religioso que se delineava (CUNHA, 2004, p. 126).

Segundo a autora, inúmeras consequências se esboçaram a partir de então, como: uma alteração litúrgica em um culto mais informal; adoção de novas formas comunicacionais expressas em jornais alternativos, na arte pictórica, no teatro e na musicalidade com a junção do *rock* com o *gospel*.

Algo aparentemente confuso estaria ocorrendo, justamente entre aqueles que renunciavam o modo de vida de seus pais, inclusive, sua religião. Como dito, Hobsbawm (1995) abordou a questão do abismo geracional entre os *Baby Boomers* tomando como exemplo a exploração de símbolos materiais que operavam a visibilidade do corte identitário. Contraditoriamente, nesse período floresce uma espiritualidade cristã doutrinariamente conservadora, mas que não se recusa em dialogar com a contracultura.

Nesse mesmo período, nomes como o do pensador Francis Schaeffer (1912-1984) passam a atuar como uma força da intelectualidade cristã, com objetivo de traduzir a mensagem cristã para os jovens de seu tempo. Schaeffer começou sua experiência com a escrita, publicando livros como: “O Deus que intervém”, e “A Morte da Razão”. Antes, na década anterior, idealizou um espaço na Suíça chamado *L’Abri*, onde passou a abrigar muitos jovens provenientes de vários países, religiosos, agnósticos, ateus, artistas, e intelectuais envolvidos com o espírito da contracultura.

Ele teria influenciado artistas de expressão, a exemplo de Paul David Hewson (1960 -), mais conhecido por Bono Vox e demais membros do grupo de rock irlandês U2. Conforme Stockman (2006, p. 118): “Bono sempre teve afeições por escritores cristãos. Há muito tempo a banda mencionava o escritor cristão Francis Schaeffer em entrevistas como sendo uma influência significativa sobre eles”. Aliás, a banda representaria exatamente essa estranha amálgama entre contracultura e fé cristã, entre revolução no comportamento e a radicalidade da espiritualidade. Essa tensão é apresentada pelo autor:

Presos às minúcias de códigos comportamentais que têm mais a ver com um comportamento burguês honrado do que com normas de procedimento bíblicas, muitos ficaram tão obcecados com o charuto na boca do Bono, que não conseguem perceber a agenda bíblica radical que tem inflamado sua vida e seu trabalho (STOCKMAN, 2006, p. 15).

Como já sinalizado, Francis Schaeffer (1912-1984) ao longo desse período escreve intensamente, mas sobretudo, atua a partir do *L'Abri*, dedicando tempo as inquietações de muitos jovens que o procuravam. Parte de suas experiências com a juventude e a contracultura foram registradas pontuando que:

Quando na década de 60, a moda dos rebeldes era andar descalço, havia algum motivo verdadeiro para calçar sapatos? Não encontrei nenhuma regra a esse respeito no Novo Testamento. Muitas vezes, nossa capela fica abarrotada de estudantes. Nas manhãs de domingo, nossos pastores não pregam vinte minutos, mas uma hora ou até mais. Os estudantes entram, encontram um lugar para se sentar e fica, por lá. Na década de 60, entravam descalços, usando jeans (como ainda usam hoje) ou roupas esquisitas e ficavam lá na capela, e viam que para nós isso não importava (SCHAEFFER, 2010, p.90).

Sob nosso solo pátrio, desde os “anos dourados” à primeira década do século 21, processo semelhante, claro, marcado por assimetrias e irregularidades como, ampliação dos acessos educacionais, relativa prosperidade econômica e os influxos das mudanças no comportamento não representaram uma barreira para conter os avanços da fé. A título de exemplo, registra-se dois recortes desse processo em Goiás, tomando o Estado como testemunha de um contexto maior. Primeiro, o recorte correspondente ao contexto dos *Baby Boomers*, ou seja, entre as décadas de 1940-1960, e na sequência, o recorte a partir do século 21 correspondente ao contexto nacional dos movimentos recentes. Pode-se ver nos dados abaixo a ampliação dos acessos à educação superior a nível de Goiás:

Tabela 4 – Números do ensino superior em Goiás até o final da década de 1960.

Especificação	Rede		Total
	Pública	Privada	
Universidade de Goyaz – Goiânia	-	1.931	1931
Universidade Federal de Goiás – Goiânia	5.361	-	5.361
Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão – Anápolis	-	280	280
Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis	78	-	78
Escola Superior de Educação Física – Goiânia	110	-	110

Faculdade de Direito de Anápolis	-	120	120
Total	5.549	2.331	7.880

Fonte: BALDINO, José Maria. Ensino Superior em Goiás em tempos de euforia: da desordem aparente à expansão ocorrida na década de 80, Goiânia, UFG, dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira), 1991, p. 91.

Os dados acima são reveladores, uma vez que, segundo a pesquisa de Baldino (1991, p. 91-92), muito embora os avanços com a criação de duas universidades - a Universidade de Goiás (PUC-GO) em 1959, e a Universidade Federal em 1960 - até o início da década de 1960 havia um número insignificante de acesso ao ensino superior. As instituições que ofertavam as vagas, se circunscreviam somente à capital Goiânia e à cidade de Anápolis.

Por outro lado, os dados referentes ao ensino superior no século 21 dão conta das sensíveis transformações nas oportunidades de acesso à essa modalidade de ensino. A título de demonstração, alguns números impressionantes podem ser verificados na tabela a seguir:

Tabela 5 – Números simplificados da educação superior em Goiás no ano de 2013.

Quantidade de IES	83 unidades	IES Privada	IES Pública
Números de matrículas	Presencial	145.000	58.000
	EAD	32.300	1.764
Total de matrículas	237. 064		

Fonte: tabela confeccionada pelo pesquisador a partir dos dados extraídos do Mapa do ensino superior no Brasil 2015. Região centro-oeste/Estado de Goiás, p. 132.

Desse modo, no interregno entre a década de 1960 à primeira década do século 21, percebe-se uma mudança contextual radical. Os números da educação superior são representativos dessa mudança. Enquanto se tem em Goiás na década de 1960 com duas IES recém criadas apenas 7.780 matriculados, em 2013 os números em comparação são hiperbólicos, ou seja, 83 IES e um aumento de 2.908% no número de matrículas.

Nesse mesmo contexto, os evangélicos acumulam anos de projeção numérica e midiática, deixam de ser culturalmente marginais e atraem cada vez mais grandes nomes do *show business*⁵. Soma-se a isso, o surgimento de um grupo nascido, digamos, em tempos de relativa prosperidade, que não conseguem entender os anos

⁵ Poderíamos fazer uma lista enorme com esses nomes, entre eles: Rodolfo Abrantes, Heloísa Perissé, Joana Prado, Carla Perez, Lázaro do Olodum, Régis Danese, e o sambista Bezerra da Silva.

de inflação exorbitantes do governo Collor, quando a ida ao supermercado eram verdadeiro pavor com as constantes remarcações de preços.

Essas gerações, conhecidas sob as letras Y e Z, nasceram no período de popularização das tecnologias da informação, da internet, das redes sociais. Como nativos digitais, desenvolveram habilidades que os distinguem da geração anterior, além de acesso relativamente mais confortável à educação e uma infinidade de bens de consumo. Partindo da geração Y, conforme Marc Prensky (2001, p. 1): “a designação mais útil que encontrei para eles é Nativos Digitais. [...] “falantes nativos” da linguagem digital de computadores, videogames e Internet” (tradução nossa). A partir dessa designação, o autor percebe rupturas geracionais ainda maiores do que aquelas ocorridas entre *Baby Boomers* e seus pais, pois:

[...] não mudaram apenas gradualmente em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram suas gírias, roupas, adornos corporais ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Uma descontinuidade realmente grande ocorreu. Pode-se até chamá-lo de “singularidade” - um evento que muda as coisas tão fundamentalmente que não há absolutamente volta. Essa chamada “singularidade” é a chegada e a rápida disseminação da tecnologia digital nas últimas décadas do século 20 (PRENSKY, 2001, p. 1). (tradução nossa).

Agnes Heller (1929-2019) entendia que a chave para se desvelar essas relações estaria no cotidiano, ou seja, nessa relação entre o tempo de uma geração à outra e os recursos tecnológicos disponíveis em cada momento. Conforme a autora: “essas ‘circunstâncias’ determinadas, nas quais os homens formulam finalidades, são as relações e situações sócio humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas” (HELLER, 1970, p. 1).

Um exemplo disso, estaria na forma como Prensky (2001) se expressa, ao utilizar o termo “homens” como a totalidade da humanidade, algo que no século 21 seria tomado como uma postura homogeneizadora, na ocultação das relações de poder entre os diferentes sujeitos que compõem a paisagem humana atual. Isso ocorreu na chamada política da identidade, ou aquilo que Stuart Hall (2006, p. 18) avaliou sob: “as consequências políticas da fragmentação ou pluralização de identidades”.

Nessa relação entre religião e cultura, as experiências cristãs não parecem adotar uma postura de rejeição absoluta das novas tecnologias ou dos símbolos materiais da identidade. Pelo contrário, aparentemente o cristianismo possuiria uma

plasticidade enorme que o habilitaria a dialogar constantemente com a cultura em diversas temporalidades, mesmo que isso signifique usos seletivos de artefatos culturais. Nesse ponto, novamente vale lembrar a questão posta por Hall (2016, p. 27) sobre os “efeitos da representação”, em como ela incide sobre os comportamentos e à identidade.

O ícone bizantino, serve como metáfora da relação do cristianismo com o mundo que o cerca. O olho amendoado e desproporcionalmente aberto, arrebatado, representaria sua abertura para o mundo, para a realidade que o envolve, para fora de si. No protestantismo, isso adquire uma dimensão exaltada na expressão latina *Coram deo*⁶. Entre os calvinistas, como dizia Weber (2004), a racionalidade protestante se configuraria numa vida perpassada por constante reflexão, cujo objetivo é a glória de Deus, pois:

A vida do “santo” estava exclusivamente voltada para um fim transcendente, a bem-aventurança, mas justamente por isso ela era racionalizada” [de ponta a ponta] em seu percurso intramundano e dominada por um ponto de vista exclusivo: aumentar a glória de Deus na terra — jamais se levou tão a sério a sentença *omnia in majorem Dei gloriam*. E só uma vida regida pela reflexão constante podia ser considerada superação do *status naturalis*: foi com essa reinterpretação ética que os puritanos contemporâneos de Descartes adotaram o *cogito ergo sum* (WEBER, 2004, p. 107).

Nessa altura, poderá surgir uma interrogação que vem a reboque de afirmações corriqueiras: os pentecostais possuiriam uma inclinação ascética? Entre os pentecostais, a acusação de “fuga do mundo” não se sustentaria, senão a prática já mencionada de usos seletivos de artefatos culturais e suas representações fundamentalistas como resistência a alguns fenômenos de nossa modernidade, sobretudo à revolução cultural em seus desdobramentos, entre outros; o divórcio, a homossexualidade, o feminismo e o ateísmo. De outro modo:

Eles perceberam a invasão da modernidade como um inimigo sinistro, corroendo os valores sociais, levando a teologia à falência e deslocando indivíduos. Eles responderam adotando uma visão de mundo religioso que atribuía significados e valores alternativos, prometia-lhes sabedoria divina e lhes dava o status que, apesar de poucos e desprezados, realmente eram o disfarçado e vitorioso exército de Deus (BLUMHOFER, 1993, p.12, tradução nossa).

⁶ *Coram deo*: em tradução livre, “Perante Deus”. A vida em sua integralidade era atravessada por uma espiritualidade que movia o crente em cada fração dela. Tudo era vivido perante Deus.

Não obstante, essas representações do pentecostalismo, o mundo se encontra definitivamente (re) encantado, mergulhado na sacralidade, para longe de uma leitura dualista onde o imaginário é componente constitutivo da vida, do cotidiano, apresentando: “uma teologia encantada da criação e cultura que percebe a criação material como carregada com a presença do Espírito (SMITH, 2010, p. 12, tradução nossa). Algo semelhante é dito pelo estudioso do pentecostalismo Walter Hollenweger para quem essa espiritualidade pentecostal reencantada por sua pneumatologia orientaria a relação dos crentes com a cultura se revelando como “processo de humanização” (HOLLENWEGER, 1976, p. 478, tradução nossa).

Notadamente, por essas tradições cristãs perceberem a cultura como sendo atravessada por uma antítese, é que se dirigem a ela, ora, atraídos pela possibilidade conversionista ou por este mundo reencantado. De todo modo, a relação é sempre dialógica, seja para rejeição ou apropriação com elementos da cultura. Isso significaria ler o mundo a partir das categorias de sua espiritualidade. Tais atitudes, manifestam intensa comunicação e reatualização, tendo em vista os diferentes contextos em que a fé está inserida.

Em grande medida, a tarefa de Francis Schaeffer de tentar traduzir a mensagem cristã para as jovens mentes da década de 1960 tem sido a tarefa da fé cristã através dos tempos. O fator comunicação possui relevância primária, daí a justificativa para a pregação, para a produção escrita e a centralidade e posição do púlpito na organização do espaço do templo. Aliás, ao se pensar comunicação, pesquisa recente sobre o mercado editorial no Brasil concluiu que o nicho está em retração geral, menos aquele destinado a literatura religiosa, que cresceu nos últimos anos (MOLINERO, 2019, n/p).

Nesse ponto, seria bom lembrar da pesquisa clássica de Regina Novaes, onde se constatou que mesmo os “crentes” analfabetos desenvolveram um apreço pelo texto bíblico e pelos hinários de tal modo, que chegavam a decorar passagens inteiras. Além disso, a questão da comunicação da mensagem pentecostal foi traduzida para a comunidade de agricultores em Pernambuco que pesquisava, de modo a oferecer não apenas conteúdo, mas um modo de vida organizado por categorias que perpassavam suas atividades sociais. Dessa forma:

Os “salmos”, a “sagrada escritura” estariam nesse sentido legitimando e até sacralizando a luta pelos direitos. Essa contaminação se dá, a meu ver, porque a “conversão” e a vida religiosa intensa dos crentes são experiências

capazes de dar um sentido unitário à existência e fornecer meios de realizar uma integração sistemática entre preceitos religiosos e a conduta cotidiana (NOVAES, 1985, p. 131-132).

Percebe-se, portanto, que independente dos contextos, a plasticidade do cristianismo em suas várias tradições evidencia sua força de adaptação. No cerne de tudo isso, estaria essa abertura para o mundo, mesmo reconhecendo certa ascese, nas posturas de enfrentamento ou resistência às antíteses percebidas na cultura. Segundo Bourdieu (2013), as crenças e práticas ditas cristãs sobrevivem ao tempo exatamente em razão dessa plasticidade, percebida pelo sociólogo como “capacidade de transformação”. Ou seja:

As crenças e práticas comumente designadas cristãs (sendo este nome a única coisa que têm em comum) devem sua sobrevivência no curso do tempo à sua capacidade de transformação à medida que se modificam as funções que cumprem em favor dos grupos sucessivos que as adotam. Do mesmo modo, de um ponto de vista sincrônico, as representações e as condutas religiosas que invocam uma mensagem original única e permanente, devem sua difusão no espaço social ao fato de que recebem significações e funções radicalmente distintas por parte dos diferentes grupos ou classes (BOURDIEU, 2013, p. 52).

Essas reatualizações constantes no cristianismo dependeriam das funções e dos significados das crenças e das práticas no interior dos grupos que as adotam. Nesse sentido, o sociólogo entende que a afirmação dogmática oficial dos sistemas religiosos serviria como instrumento de ocultação das diferenças, encontradas sobretudo sob a caracterização das heresias. Seria nessa esteira que autores como Regina Novaes compreenderia o pentecostalismo, pelo menos no contexto do mergulho antropológico realizado pela autora, pois, concluiu que sob o recorte analisado, o pentecostalismo seria uma opção dos pobres. Como ironizou Alencar (2007, p. 58) diferentemente da igreja católica pós-vaticano II, não fora as ADs que fizeram opção pelos pobres, mas estes sim, optaram por ela.

Na mesma direção vai Leonildo Silveira Campos, para quem a emergência de novas espiritualidades pentecostais seria um fenômeno de classe média (CAMPOS, 1999, p. 359). O autor está se referindo principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus, cuja projeção no mercado religioso seria resultado também de certa plasticidade no diálogo com sua temporalidade. Dessa forma, o que chamamos de plasticidade do cristianismo, Campos confere ao fenômeno uma dinâmica de atualização circunstancial e utilitarista. Isso ocorreria ao traduzir para seu público

antigas representações, levando em consideração as demandas temporais de sua clientela, pois:

Convém, contudo, lembrarmos que não se trata de uma reprodução pura e simples de uma essência a-histórica e nem tão pouco de uma invenção religiosa radicalmente nova de cada geração. A IURD, por exemplo, incorpora coisas muito antigas, algumas muito próximas da magia e das formas religiosas arcaicas, porém o faz a partir das necessidades dos « consumidores » de seus produtos. Essa estratégia fez com que ela assumisse algumas características culturais típicas do que se convencionou chamar de « alta modernidade » ou de « pós-modernidade (CAMPOS, 1999, p. 359).

Pierre Bourdieu, quando tangencia as práticas e as representações cristãs na história, insere entre parêntese uma afirmação que levanta suspeitas sobre a relação entre as mesmas, ou à capacidade de conservação histórica das crenças. Seria difícil precisar essa relação, contudo a contextualização sugere recorrência. Novamente voltamos a metáfora pictórica no olhar do ícone bizantino, onde nada parece escapar a penetração do cristianismo naquilo que genericamente podemos chamar de cultura.

Campos (1999) ainda nos lembra que por volta da década de 1960 uma palavra de ordem entre os círculos intelectuais era a inevitável guinada para o secularismo, afinal, previam que os templos e catedrais se tornariam sepulcros da divindade. Nesse período, a apreciação do pentecostalismo se encontrava eivada de pressupostos secularizantes, onde é encarado como instrumento de alienação das massas pobres e deserdadas. Porém, constata o autor, os pentecostais optaram pela lógica do consumo, de mercado, algo refletido em sua espiritualidade.

Em razão da ineficiência teórica nas análises do pentecostalismo, Campos prefere substituir a linguagem econômica da sociologia da religião pela abordagem do *marketing*. De todo modo, em nosso entendimento, todas essas abordagens só apontam para o princípio vetor no cristianismo em sua plasticidade histórico-cultural.

Finalmente, sob aquilo que foi dito até agora, pontuamos que sob o contexto nacional, as ondas secularizantes, a ampliação das oportunidades aos processos educacionais, os efeitos da “contracultura”, pareceram não minorar a força do cristianismo. Além disso, esperamos que outro apontamento importante tenha sido razoavelmente exposto, nossa defesa de que essa abertura ou relação dialógica com a cultural, tem como princípio vetor o caráter expansionista da fé cristã baseado no significado de “evangelho”, significado esse, atravessado por uma dinâmica comunicativa, que pode ser lida como ênfase proselitista.

Portanto, essa dinâmica possuiria relações com suas representações religiosas, com o imaginário. Dessa forma, na esteira de Stuart Hall, tudo isso, estaria relacionado aos “efeitos da representação”, em como eles influenciam os comportamentos e a formação das identidades (HALL, 2016, p. 27).

As instituições cristãs estão atentas não só ao mundo porvir, mas, ao que se passa neste mundo e procuram traduzir, ressignificar e promover (re) atualizações, a partir de categorias de sua espiritualidade. Richard Niebuhr (1967) entendeu a questão ao apresentar os modos com que a espiritualidade cristã se relaciona com a cultura. Isso justificaria o valor da linguagem, e na sequência, todos os suportes que servem como veículo de comunicação, além de apontar para o lugar privilegiado da representação: a cidade.

Além da força do imaginário citadino, percebe-se sua importância exatamente por ser esse, o espaço do ajuntamento de pessoas, da conglomeração, o espaço onde a comunicação se mostra mais efetiva. A cidade incorpora também, o imaginário do progresso, algo que atravessa também os significados da imprensa. Isso se nota nas representações dos próprios pentecostais sobre a cidade e a imprensa, pois essa última: “Era o meio de comunicação mais moderno e eficiente da época. Uma demonstração de modernidade: palavra escrita. “Gente de letra” era gente da cidade, do mundo evoluído da tecnologia” (ALENCAR, 2012, p. 112).

Nesse ponto, avançaremos um pouco mais nos próximos capítulos, desta vez, escolhemos outro caminho, nos debruçaremos sobre as representações dos próprios pentecostais, levando conosco a orientação de Stuart Hall (2016), onde as representações incidem sobre o comportamento. Antes, porém, de nos debruçar sobre suas representações mais específicas, apresentaremos o veículo dessas representações, privilegiando nesse estudo alguns artefatos relacionados à imprensa periódica, artefatos que também se apresentam como importantes bens simbólicos. Devido à seriedade da questão, faremos sua exploração no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

CAMPO RELIGIOSO E COMUNICAÇÃO: OS SIGNIFICADOS DA IMPRENSA, OS PERIÓDICOS CONFSSIONAIS E OS IMPRESSOS ASSEMBLEIANOS.

O historiador francês Alain Corbin a pouco tempo organizou o livro: “História do Cristianismo” (2009) com o subtítulo em português: “para compreender melhor nosso tempo”. Segundo Corbin (2009, p. 13), “o cristianismo impregna com maior ou menor evidência, a vida cotidiana, os valores e as opções estéticas até mesmo dos que o ignoram”.

Em termos práticos, o historiador entende que para apreciar certas produções culturais, entender o pano de fundo dos grandes debates sobre bioética, ações humanitárias ou choque cultural, seria preciso um mínimo de compreensão do cristianismo. Além disso, Thelamon (2009, p. 4) na mesma obra faz questão de historicizar a experiência cristã uma vez que: “os crentes cristãos dos primeiros séculos viveram e praticaram sua fé em condições concretas do mundo do seu tempo”. Seria essa presença mundana o fator decisivo para o avanço do cristianismo, e seu sucesso em grande medida vem dessa eficiente inserção. Para Thelamon (2009), o principal ponto de contato seria comunicacional já que “os cristãos da antiguidade usaram modos do pensamento judaico, categorias filosóficas do pensamento grego, técnicas de discurso da retórica grega e latina para formular uma teologia que se burilou no correr do tempo” (THELAMON, 2009, p. 4).

Nesse sentido, o avanço do cristianismo pode ser creditado ao movimento diaspórico dos antigos cristãos, na ampla utilização das redes de comunicações do Império Romano. Um dos principais artefatos culturais utilizados pelos cristãos acabou adquirindo sobrevida como parte expressiva dos livros canônicos que compõe o Novo Testamento. Trata-se de um instrumento de comunicação muito comum no mundo greco-romano: a carta ou a literatura epistolar.

2.1 A FÉ CRISTÃ E SEUS ARTEFATOS CULTURAIS DE COMUNICAÇÃO: ENTRE A LINGUAGEM, A REPRESENTAÇÃO E O DISCURSO.

Convém observar que o uso do gênero literário epistolar percorre toda Idade Média, assumindo importância no período imediatamente anterior ao marco temporal

da modernidade, o período inicial dos humanismos. Essas evidências foram apresentadas por Burckhardt (2009, p. 76) em sua obra clássica “A Cultura do Renascimento na Itália” (1860), onde identifica o fenômeno da valorização do gênero literário epistolar entre os humanistas.

Registra-se, neste caso, a famosa carta de Petrarca quando da suposta escalada ao monte *Ventoux*, registro carregado de referências cristãs, apresentando poeticamente citações de Agostinho e da Bíblia. Em termos de longa duração, aquele artefato construído na antiguidade, a epístola, enquanto instrumento de comunicação e gênero literário, acaba tocando o limiar daquilo que poderia ser chamado de modernidade, desta vez, sob a linguagem poética do antigo humanista.

Essas evidências são apenas o ponto de partida para a argumentação principal a ser desenvolvida nesse capítulo. De forma mais ampla, identificamos no cristianismo uma centralidade da comunicação, portanto, nos usos exponenciais da linguagem e artefatos que lhes serve como suporte. Essa resposta, vem a reboque de uma inquietação específica que permeia todo o capítulo: quais os significados dos impressos confessionais, sobretudo, os periódicos produzidos pela Assembleia de Deus?

Nesse sentido, sustentamos que sob um impulso comunicativo, a valorização dos impressos passa por um jogo de significação que inclui representações da modernidade e outras representações vinculadas ao contexto sócio-histórico específico em que as Assembleias de Deus estão inseridas. Ou seja, considera-se sob orientação de Orlandi (2015), o interdiscurso e o intradiscurso; o que foi dito em outro lugar (incluindo as lacunas e os silêncios), e o que seria anunciado no contexto imediato quando as fontes foram produzidas.

Neste capítulo, alguns autores serão convocados a comparecer, entre outros, Stuart Hall (2016), Pierre Bourdieu (2012) e Orlandi (2015). Começando com Hall (2016), que fornecerá orientação teórica significativa nos primeiros passos deste capítulo, considerando assim sua premissa básica, onde a comunicação é a razão de ser da linguagem. Portanto, é possível afirmar que desde os primórdios do cristianismo os usos do artefato cultural conhecido como, epístola ou carta, objetivava exatamente empreender um ato comunicacional.

Nessa altura, além dos significados de cultura, a atenção se voltará para o tripé: linguagem, representação e discurso. Segundo Hall (2016, p. 48): “a essência da linguagem, [...] é a comunicação, e essa, por sua vez, depende de convenções

linguísticas e códigos compartilhados. A linguagem nunca pode ser um jogo inteiramente privado”. Tudo isso, nos leva a admitir que nossas representações são construídas por meio de linguagens, num processo dinâmico de interações sociais.

Contudo, o autor não se contenta com a abordagem semiótica, ou seja, apenas em saber “como a linguagem e a representação produzem sentido”, mas aponta para outra direção, à “abordagem discursiva” em sua ênfase sobre os “efeitos”, “consequências”, ou a “política” da representação (HALL, 2016, p. 27). Nesse ponto faz-se necessário apresentar algumas considerações sobre linguagem, cultura, discurso e representação na perspectiva de Hall. Primeiro, consideremos o que seria a linguagem:

nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual “damos sentido” às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Assim, esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo invariavelmente considerada o repositório-chave de valores e significados culturais (HALL, 2016, p. 17).

Sobre o conceito de cultura, Hall parte dos significados de alta e baixa cultura, significados que para ele estariam eivados de cargas valorativas. Em razão disso e dos significados difusos produzidos pela sociologia e a antropologia, o autor prefere o conceito relacionado à antropologia simbólica sem abrir mão do grupo ou sociedade. Sendo assim, o autor percebe a cultura como: “produção e ao intercâmbio de sentidos — o “compartilhamento de significados” — entre os membros de um grupo ou sociedade” (HALL, 2016, p. 20).

A advertência vem na negação de uma interpretação monolítica e cognitiva da cultura, pois: “os significados culturais não estão somente na nossa cabeça — eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e consequentemente geram efeitos reais e práticos” (HALL, 2016, p. 20). A ênfase estaria nas “práticas culturais” ou nos contextos de usos dos “jogos de linguagem”. Nessa altura, surge a interrogação sobre o lugar onde o sentido é elaborado.

Para Hall, o lugar do sentido seria identificado como o “circuito cultural”, o que sugere espaços variados, ou seja: (1) desenvolvido e partilhado nas interações sociais e pessoais, (2) criado e difundido em escala nunca vista através das mídias e as complexas tecnologias da comunicação, (3) construído quando usamos e atribuímos valor à objetos culturais e ao elaborar “narrativas, enredos — e fantasias — em torno

deles” (HALL, 2016, p. 22). Dito isso, passamos ao significado de discurso. Para o autor, o discurso estaria relacionado à prática e ao conhecimento:

Discursos são maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento: um conjunto (ou constituição) de ideias, imagens e práticas que suscitam variedades no falar, formas de conhecimento e condutas relacionadas a um tema particular, atividade social ou lugar institucional na sociedade. Essas formações discursivas, como assim são conhecidas, definem o que é ou não adequado em nosso enunciado sobre um determinado tema ou área de atividade social, bem como em nossas práticas associadas a tal área ou tema (HALL, 2016, p. 26).

Por fim, tem-se agora o conceito de representação. Neste caso, Hall nos apresenta o conceito a partir de três enfoques: (1) o reflexivo onde o sentido estaria na coisa, no objeto, onde linguagem é tomada como espelho numa relação de homologia; (2) a abordagem intencional onde o sentido estaria posto nas intenções do autor, e (3) a abordagem construtivista onde os significados são construídos socialmente a partir de “sistemas de significação – conceitos e signos” (HALL, 2016, p. 48). Ato contínuo, nosso autor demonstra simpatia pela abordagem construtivista onde representação seria: “a produção do sentido pela linguagem” (HALL, 2016, p. 55).

Após considerar a relação que Stuart Hall estabelece entre linguagem e comunicação, cultura e representação, estamos prontos para avançar e considerar o tema da utilização pelo cristianismo da infraestrutura de determinada época ou dos usos de certas tecnologias ou artefatos culturais, considerando o contexto mais próximo com o advento da imprensa periódica. Como visto no capítulo anterior, partimos da constatação de uma plasticidade ou abertura do cristianismo para o mundo em seu impulso marcadamente proselitista. Esse impulso se encontra em um substrato profundo orientado por um imaginário que pulsa de sua literatura sagrada – uma orientação para difusão. Nesse ponto, surge em importância o fator comunicação e o meio através do qual os significados são compartilhados, a linguagem, concebida por Hall (2016, p. 17) como: “o repositório-chave de valores e significados culturais”.

2.1.2 Os Protestantes a República e os impressos.

A partir dessa constatação, exploraremos algumas representações compartilhadas entre cristãos, sobretudo, entre protestantes históricos e pentecostais,

desta vez, sobre o valor dos impressos confessionais. Isso faz com que este capítulo ocupe uma posição intermediária, uma vez que planejamos explorar no terceiro capítulo, as representações sobre o campo religioso, encontradas justamente nesses artefatos, os impressos produzidos pela AD.

Para melhor apresentar as argumentações, pontuaremos isso a partir do século XIX e avançaremos. O objetivo principal, é explorar os significados desses artefatos para os pentecostais assembleianos. Entretanto, comecemos pelo Protestantismo de Missão. A razão disso, é que justamente no interior desse segmento que as primeiras publicações confessionais emparelhadas as ideias da Reforma são efetivamente produzidas no Brasil. Essa associação seria encontrada nas representações do segmento, uma vez que na retórica do grupo: “o protestantismo missionário era um continuador natural do movimento da Reforma” (CAMPOS, 2014, p. 78).

O Protestantismo de missão chega ao Brasil na segunda metade do século XIX, oriundo da Europa e, sobretudo, dos Estados Unidos. O fenômeno do neocolonialismo norte-americano pode ter sido a base que forneceu a infraestrutura para o empreendimento, uma vez que a doutrina do Destino Manifesto⁷ e outros imaginários permeados à religião civil Norte-Americana insinuam uma confluência de propósitos. De todo modo, mesmo sem uma intencionalidade latente, acaba por fornecer a justificativa ideológica para tal. Essas representações são registradas por Campos (2014) no cenário nacional, onde:

Na retórica dos evangélicos brasileiros, “protestantismo” era sinônimo de “progresso” enquanto o catolicismo significava “atraso”, “subdesenvolvimento”, “ignorância” e “superstição”. A única esperança para o Brasil e América Latina, na perspectiva deles, seria o avanço de forças modernizantes e na sua vanguarda os missionários protestantes abrindo igrejas e escolas, as quais estariam afugentando a “escuridão da ignorância” (CAMPOS, 2014, p. 78).

Campos acertadamente associa essa autoimagem como que atravessada pelas representações da modernidade. Por exemplo, tais representações pululam nas

⁷ A origem do termo é comumente associado ao Jornalista John O'Sullivan em um artigo publicado em 1845 onde defendia a política expansionista norte americana com a anexação do Texas. O artigo condensava alguns imaginários antigos desde o período inicial da colonização inglesa onde a orientação calvinista dos puritanos fornecia o combustível na luta por liberdade religiosa e impulsionava a marcha para o oeste. O Novo Mundo seria comparado à conquista de Canaã e os puritanos colonizadores, o novo povo escolhido a quem Deus havia destinado o futuro da América.

antigas páginas do periódico presbiteriano “Imprensa Evangélica”. Como se nota, o ideário republicano é associado sem nenhum escrúpulo à experiência protestante, principalmente na defesa da laicidade do Estado, justamente por este ser confundido com sua alteridade religiosa mais combatida, a Igreja Católica Romana. No contexto brasileiro, no bojo dos conflitos políticos entre Monarquistas e Republicanos em 1879, é possível perceber essas associações. Vejamos o registro no periódico presbiteriano Imprensa Evangélica:

Venha a separação entre a Igreja e o Estado; e não demos trégua aos retrógrados, pois, que o bem estar espiritual da sociedade deve ser posto acima dos interesses de uma confraria, que só visa auferir lucros da ignorância, da mal cabida condescendência, e até da própria desgraça de seus semelhantes (IMPRESA EVANGÉLICA, 1879, p. 305).

Antes de continuar, é preciso fazer uma ressalva. Como pontuou Costa (1999), haviam não só simpatizantes, mas verdadeiros republicanos entre o clero romano, contudo, atentaremos ao nosso objeto, o que deve atrair a atenção para o recorte do protestantismo. Vejamos, em outro lugar é possível perceber a associação entre Civilização e o protestantismo onde o obscurantismo associado à sua alteridade religiosa deveria ser combatido com “a luz da civilização e do evangelho” (IMPRESA EVANGÉLICA, 1879, p. 311).

Figura 1: Jornal presbiteriano em 1879 em sua defesa das ideias republicanas.



Fonte: acervo do autor.

Essas representações sobre a justificativa ideológica para o avanço do protestantismo como posituação da modernidade podem ser conferidas em nossas fontes mais específicas, os periódicos da AD. Em se tratando de representações do pentecostalismo assembleiano, o contexto anterior a república, marcado pela hegemonia católica romana, era algo a ser esquecido, pois seriam tempos de trevas e ignorância. Sendo assim, dizia o editor do periódico Mensageiro da Paz, João Pereira de Andrade e Silva: “o Brasil - república, o Brasil de povo esclarecido, não admite nem aceita esses pruridos (SILVA, 1974, p. 2).

Essas tensões se evidenciaram ainda no período colonial, na experiência malograda dos Huguenotes. Os calvinistas franceses, só chegaram ao novo mundo através dos esforços do próprio Calvino quando por sua influência, mesmo operando de Genebra, conseguiu se beneficiar da infraestrutura do Estado francês para o transporte desses cristãos reformados ao Brasil.

Após o malogro da experiência huguenote, a penetração, digamos, mais efetiva do protestantismo em solo brasileiro, só fora possível a partir do avanço das ideias iluministas. Além disso, soma-se uma contingência história específica relacionada a aproximação da coroa inglesa com a monarquia portuguesa na ocasião das invasões napoleônicas.

O ponto de inflexão, pode ser relacionado quando da transferência (leia-se, fuga) da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. O protetorado Inglês sob a fé anglicana acabou por romper gradativamente a barreira religiosa em solo brasileiro, conseguindo inclusive, influenciar a primeira constituição em 1824 (REILY, 1993 p.42). Entretanto, como aponta a historiadora Emília Viotti da Costa (1928-2017), haveria certas incongruências na carta magna de 1824, pois:

Não obstante sua inspiração e fraseologia liberais, a Carta Constitucional consolidava um sistema de clientela e patronagem originado no período colonial. Concedia também ao catolicismo *status* de religião de Estado, proibindo o culto público de outras religiões e concedendo à Igreja católica o direito de controlar os registros de nascimento, casamento e morte, bem como os cemitérios (COSTA, 1999, p. 141).

Interessante é a forma como a autora manifesta sua leitura da primeira constituição brasileira, deixando perceber sua avaliação ao inserir o termo, “não obstante”. Certamente, o que a autora tem em mente seria a incompatibilidade do ideário liberal em sua acepção econômica em oposição as práticas econômicas sob o

Brasil Império. O ponto seguinte, fora a sutil associação desse ideário colonialista ao catolicismo, mesmo se esforçando em toda a obra para sinalizar o protagonismo de alguns padres na difusão das propostas iluministas.

Aparentemente, em razão desse mecanismo legal, o avanço do anglicanismo fora limitado. No entanto, já representava as primeiras rachaduras nos domínios da Santa Sé. O precedente fora o Tratado do Comércio celebrado entre a Grã-Bretanha e Portugal em 1810, como se nota em excerto do artigo XII desse documento transcrito por Duncan Alexander Reily (1924-2004) da seguinte forma:

Sua alteza real o príncipe de Portugal, declara, e se obriga no seu próprio nome, e no de seus herdeiros e sucessores, que os vassallos de Sua Majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, que Sua Alteza Real agora, e para sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro de seus domínios (in, REILY, 1993, p. 40).

Somente após mais de uma década da consignação do Tratado do Comércio, portanto, dois anos antes da primeira constituição brasileira e no mesmo ano da independência, era inaugurado: “o primeiro edifício para o culto protestante erguido, em tempos modernos, no Brasil” (REILY, 1993 p. 47). Nesse período, durante todo o século XIX, os avanços do protestantismo foram aparentemente tímidos, e não seria estranho encontrar entre eles, uma defesa absoluta do ideário republicano como meio de garantir sua presença no campo religioso nacional.

Essas representações positivas sobre a República ganham corpo entre pentecostais durante o século seguinte, pois identificavam o regime absolutista como favoráveis à Santa Sé. Nesse período, apropriaram de artefatos culturais amplamente utilizados como veículos para difusão de ideias, digamos, progressistas. Trata-se dos usos inescrupulosos da imprensa.

Uma coisa parece certa, aprenderam com os republicanos, principalmente em sua defesa da liberdade de imprensa e de pensamento. Como avaliar os resultados desses usos, seria algo difícil de precisar, uma vez que grande parte das populações brasileiras eram analfabetas. A título de exemplo, consta que por volta de 1907 de cada mil crianças em idade escolar, apenas 137 estavam matriculadas, dessas, cerca

de noventa e seis crianças frequentavam regularmente as aulas (ESTATÍSTICAS DA INSTRUÇÃO, 1916, p. 7)⁸.

Por outro lado, é possível dizer que parte considerável dos ministros evangélicos, mesmo entre pentecostais, tinham acesso aos processos educacionais formais e informais. Entre os pentecostais da AD, como se verificou em nossa pesquisa, além de se notar uma política de fomento à alfabetização, nos impressos do segmento verifica-se um projeto explícito de ampliação de capitais culturais entre seus leitores. Possivelmente, essa seria uma herança reformada no pentecostalismo, pois como pontuou Matos:

O protestantismo surgiu no contexto do grande aumento de publicações que se seguiu à invenção da imprensa. Desde o início, os protestantes deram máxima atenção à palavra impressa como o recurso mais eficaz para a transmissão das suas ideias e a defesa dos seus princípios. Os reformadores escreveram profusamente e iniciaram uma tradição literária que se tornou um dos marcos do novo movimento. Os reformados suíços foram particularmente insistentes no uso desse poderoso instrumento, a partir do exemplo do próprio João Calvino. O reformador de Genebra era um homem de letras e deixou uma produção literária inigualável, tanto em termos da quantidade quanto da qualidade dos seus escritos. A ênfase na literatura pelos primeiros reformados, bem como de um elemento ainda mais fundamental – a insistência no cultivo intelectual e acadêmico – foram valores que se transmitiram a todos os lugares em que se difundiram as igrejas da Reforma Suíça (MATOS, 2007, p. 43-44).

Ao explorar o *corpus* documental, nos deparamos com tais representações. Trata-se dos periódicos confessionais produzidos pela AD, que serão nossa principal fonte de análise, e por meio dos quais exploraremos as representações vinculadas às Assembleias de Deus durante a década de 1970. Isso, será melhor desenvolvido no terceiro capítulo. Por ora, o excerto aqui apresentado, serve para verificar o argumento do parágrafo anterior.

Dessa forma, as representações ora anunciadas ecoam entre pentecostais à medida que avaliam as condições de atuação no âmbito do governo dos militares. Sendo assim, a oposição do sacerdócio católico romano ao avanço pentecostal só poderia representar uma coisa, pois:

Julgava, talvez, que o Brasil tivesse de retroagir à condição e “Estado Católico” – do tempo do império- quando só podia admitir em suas esferas

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/33la9Os>. Acesso em: 12/09/2020.

elementos católicos, pois era condição indispensável para que o cidadão pudesse bacharelar-se nas escolas superiores, lecionar, exercer funções públicas ou concorrer a cargos eletivos [...]

Mas o Brasil - república, o Brasil de povo esclarecido, não admite nem aceita esses pruridos (SILVA, 1974, p. 2).

Já havíamos registrado como algumas práticas e representações protestantes se associavam com o ideário republicano, agora, é a vez dos pentecostais, estes, também estariam em diálogo intimista com o mesmo ideário, sobretudo, sob referência os liames da segunda República. Um meio comum de informação, ou veiculação de suas ideias se destaca nesse contexto, era a imprensa. Desde a confecção de cartazes, folhetos, literatura e o próprio periódico. Todos esses recursos foram amplamente utilizados pelos protestantes, mas, sobretudo pela AD, em razão de seu impulso evangelizador, algo que, negando o eufemismo se traduz por um impulso proselitista.

Se Campos (1999), ao substituir o conceito de mercado religioso por *marketing* religioso, o fez a partir da constatação óbvia de que Igreja Universal do Reino de Deus ampliou seus recursos e usos das tecnologias da informação, sobretudo com investimento em teletransmissão, talvez, o mesmo possa ser dito, em relação à AD. Em outro contexto, com outras ferramentas ou suportes de *marketing* religioso, visava cumprir sua missão. Esse suporte diz respeito ao impresso, produto de imenso valor simbólico, por representar parte da alma da própria modernidade.

Esse artefato, e as representações sociais sobre o mesmo, adquirem importância no contexto brasileiro desde o início do século XX. A partir da Análise de Discurso, isso seria possível de desvelar considerando o interdiscurso, o que já foi dito em outro lugar permitindo o sentido, e o intradiscurso: “o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (ORLANDI, 2015, p. 31). Nessa relação, consideraremos também a intertextualidade, a “relação de um texto com outros textos” (ORLANDI, 2015, p. 32). Vejamos.

Essas representações não estão somente na imprensa, mas também na literatura, a exemplo, tem-se a obra de Machado de Assis, Esaú e Jacó, publicada em 1904. Em publicação recente, pontuamos essas representações na obra machadiana onde os personagens principais da trama seriam:

Semelhantes fisicamente, mas, antíteses em todo o resto. O primeiro, defendia a monarquia, o outro a república. Além disso, disputavam entre si, o

amor da mesma mulher. Certamente, o livro publicado em 1904, possui vestígios de seu próprio contexto, os conflitos entre as ideologias políticas no Brasil do final do século XIX (SOUSA NETO, 2020b, p. 4).

Assis (1904, p. 11-112) ao escrever sob o alvorecer do século 20, acaba por inserir em sua obra algumas representações sobre a República. Isso se deu por meio de um dos personagens da trama, Paulo, que: “viu-se à testa de uma republica, em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a Republica Franceza e os Estados-Unidos da America” (sic).

Talvez, essas representações apontem para uma ausência, uma inadequação ou adesão de Assis aos ideais Republicanos, de todo modo, tem-se outras representações que anunciam as tensões do período, apontando, inclusive, para o valor do impresso como veículo dos ideais republicanos. Trata-se de um diálogo entre os personagens Santos e Natividade onde consideram um discurso do personagem Paulo. Dizia:

Em summa, o discurso era bom. Santos achou-o excelente, leu-o aos amigos e resolveu transcrever-o nos jornaes. Natividade não se oppoz, mas entendia que algumas palavras deviam ser cortadas.
 — Cortadas, porque? perguntou Santos, e ficou esperando a resposta.
 — Pois você não vê, Agostinho; estas palavras tem sentido republicano, explicou ella relendo a phrase que a affligira.
 Santos ouviu-as ler, leu-as para si, e não deixou de lhe achar razão. Entretanto, não havia de as suprimir (sic) (ASSIS, 1904, p. 129-130).

Se os discursos veiculados nesses artefatos alcançaram efetivamente seu público alvo, seria algo difícil de constatar, contudo, a partir da teoria bourdieusiana, é possível dizer que os veículos de imprensa adquirem grande valor, à medida que também se inserem no “sistema de produção de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2013, p. 102). Eles também, poderiam ser apresentados como veículos do poder simbólico, uma vez que tal poder significaria:

“um poder de *worldmaking*” [de construir ou classificar o mundo], um poder de fazer coisas com palavras [...] de consagração ou de revelação, [...] de impor uma visão das divisões, isto é, o poder de tornar visíveis, explícitas, as divisões sociais implícitas, é o poder político por excelência (grifo nosso) (BOURDIEU 2004, p. 165-167)

Certamente, esse tipo de poder se percebe por meio dos veículos de imprensa enquanto bem simbólico nas lutas inerentes ao campo político e religioso

sob o contexto brasileiro entre os séculos 19 - 20. Justamente em meio as tensões do campo religioso, é que a dimensão simbólica aparece com relativa visibilidade, sobretudo, no esforço de múltiplas capitalizações empreendido pelas ADs. Afinal, trata-se também, de uma luta por conhecimento e reconhecimento, pois:

as lutas pelo reconhecimento são uma dimensão, fundamental da vida social e de que nelas está em jogo a acumulação de uma forma particular de capital, a honra no sentido de reputação, de prestígio, havendo, portanto, uma lógica específica da acumulação do capital simbólico, como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento (BOURDIEU, 2004, p. 36).

Nesse ponto, talvez seria preciso fazer uma digressão para melhor compreensão do valor simbólico da imprensa e seus usos por protestantes e pentecostais da AD. No clássico *A Galáxia de Gutenberg*, o pensador canadense Marshall McLuhan, sustenta a hipótese de que graças a prensa móvel, impactos sem precedentes foram observados na Europa. McLuhan (1977, p. 15), superestima o papel da imprensa atribuindo ao artefato a responsabilidade por delimitar as fronteiras do Estado-nação (MCLUHAN, 1977, p. 318).

Logo, o fenômeno do Estado-nação teria sido possível exatamente por causa dos efeitos da prensa móvel, pois teria sido através dela que a identidade nacional fora construída. A referência linguística como base da identidade nacional teria sido sedimentada através da força da imprensa. Sobre isso discorreremos em outro lugar:

Aliás, McLuhan, ao utilizar o termo “aldeia global” em sua *Galáxia de Gutenberg* (1977), analisa os efeitos de, pelo menos, duas grandes invenções, a tipografia e o telégrafo e seus consequentes desdobramentos. A primeira, permite o surgimento de alguns fenômenos impactantes como o Estado-nação, tendo como pano de fundo as línguas vernáculas utilizadas em termos de uniformização ou padronização cultural, o que, ao mesmo tempo, permitiu o surgimento do individualismo (SOUSA NETO, 2020a, p. 4).

Nesse sentido, a Reforma Protestante teria desempenhado um protagonismo central nesse processo, utilizando os impressos para instrumentalizar a difusão de suas ideias. Isso teria assumido contornos dramáticos sobretudo, no contexto do puritanismo inglês, onde se percebeu que:

A agitação puramente nacionalista em torno do idioma inglês tinha suas raízes na controvérsia religiosa dos séculos dezesseis e dezessete. A religião e a política tinham se fundido de tal forma a ponto de ficarem indistinguíveis. [...] Ninguém contestará que, a esse tempo, foi o meio da palavra impressa

que deu ao vernáculo suas novas funções, mudando completamente o uso e a importância do latim (MCLUHAN, 1977, p. 302-303).

De todo modo, a relação entre o impresso e alguns fenômenos da modernidade também se observa em outros autores. Nelson Werneck Sodré, em sua *História da Imprensa no Brasil* (1999), informa que os impressos podem ser classificados como produtos da modernidade. Ainda, segundo esse autor: “a história da imprensa   a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (SODRÉ, 1999, p. 1).

As transforma es que se deram no período vão desde a conquista tecnológica dos tipos móveis de Gutenberg   forma o de práticas de leitura facilitadas pela impressão tipográfica. Com os impressos sob o desenvolvimento do capitalismo, certamente origina-se um novo espaço de produ o, distribui o e recep o de bens simbólicos, assim:

O controle dos meios de difusão de ideias de informa es – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido –   uma luta em que aparecem organiza es e pessoas da mais diversa situa o social, cultural e política, correspondendo   diferença de interesses e aspira es (SODRÉ, 1999, p. 1).

Publicar significaria dominar técnicas, estender uma prática, uma a o, organiza o e modos de inteligibilidades, desse modo, decodificar o texto sob a modernidade relacionam-se aos valores de uma nova sociedade, outra moral - a burguesa - uma nova ordem cujos pilares, repousam sobre “o dinheiro e na instru o” (RÉMOND, 1981, p. 44).

Durante o século 19, com a produ o em massa dos impressos, na esteira desse fenômeno surgem as demandas dos grupos intermediários por educa o, nesse processo, se d  a difusão do ensino, aqui atrelados ao “desenvolvimento do jornalismo e dos meios de informa o”.

Logo, nessa rela o, com a insurgência de outros valores e ideias, somados ao desenvolvimento tecnológico, ao processo acelerado de urbaniza o, a difusão da educa o, de práticas de leitura e da publicidade, certamente a imprensa ganha espaço privilegiado (SODRÉ, 1999, p. 3). No Brasil, sua história se vincula   transposi o da corte lusitana para os trópicos. Nos primeiros momentos a serviço da Coroa, logo após sob o avanço dos ideais republicanos, ganharia contornos políticos no âmbito dos conflitos ideológicos e interesses diversos.

Portanto, essa seria a conjuntura do nascimento da imprensa evangélica brasileira. Conforme o historiador presbiteriano Alderi Souza de Matos, teria como marco, o periódico presbiteriano organizado por Ashbel G. Simonton denominado justamente de “Imprensa Evangélica (1864-1892)” (MATOS, 2011, p. 11). Para o historiador, o jornal era representativo dos ideais da Igreja Presbiteriana, e serviu como propagador de suas representações, e como aporte evangelístico, uma vez que:

Seu conteúdo era rico e variado: exposição de doutrinas e temas bíblicos, séries de matérias (história da igreja, documentos da fé reformada), biografias, ficção evangélica, noticiário religioso internacional e intermináveis polêmicas com o catolicismo romano (especialmente com o jornal O Apóstolo, do bispado do Rio de Janeiro). Apresentava poucas, porém valiosas informações sobre eventos internos da igreja presbiteriana. Denunciava perseguições e apoiava a causa da liberdade religiosa. Em suma, foi o grande órgão do protestantismo brasileiro nos seus primórdios. Segundo Boanerges Ribeiro, o jornal colocou os presbiterianos em contato com as elites nacionais e ao mesmo tempo foi o grande integrador da jovem denominação religiosa. Numa época em que havia poucos pregadores, principalmente no interior, o periódico instruía, edificava e incentivava as pequenas comunidades. Era comum, em muitos lugares isolados, o dirigente leigo ler para a congregação os sermões e estudos da Imprensa durante as reuniões. Em Ubatuba, a igreja nasceu como resultado da sua leitura, antes da chegada dos primeiros pregadores (MATOS, 2007, p. 45-46).

2.2 OS IMPRESSOS COMO FONTE E OBJETO E SEU VALOR PARA O PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.

Os usos da imprensa desde a modernidade como veículo dos ideais da Reforma e depois de outras propostas no bojo do republicanismo, confere ao artefato, valor simbólico e ao mesmo tempo, o coloca em suspeição. Dessa forma, não é sem razão a identificação de Matos (2007, p. 43) entre o movimento da reforma e os impressos, pois: “Desde o início, os protestantes deram máxima atenção à palavra impressa como o recurso mais eficaz para a transmissão das suas ideias e a defesa dos seus princípios”.

Possivelmente essa seria a justificativa para a parca historiografia ou, à distância em que os historiadores mantinham da imprensa. Como dito, os trabalhos que se dedicaram às fontes impressas, especificamente sobre os periódicos, são relativamente recentes, tanto em suas utilizações como fontes e objeto.

Em relação aos periódicos, o trabalho nos arquivos da imprensa fora imprescindível para historiadores como Gilberto Freire e Emília Viotti, contudo, como afirma Tânia Regina de Luca, a mudança de estatuto dos periódicos, de fonte para

objeto, se deu entre as décadas de 1960-1970, sob a batuta da história social, onde, “ao lado da história da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (LUCA, 2004, p. 118).

No caso específico de nossa pesquisa, o periódico é tomado como fonte, mas, de certo modo, as representações exploradas em suas páginas, somadas ao valor simbólico desse artefato para o pentecostalismo assembleiano, faz com que o associemos ao próprio objeto da pesquisa. As representações sobre o valor do periódico confessional Mensageiro da Paz, ou do impresso de modo geral, surgem em suas páginas e em outras fontes produzidas pelo grupo.

Por exemplo, no levantamento dos temários das convenções da AD, de 1930 – 2007, Araújo (2015) mesmo não intencionalmente nos mostra que duas pautas são recorrentes: o Mensageiro da Paz e a CPAD. Enquanto a primeira domina o temário da primeira convenção em 1930 até 1943, a segunda, aparece de 1936 à última convenção explorada pelo historiador em 2007.

Pautas relacionadas a outros veículos de comunicação como o Rádio ou à Televisão aparecem de modo pontual. A primeira, aparece quatro vezes; em 1937, 1962, 1997 e 2003, quanto a televisão, apresenta-se em seis ocasiões; 1968, 1971, 1973, 1975, 1995 e 1997 (ARAÚJO, 2015, p. 2015-2019). Portanto, os interesses do grupo pelos veículos de comunicação são evidentes, mas o seu bem simbólico, mais precioso, é o impresso.

Sob o recorte de nossa pesquisa, o MP é o principal órgão de comunicação do grupo, reverberando suas decisões, publicando ditos e interditos, ou seja, um instrumento auxiliar na conformação de *habitus* religioso. Em dado momento, O MP passa ser nomeado como o “Evangelista Silencioso”, o termo é exaustivamente explorado pelo Diretor de Publicações, João Pereira de Andrade e Silva.

A pecha indica que a igreja (liderança), apostou em seus instrumentos de comunicação. Nesse sentido, os impressos são essenciais, pelo menos do ponto de vista dos principais sujeitos e intelectuais da instituição. Essas estratégias publicitárias não são recentes, muito embora, sua agressividade o seja.

Na década de 1970, João Pereira de Andrade e Silva passa a defender o periódico como instrumento de evangelização. Claro, que isso também não é novidade, contudo o reforço verificado na retórica de convencimento sobre a

valorização do impresso certamente o é. Nesse período, o MP é exaltado como o “Evangelista Silencioso”, não obstante Andrade reclamar de sua baixa tiragem:

[...] as Assembleias de Deus, no Brasil, são a igreja evangélica e, particularmente no movimento pentecostal, a igreja que congrega o maior número de membros em comunhão. No entanto, a tiragem do jornal o MENSAGEIRO DA PAZ, ainda não atingiu 100 mil exemplares por quinzena, quando possuímos condições para que alcance a casa dos 200 mil exemplares por mês. A verdade é que não tem havido, salvo honrosas exceções, um maior interesse na divulgação do “nosso jornal”, e assim indiretamente, o combatem, se esquecendo evidentemente de que o MENSAGEIRO DA PAZ desempenha missão muito alta no âmbito da igreja, contribuindo para a salvação de muitas almas e edificação do povo de Deus (Editorial do MP nº 3 de 1974).

Aqui há pelo menos duas coisas imediatamente imbricadas. Há a questão da evangelização, a investida proselitista, – ou, utilizando o termo mais simpático - conversionista do grupo; há o jogo publicitário com ênfase apelativa, ou seja, estratégia caracterizada pelos objetivos de evangelizar e vender. Afinal, como sugeriu Sodré, o impresso estaria mergulhado na lógica do capital.

De fato, nunca um produto fora tão bem representativo do significado de *bem simbólico* quanto o impresso em questão. Certamente, o trabalho de colportagem⁹ está ligado às origens das ADs. Primeiro são Bíblias e folhetos, em seguida os jornais. Destes, o mais barato certamente é o segundo. Quanto à eficiência, é difícil precisar, contudo, há sempre um reforço de Andrade sobre o MP de que ele:

[...] entra onde muitos não conseguem entrar; que vai onde muitos não podem ir; que fala em ocasiões e circunstâncias, que outros não poderiam falar; que diz verdades, que homens, por mais consagrados que o sejam, não poderiam dizê-las; testifica de fatos que outra maneira, jamais seria possível levá-los ao conhecimento de almas aflitas ou indiferentes. Enfim, o MENSAGEIRO DA PAZ é um Evangelista eficiente que tem ganho tantas almas, cujo número somente a eternidade poderá revelar (Editorial do MP nº 2 de 1974).

⁹ Prática pessoal de distribuição de literatura. Entre as ADs, isso significaria inicialmente, Bíblias e folhetos, depois, há o incremento do periódico.

Figura 2 – Capa do MP n. 2 de 1974 – O periódico como “evangelista silencioso”.



Fonte: acervo do autor. Digitalizado a partir dos originais depositados no CEMP/CPAD.

Logo, a estratégia a que nos referimos estaria alocada sob dois elementos; o crente anônimo que é compelido, motivado à evangelização, e seu instrumento mais eficaz de trabalho, o periódico. Algo fundamental aqui, é que nas histórias que Andrade narra no escopo de fortalecer o jornal ou os *habitus* dos leitores, o tabloide nunca é adquirido por dinheiro pelo não crente. Ele o ganha ou encontra, o pega amassado no chão ou entre jornais velhos. Então, se o (in) converso não o compra, quem o faz? Certamente o membro fiel!

Entretanto, além desse sentido, o impresso também serve como veículo de outras propostas. Se em outro momento, na experiência pentecostal, ser pobre e inculto era a certeza da escolha divina, agora, sob o contexto de nossa pesquisa, percebe-se um esforço para romper com o estigma de tempos idos. Agora, o crente mudou, é portador de inúmeros capitais, principalmente cultural.

Pelo menos, nota-se um esforço concentrado para alterar a imagem dos pentecostais, incluindo, uma proposta de construção de novos *habitus*. O veículo seria os impressos. Esse é um tema que será abordado a seguir. Até aqui, esperamos que as representações dos pentecostais das ADs sobre seus impressos tenham sido suficientemente apresentadas.

CAPÍTULO 3

REPRESENTAÇÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NA DÉCADA DE 1970 POR MEIO DOS IMPRESSOS CONFSSIONAIS

Por qual razão se deu a escolha em desenvolver a pesquisa sob esse título e recorte? Aparentemente a digressão à década de 1970 pode insinuar uma descontinuidade cronológica além de sugerir um atropelo pedagógico. Contudo, iniciemos apontando as razões para tal escolha, que de nenhum modo foi arbitrária, pelo contrário, para lembrar Certeau (1998), foram os caminhos da pesquisa, com suas sinalizações, as conversas com as fontes, que nos conduziram até aqui. Vejamos.

A década de 1970 seria triplamente importante em se tratando do campo religioso nacional, mas, com aberturas para outros contextos globais. Em primeiro lugar, percebe-se o desenvolvimento de uma consciência assembleiana em relação a seu desempenho numérico no cenário nacional. Em nossas fontes, essa consciência se evidencia em dois níveis de representação: sobre si e sobre os outros.

Portanto, essa consciência apontaria para as relações de poder no campo religioso nacional. Esse seria o ponto seguinte na justificativa do recorte, pois o cenário religioso brasileiro conhece os primeiros passos e o desenvolvimento da experiência religiosa que será identificada como neopentecostal. Por fim, o terceiro ponto da justificativa, seria o próprio contexto sob a década de 1970 considerando múltiplas relações: o cenário nacional sob o governo militar, a guerra-fria, o fenômeno em escala global a que pode ser denominado de revolução cultural, ou contracultural.

De todo modo, a década de 1970 reverberaria aquilo que fora desenhado no final da década de 1960 entre a geração do *Baby Boomers* e que coincidentemente, ou não, esbarrará por aqui, com o governo dos militares. Nesse período, definitivamente há muitas forças em tensão.

Temos, portanto, um cenário fervilhante, gestado de possibilidades para se debruçar sobre o fenômeno religioso, pensado enquanto fenômeno social e cultural, e sob as categorias próprias do pentecostalismo. Seria exatamente aqui, nesse ponto nuclear que propomos interrogar nossas fontes, questionar os vestígios deixados pelas ADs, suas representações sobre o campo religioso nacional e isso certamente

implicará em tangenciar os diálogos que o grupo estabeleceu com a sociedade, a cultura e seus outros imediatos no campo específico de sua atuação: outros grupos ou organizações religiosas.

Claro, não pensamos cultura e sociedade como entidades aparentemente autônomas ou desconexas, o binômio expressaria apenas duas categorias de análise que podem ser tomadas agregando também o fenômeno religioso. Dito isso, a questão norteadora desse capítulo pode ser formulada assim: quais os principais limites da interpretação das representações sobre o poder encontradas no corpus documental explorado? A hipótese a ser sustentada vem na afirmação de que as representações mais expressivas encontradas nos impressos apontam para o imaginário religioso e as relações de poder inerentes ao campo religioso brasileiro.

Neste capítulo, o principal artefato que compõem o *corpus* documental é o periódico “Mensagem da Paz” (1930 –). O impresso apresenta-se em formato de tabloide publicado ininterruptamente desde 1930, ano de sua fundação. Por muito tempo, serviu como principal veículo de comunicação do grupo. Como já foi apresentado, isso ficou evidente, principalmente, considerando em termos tecnológicos e publicitários o valor do impresso até meados do século XX.

De outro modo, para explorar essas fontes, mesmo admitindo que as mesmas poderiam ser assumidas como produtos de *marketing*, não optamos pela simples decodificação de mensagens contidas nesses documentos. Dessa forma, optamos por conjugar alguns recursos metodológicos contando com os aportes da Análise de Conteúdo sem desprezar os ganhos com a Análise do Discurso. Essa última pode contribuir à medida em que foge do viés positivista que as vezes pesa sobre a primeira, pois considera: “sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história”, além do “complexo processo de constituição desses sujeitos e constituição de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 2015, p. 19).

Entretanto, a Análise de Conteúdo se mostrou muito útil no processo de exploração das fontes. As recomendações de Franco (2005) dinamizaram as possibilidades de articulação com a orientação teórica de Bourdieu (2012), minimizando a antiga dicotomia entre método e teoria. O processo de exploração das fontes, com tudo que foi implicado será explicitado a seguir. Os resultados da leitura do *corpus* documental selecionado foram possíveis a partir das contribuições dos aportes da História Cultural em Peter Burke (2009), e mais significativamente, em Bourdieu (2012).

Parte considerável do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu, sobretudo, seu conceito de Campo foi utilizado como fio condutor das leituras e explorações das fontes. Como já anunciado, isso foi realizado rompendo qualquer dicotomização entre método e teoria. O presente capítulo será a contribuição mais efetiva. Objetiva-se aqui explorar o conjunto das representações que remetem às relações de poder, os sentidos por elas anunciados ou ocultados. Essas representações são assumidas como do grupo ou segmento, ou seja, sob a matriz religiosa do pentecostalismo clássico a partir das Assembleia de Deus.

As principais fontes para exploração dessas representações são alguns veículos de comunicação do grupo, sobretudo aqueles em cujo contexto de produção e origem, são considerados bens simbólicos extremamente importantes por servirem de instrumentos para a construção de *habitus* e capitalização simbólica. Daí seu valor como aporte comunicativo, ou como diria Campos (1999, p. 362) como instrumento de *marketing* religioso.

O que se defende nesse ponto, é que antes mesmo do avanço dos novos pentecostais, as ADs se articulavam a partir dos mesmos expedientes, entretanto, utilizando outro veículo, que no contexto do início do século 20 seria algo potencialmente significativo: os periódicos confessionais. Na sequência, seguirá uma apresentação dos caminhos percorridos na pesquisa e consequentes resultados obtidos na Análise de Conteúdo do corpus documental.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS E O ROTEIRO DA EXPLORAÇÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE O PROCEDIMENTO DE PESQUISA E A ORIENTAÇÃO TEÓRICA.

[...]
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não
Por que não, por que não
 [...]

(Caetano Veloso)

Antes, de explorar o *corpus* documental, resolve-se aqui, seguir um conselho de Bourdieu (2012, p. 25) ao considerar certo cuidado com o que chamou em linguagem religiosa de “monoteísmo metodológico”. Dizia ele:

[...] direi apenas que é preciso desconfiar das recusas sectárias que se escondem por detrás das profissões de fé demasiado exclusivas e tentar, em cada caso, mobilizar todas as técnicas que, dada a definição do objecto, possam parecer pertinentes e que, dadas as condições práticas de recolha dos dados, são praticamente utilizáveis. Pode-se, por exemplo, utilizar a análise das correspondências para fazer uma análise de discurso (como fiz, por exemplo, em relação aos discursos publicitários das diferentes empresas de produção de casas pré-fabricadas) ou combinar a mais clássica análise estatística com um conjunto de entrevistas em profundidade ou de observações etnográficas (como fiz em *La Distinction*). (BOURDIEU, 2012, p. 26).

O que o pensador francês está defendendo são os usos de várias metodologias ou técnicas de pesquisa tomadas simultaneamente, conquanto que, o mais importante seja a construção do objeto. Além disso, o pesquisador faz questão de pontuar que:

Em suma, a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina — e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história. Apetecia-me dizer: «É proibido proibir» ou «Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos». (BOURDIEU, 2012, p. 26).

Dito isso, na tentativa de dar um sequenciamento lógico à pesquisa, de delimitar o campo do *corpus* documental a ser explorado, será necessário fazer algumas considerações. Dois campos recortados na estrutura do periódico foram selecionados, ambos se inserem sob os gêneros jornalísticos: Editorial e Capa. O primeiro, por representar basicamente a voz da instituição certamente recebia o selo de várias instâncias de poder relacionadas à AD: Conselhos, Diretorias, a CGADB e os principais sujeitos da instituição. Quanto à Capa, dizia Ferreira Júnior (2003):

[...] no caso dos jornais brasileiros, o projeto gráfico percorreu todas as instâncias da convivência tensiva entre o código verbal e o código visual, chegando à exemplos de capas-cartazes nas quais o arrojo da composição

aparentemente, não tem paralelo em qualquer outro lugar. (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p.

Nesse caso, a capa ou primeira página adquire expressiva importância, uma espécie de isca, atraindo o leitor para si, através dos recursos estéticos e os títulos de impacto. É justamente isso que pode ser percebido no trecho da música na epígrafe acima. O compositor é o brasileiro Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso. Nessa peça musical dizia o historiador Nicolau Sevcenko (1999), o compositor traduziu a experiência: “do efeito desse ato lúdico que consiste em se deixar impressionar pela força embriagadora das manchetes” (PUBLIFOLHA, 1999, p. 9-11). Por conseguinte, isso leva às intencionalidades explícitas do jornal, além daquelas não tão evidentes.

Anunciados os campos do periódico a serem explorados e a justificativa para tal, há de se registrar agora o roteiro da exploração. Nesse ponto, a Análise de Conteúdo se mostrou bastante útil. O cuidado foi tomado a fim de atender as recomendações de Franco (2015) quanto à organização da análise, considerando: (1) as atividades de pré-análise: a leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formação das hipóteses; (2) as unidades de registro: neste caso, o item e o tema; (3) as unidades de contexto – que neste caso em particular facilita o trabalho em razão do recorte adotado na pesquisa e pela origem confessional do corpus documental explorado; (4) a criação de categorias – de ordem semântica; (5) e conseqüentemente a criação de índices e indicadores – menção e frequência dos temas/categorias.

Algo que compareceu desde as atividades de pré-análise, fora a orientação teórica, uma vez que o arcabouço conceitual de Pierre Bourdieu era evocado, sobretudo, sua concepção de campo ou campo do poder:

[...] entendendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um quantum suficiente de força social — ou de capital — de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder (BOURDIEU, 2012, p. 28).

Algo interessante é a confluência entre as orientações de Bourdieu (2012) e as recomendações quanto a metodologia empregada. Por exemplo, sob a Análise de Conteúdo, durante o processo de construção das categorias, Franco (2005, p. 58)

assevera que: “na maioria dos casos, implica idas e vindas da teoria ao material de análise, do material de análise à teoria, e pressupõe a elaboração de várias versões do sistema categórico”. Por sua vez, o sociólogo francês durante um seminário ministrado na *Ecole des Hautes Etudes* em outubro de 1987, fez questão de apresentar parte de seu programa e prática de pesquisa pontuando que:

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objecto que vai comandar — ou orientar — todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objecto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades. (BOURDIEU, 2012, p. 27).

Portanto, como defende o próprio Bourdieu (2012), rompe-se com a dualidade comum entre teoria/metodologia, reflexão e prática. Dito isso, faz-se necessário dar visibilidade a exploração. Para o *corpus* documental escolhido foi adotando o critério de representatividade. Isso foi sugerido por Franco (2005, p. 50), pois: “A análise pode efetuar-se em uma amostra, desde que o material a ser analisado seja demasiadamente volumoso”. Isso se justifica à medida que a publicação periódica em apressado é extremamente grande.

Para se ter uma ideia, se a intensão fosse cobrir todos os exemplares sob o recorte adotado na pesquisa (1970-1979), daria um montante de 175 edições. Cada exemplar possui uma variação de 12-16 páginas. Logo, ao se considerar tão somente o mínimo de páginas, ou seja, 12 páginas por exemplar, tem-se agora cerca de 2100 páginas para cobrir. Daí, a justificativa para a adoção do critério de representatividade. Lembrando que isso é expressamente defendido para a metodologia empregada nesta pesquisa.

Além disso, o *corpus* explorado, em grande medida também atende a outro critério, o da homogeneidade. Isso se percebe em razão da publicação seriada, da origem confessional, da linha editorial e da estrutura básica encontrada em cada exemplar. Se o *corpus* não apresentasse tal característica, possivelmente o critério da representatividade ficaria comprometido, pois segundo Franco (2005, p. 50): “Um universo heterogêneo requer uma amostra maior do que quando se trata de um universo homogêneo”. Mesmo assim, o número de exemplares que compõem o *corpus* ainda é relativamente grande.

Portanto, atendendo os critérios acima, o *corpus* documental explorado é composto de 4 edições do MP para cada ano, ou seja, no período entre 1970-1979, tem-se o montante de 40 exemplares, cobrindo mais de 480 páginas. É bom lembrar que o formato da página adotado no impresso é o tabloide, ou seja, cerca de 42 x 38cm. Isso aumenta consideravelmente a quantidade de caracteres e o campo de exploração da mancha gráfica.

O trabalho foi minucioso. Primeiro, para o item Editorial, um quadro foi construído transcrevendo os conteúdos correspondentes. Na sequência, foi identificado a unidade de registro; o tema. Por fim, no quadro seguinte foram construídas as categorias cujo critério de classificação foi de ordem semântica.

Durante a pesquisa, essas categorias se multiplicaram em razão de não serem construídas *a priori*. Isso significa que foram progressivamente percebidas durante a exploração das unidades de registro e a classificação dos conteúdos.

Para controlar essa fragmentação, resolveu-se de pronto atender as recomendações de Franco (2005) de idas e vindas à teoria, atendo ao objeto da pesquisa, sobretudo, tendo em mente o arcabouço conceitual de Pierre Bourdieu (2012) além de referências conceituais em Peter Burke (2009). Como declarou Franco (2005), nessa opção de categorização:

As categorias não são definidas *a priori*. Emergem da "fala", do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria.

Serão tanto mais ricas quanto maior for a clareza conceitual do pesquisador e seu respectivo domínio acerca de diferentes abordagens teóricas (FRANCO, 2005, p. 59).

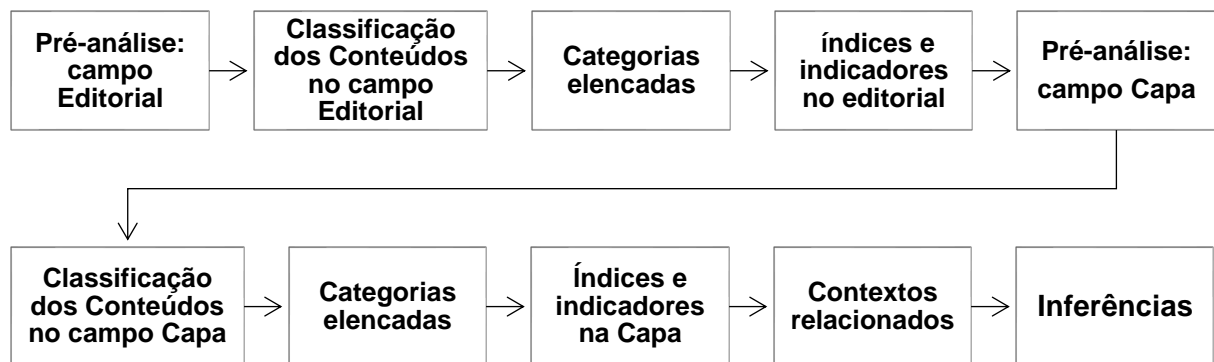
Empreende-se aqui uma tentativa de acolher a orientação bourdiesiana de se pensar relacionalmente, afinal, diria o sociólogo: “poder-se-ia dizer, deformando a expressão de Hegel: o real é relacional” (BOURDIEU, 2012, p. 27). Isso significa além da dança orquestrada entre teoria e metodologia, a necessidade de contextualização. Esse é um ponto comum entre a Análise do Discurso, a experiência de pesquisa de Bourdieu e mesmo a Análise de Conteúdo.

Neste último caso: “implica comparações contextuais. Os tipos de comparações podem ser multivariados. Mas, devem, obrigatoriamente, ser

direcionados a partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência teórica do pesquisador” (FRANCO, 2005, p. 16).

Após elencar as categorias, mesmo ampliadas, prossegue-se à uma condensação orientada e pensada de forma relacional. Isso significa que não há como escapar do exercício de contextualização, evoca-se aqui o *métier* da historiografia. Dito isso, a ordem da exploração pode ser representada assim:

Figura 1 – Sequência da exploração do *corpus*.



Fonte: Sequência desenvolvida pelo pesquisador a partir das recomendações de Franco (2005).

Além disso, antes mesmo da pré-análise do *corpus*, uma vez que todos os arquivos estavam digitalizados, eles foram submetidos à ferramenta denominada de *Optical Character Recognition (OCR)*¹⁰, uma tecnologia desenvolvida para reconhecer caracteres a partir de um arquivo de imagem. Por meio dessa ferramenta, foi possível obter um arquivo de texto passível de edição. Contudo, mesmo sob o auxílio dessa importante ferramenta, no momento da transferência dos caracteres, estes, por vezes eram desconfigurados provocando a necessidade de uma correção manual criteriosa.

De todo modo, isso ajudou muito no processo de pré-análise, exigindo não só a leitura flutuante, como a digitalização e correção do material. Não há como inserir a totalidade dos conteúdos dos editoriais. A recusa em fazê-lo se justifica pela amplificação considerável do espaço.

A medida em que se passa dos temas às categorias, isso se torna mais adequado. Portanto, conforme a sequência anunciada nas etapas da pesquisa, e

¹⁰ Tecnologia disponível online no endereço eletrônico: <https://tools.pdf24.org/pt/ocr-pdf>

considerando apenas um recorte correspondendo a ¼ do material explorado, segue abaixo um quadro referente à pré-análise.

Quadro 1 – Pré-análise, transcrição dos conteúdos presentes no campo – Editorial

UNIDADE DE REGISTRO – ITEM: EDITORIAL DO MP (1970-1979)	
Transcrição do conteúdo	
Nº 6, de 1970	<p>Título: Jerusalém problema da atualidade.</p> <p>Reconhecemos com base nos fatos, que o problema existente no Oriente Médio não é a presença de Israel, não é a Península do Sinai que é uma região deserta, nem é o Estreito de Tiran ou a Faixa de Gaza, nada disto, o problema denomina-se Jerusalém.</p> <p>Deus mesmo disse pelo profeta que faria de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos, e é isto o que atualmente acontece: Jerusalém está convertida hoje mais do que nunca antes, em o maior problema da região em que existe, problema que provoca acalorados debates no plenário das assembleias gerais das Nações Unidas, em seu Conselho de Segurança, nas Conferências periódicas das chamadas “Quatro Grandes” ou “Super: Potências” e arregimenta os líderes árabes em Conferências de cúpula que sempre findam em fracasso, porque resultam inúteis, pois Jerusalém permanece de pé, como verdadeira pedra pesada para todos os povos.</p> <p>Biblicamente, o referido problema persistirá, enquanto os homens permanecerem indiferentes ao plano de Deus; isto é, até que eles reconheçam que o Deus «Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens» Dn. 5:21, e, portanto, interfere nos seus destinos.</p>
Nº 2, de 1971	<p>Título: Verdadeiro Ecumenismo.</p> <p>Foi na tarde do dia 7 de novembro último (de 1970), que vimos o verdadeiro ecumenismo — o bíblico, o cristão, aquele aprovado e promovido por Deus, em ação plena e livremente. Cristãos pentecostais dos ramos Assembleia de Deus, Quadrangular, Santidade, Fé Apostólica, Igreja de Deus, Bíblia Aberta, Metodistas, Congregacionais, Episcopais, Batistas, Presbiterianos, Irmãos Unidos, etc. todos unidos em um acordo, em uma fé. Ali em Dallas não apareceu em absoluto, a palavra ecumenismo! Ao contrário: apareceu o ecumenismo cem por cento em exercício espiritual, cristão e bíblico; porque não foi fruto de maquinações humanas, e sim, foi uma ação direta do Espírito de Deus. Não cremos em divisão causada pelo aparente problema denominacional! Ao contrário, cremos que o denominacionalismo é uma bênção emulativa ao cumprimento da completa doutrina, até que todos cheguemos ao pleno conhecimento do Filho de Deus.</p>
Nº 8, de 1972	<p>Título: O verdadeiro pastor.</p> <p>Ser um pastor de almas é desfrutar de um privilégio inigualável, porque é superior a todos os demais desfrutados pelos homens nesta vida. [...]. Por que assim falamos? Por infelizmente sabermos haver aqueles que apenas são pastores em sentido geral. Porém não o são no sentido verdadeiro, no sentido lato do termo. Somos verdadeiros pastores ou apenas ocupamos os lugares daqueles que o são?</p>

<p style="text-align: center;">Nº 15, de 1973</p>	<p>Título: Sucessão presidencial: - O General Ernesto Geisel, escolhido para substituir o Presidente Médici, é Evangélico, de confissão Luterana</p> <p>Sem o propósito de analisar com maior profundidade, a personalidade marcante do ilustre General Ernesto Geisel, podemos afirmar que a escolha desse insigne homem público para substituir o Presidente Garrastazu Médici, sob muitos aspectos, não podia ser mais feliz. Desde já, o General Geisel pode contar com orações fervorosas dos crentes sinceros, e entre eles, como parcela relevante, estão os membros das "Assembléias de Deus". Pois, para estes, o fato de ser evangélico o sucessor do General Médici, se reveste de significado especial. Há alguns anos passados, mesmo antes de eclodir o movimento revolucionário de 1964, o Senhor Jesus Cristo revelou, pelos dons que deu à sua Igreja, que: "Este País ainda será governado por um servo meu". [...] quem sabe é seu cumprimento, com a escolha do General Ernesto Geisel? Não menosprezamos outros candidatos ou presidentes, que não foram ou não são evangélicos, pois sempre os honramos e os acompanhamos com as orações, certos que "não há potestades (governo) que não venha de Deus"; "e os que resistem, trarão sobre si mesmo a condenação". Sabemos que Deus intervém, determinando governos e destinos dos povos, e o faz como supremo condutor dos homens. É um momento especial para a vida da nação brasileira, por isso registramos o fato com euforia especial. Não nos preocupa o fato político em si, nem conseqüências dele decorrentes. O que nos preocupa, sobretudo, é o sentido da direção de Deus na vida dos povos, e no caso particular, do povo brasileiro. Como a Palavra de Deus define os governantes como "meus servos", estamos certos que a expressão no caso, vem a calhar com mais propriedade, na pessoa do futuro presidente da República. (sic).</p>
<p style="text-align: center;">Nº 2, de 1974</p>	<p>Título: Mensageiro da Paz – o evangelista silencioso.</p> <p>[...] com o crescimento da obra pentecostal, cresceu também a necessidade de um periódico que os ajudasse, suprisse e até os defendesse em algumas circunstâncias. Havia necessidade de que a palavra e a doutrina pentecostal fossem escritas e difundidas entre aqueles, onde a voz dos pregoeiros não pudesse chegar. As oficinas tinham, de ser próprias, caso contrário, não poderiam manter o jornal.</p> <p>As perseguições e os obstáculos que se antepunham à vida de qualquer órgão de publicidade que não se submetesse a batuta do clero (romano), não ofereciam condições para que pudesse prosseguir a caminhada, circulando normalmente.</p> <p>O clero perseguidor, prepotente, intolerante e pedante, era o mesmo que, agora, apresenta-se com salamaleques, procurando atrair igrejas evangélicas e certos líderes vaidosos, para o conluio ecumenista. Ecumenismo; sim, desde que o papa ou a igreja romana fique com a parte do leão... (que Deus guarde as "Assembleias de Deus", no Brasil). [...]</p>
<p style="text-align: center;">Nº 8, de 1975</p>	<p>Título: Falar línguas, sinal do batismo com o Espírito Santo.</p> <p>Com a manifestação do Poder de Deus e o conseqüente despertar, muitas igrejas pentecostais, e Denominações, outrora infensas ao Movimento Pentecostal, têm experimentado um surto de progresso espiritual que vem causando pasmo aos "conservadores" mais irredutíveis. No entanto, em certos meios ditos pentecostais, e muitos o são, na verdade, pois têm crido na Promessa do batismo com o Espírito Santo, surgem "enganos e até afirmações peremptórias de que "não há necessidade de falar línguas" e que "estas" não constituem evidência ou "prova" do batismo com o Espírito Santo. Portanto, o crente "pode receber o batismo com o Espírito Santo, sem que tenha falado línguas". Porém, esse "ensino" ou afirmação carece de fundamento na Bíblia.</p>

<p style="text-align: center;">Nº 8, de 1976</p>	<p>Título: não ligará a boca ao Boi que debulha.</p> <p>A questão principal, de que pretendemos falar, é o sustento ou "remuneração de Obreiros. Daqueles que foram chamados para exercer o ministério. Em muitas igrejas há os avarentos, que sempre discordam que o servo de Deus, o homem que vive no Altar e para o altar. Saibam que a função ministerial (pastoral) nas igrejas não é emprego de salário, nem aquele que o exerce adquire "direitos" na forma que a lei preceitua - como o previsto na C.L.T. porque o Ministério não é emprego. É de Deus. É chamada divina. Se alguns tem laborado em erros, "negociando" igrejas, "tirando dinheiro do povo", não irão muito longe. Deus os tira e, às vezes, as autoridades são usadas – para retirar de circulação esses inescrupulosos a fim de que os verdadeiros Ministros do "Altar", divinamente vocacionados, não sejam confundidos com mercenários.</p> <p>É um assunto muito sério, mas a verdade deve ser dita, a fim de que "os que estão de fora" saibam que os Ministérios que possuem uma tradição de responsabilidade espiritual e moral, não são coniventes com fatos ou procedimentos desabonadores. Que as Igrejas Pentecostais, ou não, que têm a sua linha espiritual e "modus operandi" alicerçados nas páginas aurifulgentes das Sagradas Escrituras, não devem ser confundidas com certos Teudas que se levantam por aí; conspurcando o nome respeitável do evangelismo nacional e, particularmente, das "Assembléias de Deus". (sic).</p>
<p style="text-align: center;">Nº 16, de 1977</p>	<p>Título: Avança o ecumenismo no Brasil.</p> <p>A criação de um Conselho Permanente de Igrejas Cristãs no Brasil, integrando a Igreja Católica Romana e, inicialmente, as igrejas Luterana, Episcopal do Brasil, Metodista, Brasil com Cristo e Cristã Reformada, está nos planos da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que já elaborou estudos nesse sentido. Não é nova a tentativa da Igreja Romana de trazer de volta ao seu seio os "hereges" ou, na linguagem ecumênica moderna, os "irmãos separados". Já no Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, no qual foram definidos os dogmas católicos, quis o papado a participação dos reformadores. Antes de Lutero, Roma não dialogava com os cristãos dissidentes, mas fazia prevalecer a sua férrea autoridade. De 1200 a 1250 ela exterminou um milhão de albigenses. Depois queimou na fogueira Savanarola, Huss, Jerônimo de Praga e milhares de outros.</p> <p>Da parte do Vaticano, nenhum passo foi dado em direção ao protestantismo, desde a Reforma. Pelo contrário, novas doutrinas, igualmente antibíblicas, foram incorporadas ao credo católico romano: imaculada concepção de Maria (1854), infalibilidade papal (1870) etc. E o atual papa Paulo VI reafirmou, em mais de uma ocasião, a fidelidade da igreja a todos os seus dogmas. Está claro que Roma não mudou. Ela permanece sempre a mesma: <i>semper eadem</i>. Mas algumas igrejas protestantes mudaram. E ao afastarem-se da sã doutrina dos apóstolos, foram atraídas por Roma, em cuja órbita estão entrando. Acabarão elas, finalmente, absorvidas pelo romanismo, pois "um abismo chama outro abismo" (Sl 42.7). É a formação da grande Babilônia de Apocalipse 18: "morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável. Sem dúvida, vivemos no estertor da História, e a criação do Conselho Permanente de Igrejas no Brasil é cumprimento da Palavra de Deus. "Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina... e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas." (2 Tm 4.3,4). "A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz." (Rm 13:12).</p>

Nº 1098, de 1978	<p>Título: Um pesado legado de Paulo VI</p> <p>“<i>Ostpolitik</i>” define o rumo dado pelo Vaticano às relações entre a igreja e o mundo comunista, particularmente no pontificado de Paulo VI. Embora desde 1930 funcione a Pontifícia Comissão para a Rússia, somente a partir de 1958 se traçaram novas diretrizes em virtude de uma maior preocupação relacionada com os católicos da URSS. Os resultados da <i>Óstpolitik</i>, segundo muitos analistas internacionais, têm sido negativos. A Igreja Católica fez concessões gravíssimas e unilaterais, nada recebendo em troca. Diz-se que o próprio Stalin alimentou o desejo de abrir em Moscou um consulado vaticano não para favorecer ou tolerar a religião, mas com o propósito de instrumentalizar a Igreja Católica e colocá-la a serviço do comunismo internacional.</p> <p>O ditador soviético não conseguiu o seu intento, mas a política adotada pelo Papa, a partir de 1963, acabou abrindo as portas da igreja à influência marxista. Em maio daquele ano, o chefe da Igreja Católica recebe, no Vaticano, o filho de Nikita Kruchev, Alexei Adjubei, então diretor do Izvestia. Mais tarde o próprio presidente da URSS, Nikolai Podgorny, visita Paulo VI, secundado (várias vezes) pelo chanceler Andrei Gromiko e por outros dirigentes de países comunistas. [...]. Não faz muito tempo um padre polonês radicado no Chile denunciou as tentativas comunistas para destruir a religião, através da subversão interna. E recentemente o arcebispo Arrigo Pintoneilo, de Roma, em carta aberta ao papa Paulo VI, esclareceu que o comunismo já havia contaminado mais de noventa por cento do clero jovem da Igreja Católica Romana, enquanto nos países da cortina de ferro proíbe-se a educação religiosa das crianças e os que teimam em ser fiéis à sua fé acabam nas prisões, nos hospícios e nos campos de concentração. Mas a influência marxista não se faz sentir apenas no seio do romanismo. O Conselho Mundial de Igrejas, que tem como membros dezenas de seitas protestantes liberais, a Igreja Ortodoxa Russa, e agora busca o apoio de Roma, chegou a financiar movimentos guerrilheiros na África Negra. No Brasil, tanto o clero romano como os líderes ecumênicos ligados ao CMI, em vez de pregarem a sua fé pretendem intervir na vida política, contestando o regime, a ordem social e econômica. Caso o sucessor do papa João Paulo I persevere na mesma política de seus antecessores, o processo de marxização do clero romano continuará trazendo como consequência o seu envolvimento no CMI para a formação futura da igreja babélica [...]</p>
Nº 1107, de 1979	<p>Título: A tríplice missão deste jornal (p. 4)</p> <p>Para atender todas as necessidades de informação, orientação espiritual e social e das atividades evangelísticas da igreja, a CPAD precisaria editar, a exemplo de suas similares no exterior, mais de uma dezena de periódicos por mês, além de manuais da Escola Dominical cobrindo todas as faixas etárias (alunos e professores) com um currículo elaborado de acordo com as leis comprovadamente eficientes da Pedagogia. Todavia, enquanto não dispusermos de todos os recursos em literatura evangélica, cumpre-nos atender a Obra do Senhor da melhor maneira possível, através dos poucos meios a nossa mão. Assim, o “<i>Mensageiro da Paz</i>”, órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil, desempenha uma tríplice tarefa, sendo, a só tempo, noticioso, doutrinário e evangelístico: Como noticioso, leva o MP aos seus milhares de leitores o que ocorre na Seara do Mestre em nossa Pátria (seções: De todo o Brasil, Breves, Testemunhos, Necrológio etc.), nas diversas frentes missionárias brasileiras no exterior (Missões), no mundo religioso em geral (Flagrantes Mundiais) e finalmente no mundo secular (Informação), onde apresentamos uma verdadeira suma do noticiário internacional no que mais de perto interessa à Igreja em geral e em particular aos Obreiros que militam nos povoados mais afastados das grandes cidades e, portanto, com pouco acesso aos veículos de comunicação. Para o preparo desse noticiário contamos com a colaboração de correspondentes em todo o País, do CEBIMI - Centro Brasileiro de Informação Missionária, e dos Consulados da Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Canadá, Países Baixos e diversos outros.</p> <p>Quanto ao seu aspecto doutrinário, tem o MP cumprido um ministério dos mais eficientes em nossa Pátria. Verdadeira tribuna de renomados expositores da Palavra de Deus. (sic).</p>

Fonte: Quadro confeccionado pelo pesquisador a partir dos editoriais do MP (1970-1979).

Geralmente toma-se o Editorial como a voz chancelada pela instituição, neste caso, representaria a confissão, as ADs e sua instância aparentemente mais decisiva – a Convenção Geral. Claro, diferentemente de outras linhas editoriais, no MP as vezes o editorial vem assinado, ou seja, deduz-se que, caso haja algum desconforto, a última responsabilidade certamente é de quem escreve e assina. Isso pode ser constatado nas imagens abaixo referentes aos editoriais de 1973 e 1978.

Figura 3 – Editorial nº 15, de 1973.

2 MENSAGEIRO DA PAZ

Sucessão presidencial - O General Ernesto Geisel, escolhido para substituir o Presidente Médici, é Evangélico, de confissão Luterana

João Pereira de Andrade e Silva

"Cui honorem, honorem; cui timorem, timorem" - A quem honra, honra; a quem temor, temor. (Rm 13.7b).

Sem o propósito de analisar com maior profundidade, a personalidade marcante do ilustre General Ernesto Geisel, podemos afirmar que a escolha desse insigne homem público, para substituir o Presidente Garrastazu Médici, sob muitos aspectos, não podia ser mais feliz.

Desde já, o General Geisel pode contar com orações fervorosas dos crentes sinceros, e entre eles, como parcela relevante, estão os membros das "Assembléias de Deus". Pois, para estes, o fato de ser evangélico o sucessor do General Médici, se reveste de significação especial.

Há alguns anos passados, mesmo antes de eclodir o movimento revolucionário de 1964, o Senhor Jesus Cristo revelou, pelos dons que deu à Sua Igreja, que "este País ainda será governado por um servo Meu". Essa profecia foi ouvida em um culto de vigília, realizado na residência de um crente, na capital de S. Paulo. Quem sabe, é o seu cumprimento, com a escolha do General Ernesto Geisel?

Não menosprezamos os outros candidatos ou presidentes, que não foram ou não são evangélicos, pois sempre os honramos e os acompanhamos com as orações, certos

de que "não há potestade (governo) que não venha de Deus"; "e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação".

Sabemos que Deus intervém, determinando governos e destinos dos povos, e o faz como Supremo Condutor dos homens. A "uns eleva e a outros abate", quando quer... como foi o caso de imperadores, no passado. Alguns foram chamados "meus servos", e "ungidos", como sucedeu a Ciro, rei da Pérsia e a Nabucodonosor.

É um momento especial para a vida da Nação Brasileira e por isso registramos com auctoria especial. Não nos preocupa o fato político, em si, nem consequências dele decorrentes. O que nos preocupa, sobretudo, é o sentido da direção de Deus na vida dos povos e no caso particular, do povo brasileiro. Como a Palavra de Deus, define governantes como "Meus Servos", estamos certos de que a expressão, no caso, vem a calhar com mais propriedade, na pessoa do futuro Presidente da República. Homem de caráter plasmado pelos ensinamentos surtidos nas páginas afortunadas do Santo Evangelho, o Exmo. Sr. General Ernesto Geisel, buscará a graça e sabedoria do Alto, que lhe darão condições para governar "este tão grande povo", que é o povo brasileiro.

Fonte: arquivo do pesquisador.

Figura 4 – Editorial nº 1098, de 1978.

EDITORIAL

UM PESADO LEGADO DE PAULO VI

"Ostpolitik" define o rumo dado pelo Vaticano às relações entre a igreja e o mundo comunista, particularmente no pontificado de Paulo VI. Embora desde 1930 funcione a Pontifícia Comissão para a Rússia, somente a partir de 1958 se traçaram novas diretrizes em virtude de uma maior preocupação relacionada com os católicos da URSS.

Os resultados da Ostpolitik, segundo muitos analistas internacionais, têm sido negativos. A Igreja Católica fez concessões gravíssimas e unilaterais, nada recebendo em troca. Diz-se que o próprio Stalin alimentou o desejo de abrir em Moscou um consulado vaticano, não para favorecer ou tolerar a religião, mas com o propósito de instrumentalizar a Igreja Católica e colocá-la a serviço do comunismo internacional. O ditador soviético não conseguiu o seu intento, mas a política adotada pelo Papa, a partir de 1963, acabou abrindo as portas da igreja à influência marxista. Em maio daquele ano, o chefe da Igreja Católica recebe, no Vaticano, o filho de Nikita Kruchev, Alexei Adjubei, então diretor do Investia. Mais tarde o próprio presidente da URSS, Nikolai Podgorny, visita Paulo VI, secundado (várias vezes) pelo chanceler Andrei Gromiko e por outros dirigentes de países comunistas.

Em relação à Hungria, por exemplo, o presidente Janos Kadar esteve no Vaticano em 1956, alegando que sua visita era fruto da Ostpolitik, e conseguiu que bispos comprometidos com o comunismo dirigissem as dioceses húngaras. Por essa mesma ocasião o Vaticano restabeleceu relações com a Iugoslávia e a Polónia.

Não faz muito tempo um padre polonês radicado no Chile denunciou as tentativas comunistas para destruir a religião, através da subversão interna. E recentemente o arcebispo Arrigo Pintonello, de Roma, em carta aberta ao papa Paulo VI, esclareceu que o comunismo já havia contaminado mais de noventa por cento do clero jovem da Igreja Católica Romana, enquanto nos países da cortina de ferro proíbe-se a educação religiosa das crianças e os que teimam em ser fiéis à sua fé acabam nas prisões, nos hospícios ou nos campos de concentração.

Mas a influência marxista não se faz sentir apenas no seio do romanismo. O Conselho Mundial de Igrejas, que tem como membros dezenas de seitas protestantes liberais, a Igreja Ortodoxa Russa, e agora busca o apoio de Roma, chegou a financiar movimentos guerrilheiros na África Negra. No Brasil, tanto o clero romano como os líderes ecumênicos ligados ao CMI, em vez de pregarem a sua fé pretendem intervir na vida política, contestando o regime, a ordem social e económica.

Caso o sucessor do papa João Paulo I perseverar na mesma política de seus antecessores, o processo de marxização do clero romano continuará, trazendo como consequência o seu envolvimento no CMI para a formação futura da igreja babelica, de acordo com Apocalipse, capítulos 17 e 18.

Fonte: arquivo do pesquisador.

De todo modo, além de tal constatação não diminuir o peso da responsabilidade institucional, é possível afirmar que o mesmo sujeito que endossa o editorial do exemplar nº 5 de 1973, também estaria por trás do Editorial encontrado no exemplar nº 1098 de 1978. Enquanto no impresso de 1973, João Pereira de Andrade e Silva aparece sob o campo "Expediente" como "Diretor de Publicações" (MENSAGEIRO DA PAZ, n.15, p. 3, 1973), em 1978 é apresentado como "Diretor Executivo" (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1098, p. 3, 1978). Ou seja, galgou posições dentro da CPAD entre os anos de 1973-1978, o que imediatamente sugere sua aprovação pelas instâncias decisórias da AD. Tudo isso testemunha acerca da importância do Editorial para a pesquisa.

Os conteúdos apresentados abordam diversos temas. Tangenciam o comportamento dos fiéis, o discurso científico, as práticas pastorais, política interna, as relações internacionais, refletem as tensões no campo religioso, sejam elas internas ou exógenas à AD, além de outros temas como defesa do impresso como veículo de construção de prática de leitura, da formação de *habitus* religioso, de capitalizações variadas, instrumento de evangelização e um *quantum* expressivo de outros temas.

Essas constatações podem ser apresentadas no passo seguinte da pesquisa sob a “Classificação dos Conteúdos no campo Editorial”. Muito embora, a constatação óbvia de um espaço relativamente ampliado para apresentação desse exercício de classificação, avalia-se como necessário sua inscrição pelo menos em termos de representatividade. Nesse ponto, a atenção será dada ao conteúdo explícito. O conteúdo subjacente também foi explorado, contudo, para melhor aproveitamento, ele será apresentado em outro momento sob as “Categorias elencadas”. Sendo assim, segue demonstrativo da etapa “Classificação dos Conteúdos”:

Quadro 2 – Classificação dos conteúdos a partir da exploração dos editoriais.

CLASSIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS NO CAMPO EDITORIAL	
EDIÇÃO	CONTEÚDO EXPLÍCITO/TEMA
Nº 2, de 1970	Prática de Evangelização
Nº 6, de 1970	Relações Internacionais: o conflito árabe-israelense
Nº 14, de 1970	Conflitos globais, racismo, comportamento, criminalidade, corrupção, ateísmo, exploração do pobre, ineficiência da diplomacia, convulsões sociais, e o conflito árabe-israelense.
Nº 22, de 1970	Conselhos aos pastores
Nº 2, de 1971	Ecumenismo. Campo Religioso
Nº 9, de 1971	Os avanços Científicos, a corrida espacial no bojo da guerra-fria.
Nº 15, de 1971	Ortopraxia: o autor convoca seus leitores à coerência entre a fé e a prática.
Nº 21, de 1971	Os avanços científicos, a corrida espacial.
Nº 2, de 1972	Conteúdo apologético: crítica ao que chama de superstição.
Nº 8, de 1972	Conselho aos pastores
Nº 15, de 1972	Cuidado com a práxis, relação entre a fé e a prática.
Nº 22, de 1972	Prática de evangelização. O leitor é instado a contribuir para o avanço do cristianismo.
Nº 1, 1973	Prática de evangelização. Conteúdo evangelístico (conversionista)
Nº 8, de 1973	Crítica à uma visão de mundo materialista, à violência e à corrupção.
Nº 15 de 1973	Política. Congratulação pela escolha de Geisel como Presidente.
Nº 22 de 1973	Crítica à falsos mestres (pastores, ministros)
Nº 2 de 1974	Defesa do MP como instrumento evangelizador e apologético.
Nº 5 de 1974	Defesa do MP como veículo da visão de mundo da AD, como instrumento evangelizador.
Nº 8 de 1974	Defesa do MP como instrumento eficiente de evangelização.
Nº 11 de 1974	Crítica à falta de experiência ministerial de alguns pastores

Nº 2 de 1975	Utiliza de várias metáforas bíblicas como crítica às prédicas e publicações que fogem ao padrão pentecostal.
Nº 5 de 1975	Conteúdo apologético: defesa da glossolalia.
Nº 8 de 1975	Conteúdo apologético: defesa da glossolalia.
Nº 11 de 1975	Crítica ao evolucionismo darwiniano.
Nº 2 de 1976	Conteúdo apologético: a superioridade de Jesus em relação aos fundadores de outras religiões.
Nº 5 de 1976	Conteúdo apologético: apresentação de Jesus como Mestre ou professor.
Nº 8 de 1976	Questões ministeriais: o sustento de pastores.
Nº 11 de 1976	Conteúdo apologético: crítica ao liberalismo teológico.
Nº 2 de 1977	Recomendações ao leitor: necessidade de viver em sociedade, em comunidade, sobretudo no seio da igreja, de honrar a Deus e aos governantes. Congratula o presidente Geisel.
Nº 5 de 1977	Os perigos do tabagismo e os projetos de lei de dois deputados evangélicos no sentido de conter o volume de propaganda da indústria do tabaco nos meios de comunicação.
Nº 10 de 1977	A ciência sob suspeita. O Comunismo utilizaria a ciência e disciplinas pseudocientíficas em seu projeto de lavagem cerebral.
Nº 16 de 1977	O ecumenismo, a aproximação entre a igreja católica e setores do protestantismo. Um sinal dos tempos.
Nº 1083 de 1978	O conflito árabe-israelense, sobretudo, as relações entre Egito e Israel
Nº 1088 de 1978	O editorial versa sobre alguns “cultos de matriz africana”: a “Umbanda, Quimbanda e outras variações”.
Nº 1093 de 1978	Panorama histórico religioso sobre o povo Judeu e o moderno Estado de Israel.
Nº 1098 de 1978	O ecumenismo. Inclinação do vaticano em se associar ao marxismo desde Paulo VI.
Nº 1102 de 1979	Crítica à experiência religiosa chamada “Os Meninos de Deus”. Reforça crítica de outro veículo de comunicação à “seita”.
Nº 1104 de 1979	Síntese histórica sobre o Irã. O período vai desde 1935 a 1976.
Nº 1105 de 1979	Cuidados com o menor abandonado e os direitos da criança e do adolescente.
Nº 1107, de 1979	Defesa do valor das publicações da CPAD, sobretudo do MP.

Fonte: Quadro construído pelo pesquisador a partir da exploração do Editorial de 40 exemplares do MP.

Como se pode perceber, nesse ponto da pesquisa, foi possível enxugar os conteúdos. A partir daqui o labor, ou como pontuou Bourdieu (2012), a arte do pesquisador, se tornou mais elaborada, especializada, exigindo maior cuidado com a orientação teórica. Note-se, contudo, que a forma como os conteúdos foram inscritos, já aponta para a síntese, melhor, para a construção das categorias. Quando da pré-análise, através da leitura flutuante, a sensibilidade deste pesquisador levou a formulação de uma problemática e subsequente hipótese.

O problema formulado foi: quais os principais limites da interpretação das representações encontradas no *corpus* documental explorado? A hipótese provisoriamente apresentada consiste na afirmação de que as representações mais expressivas encontradas nos impressos apontam para o imaginário e as relações de poder inerentes ao campo religioso brasileiro. O *insight* ou o problema recuperado acima servirá como *leitmotiv* para a exploração das fontes. Contudo, para a construção das categorias, seguramente será considerado o registro *ipsis literis*, cuja

leitura deverá ser orientada pelo arcabouço teórico adotado nesta pesquisa. Neste caso, conceitos serão mobilizados e serão percebidos – mesmo que de forma implícita ou subjacente – no quadro categórico. Esse arcabouço conceitual pode ser elencado tendo como pedra de toque os conceitos de: Campo, Capital (sob várias matizes), *Habitus*, Práticas, Poder Simbólico, *Illusion*, Imaginário, entre outros.

Outro ponto interessante é a percepção de determinadas regularidades nos temas classificados. São sinalizadores que se apresentam sob os termos: Prática de evangelização, Conteúdo apologético, e Ecumenismo. Consequentemente isso será melhor apreciado sob as “Categorias elencadas”, bem como, nos índices e indicadores. Por ora, segue o quadro referente as categorias, desta vez, considerando os conteúdos explícitos e subjacentes:

Quadro 3 – Categorias construídas a partir da exploração dos editoriais.

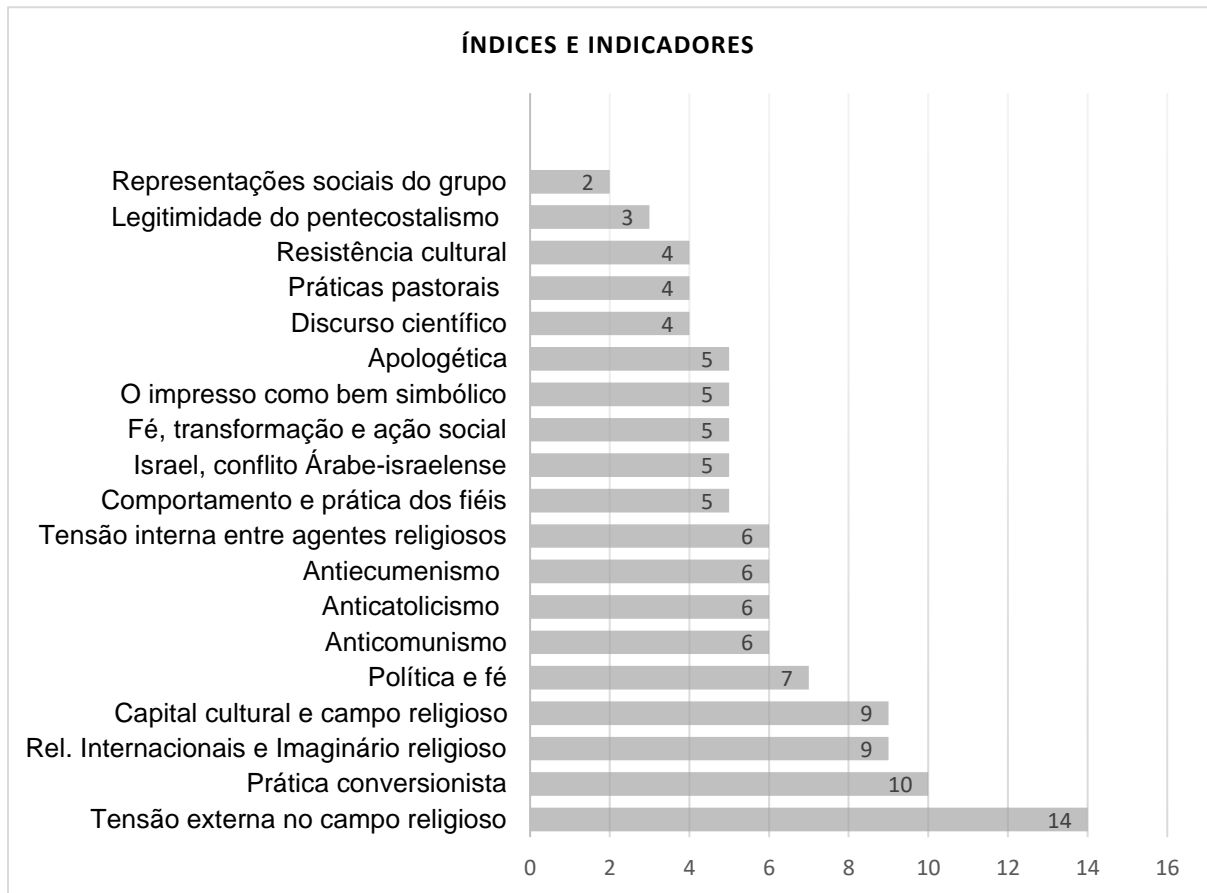
CATEGORIAS OBTIDAS EM 40 EXEMPLARES DO MP (1970-1979)	
Edição	CONTEÚDOS EXPLÍCITOS E SUBJACENTES
	Categorias
Nº 2 de 1970	Prática conversionista. Tensão externa no campo religioso.
Nº 6 de 1970	Política. Relações internacionais (poder) e Imaginário religioso. Israel, conflito Árabe-israelense
Nº 14 de 1970	Política e fé, transformação e ação social. Anticomunismo. Resistência cultural. Israel, conflito árabe-israelense. Relações internacionais (poder) e imaginário religioso.
Nº 22 de 1970	Práticas pastorais. Tensão interna entre agentes religiosos.
Nº 2 de 1971	Antiecumenismo. Tensão externa no campo religioso.
Nº 9 de 1971	Discurso científico. Relações internacionais (poder) e imaginário religioso.
Nº 15 de 1971	Comportamento e práticas dos fiéis. Preocupação com as representações sociais do grupo.
Nº 21 de 1971	Discurso científico.
Nº 2 de 1972	Anticaticolicismo. Diálogo com o catolicismo
Nº 8 de 1972	Práticas pastorais. Tensão interna entre agentes religiosos.
Nº 15 de 1972	Comportamento e práticas dos fiéis. Preocupação com as a representações sociais do grupo.
Nº 22 de 1972	Prática conversionista. Fé, transformação e ação social. Tensão externa no campo religioso.
Nº 1 de 1973	Prática conversionista.
Nº 8 de 1973	Fé, transformação e ação social
Nº 15 de 1973	Política e fé. Poder e imaginário religioso.
Nº 22 de 1973	Tensão externa no campo religioso. Crítica ao mercado da fé.
Nº 2 de 1974	Prática conversionista. O impresso como bem simbólico (MP). Anticaticolicismo. Antiecumenismo.
Nº 5 de 1974	O impresso como bem simbólico. Antiecumenismo. Anticaticolicismo. Prática conversionista.

Nº 8 de 1974	O impresso como bem simbólico. Capital cultural e campo religioso. Prática conversionista. Fé, transformação e ação social.
Nº 11 de 1974	Tensão interna entre agentes religiosos. Capital cultural e Campo religioso.
Nº 2 de 1975	O impresso como bem simbólico. Capital cultural e campo religioso. Diálogo com confissões históricas.
Nº 5 de 1975	Tensão externa no campo religioso. Capital cultural e campo religioso Apologética.
Nº 8 de 1975	Tensão externa no campo religioso. Apologética.
Nº 11 de 1975	Capital cultural e campo religioso. Discurso científico.
Nº 2 de 1976	Prática conversionista. Legitimidade do pentecostalismo. Apologética. Tensão externa no campo religioso.
Nº 5 de 1976	Apologética. Capital cultural e campo religioso. Tensão externa no campo religioso.
Nº 8 de 1976	Práticas pastorais. Tensão externa no campo religioso. Legitimidade do pentecostalismo
Nº 11 de 1976	Apologética. Capital cultural e campo religioso. Antiecumenismo. Anticatólicismo. Tensão externa no campo religioso. Política. Anticomunismo. Relações internacionais (poder) e Imaginário religioso.
Nº 2 de 1977	Política e fé. Relações internacionais (poder) e imaginário religioso. Tensão externa no campo religioso.
Nº 5 de 1977	Resistência cultural. Tensão interna entre agentes religiosos. Política e fé.
Nº 10 de 1977	Comportamento e práticas dos fiéis; anticomunismo. Tensão interna entre agentes religiosos. Discurso científico. Política e fé. Resistência cultural.
Nº 16 de 1977	Prática conversionista. Anticatólicismo; Antiecumenismo. Tensão externa no campo religioso. Capital cultural e campo religioso. Legitimidade do pentecostalismo
Nº 1083 de 1978	Prática conversionista. Poder e fé. Israel, conflito árabe-israelense. Anticomunismo.
Nº 1088 de 1978	Comportamento e práticas dos fiéis. Resistência cultural. Tensão interna entre agentes religiosos. Tensão externa no campo religioso.
Nº 1093 de 1978	Israel, conflito árabe-israelense. Poder e imaginário religioso
Nº 1098 de 1978	Prática conversionista. Práticas pastorais. Anticomunismo; Anticatólicismo. Capital cultural e campo religioso. Antiecumenismo.
Nº 1102 de 1979	Tensão externa no campo religioso. Poder e imaginário religioso.
Nº 1104 de 1979	Política e fé. Relações internacionais (poder) e imaginário religioso. Israel, conflito árabe-israelense. Anticomunismo.
Nº 1105 de 1979	Comportamento e práticas dos fiéis. Fé, transformação e ação social.
Nº 1107 de 1979	O impresso como bem simbólico (veículo do poder simbólico)

Fonte: Quadro confeccionado pelo pesquisador a partir da exploração do *corpus*.

Muito embora, o aspecto gráfico, estético, na coluna acima sugira um número difuso ou ampliado de categorias, elas podem ser representadas de forma mais adequadas em termos de indicadores e frequência. O gráfico abaixo poderá facilitar essa visibilidade:

Gráfico 3 – Índices e indicadores das categorias obtidas no item Editorial.



Fonte: gráfico confeccionado pelo pesquisador com base na recorrência das categorias.

Os indicadores obtidos por meio da recorrência das categorias podem ainda ser sensivelmente alterados, considerando por exemplo, as categorias “Apologética, Antiecumenismo, Anticatolicismo e Legitimidade do Pentecostalismo” como parte da maior categoria elencada: “Tensão externa no campo religioso”. Percebe-se, porém, com vistas aos detalhes, que há diferenças sensíveis entre elas. Por exemplo, sob a categoria “Apologética”, o que se verifica são discursos com vistas à construção (ou defesa) de uma ortodoxia ampla. *Insights* doutrinários coincidentes com outras confissões de fé herdeiras da reforma.

Por outro lado, quanto a categoria “Legitimidade do Pentecostalismo”, o que se nota é um discurso mais específico, voltado para as características distintivas do pentecostalismo, entre elas o crescimento numérico, ou a adesão popular, fatores assumidos como expressão da aprovação divina. Em relação às categorias “Antiecumenismo” e “Anticatolicismo”, sua inscrição isolada se deve a maneira como são explicitadas nos editoriais. Sem rodeios e de forma aguerrida. Não há tentativa de

usar termos menos agressivos, os chamados eufemismos. Além disso, a experiência religiosa em absoluta antítese ao pentecostalismo sem dúvida é identificada nos discursos: a Igreja Católica Romana. Aliás, nega-se a identificação da Igreja romana como sendo parte do cristianismo. Outras associações nada amistosas vem a reboque. Entretanto, a contextualização e inferências deverão vir após a exploração do segundo item da pesquisa; a Capa do periódico, também denominada por Ferreira Júnior (2003, p. 15) como: “a primeira página (a capa) – expressão imagética que primeiro impacta o leitor”.

As etapas correspondentes, ao processo de análise foram cumpridas. A escolha das fontes, o recorte documental, a leitura flutuante, o problema e a hipótese provisória, a unidade de análise; o tema, os índices e indicadores e a construção de categorias.

Ferreira Júnior (2003, p. 79) ao explorar as Capas de Jornais do Correio Brasiliense identifica dois tipos de capa; uma ordenada com certa distribuição regular de linguagem verbal e não verbal, e outra: “orgânica na qual as vezes, somente um (ou pouco mais de um) elemento gráfico toma conta da página, assemelhando-se aos cartazes”. O autor ainda explora a historiografia especializada reafirmando que a partir da década de 1950 houve mudanças significativas no campo jornalístico, sobretudo, em relação à técnica e à profissionalização. Se isso pode ser assumido como uma tendência geral, não há de se rejeitar os impactos sobre a imprensa confessional.

No caso da CPAD, há de se registrar um nome com vasta experiência, não só o caso de João Pereira de Andrade, mas também Joanyr de Oliveira. Este último, como já registrado no capítulo anterior, era funcionário de carreira na Imprensa Nacional em Brasília, aliás, um dos primeiros concursados no final da década de 1950. Além disso, era figura presente no jornal Correio Brasiliense.

No caso da primeira página do MP, é possível perceber um padrão associado à primeira tipologia apontada por Ferreira Júnior (2003), raramente, se tem uma composição mais orgânica. De todo modo, isso facilitou a exploração desde a pré-análise. Outro ponto a considerar, são os elementos estéticos, não dispensando outros códigos, sobretudo as imagens. Elas foram inseridas na análise. Evidentemente, em termos comparativos, a distribuição dos elementos gráficos foram gradativamente adquirindo outras feições. Isso pode ser constatado nas imagens

correspondentes às capas do periódico entre o início e final da década de 1970. Antes de prosseguir com a exploração da primeira página, segue imagem correspondente a mancha gráfica das capas:

Figura 5 – Capa do MP, n. 22 de 1970.



Fonte: arquivo do pesquisador.

Figura 6 – Capa do MP, n. 1017 de 1979.



Fonte: arquivo do pesquisador.

3.2 CELEBRAÇÃO, EXERCÍCIO DO PODER E MARKETING RELIGIOSO.

As manchas gráficas referentes à primeira página inseridas acima, apontam para mudanças, mas também, para as continuidades. Enquanto os aspectos gráficos sofreram alterações no curso da década de 1970, a política editorial segue em continuidade. Isso tem reflexo nos códigos visuais e na tipologia das imagens. Quando da exploração da primeira página, percebeu-se que uma grande categoria estava sendo delineada, isso foi possível tendo em vista a especificidade de alguns

elementos ou códigos presentes na Capa do MP, a necessidade de classificação e a articulação teórica entre o arcabouço de Bourdieu (2012) e a ideia encontrada em Campos (1999) de *Marketing* religioso. Essa relação bem resolvida entre teoria e metodologia permitiu a ampliação da investigação. O quadro categórico em sua completude será apresentado nos apêndices. Por ora, para garantir maior fluidez à leitura, registra-se os índices e indicadores obtidos:

Quadro 4 – Categorias construídas a partir da exploração da primeira página.

CATEGORIAS ENCONTRADAS NA PRIMEIRA PÁGINA DO MP ENTRE 1970-1979	
Índice das Categorias	Indicadores/frequência
Apologética	3
Anticaticolicismo	1
Antiecumenismo	1
Capitalização simbólica	5
Capital cultural e campo religioso	10
Celebração	24
Comportamento e prática dos fiéis	5
Diálogo com outras confissões	1
Discurso científico	4
Elogio póstumo	2
Educação religiosa	14
Exercício do poder	31
Fé e transformação social	1
Israel, conflito Árabe-israelense	4
Legitimidade do pentecostalismo	2
Marketing religioso	68
O impresso como bem simbólico	10
Política e fé	6
Prática conversionista	31
Representações sociais do grupo	1
Resistência cultural	2
Tensão externa no campo religioso	8

Fonte: Quadro construído pelo pesquisador a partir da exploração da primeira página do MP.

Em termos relacionais, é possível perceber que algumas categorias que apresentavam uma recorrência maior sob o item “Editorial”, aparecem na “Capa” de forma mais sutil. Algumas, inclusive, foram eliminadas. Este é o caso das categorias “práticas pastorais”, e “anticomunismo”. Outras categorias quase desapareceram, por

exemplo, antiecumenismo e anticatolicismo. Isso parece sugerir aquilo que Ferreira Júnior (2003) pontuou, onde a capa do jornal se torna a: “expressão imagética que primeiro impacta o leitor” (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 15).

Se o autor acima estiver certo, no caso do MP, a primeira capa segue uma linha editorial onde as notícias ganham espaço privilegiado em detrimento dos artigos. Isso pode ser conferido na exposição dos conteúdos da capa, onde por vezes se nota a ausência absoluta, ou um registro tímido das chamadas de artigos. Isso não significa que o número de artigos é reduzido, eles estão espalhados por todo o periódico.

Entretanto, aqui há uma descoberta interessante, das quatro grandes categorias elencadas, pelo menos três delas estão relacionadas à essas ausências: celebração, exercício do poder e *marketing* religioso. Veja as recorrências encontradas de forma mais clara no gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Índices e indicadores das categorias no item Capa.



Fonte: Gráfico confeccionado pelo pesquisador a partir dos dados da pesquisa.

Nesse ponto, percebe-se a dimensão dessas categorias com absoluta amplificação da categoria *Marketing* religioso. O sentido empregado para essa categoria diz respeito não só às tecnologias de comunicação, que no caso específico aqui apresentado, aponta para o suporte que é o impresso, mas sobretudo, às intencionalidades objetivas, mas veladas dos agentes religiosos dispostos à frente dos meios de produção simbólica da AD. Se a primeira página é a vitrine do jornal, percebe-se um jogo de efeito cujo objetivo evidente é chamar a atenção, despertar o interesse, convencer e capitalizar.

De início, uma questão fundamental a ser feita: qual a proposta fundamental do periódico? Seus objetivos explícitos, ou aqueles talvez velados, não aparentes, ocultados pelas camadas discursivas, pelos enunciados mais evidentes, os atos falhos, os conteúdos latentes e claro, os silêncios.

É possível verificar entre os conteúdos explícitos, os objetivos anunciados do impresso, ou seja, segundo o que se anuncia em Editorial de 1979, o periódico desempenharia “uma tríplice tarefa, sendo, a um só tempo, noticioso, doutrinário e evangelístico” (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 1107, 1979, p. 4).

As intencionalidades aparentes se apresentam sob os termos; evangelização, batismo, inauguração, congresso, convenção, festividade e afins. Mas as imagens se constituem em um discurso a parte, ou um reforço de outras intencionalidades. Nesse ponto, o *métier* do campo disciplinar em que este pesquisador atua pode oferecer alguma contribuição.

Peter Burke (2009), um historiador que tem se ocupado com a História Cultural e os domínios do universo simbólico, há algum tempo chamou a atenção para “a construção da imagem pública” (BURKE, 2009, p. 13). Evidentemente, seu objeto é a formatação da imagem pública do monarca francês Luiz XIV. Conforme o historiador inglês, essa construção contava com um conjunto de aparatos e artistas a fim de entregar ao público uma imagem ideal ou laudatória. A retórica da imagem do monarca contava não só com apetrechos como as perucas que deixavam o rei Sol mais alto, mas também com associações entre Luiz XIV e outras personagens míticas da antiguidade greco-romana. A elaboração do personagem contava com o recurso da

linguagem associada aos feitos heroicos; o “triunfo”, as celebrações e os monumentos compunham essa retórica.

Ao comentar a obra citada, afirma Schwarcz (2000, p. 257): “não há sistema político que abra mão do aparato cênico, que se conforma tal qual um teatro; uma grande representação.” Isso certamente pode ser ampliado, caso não se opere um corte absoluto entre o poder político e a religião. Parafraseando Bourdieu (2013): há algo de político na religião e algo de religioso na política. Aqui, se percebe algo muito caro no pensador francês, a identificação de um núcleo compartilhado entre variados campos; a crença, aquilo que movimenta o jogo, a *illusion*. Além das: “propriedades comuns a todos os campos” (BOURDIEU, 2012, p. 670. De outro modo defendia o sociólogo:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (BOURDIEU, 2012, p. 69).

Registra-se, portanto, que ambos os espaços ou campos, exploram o universo simbólico, as representações. Um exemplo disso se encontra no próprio *corpus* analisado. No exemplar n. 10 de 1977, na coluna do diretor, Joanyr de Oliveira tenta dar respostas aos leitores descontentes. As reclamações diziam respeito as fotografias enviadas à CPAD. O teor da nota é revelador. Dizia:

Estamos orando e nos esforçando para que a maioria de nossos leitores sintam-se satisfeitos com o MP. Parece que isso está ocorrendo: sua tiragem subiu em milhares de exemplares; o volume da correspondência à redação cresce cada dia e não chega a 10 por cento o número dos descontentes. Eles se queixam dos cabelos compridos que, por acaso, apareceram em uma ou outra fotografia de moços. E também dos vestidos longos de uma ou outra senhora. Temos a esclarecer que as fotos são nos enviadas por pastores e por irmãos que atuam como correspondentes, depois de recomendação pastoral. Não obstante isso, vimos rejeitando grande número de fotografias com “cabeludos” e certas roupas esportivas combatidas por considerável parcela de nossas lideranças. Em atenção aos que se incluem entre os descontentes, exerceremos maior vigilância ainda a fim de que não mais tenham de que se queixar de nós (OLIVEIRA, 1977, p. 2).

Nota-se aqui pelo menos três níveis de censuras às imagens publicadas no periódico; a autocensura, a seleção operada pelos pastores das igrejas locais e o corte

realizado pelo editor. Há condições impostas para publicação, incluindo o penteado e as vestimentas. Além da performance no instante da captação da imagem, do cenário, enquadramento e iluminação, exige-se outros aparatos cênicos. Afinal, é preciso vigilância com as imagens enviadas à CPAD, um cuidado com as representações.

Esse *insight* de Joanyr no MP, lembra o pensador francês Michel Foucault (1926-1984), pois, aponta para o controle dos corpos, para a lógica do dispositivo panóptico, à internalização da censura onde cada indivíduo acaba por cumprir um protagonismo para além da orquestração institucional impositiva. O resultado disso, diria Foucault (2011, p. 192), são: “efeitos homogêneos de poder”. Entretanto, sob a orientação teórica aqui adotada, o *insight* sugere o poder simbólico: “um poder de *worldmaking*” (BOURDIEU, 2004, p. 165), a violência simbólica: reconhecida e legitimada no interior do campo religioso em que opera os agentes em tensão.

O excerto também aponta para as posições entre agentes no campo religioso, “a distinção”, o “capital simbólico” (Bourdieu, 2012, p. 145). Neste caso, a voz de Joanyr tem peso extra: é “doutor”, usando a categorização de Weber (2008, p. 294), incluído entre: “sacerdotes” [...] capacitados por seu saber específico”. De outro modo, um intelectual, ativo no processo de produção de bens simbólicos, afinal, é “Diretor de Publicações”. Uma vez mais, os campos religioso e político se cruzam naquilo que lhes são comuns. Notadamente, Bourdieu (2012) parece escrever para a situação específica desse *insight* de Joanyr. Dizia ele com muita propriedade:

Na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais precisamente, pelo monopólio da nomeação legítima como imposição oficial — isto é, explícita e pública — da visão legítima do mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e sobretudo todo o poder que detêm sobre as taxinomias instituídas, como os títulos. Assim, todas as estratégias simbólicas por meio das quais os agentes procuram impor a sua visão das divisões do mundo social e da sua posição nesse mundo podem situar-se entre dois extremos: o insulto, *ideos logos* pelo qual um simples particular tenta impor o seu ponto de vista correndo o risco da reciprocidade; a nomeação oficial, acto de imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do colectivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU, 2012, p. 146).

Avançando um pouco mais sobre as representações pictóricas, outras associações importantes podem ser apreciadas. Para tal, a análise do *corpus* foi bastante útil no processo de classificação das imagens. Os resultados preliminares são prontamente observáveis como se nota no quadro subsequente:

Quadro 5 – Classificação das imagens no item primeira página do periódico.

DESCRIÇÃO/CLASSIFICAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NA CAPA DO MP (1970-1979)	
Edição	Conteúdo/descrição
Nº 2 de 1970	Pastores em Inauguração de templo. Candidatos ao Batismo. Multidão de Convencionais.
Nº 6 de 1970	Hasteamento de bandeira. Desfile.
Nº 14 de 1970	Inauguração de templo. Evangelização de detentos.
Nº 22 de 1970	Grande coral. Pastores em conferência. Multidão à frente do templo
Nº 2 de 1971	Foto de perfil de Emílio Conde. Emílio o “inesquecível homem de letras”. “Figura proeminente da EBD”
Nº 9 de 1971	Lideranças da igreja
Nº 15 de 1971	Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 21 de 1971	Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 2 de 1972	Pastores no púlpito. Outras 4 imagens de vários pastores no interior do templo.
Nº 8 de 1972	Pastores no púlpito. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 15 de 1972	Desfile. Multidão à frente da fachada externa. Pastores no púlpito.
Nº 22 de 1972	Foto de perfil de missionário. Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 1 de 1973	Cidade do Cabo. Multidão no lançamento de Pedra fundamental
Nº 8 de 1973	Candidatos ao batismo.
Nº 15 de 1973	Multidão à frente da fachada externa. Capa de livro.
Nº 22 de 1973	Pastores em evangelismo. Gravura de Bíblia
Nº 2 de 1974	Multidão à frente da fachada externa. Candidatos ao batismo.
Nº 5 de 1974	Pastores em ato inaugural. Multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 8 de 1974	Fachada do templo. Multidão à frente da fachada externa do templo. Foto de perfil de pastor presidente.
Nº 11 de 1974	Lewi Pethus. Embarcação lotada de crentes. Multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 2 de 1975	Escavações em Qumaran. Multidão no interior do Templo.
Nº 5 de 1975	Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 8 de 1975	Foto de Lawrence Olson. Pastores no interior do templo.
Nº 11 de 1975	Multidão de membros da AD junto à ônibus. Multidão à frente da fachada externa do templo. Multidão em espaço público. Fachada de templo.
Nº 2 de 1976	Multidão à frente da fachada externa do templo. Banda de música.
Nº 5 de 1976	Multidão no interior do Templo. Pastores em interior de templo. Candidatos ao batismo. Desfile.
Nº 8 de 1976	Multidão à frente da fachada externa do templo. Embarcação lotada de crentes no rio Xingu. Desfile.
Nº 11 de 1976	Multidão à frente da fachada externa do templo. Batismo.
Nº 2 de 1977	Foto panorâmica de Recife. Coral da AD em Paris. Lideranças da AD em frente ao Capitólio, Washington.
Nº 5 de 1977	Embarcação lotada de membros da AD no rio Xingu. Multidão à frente da fachada externa do templo. Foto de representante da Liga Bíblica Mundial. Divulgação de Capa de livro.
Nº 10 de 1977	Foto de pastores. Funcionários e equipamentos da CPAD.
Nº 16 de 1977	Recepção de “Diplomata Pentecostal” na AD S. Cristóvão. Candidatos ao batismo.
Nº 1083 de 1978	Foto da fachada do templo. Pastor da AD Recife recebendo presente da Filadélfia de Estocolmo. Foto de policial com judeu em trajes típicos.
Nº 1088 de 1978	Foto de floresta no RJ. Multidão de pentecostais no ginásio da UCG. Foto de policial com judeu em trajes típicos.

Nº 1093 de 1978	Militares Israelenses em rua de Jerusalém. Militar Israelense junto a um Judeu ortodoxo com trajes típicos.
Nº 1098 de 1978	Multidão no interior do Templo. Foto de perfil: evangelista em Madureira. Foto de perfil do Pr. Premiado com viagem à Israel.
Nº 1102 de 1979	Foto dos componentes da mesa Diretora da Convenção. Foto de Nils Taranger, pastor hospedeiro. Multidão em interior de Estádio (legenda destaca 15 mil pessoas).
Nº 1104 de 1979	Multidão em interior de Ginásio em Curitiba.
Nº 1105 de 1979	Foto de projeto de uma usina de Conversão de Energia Térmica Marinha
Nº 1107 de 1979	Banda de Música em frente à fachada do templo no Paraná.

Fonte: Quadro confeccionado pelo pesquisador a partir da exploração das imagens na capa do MP.

Antes mesmo de operar qualquer indicador no quadro geral das imagens, nota-se a recorrência de alguns tipos, sugerindo um padrão de representações imagéticas. Essa padronização pode ser aferida a partir do quadro descritivo das imagens, sobretudo identificadas sob os termos: “multidão à frente da fachada externa do templo; multidão no interior do templo (ou em outro local); pastores e demais líderes da AD; inaugurações de templos”. Outras também se destacam, mas com menor frequência como: “Candidatos ao batismo” e “Desfile”. Há de se registrar que a maioria das imagens dizem respeito ao plano urbano, à paisagem citadina; ginásios, estádio, ruas e praças. As imagens inseridas abaixo são um testemunho dessas constatações.

Figura 7 – Capa do MP, n. 5 de 1976.



Fonte: arquivo do pesquisador.

Figura 8 – Capa do MP, n. 5 de 1974.



Fonte: arquivo do pesquisador.

Outras imagens dispostas na primeira capa também se inserem no padrão identificado. Por certo a descrição mais recorrente diz respeito ao número expressivo de pessoas representadas, sejam como candidatos ao rito do batismo ou reunidos em outros espaços. Mas há outra relação importante; as multidões quase sempre estão alocadas no interior do templo e mais ainda, fora dele, dispostas em ordem à frente da fachada principal do templo. Há uma intencionalidade que não é verbalmente anunciada, mas situada em outros domínios do simbólico, pois, parafraseando Le Goff (1985), o templo é monumento! Signo do avanço pentecostal.

Se para o medievalista: “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprias [...]” (LE GOFF, 1985, p. 103), no caso das representações no MP, mais que a memória a ser transmita, ou perpetuada, os templos inaugurados, a ênfase na fachada que se ergue monumentalmente é símbolo do poder. É possível encontrar aproximações em outros autores. Por exemplo, versando sobre o monumento no campo disciplinar da geografia dizia o professor Roberto Lobato Corrêa:

As instituições religiosas, por outro lado, ao construírem os seus monumentos, templos ou outras formas simbólicas, materializam o local do culto, como também exibem o poder da instituição ao comunicar a mensagem religiosa proclamada, que une e identifica a comunidade de seus fiéis (CORRÊA, 2005, n/p).

Desse modo, o conjunto dessas representações articuladas à linguagem verbal formatam um recurso que se pode inferir como *Marketing* religioso. Isso sugere uma intencionalidade oculta, não verbalmente declarada, mas percebida objetivamente. Evidentemente, as relações de poder no campo religioso ganham forma ou visibilidade com a exposição expressiva dos grandes líderes da AD. É o desvelamento do exercício do poder.

De outro modo, há uma distribuição das imagens que contemplam outros agentes religiosos para além dos habituais articulistas, ou os que assinam outros campos do periódico como a Coluna do Diretor e o Editorial. Essas relações se apresentam ainda sob um contraste, a diluição dos indivíduos em meio as multidões representadas e a identificação dos grandes sujeitos, os pastores.

Mas não nos enganemos, mesmo a invisibilidade do indivíduo na visibilidade da multidão sugere o *Marketing* religioso, o avanço das ADs por todo o território nacional. Afinal, estão em movimento, em um difuso gerundismo: trabalhando, construindo, marchando, evangelizando, batizando e comemorando – e não se pode esquecer, encenando os quadros de sua contínua exposição, tendo como palco todo o plano da urbanidade. O tripé: celebração, exercício do poder e *Marketing* religioso, são partes de um todo.

3.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE O PODER: O CAMPO RELIGIOSO E O IMAGINÁRIO.

A partir dos resultados obtidos na exploração do editorial e da primeira página, tem-se agora delineado os vestígios ou representações que as principais vozes das ADs nutriam sobre o poder. Como ficou evidente na exploração do Editorial, a categoria “Tensão externa no campo religioso” apresentou o maior número de recorrência. Mas, o que essa categoria insinuada desde a pré-análise do material significa? Sob quais critérios ela foi pensada a fim de comportar as referências contidas no *corpus* documental? Que fique claro, que o critério foi semântico, onde todo conteúdo, seja ele, explícito ou subjacente, que demarque as posições de enfrentamento no campo religioso brasileiro, relações com qualquer grupo exógeno às ADs foi incluído sob a categoria.

Ao pensar essa categoria, além do que é facilmente detectável, o *leitmotiv* assumido é o conceito de campo em Bourdieu (2001). Antes de explorar as representações e o quadro categórico, é necessário apresentar com maior cuidado esse conceito nuclear. Pois bem, conforme o próprio Bourdieu (2012) o conceito foi elaborado de forma mais contundente quando visitou a sociologia religiosa de Max Weber. Dizia:

Foi assim que a primeira elaboração rigorosa da noção saiu de uma leitura do capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* consagrado à sociologia religiosa, leitura que, dominada pela referência permanente ao campo intelectual, nada tinha de comentário escolar. Com efeito, mediante uma crítica da visão interaccionista das relações entre os agentes religiosos proposta por Weber que implicava uma crítica retrospectiva da minha representação inicial do campo intelectual, eu propunha uma construção do campo religioso como

estrutura de relações objectivas que pudesse explicar a forma concreta das interações que Max Weber descrevia em forma de uma tipologia realista. Nada mais restava fazer do que pôr a funcionar o instrumento de pensamento assim elaborado para descobrir, aplicando-o a domínios diferentes, não só as propriedades específicas de cada campo — alta costura, literatura, filosofia, política, etc. — mas também as invariantes reveladas pela comparação dos diferentes universos tratados como «casos particulares do possível» (BOURDIEU, 2012, p. 66) (sic).

Como se nota, o aperfeiçoamento do conceito teve como ponto de inflexão o tratamento dado à religião por Weber. Mas, afinal, como se pode apresentar o conceito? O que seria afinal o conceito de campo? O conceito pode ser apresentado como, um “espaço estruturado de relação objetivas” entre diferentes posições. Esse espaço é ordenado por regras e/ou “*nomos*” a ele circunscritos, pois “o arbitrário situa-se no princípio de todos os campos” (BOURDIEU, 2001, p. 117).

Essas leis operam na regulação do jogo em que se situam os agentes em oposição, cujos objetivos são os troféus que o campo lhes oferece. Como bem disse Bourdieu (2001, p. 22) se referindo à famosa aposta de Pascal (1623 - 1662): “aquele que aposta na existência de Deus arrisca um investimento finito para ganhar lucros infinitos”.

Desse modo, ao mesmo tempo em que o *campo* atrai seus jogadores que reconhecem suas regras e suas gratificações (*illusio*), os coloca em oposição conflituosa, entre aqueles que lutam pela conservação de suas posições e outros que as contestam, tentando subverter a ordem ora configurada.

O reconhecimento dessas regras está relacionado às gratificações que o jogo pode oferecer ao mesmo tempo em que aponta para os limites do próprio campo. Nesse ponto, convém registrar um exemplo particularmente interessante relacionado à pesquisa aqui desenvolvida. Trata-se do caso particular do campo jornalístico, onde o tipo de jogo e a *illusio* do jornalismo não interessaria aos agentes dispostos em outros campos, como bem pontuou Bourdieu (2001, p. 118): “as ambições de carreira do alto funcionário podem deixar o pesquisador indiferente, [...] ou a luta dos jornalistas para ter acesso a primeira página permanecem quase ininteligíveis para o banqueiro”.

Pode-se, portanto, tentar sintetizar a noção a partir de sua nuclearidade, um espaço de lutas onde diferentes agentes lançam-se em competição por determinados troféus. Os aportes às batalhas advêm dos *capitais* adquiridos pelos agentes e os

habitus relacionados à própria lógica do campo. Logo, o *campo* ser um espaço caracterizado, sobretudo, por assimetrias, desigualdades na distribuição de capitais e disposições internalizadas como *habitus*.

Esse último conceito, o de *habitus*, pode ser apresentado como princípio de percepção, quando internalizado, permite a ação, a tomada de decisão, um conceito aparentemente construído nas lutas de Bourdieu sob o peso ou a tensão entre as teorias deterministas e o retorno do sujeito, ou uma resposta original no jogo da própria tradição intelectual que o autor se situa, algo entre Weber e Durkheim. Daí, *habitus*, como disposições que operam em nível do não consciente, mas funcionando a nível prático, onde: “restitui ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador” (BOURDIEU, 2001, p. 167).

Isso fica ainda mais claro quando tensiona o determinismo condicionante às ações racionais, livres e conscientes dos agentes sociais. Isso o levou a postular as seguintes declarações:

Contra ambas as teorias, convém ressaltar que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porem nos limites das constrações estruturais de que são o produto e que as definem (BOURDIEU, 2001, 169).

Na esteira dessas respostas, no livro “A Economia das trocas Simbólicas” (2013), o autor dedica grande parte da obra à “gênese e estrutura do campo religioso” (BOURDIEU, 2013, p. 27). Por conseguinte, o autor entende que a religião manteria um relacionamento com as estruturas sociais, ou como pontua: “estruturas do poder” uma vez que forneceria, *habitus*, que incidem sobre as práticas e as representações. Assim:

[...] a religião contribuiria para a imposição (dissimulada) princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo, e em particular do mundo social, na medida em que, um sistema de práticas e de representações, cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2013, p. 34-35).

De outra forma, essa relação seria objeto da sociologia, conquanto, as relações propriamente mundanas que a religião como sistema simbólico possibilita na construção mesma da experiência religiosa, dessa forma, segundo Bourdieu, religião pode ser entendida como “veículo de poder e de política” (BOURDIEU, 2013, p. 31). E sendo assim, quanto maior a capacidade de ocultação desses interesses *temporais*, maior os efeitos de mobilização, ou o poder simbólico dos grupos religiosos.

Todos os conceitos acima explicitados serão mobilizados nesse ponto da pesquisa. Portanto, se faz necessário retornar às categorias elencadas. Cerca de dezenove categorias foram construídas tendo em vista os conteúdos explorados no item “primeira página” ou “capa do jornal”, no “Editorial” elas somam vinte e duas. Passa-se primeiro as diferenças mais óbvias, em seguida, àquilo que apresentam em comum e subsequentes inferências.

Como já apresentado preliminarmente, a capa atende uma lógica no campo jornalístico, serve como chamada ou vitrine do jornal, privilegia representações aqui categorizadas sob o termo *Marketing* religioso. Sob essa categoria foi inscrito o conteúdo noticioso que apresenta uma proposta objetiva; dar visibilidade de forma contundente ao avanço do pentecostalismo assembleiano por todo o território nacional – e até fora dele.

O conteúdo descritivo sob o signo verbal se utiliza de palavras-chave como: batismo, inaugurações, desfile, entre outras. Entretanto, as imagens apontam para o mesmo propósito propagandístico, uma vez que privilegia a fachada do templo e as multidões. Essas, são representadas sob o rito do batismo, dispostas de forma organizada à frente das fachadas dos templos, e em outros ambientes. Aqui se se apresenta de forma imagética o poder de mobilização do grupo, inclusive, como poder político.

3.3.1 Religião e política: Anticatólicismo, rejeição ao ecumenismo e crítica ao comunismo.

A categoria “Tensão externa no campo religioso” surge como representação, ou seja, vestígios distribuídos no periódico e que apontam para o campo religioso, as

posições dos agentes sociais, o próprio jogo, suas regras e a *illusio*. É possível perceber dois tipos de representações, uma mais geral e outra mais específica, isso corresponde aos conteúdos explícitos e subjacentes. Inscreve-se como exemplo do que se pode identificar como representações mais sutis sobre as tensões no campo religioso, aquelas de caráter mais generalizante, carregadas de eufemismos. Note-se as declarações do Editorial do MP, n. 22 de 1972:

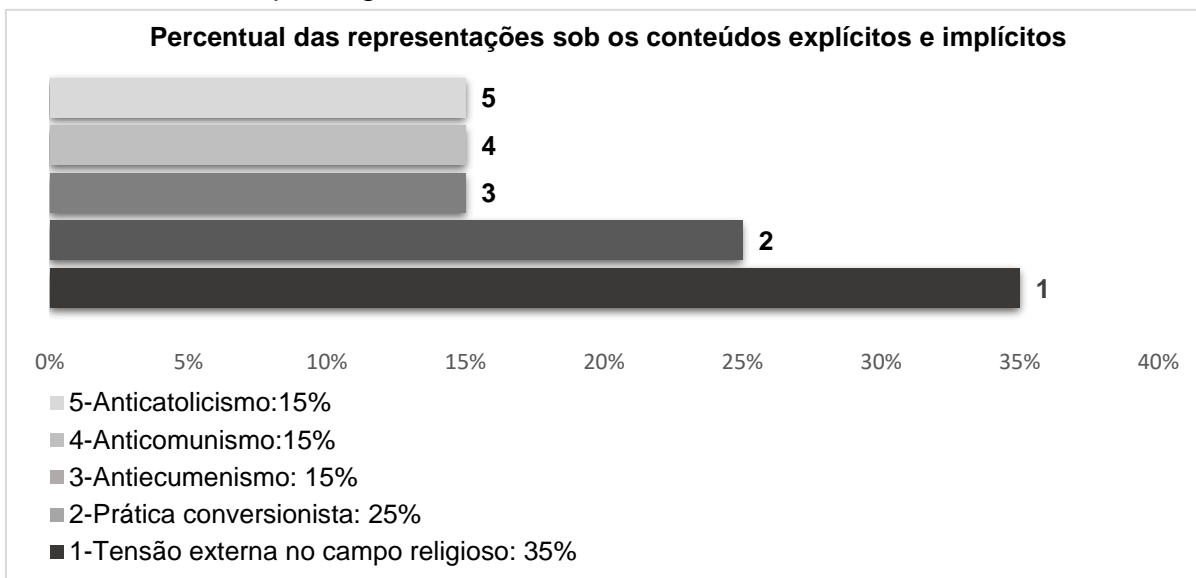
Será que todos quantos se confessam cristãos estão contribuindo para que o Cristianismo cresça e dê frutos iguais à semente que Deus plantou? Quando falamos em Cristianismo não nos referimos ao que anda por aí com esse nome; não nos referimos a programas que igrejas entidades que se organizam, sem levarem em consideração que Evangelho e Cristianismo devem crescer sem muletas, sem a intromissão de quem não está capacitado nem autorizado (MENSAGEIRO DA PAZ, 1972, p. 2).

Conforme se observa, não há uma identificação explícita do grupo, entidade, experiência religiosa ou agentes que são alvos dessa censura. Mesmo assim, o editorial faz questão de questionar a legitimidade, a *doxa* defendida por algum agente ou grupo situado no campo religioso sem mencioná-los diretamente.

É sob essa categoria que parte expressiva do editorial se inscreve. Mas, há outra mais específica, explícita, onde o alvo da censura aparece de forma clara. A posição majoritária, dominante, no campo religioso se nota nas próprias representações encontradas – pertence à igreja Católica.

É ela que se torna objeto de questionamento e disputa, sua ortodoxia é atacada por todos os lados. Seu clero é “pedante”, seus dogmas, um “engano”, suas representações “malignas”, sua articulação com o poder político, uma prova de seu flerte com o mal, cujo propósito é apenas o poder. Utiliza-se aqui a recorrente pecha atribuída pelos reformadores do século 16 à igreja romana: a Babilônia, a grande prostituta. O gráfico abaixo serve como testemunho dessas representações:

Gráfico 5 – Percentual das representações/conteúdos explícitos e subjacentes sobre a dinâmica do campo religioso.



Fonte: Dados obtidos pelo pesquisador a partir da exploração do *corpus*.

Em editorial de 1979, é apresentado a missão do periódico. Essa, possuiria três objetivos principais, ou seja: “desempenha uma tríplice tarefa, sendo, a um só tempo, noticioso, doutrinário e evangelístico” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1979, n. 1107, p. 4). Como se nota nos dados apresentados acima, a promessa parece ser cumprida, a prática conversionista corresponde a cerca de 25% das representações ou conteúdos encontrados no editorial.

O conteúdo doutrinário está distribuído nos inúmeros artigos, mas se percebe alguns *insights* na primeira página e no editorial. Além disso, sua ortodoxia é reclamada quando das inúmeras críticas ao catolicismo, ao movimento ecumênico e ao comunismo. Nessa altura, evidentemente, se percebe que todas essas categorias estão entrelaçadas e apontam para um alvo comum, a Igreja Católica. A título de exemplo, registra-se em editorial de 1972 que o alvo são as experiências do catolicismo popular, a quem se atribui a pecha de “passatempos supersticiosos”. Dizia:

Porque, hoje, e aqui na Guanabara, é uma pedra rústica que por efeito de uma explosão de dinamite, ficou com aquela pálida aparência configurativa de um rosto humano, a que os supersticiosos acharam parecido com as não menos infamantes pinturas que campeiam por aí, ditas de Cristo. Espalhado o boato supersticioso não demorou nada e verdadeiro passatempo supersticioso se evidenciou ao pé do penhasco de Vista Alegre, a que afluiu verdadeira massa humana...

E, por que afirmamos tratar-se apenas de um passatempo supersticioso? Precisamente porque os supersticiosos sempre andam a procura de tais passatempos. Haja vista aqueles que são comuns ao povo: brasileiro e doutras nacionalidades: Ali é uma é “senhora aparecida”, acolá é “a virgem que aparece e desaparece” além de um “santo que está transpirando sangue” e coisas... que são tomadas por algum tempo e por todos os supostos “religiosos”, por verdadeiros passatempos, de que se ocupam na ociosidade espiritual em que vivem, vazios das realidades espirituais. É lamentável a ignorância espiritual de que vive possuída a maioria dos brasileiros que, ao invés de se ocupar em conhecer o, plano de Deus para com a humanidade através da Bíblia Sagrada, o livro de Deus, [...] se entregam a superstições de toda sorte, que: tomam apenas como verdadeiros passatempos em que ocupam suas vidas vazias de Deus (MENSAGEIRO DA PAZ, 1972, p. 3).

A grandeza da experiência Católico-romana sob o catolicismo popular é reconhecida. Admite-se isso sob juízo valorativo: “a ignorância espiritual de que vive possuída a maioria dos brasileiros”. Evidentemente, o que se configurou foi um enfrentamento no campo religioso onde os membros das ADs eram cooptados dentro da igreja romana, a doadora por excelência de prosélitos pentecostais. Essa constatação não é novidade, pois analisando os contextos globais onde se insere o pentecostalismo, declarou Cunha (2011):

Na América Latina, por exemplo, o número de católicos que deixaram a Igreja Católica Romana para aderirem a igrejas pentecostais é bem maior do que o número de católicos europeus que aderiram às igrejas protestantes durante o período da Reforma. [...] (CUNHA, 2011, p. 38-39).

De todo modo, outras aproximações são mais evidentes. Este é o caso da crítica ao movimento ecumênico. Esse, recebe um duplo enfrentamento, primeiro, porque é visto como uma estratégia da igreja católica romana para fazer frente ao crescimento do pentecostalismo assembleiano. Dizia o editorial assinado por João P. de Andrade: “Ecumenismo; sim, desde que o papa ou a igreja romana fique com a parte do leão” (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 2, 1974). Em outro lugar registra-se no editorial:

Está claro que Roma não mudou. Ela permanece sempre a mesma: *semper eadem*. Mas algumas igrejas protestantes mudaram. E ao afastarem-se da sã doutrina dos apóstolos, foram atraídas por Roma, em cuja órbita estão entrando. Acabarão elas, finalmente, absorvidas pelo romanismo, pois “um abismo chama outro abismo” (SI 42.7). É a formação da grande Babilônia de Apocalipse 18: “morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável.” Sem dúvida, vivemos no estertor da História, e a criação do Conselho Permanente

de Igrejas no Brasil é cumprimento da Palavra de Deus. (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 16, p. 9, 1977).

Muito embora outras confissões protestantes sejam identificadas em associação com o movimento ecumênico, o protagonismo não seria delas, mas da igreja romana. Essas associações são encontradas desde o início de 1970. Uma edição de março de 1970 apresenta um artigo inteiro na primeira página cujo título é: “Ecumenismo perigosa aventura”. O autor comenta a visita do Papa Paulo VI à Genebra em 10 de junho de 1969, ocasião em que participou de evento organizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O articulista interpreta a visita papal a partir de uma perspectiva simbólica, ou seja, além de Genebra ser considerada a “capital do Protestantismo histórico”, o ponto alto da visita corresponde ao discurso proferido pelo supremo pontífice em seção dirigida pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI). A leitura sobre o evento promete rastrear intenções ocultas sob o termo “ecumenismo”. Segundo o articulista suas origens podem ser localizadas mesmo antes da convocação do Concílio Vaticano II, pois:

O falecido papa João XXIII, pouco antes de convocar o Concílio Vaticano II, revelou a um amigo todo o seu propósito com relação ao mesmo: “ECUMENISMO”. Para aquele papa, tal palavra surgiu como uma revelação! Atrás do tal propósito, existe a intenção de edificar uma SUPERIGREJA. Por isso, uma comissão mista da Santa Sé e do Conselho Mundial de Igrejas vem trabalhando ativamente há dois anos para tentar pôr fim às divergências interconfessionais. Como genuínos evangélicos, qual deve ser nossa posição? É bom lembrar que o CMI é protestante, porém não é evangélico. Logo, seu pensamento não pode representar o pensamento evangélico. E os verdadeiros cristãos evangélicos NÃO PODEM E NÃO DEVEM COMPACTUAR COM O PRESENTE MOVIMENTO ECUMÊNICO: em nome da “unidade cristã” satanás e o romanismo estão tentando pôr uma máscara na Igreja Evangélica (PAULA, 1970, p. 1) (sic).

Conforme Dias (2007, p. 14) o movimento ecumênico pode ser apresentado considerando: “todas as instituições que de alguma forma procuram promover a unidade dos cristãos.” Muito embora o autor citado explore o movimento a partir da realidade brasileira, compreende suas conexões amplas considerando as transformações globais a partir do pós-guerra. No caso da América Latina, o contexto

da contínua exploração das potências capitalistas agravava as assimetrias e desigualdades sociais.

No Brasil, a partir desse pano de fundo, o movimento ecumênico acampou primeiro sob uma orientação protestante, tendo como uma das causas: “pensar a unidade das igrejas protestantes em uma região de hegemonia católica romana” (DIAS, 2007, p. 14). Para o autor, a reflexão sobre a realidade dos povos latino-americanos, acabou atraindo a Igreja Católica Apostólica Romana, deslocando as posições antagônicas para uma proposta de cooperação. É justamente essa última associação que é definitivamente rejeitada pelos agentes que se articulam em torno da CPAD, principal bem simbólico das Assembleias de Deus. Em outro lugar no *corpus* explorado se percebe esses vestígios. Diz o relato:

Foi na tarde do dia 7 de novembro último (de 1970), que vimos o verdadeiro ecumenismo — o bíblico, o cristão, aquele aprovado e promovido por Deus, em ação plena e livremente. Cristãos pentecostais dos ramos Assembleia de Deus, Quadrangular, Santidade, Fé Apostólica, Igreja de Deus, Bíblia Aberta, Metodistas, Congregacionais, Episcopais, Batistas, Presbiterianos, Irmãos Unidos, etc. todos unidos em um acordo, em uma fé. Ali em Dallas não apareceu em absoluto, a palavra ecumenismo! Ao contrário: apareceu o ecumenismo cem por cento em exercício espiritual, cristão e bíblico; porque não foi fruto de maquinações humanas, e sim, foi uma ação direta do Espírito de Deus. Não cremos em divisão causada pelo aparente problema denominacional! Ao contrário, cremos que o denominacionalismo é uma bênção emulativa ao cumprimento da completa doutrina, até que todos cheguemos ao pleno conhecimento do Filho de Deus. (MENSAGEIRO DA PAZ, Editorial, n. 2, 1971, p. 3).

Como já apresentado, a Análise de Conteúdo prescreve a observação do contexto, neste caso, observa-se aqui o contexto imediato no próprio periódico. O editorial faz referência à 9ª Conferência Mundial Pentecostal realizada no Estado Norte-americano do Texas em novembro de 1970.

No mesmo exemplar datado de janeiro de 1971, ou seja, dois meses após a realização do evento, registra-se: “reuniram filhos de Deus oriundos de 40 países, falando línguas diversas, trajando as vezes roupagens bizarras, todos representando a Família Pentecostal existente em seus países de origem”. O conteúdo noticioso relativamente extenso, não vem assinado e apresenta outras declarações importantes, onde se diz: “a representação brasileira figurou entre as maiores, pois ali estiveram mais de 25 representantes dos pentecostais brasileiros, que representavam

a quatro dos grupos que no Brasil anunciam o evangelho completo” (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 2, 1971, p. 3).

A aproximação entre o editorial, a primeira página e o conteúdo noticioso dizem muito, novamente recorre-se ao contexto. “o verdadeiro ecumenismo” diz respeito à confraternização entre grupos pentecostalizados, e mesmo considerando a diversidade, a Igreja Católica Romana definitivamente não é admitida. A hegemonia Católica Romana no campo religioso brasileiro ainda é motivo de contestação, e qualquer aproximação com a Santa Sé é vista com desconfiança.

O passo seguinte vem sob outra forma de associação, entre o poder político e religioso, o ideário comunista está sob suspeita, é encarado como anticristão e conseqüentemente imbricado ao catolicismo. Ocupando uma página inteira, um artigo publicado no MP assinado por um importante pastor no ano de 1976 dizia:

Filho legítimo do neo-modernismo, o sincretismo religioso hodierno, com o pomposo apelidado de ecumenismo, se projeta em meio às igrejas neo-modernistas do universo, levando-as não apenas de volta ao seio largo e para elas acolhedor, da Igreja Romana, também as prepara para a aliança com o “homem do pecado” profetizada por Daniel, (Dn 9:27). [...]. No que concerne às nações, atualmente, quando o socialismo ateu domina sobre a metade da população humana e estende tentáculos subversivos a toda a humanidade, vemos nisto um terreno extremamente propício a “aparição do homem do pecado”, porque jamais houve, de acordo com a profecia de Daniel, outro regime mais propício ao seu domínio, do que o comunista. Do mesmo modo que do lado político-social as nações e o comunismo internacional preparam o terreno para o advento do homem do pecado, no plano religioso, o sincretismo sob: a alcunha de ecumenismo, prepara as religiões do universo para aquela aliança que será feita no devido tempo, conforme a profecia aludida (VASCONCELOS, 1976, p. 2).

É nesse momento que ocorre um borramento entre os campos religioso e político. Algumas ideologias políticas ou sistemas de governo recebem o selo de aprovação, mesmo que não intencionalmente manifesto. Nesse sentido, se a exploração do *corpus* fosse assumida desconsiderando que todo o “documento é monumento” (LEGOFF, 2013, p. 497), as representações aparentes, mais objetivas conduziria à uma leitura enganosa.

Abre-se aqui um parêntese. Essa luta extrapola o ambiente doméstico, ganha outros lugares, é amplificada sob as relações internacionais, o Israel moderno recebe toda a atenção, o conflito árabe-israelense, as tensões provocadas pela bipolarização ideológica sob a guerra fria, as corridas armamentista e espacial recebem um

tratamento orientado pelo imaginário religioso. As relações de força, o poder político ganha dimensões cósmicas. Sob as classificações dos conteúdos no editorial, as questões sobre o conflito árabe-israelense ou o Israel moderno correspondem a 12,5% de todo o material explorado. Mas essa aproximação entre imaginário político e religioso não se limitam ao plano internacional.

Por exemplo, sobre a escolha do General Ernesto Geisel como sucessor de Médici para a presidência do Brasil em 1973, há uma declaração curiosa, dizia: “Não nos preocupa o fato político em si, nem consequências dele decorrentes” (MENSAGEIRO DA PAZ, editorial, n. 15, 1973, p. 2). Como entender essa declaração? Isso indicaria menosprezo pelo governo dos militares? Ou o contrário? Significaria uma postura apolítica? A partir das representações encontradas no *corpus* algo precisa ser considerado; a concepção de poder nutrida pelo imaginário religioso.

Além do tom laudatório, o fator mais expressivo em relação ao poder político adquire ganho simbólico, se vincula ao imaginário religioso, pois: “o fato de ser evangélico o sucessor do General Médici, se reveste de significado especial” (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 15, 1973, p. 2). Os campos religioso e político se cruzam, o espectro político identificado com o governo militar no enfrentamento à ameaça comunista só pode significar uma coisa, o governo providencial de Deus, pois:

Há alguns anos passados, mesmo antes de eclodir o movimento revolucionário de 1964, o Senhor Jesus Cristo revelou, pelos dons que deu à sua Igreja, que: “Este País ainda será governado por um servo meu”. [...] quem sabe é seu cumprimento, com a escolha do General Ernesto Geisel? (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 15, 1973, p. 2).

Agora, várias representações são articuladas e manifesta as tensões no campo religioso brasileiro, tensões que desvelam as estruturas sociais e o imaginário religioso. Esse último ponto é admitido por Bourdieu (2013, p. 33) em sua alternativa entre Weber, Durkheim e possivelmente ao *linguistic turn*, onde esse imaginário insinua-se como sistema de práticas e de representações, onde os sistemas simbólicos como a língua, a religião, a arte e afins, ocupam uma função de mediação entre as estruturas de poder e estruturas mentais.

Desse modo, entende-se por exemplo, o movimento ecumênico. Este, é associado à uma proposta de transformação social identificada com o “comunismo”.

Neste caso, essa última associação parece ser assumida como uma antítese da proposta defendida pelo pentecostalismo assembleiano. Uma vez que em suas representações, as respostas aos males da sociedade não podem ser alcançadas pelas promessas de salvação do marxismo-leninismo. Consultando as reflexões de Eliade (1992) esse conteúdo religioso em Marx é por ele concebido como uma apropriação do imaginário judaico-cristão. Segundo o autor:

Marx enriqueceu este mito venerável de toda uma ideologia messiânica judaicocristã: por um lado, o papel profético e a função soteriológica que ele atribuiu ao proletariado; por outro, a luta final entre o Bem e o Mal, que pode aproximar-se facilmente do conflito apocalíptico entre o Cristo e o Anticristo, seguido da vitória decisiva do primeiro. É até significativo que Marx resgate, por sua conta, a esperança escatológica judaico-cristã de um fim absoluto da História; distingue-se nisso dos outros filósofos historicistas (por exemplo Croce e Ortega y Gasset), para quem as tensões da história são consubstanciais à condição humana e, portanto, jamais poderão ser completamente abolidas (ELIADE, 1992, p. 99).

O que se percebe nas representações dos pentecostais da AD, é que a principal categoria de análise dos problemas sociais, das assimetrias, da pobreza, não é localizada na luta de classes. Tais problemas são admitidos e reconhecidos, recebem atenção no editorial e na pré-análise se verificou correspondência nos artigos. A questão seria de outra ordem, localizada no imaginário religioso, no conceito de pecado, suas consequências e em seu principal agente; o diabo, o anticristo. Claro, surge, portanto, uma leitura e associação quaternária: Igreja Católica Romana/ecumenismo/comunismo/anticristo. Espera-se que Deus traga a salvação, se possível por meio de seus agentes; os militares encarnam a luta entre o bem e o mal, Geisel seria o principal agente, o escolhido.

Por certo não foi apenas agentes pentecostais das ADs e os impressos do grupo que demonstraram simpatia ao regime e à Geisel, isso também pode ser verificado em outras confissões e jornais não confessionais. Tem-se vestígios entre os batistas como se pode verificar no periódico “O Jornal Batista” em 17 de maio de 1974:

Luterano, o General Ernesto Geisel é o primeiro protestante que ascende à suprema magistratura da nação brasileira. Eis um motivo a mais para que, em obediência aos preceitos bíblicos, elevemos a Deus constantes orações em seu favor, a fim de que seu governo seja próspero e feliz em todos os sentidos (O JORNAL BATISTA, n. 11, 1974, p.2).

Em reportagem da revista Isto É em 2011, o tema é abordado em tons de denúncia, sob o título: “Os evangélicos e a ditadura militar” (CARDOSO, 2011, n/p). Entre algumas lideranças evangélicas apontadas como simpáticos e partidários do regime, cita o pastor batista Enéas Tognini que teria dito na ocasião da entrevista: “Não me arrependo (de ter se alinhado ao discurso dos militares). Eles fizeram um bom trabalho, salvaram a Pátria do comunismo” (CARDOSO, 2011, n/p).

Os impressos produzidos pelo grupo Estado, como a Folha da Tarde, periódico lançado em 1966, ou seja, algum tempo após a tomada do poder pelos militares, também se posicionaram favoráveis ao regime (FERREIRA JÚNIOR, 2003). Em um artigo assinado por Júlio de Mesquita Filho, proprietário do grupo, é possível perceber essa adesão. Dizia:

Compreendo a extrema delicadeza do momento que a Nação atravessa e surgindo quando longe está ainda o 31 de março de atingir os seus fins, o Jornal da Tarde colocar-se-á decididamente a serviço daquela nobre causa, juntando a sua voz à de todos aqueles que por ela se bateram. (MESQUITA FILHO, 1966, p. 4 apud FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 77).

Aliás, o herdeiro do grupo Estado não era nenhum inocente, aparentemente era um sujeito bem articulado, possuidor de capitais par além do econômico sendo considerado um importante articulador na criação da Universidade de São Paulo (USP) e possuindo estreitos laços com o campo intelectual francês. Sua biografia encomendada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), disserta sobre isso destacando os contexto de criação da USP em 1934 e a importância do Jornal por ele comandado com as seguintes declarações:

[...] Julio de Mesquita Filho abriu o jornal para os professores franceses que ajudou a trazer para a Universidade de São Paulo: Fernand Braudel, Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Roger Bastide. Foi nas páginas de O Estado que Lévi-Strauss publicou seu primeiro texto sobre índios brasileiros, no ano de 1935. Edição única centrada em Émile Durkheim contou com a publicação de artigos de quatro jovens professores da USP: Claude Lévi-Strauss, Paul Arbousse Bastide, Pierre Monbeig e Roger Bastide. (PONTES, 2010, p. 60).

Outro jornal importante, o “Folha de S. Paulo”, havia publicado com tons de aprovação um conteúdo noticioso versando sobre a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, dias antes daquele 31 de março de 1964 citado por Mesquita Filho (1966), data da tomada do poder pelos militares. O registro pode ser conferido abaixo:

A disposição de São Paulo e dos brasileiros de todos os recantos da patria para defender a Constituição e os principios democraticos, dentro do mesmo espirito que ditou a Revolução de 32, originou ontem o maior movimento civico já observado em nosso Estado: a "Marcha da Familia com Deus, pela Liberdade".

Com bandas de musica, bandeiras de todos os Estados, centenas de faixas e cartazes, numa cidade com ar festivo de feriado, a "Marcha" começou na praça da Republica e terminou na praça da Sé, que viveu um dos seus maiores dias. Meio milhão de homens, mulheres e jovens - sem preconceitos de cor, credo religioso ou posição social - foram mobilizados pelo acontecimento. Com "vivas" à democracia e à Constituição, mas vaiando os que consideram "traidores da patria", concentraram-se defronte da catedral e nas ruas proximas.

Ali, oraram pelos destinos do país. E, através de diversas mensagens, dirigiram palavras de fé no Deus de todas as religiões e de confiança nos homens de boa-vontade. Mas, tambem de disposição para lutar, em todas as frentes, pelos principios que já exigiram o sangue dos paulistas para se firmarem.

Ontem, São Paulo parou. E foi à praça publica - porque "a praça é do povo" - numa mobilização que envolveu meio milhão de homens, mulheres e jovens, tambem de outros Estados: a "Marcha da Familia com Deus, pela Liberdade".

[...]

Nas escadarias da catedral, sucederam-se os oradores. Às 18h50, a massa humana chegara à praça da Sé. E encontrou-a ocupada por multidão que acenava com lenços e bandeirolas. O senador padre Calazans ocupara o microfone antes da chegada dos manifestantes e voltou a discursar, após o primeiro orador - sr. Amaro Cesar - ter discorrido sobre os objetivos da "Marcha". Disse o reverendo: "Hoje é o dia de São José, padroeiro da familia, o nosso padroeiro. Fidel Castro é o padroeiro de Brizola. É o padroeiro de Jango. É o padroeiro dos comunistas. Nós somos o povo. Não somos do comicio da Guanabara, estipendiado pela corrupção. Aqui estão mais de 500 mil pessoas para dizer ao presidente da Republica que o Brasil quer a democracia, e não o tiranismo vermelho. Vivemos a hora altamente ecumenica da Constituição. E aqui está a resposta ao plebiscito da Guanabara: Não! Não! Não!". (sic) (FOLHA DE S. PAULO, 1964, p. 1, 8-10).

Como se verifica, esses exemplos são registros importantes que sinalizam as adesões para além daquelas percebidas entre os pentecostais assembleianos, ou mesmo em outras confissões cristãs. Novamente, a “ameaça vermelha” é o ponto em comum, unindo inclusive parte do catolicismo conservador. Registra-se que a junção de linguagem religiosa e com a política não é algo tão recente como o faz sugerir o contexto brasileiro sob o século 21. Voltando ao MP, a crítica velada aos movimentos

de resistência ao governo militar se esconde também sob o véu do imaginário, pois: “certos que ‘não há potestades (governo) que não venha de Deus’; ‘e os que resistem, trarão sobre si mesmo a condenação’. Sabemos que Deus intervém, determinando governos e destinos dos povos” (MP, n. 15, 1973, p. 2).

Este pesquisador em outro momento explorava um fenômeno que identificara como a origem da Marcha para Jesus, evento inserido no calendário nacional revestido de importância política (SOUSA NETO, 2019, p. 34). Atualmente é organizado por agentes evangélicos em várias capitais brasileiras, apresenta-se sobretudo, como uma demonstração de força e mobilização popular. Em Goiânia é gerido pela Igreja Fonte da Vida. Trata-se de desfile que partindo da praça do Avião se desloca rumo ao centro administrativo – a praça cívica.

No trabalho registrado acima, este autor percebeu que algumas representações no MP sugeriam certas práticas anteriores ao evento hoje reconhecido como Marcha para Jesus. Eram desfiles realizados sob qualquer pretexto; inauguração de templos, batismo e campanhas evangelísticas. A principal data escolhida para a realização desses eventos diz respeito ao campo político, era o dia sete de setembro. Para utilizar a referência de Le Goff (2013), uma data monumento, inscrita nos documentos sob orientação nacionalista.

Aqui, essas representações foram melhor exploradas pelo pesquisador, as imagens no MP e o conteúdo noticioso apontam para uma dramatização, múltiplas performances onde “o real é relacional” (BOURDIEU, 2012, p. 28), ou seja, representações inscritas sob o signo verbal e imagético desvelam os vestígios das práticas e as correntes subterrâneas dos imaginários. Na tentativa de se pensar relacionalmente, algumas representações recorrentes foram inquiridas, entre elas, observa-se:

uma multidão está representada em desfile. Seria o início do cerimonial cívico, onde um conjunto de representações são encadeadas. Como uma grande encenação, cada ato parece ser pensado em termos de progressão culminando no domingo, coincidentemente – ou não – dia das festividades na AD e o Sete de Setembro, dia das comemorações da Independência do Brasil (SOUSA NETO, 2019, p. 43).

Em outro lugar, essas representações permitem a imbricação de vários imaginários, os campos religioso e político andam de mãos dadas, ou melhor, com a bíblia nas mãos. O conteúdo noticioso diz respeito à Convenção realizada em Fortaleza no ano anterior. Conforme o registro:

As 15 horas de domingo, dia 7, iniciou-se o gigantesco desfile, do qual tomaram parte cerca de 6,000 pessoas. O desfile foi encabeçado por um carro de bombeiros, conduzindo uma jovem com uma grande bíblia aberta nas mãos. Seguia-se o pavilhão nacional, a bandeira do congresso e mais 26 jovens portando as bandeiras do Estados e territórios. A seguir, vinham os bombeiros portando suas bíblias, a mocidade, a banda de música o coral da mocidade e integrantes de 46 congregações, os quais, conduziam faixas alusivas à 30ª Convenção e ao II Congresso da Mocidade (MENSAGEIRO DA PAZ. nº 1, janeiro de 1970, p. 5).

O marco temporal inserido no calendário, a celebração cívica inscrita sob o dia 07 de setembro de 1822, o feriado de comemoração da declaração de independência é apropriado pela AD. Mas se verifica outras ressignificações. Uma dessas marchas realizada em Niterói no Rio de Janeiro trazia por título: “Marcha contra o pecado em Niterói”. O conteúdo assinado por Paulo César Lima da Silva foi publicado no último ano da década de 1970. O registro identifica o principal idealizador da marcha – que aliás a denominou de “Marcha para Jesus” – foi o decano da AD, Elienai Cabral, na época, pastor responsável pelo evangelismo nas ADs em Icaraí, Niterói.

Em encontro com o mesmo em um evento realizado em Goiânia, o decano das ADs revelou em *off* a este pesquisador que essa primeira Marcha para Jesus fora uma resposta às greves de trabalhadores acampadas por alguns sindicatos no Rio de Janeiro. Algo revelador sobre as práticas orientadas pelo imaginário religioso e a leitura a contrapelo para o problema das assimetrias sociais tendo como principal causa o pecado. As categorias de análise dos problemas sociais são demarcadas:

O centro evangelístico em Icaraí, Niterói, RJ, dirigido pelo pastor Elienai Cabral, realizou programação especial no dia 14 de abril. Pela manhã os irmãos se reuniram para ouvir e meditar na Palavra de Deus. À tarde foi realizada grande passeata pela praia de Icaraí, quando cerca de 400 evangélicos conduziram faixas e cartazes combatendo o pecado e dizendo que Jesus salva, cura, liberta, dá paz e é a solução para os problemas do homem. A marcha para Jesus atraiu a atenção de todo o bairro e terminou na praça Getúlio Vargas com culto ao ar livre (SILVA, 1979, p. 5).

A solução para “os problemas do homem” não pode ser encontrada nas categorias clássicas do marxismo-leninismo, o movimento grevista, que neste caso já foi identificado como a primeira greve realizada no contexto do governo militar, não resolve. Então, qual a solução apresentada? É o combativo enfrentamento do pecado identificado no lema comum ao pentecostalismo assembleiano: “Cristo é a resposta”! Alencar (2005, p. 119) ironizou esse lema, levantando uma problemática atual; a perda de significado do cristianismo contemporâneo, sua suposta incapacidade em dialogar com as culturas, de dar respostas às questões que o mundo faz, de dialogar com o multiculturalismo, o pluralismo religioso e tantas outras inquietações.

Mas, querendo ou não, o pentecostalismo assembleiano ofereceu respostas, mesmo que não coincidentes com as propostas de fundo iluministas, ou sob as categorias do marxismo-leninismo. No fundo, a questão incômoda é; as respostas sugerem inércia social. As representações do grupo tomadas por si mesmas, não era o problema exclusivo de Alencar (2005), de todo modo, como é possível verificar, as representações ou o imaginário religioso orienta as adesões políticas, ou o tipo de ação política, mesmo sendo interpretada como inércia social e apoliticismo.

Retomando a exploração das fontes, o cruzamento dos conteúdos nesse ponto do *corpus* documental com as declarações de Elienai Cabral, somados às memórias produzidas pelos historiadores conduzem ao contexto sócio-histórico e político do final do governo Geisel e aos primeiros meses do governo de João Figueiredo.

O brasilianista Thomas E. Skidmore (1932-1916) analisando os rumos do governo militar iniciado em 1964, pontuou que o abrandamento da censura sob o governo Geisel entre 1974-1979, encorajou grupos opositores, incluindo a mobilização dos metalúrgicos no ABC paulista (SKIDMORE, 1998, p. 256). Entretanto, os sinais de esgotamento da linha dura da ala militar, pode ter tido uma colaboração da crise econômica cada vez mais aguda no final da década de 1970 e as pressões de alguns grupos sociais incluindo a própria Igreja Católica, identificada por Skidmore (1998, p. 255) como: “o jogador mais importante do outro lado”.

Conforme Lima e Matias (2016), a região de Niterói desde cedo foi palco de conflitos e interesses sindicais. A tradição sindical ganhou reforço com as demandas

navais e metalúrgicas, mas outras atividades também foram incorporadas pelo sindicalismo. Sobre o movimento grevista no final da década de 1970 pontuam as autoras:

As greves do ABC trouxeram esperança de alcance de novos rumos para a organização da classe trabalhadora. Em 1978, os trabalhadores metalúrgicos de Niterói começaram uma campanha por abono salarial. Organizavam-se por comissões de local por trabalho, o que se confrontava com a estrutura sindical controlada pelo Estado. Esta experiência estimulou a mobilização e a combatividade da categoria. Essa nova forma de ação sindical, conhecida como o “novo sindicalismo”, ganha força, no ano de 1978, durante a Campanha Salarial. A mobilização crescente culminou na greve de 1979, a primeira greve do setor naval desde o golpe militar (LIMA; MATIAS, 2016, p.128).

Como se percebe a partir dos testemunhos acima, as representações dos pentecostais das ADs estão prenhes, carregadas com os vestígios do tempo, sob os contextos político e sócio-histórico em que militavam. Mas como o mel do historiador não é feito apenas com flores (LE GOFF, 2013), sob sua declinação ao documento monumento, mais uma vez, o sabor das representações e das práticas vem temperado com o imaginário religioso, lembrando as declarações de Bourdieu (2013) sobre a relação entre religião, para além de sua identificação como linguagem, mas numa relação de produção de sentido e de práticas, como poder de construção de mundo.

Algo que interessa a pesquisa, é a constatação nas leituras de Skidmore (1998), que o imaginário religioso também mobilizava as forças políticas conservadoras identificadas com os militares mais austeros. Assim, o historiador norte-americano especializado na história política brasileira deixa transparecer seus juízos ao avaliar que:

A lógica da linha dura era tão simples quanto absurda. Eles acreditavam que o Brasil sofria da doença maligna do “populismo”, “comunismo” ou “corrupção” – termos que usavam indiferenciadamente. Os oficiais mais fanáticos viam essa doença como um desafio à civilização cristã, da qual o Brasil era supostamente um baluarte. Por essa lógica, a pornografia era um mal tão grande quanto agentes cubanos (SKIDMORE, 1998, p. 256).

Essa é uma relação que não deve ser ignorada, pois mais que pareça absurda. Entender razoavelmente as representações dos pentecostais da AD,

sobretudo, a partir de seus meios de produção simbólica, da dinâmica do poder considerada a partir das relações de força no campo religioso brasileiro, dos contextos em que viviam, trabalhavam, produziam é uma questão elementar. Suas representações não estão descoladas do tempo, o imaginário é reatualizado identificando as forças em oposição e propondo outros caminhos e soluções. Suas categorias de análise dos dilemas sociais repelem algumas forças, enquanto atraem e se aproximam de outras.

Admite-se aqui que toda generalização apresenta perigos, não valoriza os detalhes, as especificidades, além de possivelmente produzir equívocos. Contudo, os conteúdos explorados no *corpus* documental, as categorias obtidas os testes realizados considerando os contextos envolvidos, as relações possíveis, desvelam dinâmicas onde o campo de poder religioso se articula ao campo de poder político. Os meios de produção simbólica são mobilizados em favor dos grupos e agentes em tensão, o periódico oferece muitos vestígios, evidências por meio de representações.

Muitas delas extrapolam o dito, o intencional, e mesmo admitindo os cuidados com toda generalização, seria possível pensar que as principais vozes das ADs reunidas em suas convenções, principais igrejas e no espaço de produção simbólica por excelência a CPAD, dividem algumas representações e identificam ameaças comuns. Isso ganha forma sob as principais categorias elencadas, evocam as tensões no campo religioso e apontam suas adesões políticas.

Nessa altura, as declarações anunciadas no editorial do exemplar n. 5 de 1973, por ocasião da escolha de Geisel como presidente ganha outros contornos, pois muito embora seja anunciado que o “fato político” seja desimportante, (MENSAGEIRO DA PAZ, editorial, n. 15, 1973, p. 2), o oposto é que se confirma. Percebe-se preocupações políticas, inclusive em termos de orientação e proposta de poder – o que chamam de comunismo é a antítese de suas crenças, o inimigo comum aos militares. O passo seguinte vem na associação múltipla de desafetos: Igreja Católica/comunismo/ecumenismo.

A presença de militares nas reuniões da AD, em suas inaugurações, até mesmo a linguagem frequentemente adotada como; marcha, apoteose, triunfo, e a presença comum da banda de música, insinua certa empatia com os militares. Se Skidmore (1998) estiver certo ao desvelar os motivos ou representações religiosas

dos militares, os ideais acampados por estes e o espírito positivista parecem ser também defendidos por pentecostais das ADs que operam nos bastidores de produção de seus bens simbólicos. Afinal, são um “povo ordeiro”, que avançam “marchando”. Sendo assim, mais uma vez a orientação teórica deste trabalho ajuda, principalmente naquilo que Bourdieu (2013, p. 54) denominou de “efeito de consagração” que nada mais é que o poder de ocultação dos ‘interesses políticos’ entre os “especialistas religiosos”.

Essa marcha assembleiana não seria uma representação social que valorizava as práticas militares? Uma forma de religião civil onde as conquistas políticas ganham sentido metafísico. Ato seguinte, na luta engendrada no campo religioso outras representações vêm sob a forma do poder simbólico, de múltiplas capitalizações e formação de novos agentes com um *quantum* suficiente de força para os desafios do jogo. O horizonte tece novos agentes e outros capitais.

3.4 NOVOS AGENTES, OUTROS CAPITAIS: A *ILLUSIO* DO PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.

Há um corpo conceitual que pode ser arranjado articuladamente dentro do arcabouço conceitual de Bourdieu, dentre eles, destaca-se Campo, *Habitus* e *Illusio*. Esse último, como sugere o termo em latim, era um recurso da retórica grega antiga que poderia ser traduzido como ironia. Além disso, a etimologia sugere a fusão de duas palavras; “*in*” (com sentido de inclusão) mais a palavra “*Ludus*” (jogo, brincadeira). Recorrentemente Bourdieu brinca com as referências gregas, como no conceito de *Habitus*, pincelado em Aristóteles.

Dessa forma, *Illusio*, como insinua a palavra, aponta para uma miragem atraindo as forças que se posicionam no campo, a miragem que os movimenta e atrai, o troféu, o prêmio, o *leitmotiv* que conduz toda ação, assim: “Em suma, a *illusio* é a condição do funcionamento de um jogo no qual ela é também, pelo menos parcialmente, o produto” (BOURDIEU, 1996, p. 258).

Dessa forma, em termos mais teóricos seria: adesão ao jogo enquanto tal, na aceitação do pressuposto fundamental que o jogo, [...] vale a pena ser jogado, ser levado a sério [...], o efeito de crença” (BOURDIEU, 1996, p. 365-366).

Neste caso a *illusio* fundamental diz respeito ao próprio poder de mobilização religiosa, poder político e a possibilidade real de ascensão social dos agentes religiosos apostos no jogo. Não é sem razão que outras categorias importantes construídas na pesquisa foram classificadas como “tensão interna entre agentes religioso” e “capital cultural e campo religioso”.

Sob a primeira, é possível afirmar com relativa segurança que no seio do próprio grupo, lutas de bastidores asseguram aos principais agentes a visibilidade necessária e conseqüente projeção tanto no e do próprio segmento quanto em outros espaços sociais. “O efeito de crença”, atua no sentido de uma mobilização interna cujos rastros aparecem aqui e ali.

As próprias transformações gráficas, os arranjos na estrutura do MP, os conteúdos dos artigos apontam para essa dinâmica. Percebe-se por exemplo um lapso na visibilidade de um importante sujeito no MP/CPAD, o poeta Joanyr de Oliveira, que ao retornar como Diretor de Publicações recebe uma coluna exclusiva intitulada “Coluna do Diretor” bem ao lado do Editorial que seria o espaço da oficialidade. Tem-se várias vozes em paridade ou concorrência.

Um exemplo interessante dessa constatação se nota em artigo assinado por um significativo agente da AD, Alcebíades Pereira Vasconcelos. O título “Reações oportunas” apresentava respostas às críticas recebidas de dois outros agentes, um deles, o próprio diretor de publicações, que naquele contexto era o poeta Joanyr de Oliveira, que como constatado, assina ao lado do artigo de Alcebíades, a “Coluna do Diretor”. Diz o excerto:

O primeiro a se manifestar [...] foi o pastor Manoel Francisco de Almeida, articulista abalizado, que há alguns anos vem ilustrando estas nossas páginas com trabalhos de real valor doutrinário. Em sua carta, conhecendo-nos na intimidade, estranhou alarmado os nossos conceitos [...]. Depois, este periódico estampou da lavra de Joanyr de Oliveira o que consideramos um magistral artigo sobre o assunto. Interpretou os nossos conceitos com justeza de crítica construtiva e, com aquele tom que lhe é peculiar, chamou a atenção de todos nós, membros das Assembléias de Deus no Brasil, para o que considera um perigo de profanação de nossos cultos pela música popular denominada "embalo", tão comum em nossos dias no Brasil e no mundo. Nada escrevi ao ilustre jornalista Joanyr de Oliveira, porque desde o próprio momento em que lemos seu ótimo artigo, assentamos o propósito de escrever estas linhas e dar-lhes publicação [...] (sic). (VASCONCELOS, 1977, p. 2).

O artigo possui um tom reconciliador, e demonstra a capacidade do autor de lidar com os enfrentamentos do jogo. Neste caso, a questão aborda a relação do grupo com a cultura, com a indústria cultural, mais especificamente com a música popular.

O que está em jogo é o próprio poder simbólico, a construção e manutenção de *habitus* religiosos, tudo mobilizado em favor da demarcação identitária do grupo que nesse momento vem amplificando suas lutas contra tudo que concebem como ameaças às suas tradições e ortodoxia. Isso justifica o agrupamento de conteúdos sob a categoria “comportamento (práticas) dos fiéis”, cuja ocorrência no recorte documental adotado corresponde a cerca de 12,5% do total, como se verificou no gráfico 3 (p. 91).

Figura 9 – Artigo resposta de Vasconcelos à Joanyr. Ao lado, a coluna de seu interlocutor.



Fonte: arquivos autor.

Bourdieu (2007) certa vez chamou a atenção para algumas características no campo do jornalismo, dizia ele que é um espaço que atrai: “intelectuais marginais, que não encontram lugar na política ou nas profissões liberais” (BOURDIEU, 2007, p. 102).

Mas há algo mais a ser dito sobre esse campo de poder, é um espaço de produção de bens simbólicos que opera por meio de diferenciação, ou seja, os bens simbólicos são ao mesmo tempo: “mercadorias e significações”. Os ganhos são múltiplos, podem beneficiar ou não, consumidores, leigos, o grupo religioso e os agentes especializados posicionados no jogo. Por conseguinte, surgem outras diferenciações próprias do campo religioso, mas não só, pois percebe-se que alguns jogam em “dois tabuleiros” (BOURDIEU, 2003, p. 107).

Os agentes em oposição interna/externa no campo religioso, no caso das ADs se posicionam a partir do acúmulo de competências, ou capitalizações que os movimenta para vários campos, a imagem dos dois tabuleiros em Bourdieu (2003) se amplifica no caso assembleiano. Jogam e capitalizam no campo literário, político, jornalístico, econômico e outros tantos. Isso na verdade amplifica o poder simbólico tanto do grupo quanto aqueles relacionados a seus agentes. Aqui voltamos a atenção para a relação entre o MP/CPAD, à Convenção e aos pastores-presidentes de campos ou ministérios. Lembra Joanyr em sua Coluna do Diretor:

Certo leitor supôs haver o MP apoiado o divórcio. Isto, porque divulgamos o resultado da votação, no Congresso Nacional, introduzindo dispositivo que permite a dissolução do casamento, em nosso País. Procuramos esclarecer-lhe que as matérias podem ser opinativas (quando se toma partido) ou informativas (quando se limita a registrar o ponto-de-vista alheio ou apenas a divulgar o que aconteceu), e que o nosso caso era o segundo. Mesmo porque ninguém pode apoiar (ou não) questão dessa relevância, nos órgãos das Assembléias de Deus, antes de decisão convencional a respeito (OLIVEIRA, 1977, p. 2).

Desta vez o assunto abordado é a questão do divórcio, algo possível no contexto brasileiro exatamente no final do governo militar. Isso certamente chamou a atenção do grupo religioso. O diretor faz questão de dar resposta ao leitor, deixa claro as posições no campo religioso entre leigos e produtores de bens simbólicos, entre a igreja composta de leigos e a instância maior de poder, a Convenção.

É bom lembrar, que os principais sujeitos ligados à CPAD/MP são também figuras importantes entre os convencionais, havendo também outro nível de diferenciação entre eles, quanto mais capitais acumulados, maior o poder de

mobilização. Sai à frente os pastores-presidentes dos grandes ministérios, e aqueles com um *quantum* suficiente de força para jogar no tabuleiro convencional.

A década de 1970 adquire uma importância capital nos estudos do campo religioso, e não só. Outros objetos e campos são particularmente interessantes, uma vez que o recorte corresponde ao mesmo tempo ao ponto alto do governo militar como também em sua distensão. Esse é o período em que as ADs se desenvolvem, cresce e prepara o terreno para outros projetos, incluindo sua projeção no campo político. Seus agentes são amadurecidos e preparados para jogar em outros tabuleiros. Por amadurecidos e preparados entende-se que possuem *quantum* para o jogo e o grupo também.

Sob o MP se apresenta múltiplas evidências apontando para outros tempos, uma visibilidade percebida por Paul Freston (1993) na década de 1980 com a abertura democrática. A caixa de ressonância do agigantamento das ADs foi a constituinte e a descoberta do pentecostalismo pela imprensa, pois: “A mídia começa a perceber o crescimento evangélico e os novos níveis de presença social” (FRESTON, 1993, p. 6).

3.4.1 Ampliação de capitais: o doutor, o poeta, o professor e o político.

Sob o recorte de nossa pesquisa, o MP propõe dar visibilidade a esses capitais como se verifica em exemplar de 1975. Em uma só página é apresentado um livro ilustrado de autoria do Pastor Nicodemus José Loureiro, e um prêmio literário promovido em Brasília, premiação conquistada por Joanyr de Oliveira. Na sequência, o periódico destaca um encontro entre Joanyr e outros intelectuais com o General Ernesto Geisel. Esse esforço de capitalização é apresentado da seguinte forma:

O concurso, de que participaram mais de 100 poetas, é um dos mais importante do país, e sua realização é focalizada por toda a grande imprensa brasileira. Até então nenhum poeta evangélico havia obtido este destaque, [...]. No dia anterior, em companhia do presidente da Academia Brasileira de Letras, da Associação Nacional de Escritores e de vários outros intelectuais, fora recebido, em audiência especial pelo Senhor Presidente da República General Ernesto Geisel (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 8 de 1975, p. 4).

O evento tem duplo significado e o impresso confessional assembleiano se esforça em amplificar as cenas. Não se trata apenas de um prêmio qualquer, ele foi conquistado por um de seus pastores, e não se trata de um campo qualquer, o campo literário. O reforço de reconhecimento vem no significado ritualizado, onde a legitimidade do poder é conferida pela audiência do presidente da república.

Figura 10 – Coluna do MP em 1975 destacando os capitais de Joanyr.

**INTELECTUAIS CONSAGRAM
NOVA POESIA EVANGÉLICA: JOANYR DE OLIVEIRA**



O IX Concurso Literário, promoção da Fundação Cultural do Distrito Federal, acaba de premiar o livro *O grito submerso*, de Joanyr de Oliveira, em que são enfileiradas poesias de inspiração evangélica.

O autor, colaborador do *MENSAGEIRO DA PAZ* há cerca de 20 anos e coordenador da coluna "Contato Poético", de "A Seara", iniciou sua vida literária em nossa Casa Publicadora, ao publicar o livro *Minha lira*, em 1956.

O concurso, de que participaram mais de 100 poetas, é um dos mais importantes do país, e sua realização é focalizada por toda a grande imprensa brasileira.

Até então nenhum poeta evangélico havia obtido este destaque, o que suscita o seguinte comentário de Joanyr de Oliveira: "É o reconhecimento de que há lugar, em nossa literatura, para uma poesia de temática bíblica e evangélica. Os embaraços à consagração da poesia que se compõe em nosso meio não são causados pelos temas, mas pela desatualização, pelo desconhecimento de que há uma nova estética, já consagrada pela crítica e até pelos historiadores da literatura."

Este é o 13º destaque do evangelista Joanyr de Oliveira, como poeta, em certames nacionais.

Meu desejo, enfatiza, é que minha obra literária seja sempre caracterizada pela mais aguda preocupação com a alma humana e a Eternidade, os dramas do Homem e a glória de Deus."

Assim, fiel aos seus princípios e encarando com seriedade sua vocação de escritor, JO tem tido a bênção de ver seu trabalho aplaudido e respeitado pelo mundo intelectual. É provavelmente o único poeta evangélico a figurar, como verbete, em uma obra da categoria da Grande Enciclopédia Delta Larousse.

Durante o IX Encontro Nacional de Escritores, realizado em Brasília, nosso irmão (na foto), o terceiro da esquerda para a direita, em primeiro plano) recebeu das mãos do Ministro Pereira Lima o prêmio a que fez jus, em solenidade a que compareceram vários romancistas, poetas, críticos e autoridades, entre as quais o representante do Sr. Ministro da Educação e o Embaixador Wladimir Murinho, Secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal. No dia anterior, em companhia do Presidente da Academia Brasileira de Letras, da Associação Nacional de Escritores e de vários outros intelectuais, fora recebido, em audiência especial, pelo Senhor Presidente da República, General Ernesto Geisel.

Fonte: acervo do autor.

Para conferir essas estratégias, é preciso recorrer a outros contextos. Há outro periódico digno de ser mencionado. Durante a década de 1950, um pastor associado à CPAD dá início a um projeto de marketing religioso, dessa vez aparentemente voltado para um público mais seleta. Tratou-se da criação da revista "A Seara", tendo como principal idealizador o poeta Joanyr de Oliveira.

A revista possuía outra linha editorial, muito embora, estivesse vinculada à tipografia da CPAD. A linha editorial enfatizava o que poderia ser chamado de *habitus*

culturais burgueses. Seus artigos e coberturas procuravam dar visibilidade a um aspecto pouco conhecido entre pentecostais da AD. Em suas páginas, o fiel é representado como portador de muitos capitais, sobretudo, de capitais culturais. Ele transita em outros espaços sociais antes interditado ao fiel assembleiano. Como se nota, opera-se um recorte de classe, uma vez que não é todo fiel das ADs que possui tais privilégios.

Figura 11: Cobertura da formatura de acadêmico em medicina, com ênfase em sua origem pentecostal.



Fonte: Acervo do autor. Revista A Seara, n. 1, p. 5, de 1958.

Essas intencionalidades operadas através de seus bens simbólicos aparecem no Dicionário do Movimento Pentecostal, obra publicada pela CPAD, mas de autoria do historiador Israel de Araújo, diretor do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP). No verbete sobre a revista, Araújo registra que:

A Seara era portadora de ideias novas, as quais, uma vez concretizadas, foram trazendo a necessária abertura à denominação. [...] Nela se enfatizava o valor da cultura, estimulavam-se notícias sobre formaturas e outros acontecimentos sociais e culturais que serviam de incentivos para muitos. Os

crentes eram convocados a serem o “sal da terra”, a influir na sociedade, a recusar o papel de alienados. A revista era usada como incontestável resposta às palavras depreciativas dos que apresentavam os pentecostais como incultos e obscurantistas. Os leitores eram ensinados a buscar “primeiramente o reino de Deus e sua justiça”, sem fugir aos seus deveres de cidadãos (ARAÚJO, 2015, p. 773).

No registro de Araújo (2015), o historiador das ADs opera como intérprete das intencionalidades na revista, exatamente o cuidado com as representações sociais sobre os pentecostais da AD, além de traduzir um desejo de construção de *habitus* de classe. Essa preocupação também aparece na exploração do *corpus* de forma muito sutil, mas perceptível. Para tanto, uma categoria expressa muito bem essas intenções: “Capital cultural e campo religioso” com 22,5% de recorrência. Isso pode ser percebido em alguns exemplos. Diz no editorial em 1974:

Temos falado sobre o "Mensageiro dá Paz", revelando alguns dos muitos resultados alcançados pela sua mensagem. Na sua humildade de órgão evangelístico, ele penetra às camadas populares, levando mensagem de salvação aos necessitados, nos lugares maus distantes, inclusive aos sítios e fazendas. Não importa o indiferentismo pedante de certos intelectuais da *high-life*, pois a despeito disso, ou talvez, por isso mesmo, Deus o tem utilizado para a salvação de muitas almas, que ao aceitarem a mensagem inserta em suas páginas, tornam-se libertas do ergástulo da ignorância espiritual (MENSAGEIRO DA PAZ, n.8, 1974, p. 2).

No editorial o MP é apresentado como um veículo popular que tem funcionalidade: é capaz de transformar realidades não alcançadas pelas propostas da elite intelectual. O contexto evocado no editorial diz respeito à um sitiante analfabeto que em contato com os impressos das ADs além de se alfabetizar, foi dignificado à posição de pastor. Assim:

Ele e a esposa se tornaram crentes. Moço ainda, aprendeu a ler e dedicou-se ao estudo da Palavra. Passaram--se os anos, e em 1973, quando participamos de uma Escola Bíblica e falávamos; dos periódicos da CPAD, aquele ex-sitante levantou a mão disse: eu fui salvo pela leitura de uma Mensagem contida no “Mensageiro da Paz”, que foi deixado em minha residência. Hoje, pela graça de Deus, sou Pastor (sic) (MENSAGEIRO DA PAZ, n.8, 1974, p. 2).

Em outro editorial, desta vez em 1975 a defesa dos impressos confessionais publicados pela CPAD ganha outra dimensão. Os bens simbólicos são produtos em construção. Contudo, seus produtores além de competentes, recebem aprovação de

outros agentes alocados no campo religioso, estão em posição de igualdade, são doutores. Registra-se:

Nossas lições Bíblicas” editadas pela CPAD, e comentadas por eminentes doutrinadores, Doutores constituídos por Deus, ainda não apresentam sob o aspecto técnico-didático- pedagógico – o nível que desejamos atingir, mas o atingiremos, Deus perante. Contudo, nossas “lições bíblicas” tem “azeite”, e de suas páginas trescalam sempre o perfume do incenso maravilhoso! E Como prova da aceitação das “Lições Bíblicas” temos os pronunciamentos e elogios de grandes homens de Deus, inclusive de outras denominações (MENSAGEIRO DA PAZ, n. 2, 1975, p. 2).

Recorrendo ao contexto, naquilo que sob a análise do discurso seria a intertextualidade, a: “relação de um texto com outros textos” (ORLANDI, 2015, p. 32), retornamos à revista A Seara. Uma simples observação dos aspectos gráficos da revista, percebe-se de imediato que as imagens são de outra natureza daquelas encontradas no periódico Mensageiro da Paz. Elas representam festas de debutantes, casamentos e formaturas, ou seja, promovem uma visibilidade do fiel que percorre outros espaços sociais para além do espaço estritamente religioso.

Figura 12 – Páginas da Revista A Seara de 1974 com destaque para formaturas.



Fonte: Acervo do autor. Revista A Seara, n. 123, dezembro de 1974.

Entretanto, há outros estímulos. Celebram a apreciação e a produção de poesia e outros gêneros literários. Este último exemplo é particularmente interessante, uma vez que apontaria para um duplo objetivo: criar novos *habitus* entre os pentecostais e torná-los públicos. Ou seja, nota-se um esforço contínuo em incentivar a construção de práticas culturais entre os pentecostais como prática de leitura e produção de textos, com ênfase na poesia.

Figura 13 – Coluna Contato Poético idealizada por Joanyr de Oliveira divulgando concurso de poesia.

CONTATO POÉTICO

Poesia & adjacências

Rosa Jurandir Braz (Buenos Aires - SC) - Os poemas de desprendimento sigilo livro *Flores de meu jardim*, em que o bem poético e a criatividade já se promançavam fortemente, ali o poema "Inspiração" teve um notável salto qualitativo. Autora desse nível, háram nessa ignia e entulizam que, também no terreno da poesia, ele escape hoje uma posição de segundo. A presença desta poetisa na Antologia de Nova Poesia Evangélica, com lançamento previsto para 1976, está assegurada, se RJB e desajeite".

APS (Bahia) - Com apenas 15 anos, você já está compondo poemas. Isso me alegro. Leia a antre Poesia na escola, de Alaine Lisboa de Oliveira (Editora Bernadete Alves, rua Cláudio Manoel, 538 - Belo Horizonte, MG). Teria muito prazer em acompanhar seu progresso, a partir de "A Bíblia", que me remeteu nesse primeiro contato.

Meli (São Paulo) - ... me oriente, pois não sei distinguir bem entre poemas, prosas, crônicas etc.". Avaliá-los de que me fala, prezada irmã, são coisas raras. Explicar: "Poesias" de existir, mas passagens, tema escallora, em uma página de feição, ele na expressão devotios-

Da arte poética

DA ARTE POÉTICA (II)

* - Poesia só pode ser a arte de fazer o poema não produzir poesia." (CASSIANO RICARDO)

4

COORDENAÇÃO DE

JOANYR DE OLIVEIRA

CP 13-2040 - (CEP 70000 - BRASÍLIA - DF)

INSPIRAÇÃO

ROSA JURANDIR BRAZ

Terrens epídicos, lacerantes ou amenos, assarados na mente. Cálculos e lotas, interpostas, distantes, esculpidas no espírito. As amargas dissipam. Ficam as docas, as belas.

Diversidade geométrica absoluta, sem fim, dos cristais de neve. O luar do celite - Inaugural helicóptero - prima irmã das Flores. Raba e prumo, no praia, nicho de laridos, resplê de melozas, e donar prazelas. A rosa, no inverno, a guardar a fragância, infroza lada e noite. O vento saltitório a fazer seu circuito e a chorar desabrigos. Louva-a-deus de mãos postas sendo exemplo aos heróis. (Que dirá nessa prece vindo só de esperança?) Estreia, pia antiga no vestido da azul muiçanga e amiga. A mão e seu filitido, toda emersa em lertera, o futuro nos olhos.

E o poeta a voltar-se face vento no lateral) pelo Amor... Só por ele...

E a saudade do céu dormente constante na no rno dos santos.

E a noiva a cantar: - Ora, vem, meu Amador! E a Arado a busci-la em do arco, à Porta.

ORAÇÃO A HIROXIMA

CELÉLIA INÁCIO MENDES

e a Kenji Fakenchi, um menino que é amigo à zona de agosto de 1943.

1 - Se confundam homens da terra dar, asas a aves mortas, se ovira com prazer, seus lábios, frizados, se corria pelos campos de sangue com lúdas artes, organ uma "terra de memória" e emmagi sob ela voozoz orgulhos.

2 - Eu vejo, ô Hiroxima, tua cruzeta que choram, luas olhos vazios perdidos no silêncio e oro por ti.

3 - Eu simo, ô Hiroxima, tua carne dilacerada teu corpo desnudo de sentido e oro por ti.

4 - Eu amparo, ô Hiroxima, tem braga cáda. Nelas depresso as lágrimas que em ti se cruzaram ... e oro por ti.

5 - Eu hoje oro Kenji-Shun pelo fato que se olava da crista de tua mão, por Toishin (Tu irmão) que se disse um aluno adeus. Eu depresso nos seus lábios as crises de minha alma e como estifão as até as brancas da medula que esperate cair nappela manô escaldante da má de agosto dan ano que jamais fostara em mim.

Fonte: acervo do autor. Revista A Seara, n. 127, agosto de 1975.

Isso teria uma explicação mais imediata. Diz respeito aos sujeitos que atuam nos bastidores da CPAD, sobretudo, Joanyr de Oliveira e João Pereira de Andrade e Silva. Joanyr começou sua carreira ainda muito jovem atuando nos corredores da CPAD. Antes, porém, já circulava entre os intelectuais cariocas e era filiado ao PC do

B, como indica sua autobiografia na ocasião em que participou da liderança da juventude comunista na cidade de Vitória (JOANYR, 2008, p. 26).

Ao longo da vida foi colecionando amigos ilustres como Antônio Houaiss e o modernista de segunda geração Carlos Drummond de Andrade. Aliás, a este último dedica livros e poesias, uma delas, em razão da morte de seu amigo, foi intitulada: “Ao fazendeiro do ar, Carlos Drummond de Andrade” (OLIVEIRA, 2002, p. 100).

Sua última antologia publicada, traz na contracapa cartas que recebeu de um seleto grupo de poetas brasileiros. Curiosamente, sob o mesmo recorte cronológico dessa pesquisa, enquanto seu colega João Pereira de Andrade atua no periódico Mensageiro da Paz com projeto semelhante, Joanyr está ocupado com a revista *A Seara*, mas também parece alimentar projetos políticos, se deslocando para o Centro-Oeste do Brasil.

Antes, porém, esse deslocamento para o centro-oeste parece ter sido provocado em razão das lutas pelo bem simbólico mais importante do grupo, a CPAD e seus periódicos. Em registro ressentido de Joanyr em suas memórias, o poeta parece insinuar que as lutas de bastidores pelo bem simbólico levaram à sua substituição dos quadros da CPAD no final da década de 1950 (OLIVEIRA, 2012, p. 30). Isso justificaria o deslocamento para o centro-oeste. De todo modo, Joanyr não perde tempo pois em 1962 aparece em nota do Jornal Correio Brasiliense lançando um livro de poesia ao lado de outros autores, um deles, professor universitário, sendo que o próprio Joanyr é mencionado como aluno da UNB (YVONNE, 1962, p. 9).

Explorando as páginas digitalizadas do Correio Brasiliense desde a chegada de Joanyr à Brasília, tem-se durante a década de 1960 cerca de 91 citações de seu nome, entre elas; poesias, artigos de sua autoria e citações de terceiros. De imediato, Joanyr é reconhecido pela elite brasiliense como parte de “Brasília e seu aspecto intelectual” (CORRÊA, 1965, p. 2).

Seu colega João Pereira de Andrade e Silva parece ter experimentado o mesmo dilema, aparece pela última vez como gerente da CPAD na primeira edição do MP em janeiro de 1958, ressurgindo quase dezesseis anos depois, no expediente do Mensageiro da Paz na edição do dia 30 de maio de 1973 como: “diretor de publicações” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1973, p. 3). No mesmo exemplar, a cerimônia de posse fora realizada no dia 03 de abril do mesmo mês contando com a presença dos maiores líderes das ADs no Brasil. Na reportagem ele é reconhecido como “professor” e “culto homem de Deus” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1973, p. 12).

Dessa forma, desde a década de 1960, Joanyr procurou se ocupar com projetos culturais em Brasília, tornando-se membro fundador de algumas academias literárias como a Academia Brasiliense de Letras. Nesse período também iniciou suas atividades como funcionário concursado da Imprensa Nacional. Ao que parece, nesse interregno, Joanyr procurou capitalizar em outras paragens, e muito embora, estando fora dos quadros da CPAD, continua publicando e reconhecido em seus periódicos, sobretudo, com o retorno de Andrade à CPAD em 1973.

Em 1977 Joanyr retornou como membro do conselho administrativo da CPAD (DANIEL, 2004, p. 451) e apareceu agora num salto na edição de nº 2 de 1977 como “diretor de publicações” da mesma editora (MENSAGEIRO DA PAZ, 1977, p.3). Possivelmente, existem duas razões para o retorno imediato de Joanyr; a ascensão de Andrade à função de Diretor de Publicação e a renúncia de Altomires Sotero.

Justamente sob a década de nosso recorte, ou seja, entre 1973-1974, descobrimos dois registros no livro de memórias de um antigo pastor em Goiás, o Bp. Abigail Carlos de Almeida, onde Joanyr é citado como pertencendo aos quadros de confiança do governador de Goiás Leonino Di Ramos Caiado. A função registrada teria sido assumida em 1974, cuja titularidade era: “subchefe do Gabinete Civil do Governo do Estado de Goiano” (ALMEIDA, 2015, p. 94).

O outro registro é situado na ocasião de uma convenção das ADs goiana realizada em março de 1973 na cidade de Anápolis. A citação dizia respeito a homologação do apoio das ADs goianas à candidatura de Joanyr ao legislativo goiano provavelmente para a legislatura entre 1975 -1979. Almeida faz questão de pontuar o *status* de Joanyr e a posição das ADs goianas como precursora de uma inclinação para o espaço político da seguinte forma:

Nessa mesma convenção, a pedido do pastor Manoel da Penha Ribeiro, foi confirmada unanimemente a decisão a decisão da reunião ministerial realizada em Itaguara em apoiar a candidatura do Evangelista Joanyr de Oliveira para deputado estadual. Uma resolução na verdade de grande importância do ponto de vista político e histórico para as Assembleias de Deus, pois somente 13 anos depois é que a denominação no Brasil apoiaria institucionalmente candidatos para cargos legislativos em nível Federal e Estadual. Joanyr não conseguiu se eleger, ficou na suplência, contudo, o passo histórico foi dado (ALMEIDA, 2015, p. 96).

Entretanto, encontramos outras referências as atividades políticas de Joanyr em outros exemplares do periódico Mensageiro da Paz. Um deles, traz uma curiosa informação. Tratou-se de um episódio envolvendo as ameaças de um cabo da polícia

militar à membros das ADs na cidade de Ituverlândia em Goiás. O registro informa que Joanyr mobilizou sua influência política contactando o deputado e futuro governador de Goiás Ary Valadão.

Há outra informação importante, Joanyr é identificado como suplente no legislativo goiano e assessor do governo. Portanto, situando suas atividades políticas sob o período da legislatura anterior, ou seja, entre 1971-1975. Essa conclusão só é possível pela observação da data do periódico, início de 1974. Vejamos o relato:

Procurado pelo presbítero Antônio Elias, o prof. Joanyr de Oliveira, Evangelista da Igreja, dirigiu-se às autoridades competentes e conseguiu imediata abertura de inquérito e o compromisso de afastamento do cabo atabiliário. Nosso irmão que é 2º suplente de Deputado Estadual (e novamente deverá ser candidato em novembro de 1974) foi ajudado nessas providências pelo Deputado Federal Ary Valadão (MENSAGEIRO DA PAZ, 1974, p. 16).

O pastor poeta também participou das disputas eleitorais para a constituinte em 1986 pela coligação PJ/PDT por Brasília, tendo sido, conforme Araújo (2015, p. 527): “o mais votado da coligação PJ/PDT, contudo não se elegeu por problemas de legenda”. A capitalização simbólica de Joanyr se multiplica no periódico. Por exemplo, ele é apresentado como: “profissional reconhecido até bem além da área pentecostal e evangélica”, destacando que seria: “verbete na Grande Enciclopédia Delta Larousse” (MP, 1974, p.1). De todo modo, o projeto político de Joanyr parece ter sido malgrado, contudo, seus esforços em termos de capitalização política para as ADs, obteve êxito com outro ator social ligado às ADs no Estado de Goiás.

Seria nesse contexto que o protagonismo na esfera política é ocupado pelo pastor goiano Antônio de Jesus Dias, eleito suplente a deputado ainda no final da década de 1970, sendo: “empossado em 2 de outubro de 1980, na vaga aberta com a renúncia de Wander Arantes de Paiva, nomeado para o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios” (CAMPOS; DUARTE, 2011, p. 177). Na mesma década, com a convocação das eleições para 1987, Antônio de Jesus é eleito deputado constituinte. O caminho para outras “arenas” fora aberto pela AD.

Mas, não nos enganemos, Antônio de Jesus também é figura expressiva na AD, e se articula reconhecendo as mesmas regras que seus colegas Joanyr e Andrade. Em entrevista ao programa Memórias do Legislativo da TV Alego, é dito que Antônio de Jesus Dias se formou no curso de psicologia da antiga UCG em 1979 se tornando o primeiro psicólogo da assembleia de Deus goiana. Sua inserção na política

se dera exatamente nesse ano¹¹. Antônio destaca que construiu suas bases políticas atuando no movimento sindical e sobretudo, durante o governo Ary Valadão ao assumir a direção da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM). Ao explorar o perfil de Antônio de Jesus destacou Paul Freston (1993):

Embora seja, como diz, “negro, de família sem tradição política”, tornou-se líder sindical dos taxistas em Goiânia e suplente de deputado estadual. Foi nomeado para cargos públicos antes de assumir o mandato de 1980 a 1982. No último ano, porém, foi derrotado nas urnas. Foi a oficialização como candidato à Constituinte pela AD em 1986 que deu fôlego à carreira. Para lograr a nomeação, a experiência política e penetração entre os taxistas complementaram outras qualidades mais eclesiais. Era evangelista com a juventude em Goiânia, várias vezes secretário da Convenção Estadual, e trabalhava com programas radiofônicos evangélicos. Ele e o filho eram cantores sacros, sendo este muito conhecido. Após a derrota em 1982, dedicou-se ao pastado em Porangatu, criando base municipal. Com vistas à nova candidatura, ingressou no PMDB a convite do governador Iris Rezende. Além de frisar questões simbólicas (foi autor da proposta de ter uma Bíblia na Mesa da Constituinte) (FREESTON, 1993, p. 199).

Antônio Jesus Dias deixou muitos vestígios de suas atividades, tendo em vista sua atuação em várias frentes, inclusive, como radialista. Infelizmente, o constituinte faleceu durante o período em que nossa pesquisa estava sendo desenvolvida. Por outro lado, enquanto se tem muitos vestígios de Antônio de Jesus e de Joanyr, o mesmo não pode ser dito de outros sujeitos da AD.

Um deles é João Pereira de Andrade e Silva. Contudo, em trabalho recente, uma nota sobre o mesmo dá conta de que seus caminhos tomaram os mesmos rumos de seu colega Joanyr. João Pereira de Andrade desde a década de 1950 transitava na esfera da política partidária militando entre as fileiras do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e atuando como diretor de um periódico do partido intitulado “Trabalhismo em Marcha¹², na cidade mineira de Itajubá onde também se elegeu vereador em 1951 (FONSECA, 2017, p. 47).

Dessa forma, levantamos uma suspeita: de que por trás do projeto desses intelectuais das ADs, tendo como objetivo explícito a construção de práticas culturais entre os fiéis, se escondeu uma estratégia de capitalização política por parte de vários atores; Joanyr de Oliveira e João Pereira de Andrade, bem como, do próprio diretor da CPAD, Altomires Sotero da Cunha, que além de posição de destaque como

¹¹ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9SowZIXUdnY&t=1567s>. Acesso em: 05/09/2020.

¹² Temos cópia digitalizada do Jornal e anexaremos ao final do trabalho nos apêndices.

empresário e jornalista, também se aventurou na política partidária se sagrando Deputado Federal constituinte pelo Estado do Rio de Janeiro.

Nesse período, sobretudo, durante a década de 1970, Altomires Sotero teria investido em busca de capitais culturais diversos. Conforme os registros da Fundação Getúlio Vargas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Sotero capitalizou as seguintes áreas:

Em 1962 foi ordenado ministro pela Assembleia de Deus e em 1973 fez o curso teológico regular e intensivo. Ainda nesse ano, formou-se em comunicação na Escola Assis Chateaubriand, no Rio de Janeiro, e em 1977, em direito, na Faculdade de Direito de Valença (RJ). Em 1979 fez o curso de atualização em direito do trabalho, na Fundação Padre Ibiapina, em Natal (FGV/CPDOC, n/p)¹³.

Essas informações podem servir de evidência ou um indicativo de que as estruturas construídas pelas ADs, seus bens simbólicos, podem servir à projetos individuais, ou, ao contrário, a instituição pode se beneficiar dos capitais de seus agentes, e talvez, ocorra uma via de mão dupla. Além disso, há de se refletir sobre o que já foi ventilado, que haveria um espaço de tensão no seio do próprio grupo, nas relações de poder engendradas no espaço específico das lutas de bastidores. Isso fora abordado pelo próprio Joanyr em sua autobiografia, revelando as relações de força em torno dos periódicos das ADs quando foi substituído nas funções que exercia frente à revista *A Seara* no ano de 1958. Segundo ele, as causas foram:

A reação dos fanáticos ultraconservadores, tímida a princípio, foi recrudescendo, a “alrunha” de batista (por defender congresso de jovens e educação teológica) e de comunista (pelos que desenterravam sem piedade meu passado e propugnavam sempre por posições antimudancistas) foi ecoando e, por fim, me desestabilizou [...] (OLIVEIRA, 2008, p. 30).

De todo modo, a teoria bourdieuana pode auxiliar a compreensão desses registros, uma vez que o campo religioso, como qualquer outro, seria um campo de forças, onde agentes são motivados pela *illusio* oferecida nesse espaço. Justamente o reconhecimento das regras do jogo, a “adesão ao jogo enquanto tal, na aceitação do pressuposto fundamental que o jogo, [...] vale a pena ser jogado, ser levado a sério [...], o efeito de crença” (BOURDIEU, 1996, p. 365-366).

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/34Kq5wb>. Acesso em: 29/08/2020.

Neste caso, os capitais culturais desses agentes fizeram toda diferença, muito embora, e talvez, nem todas as suas expectativas fossem alcançadas. Além disso, os exemplos mencionados, são um indicativo de que as fronteiras de campos distintos, não seriam tão rígidas assim. Estamos agora naquele lugar onde religião e política se encontram, mesmo a contragosto do discurso laicizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A medida em que avançamos na exploração das fontes, fervilharam outros *insights*, há muito conteúdo e em razão disso, várias relações e ideias foram surgindo. Contudo, temos ciência dos limites dessa investigação. Eles são pessoais e ao mesmo tempo acadêmicos. Os recortes adotados tanto em termos cronológicos quanto a escolha das fontes, serviram também para delimitar o objeto e garantir a conclusão mesmo sabendo do muito que ainda poderia ser feito.

No capítulo primeiro, a proposta foi apresentar razoavelmente a dinâmica do campo religioso brasileiro considerando para tanto, parte das experiências cristãs mais expressivas, ou pelo menos com maior visibilidade. Foi ventilado o fenômeno da fragmentação como um precedente aberto pela reforma protestante. Além disso, foi inserida uma nota sobre a Assembleia de Deus, uma vez que além da expressividade do grupo entre os pentecostais, também foram os produtores das fontes examinadas nesta pesquisa.

Sob o fenômeno da urbanização foi também apresentado o crescimento do pentecostalismo, cuja explosão demográfica pode ser conferida como um fenômeno urbano, cosmopolitano com uma tendência plástica e contínua de reatualização. Ainda sob o segundo capítulo foi apresentada uma discussão sobre o lugar do imaginário, mais ainda, o lugar privilegiado da representação: a cidade. Em relação ao plano urbano, tem-se na esteira de Certeau (1998) a cidade como linguagem, o lugar do poder, da comunicação efetiva, espaço da educação, da circulação dinâmica de bens simbólicos, da transformação e sobretudo, o espaço da fé.

As experiências cristãs estão carregadas de imaginários citadinos e no caso do pentecostalismo as intervenções no plano urbano são perceptíveis e não há um espaço sagrado limitado apenas ao templo.

Em conexão com o primeiro capítulo, desenvolve-se o capítulo, intermediário. Justamente no ponto tangenciado em termos mais teóricos no capítulo inicial, apresenta-se o artefato ou bem simbólico mais apreciado pelo pentecostalismo assembleiano, o impresso. Após uma síntese sobre as origens da imprensa, os contextos de produção desse artefato moderno, passa-se às representações dos protestantes e pentecostais sobre o impresso, seus usos e sua importância. Ato seguinte, a discussão mais historiográfica sobre o estatuto do impresso enquanto fonte e objeto foi deslocando até as representações dos próprios pentecostais sobre o artefato.

O último capítulo foi conduzido articulando método e teoria. A análise de Conteúdo assumida como elemento auxiliar e desconsiderando seu viés positivista, se mostrou muito produtiva. A sintonia ente a metodologia e a orientação teórica em Bourdieu (2012) facilitou a exploração, mesmo admitindo a complexidade e o desgaste do trabalho. Foram operadas algumas seleções recomendadas por Franco (2013), recortando dois campos do periódico para análise; a primeira página e o editorial, além da opção pelo recorte cronológico.

Os índices levantados a partir das classificações dos conteúdos, das categorias construídas provocaram desde logo, idas e vindas entre o material explorado e a teoria, algo que se revelou produtivo pois serviu como uma forma de ancoradouro, impedindo a fragmentação excessiva das categorias.

Muito embora o *corpus* documental constituísse majoritariamente do periódico Mensageiro da Paz, a necessidade de contexto exigiu aquilo que na análise do discurso é denominado de intertextualidade, ou seja, obrigatoriamente visitamos algumas memórias dos historiadores e muitos impressos confessionais da AD, entre outros, a revista A Seara.

Na exploração do corpus documental percebemos algumas representações que sugeriam a existência de projetos de poder e de internalização de diferentes *habitus*, sobretudo, apontando para interesses pessoais de alguns sujeitos ligados às ADs e seu principal bem simbólico, a Casa Publicadora. Tais representações provavelmente extrapolam o recorte original da pesquisa se avolumando na década seguinte.

Nossa hipótese foi sustentada, uma vez que as representações sobre o poder atravessam as páginas dos impressos explorados, apontando para as lutas inerentes ao campo religioso brasileiro, bem como, para os principais agentes em sua corrida

por aquisição de capitais que lhes garantisse melhor posicionamento no jogo. De outro modo, os artefatos impressos apresentam vestígios de projetos pessoais de poder, cujas estratégias numa concepção bourdieusiana, ocultaram essas intenções naquilo que o pensador francês reconheceu como “poder de consagração”.

Àquela tendência de avaliar o campo religioso apenas em termos pragmáticos, explicitado sob os termos “projeto de poder”, *marketing* religioso, e expressões correlatas, parece ignorar o imaginário. Nessa pesquisa, procuramos, portanto, explorar às forças mobilizadas no campo religioso considerando um substrato profundo que identificamos como imaginário religioso. Ou aquilo que na orientação teórica aparece como esquemas de construção de representações e práticas.

Na pesquisa, vários imaginários se apresentam sob o mesmo cenário, imaginários religiosos e políticos surgem imiscuídos, amalgamados ou no mínimo, em uma perspectiva dialógica. Isso pode ser verificado sob as classificações apontadas desde a pré-análise. Consideramos ainda o exercício de contextualização solicitado tanto em termos metodológicos quanto teóricos.

Ao se considerar as representações dos agentes apostos no campo, representações consideradas legítimas e em sintonia com o poder simbólico, verifica-se no *corpus* documental uma leitura específica sobre as desigualdades sociais, a exploração do pobre e outras injustiças. Contudo, diferentemente das leituras de base iluminista, as causas profundas são identificadas sob o imaginário religioso no conflito entre o bem e o mal.

Percebe-se uma convocação para o envolvimento do fiel às causas humanitárias ou sociais, o crente é constrangido a cuidar do outro, dos menos abastados, contudo, o motivo para a ação é a fé em sua coerência praxiológica. Toda orientação advinda de base marxista-leninista ou a ela associada é vista com desconfiança. Isso faria dessa leitura pentecostal, também uma leitura política, ou seja, imaginários políticos e religiosos são associados, seja para afirmação ou negação.

Nas disputas alocadas sob campo religioso brasileiro destaca-se dois tipos de tensão: uma interna entre agentes em concorrência e outra externa identificada sobretudo, sob as categorias: anticatolicismo, antiecumenismo e anticomunismo. Isso mesmo! Essa última, embora esteja relacionada ao espectro político, é associada à Igreja Católica. Essa associação foi possibilitada pelo imaginário religioso, que concebe uma conspiração em andamento, ou seja, por trás de todo projeto de poder identificado sob essas categorias se esconde o perverso plano do anticristo, o próprio

mal. No fundo, identifica-se uma ameaça ao avanço pentecostal, uma luta entre o bem e o mal que se desloca para o espectro político.

Essa luta extrapola o ambiente doméstico, ganha outros lugares, é amplificada sob as relações internacionais, o Israel moderno recebe toda a atenção, o conflito árabe-israelense, as tensões provocadas pela bipolarização ideológica sob a guerra fria, as corridas armamentista e espacial recebem um tratamento orientado pelo imaginário religioso. As relações de força, o poder político ganha dimensões cósmicas.

As representações sobre o poder, ultrapassa o campo religioso e atravessa cada espaço social, incluindo a cultura, os artefatos culturais, ou a tentativa de controle sobre as aquisições culturais do fiel. É a manifestação explícita do poder simbólico. Estão de olho na indústria cultural e na construção de significados sob o circuito cultural.

Além disso, embora a insinuação de que os fatos políticos em si mesmos não causam preocupação entre os agentes religiosos da AD, elegeram um inimigo comum aos militares, o marxismo-leninismo. No final do período do governo militar, com a distensão da censura, a disciplina Assembleiana adquire novo significado, sobretudo com a escolha do general Ernesto Geisel como presidente. Geisel é o servo de Deus capaz de dar respostas as ameaças internas. Toda resistência ao governo é definitivamente repelida.

A aproximação com os militares, insinua uma estratégia: capitalização simbólica. Nesse período parece ser gestado a projeção política dos agentes religiosos da AD, isso pode ser conferido tanto consultando a memória dos historiadores quanto sob o exame das fontes aqui exploradas. Houve uma corrida por capitais e construção e novos *habitus*, uma tentativa de estimular uma consciência política ente os leitores consumidores dos bens simbólicos do grupo.

Embora na pré-análise se note representações de posturas apolíticas entre os leitores, todo o arsenal simbólico é convocado para transformar o quadro. Nesse sentido, interroga-se se a associação entre os espaços político e religioso, nos usos do imaginário não auxiliou a projeção pessoal dos agentes por trás da CPAD ou os grandes sujeitos operadores da máquina convencional.

Os vestígios do poder, se espalham pela mancha gráfica das páginas do MP e de outros impressos do grupo. As festas, as campanhas de evangelização, as marchas, as inaugurações, os batismos, as fachadas dos templos-monumentos, as

cerimônias cívicas, as festas de debutantes, as refeições de grau, os doutores, professores e políticos, tudo evocando a retórica da progressão do grupo e de seus agentes. O jogo é realizado em muitos tabuleiros, por conseguinte, os limites da *illusio* do pentecostalismo não são tão claros. Encerramos por aqui, reconhecendo apenas uma certeza, de que há muito a ser explorado, esperamos que isso seja desdobrado em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus – Origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, história e tipologia – 1911- 2011**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), PUC - São Paulo: 2012.
- ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2007.
- ALMEIDA, Abigail Carlos de. **Assembleias de Deus em Goiás: relatos de um pioneiro no coração do Brasil**. Goiânia: Editora Visão, 2015.
- AMORIM, Rodolfo. **O Senhorio de Cristo e a redenção das artes: um olhar sobre a vida, obra e pensamento de Hans Rookmaaker**. In, RAMOS et al. **Fé Cristã e Cultura contemporânea**. Viçosa: Ultimato, 2009.
- ARAÚJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus: contra os pagãos, parte II**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1904.
- BALDINO, José Maria. **Ensino superior em Goiás em tempos de euforia: da desordem aparente à expansão ocorrida na década de 80**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira), Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 1991, 287f.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. **Evangélicos podem superar Católicos no Brasil em pouco mais de dez anos: pesquisador do IBGE projeta que em 2022 seguidores do Papa serão menos que 50% da população**. Folha de São Paulo, São Paulo, ano 99, n. 33.158, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2BTmsl0>. Acesso em: 12/04/2020.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BLUMHOFER, Edith Waldvogel. **Restoring the Faith: The Assemblies of God, Pentecostalism, and American Culture**. Illinois: University of Illinois Press, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **O Pode Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira; Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Estatística da Instrução**. Primeira parte: Estatística Escolar, v.1. Brasil: Typographia da Estatística, 1916. Disponível em: <https://bit.ly/33la9Os>. Acesso em: 12/09/2020.

BURCKHARDT, Jacob Christoph. **A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BURKE, Peter. Introdução: Jacob Burckhardt e o Renascimento Italiano. In BURCKHARDT, Jacob Christoph. **A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARDOSO, Rodrigo. **Os evangélicos e a ditadura militar**. São Paulo: Isto É. Comportamento, n. 2170, n/p. Disponível em: <https://bit.ly/3kaJqMC>. Acesso em: 17/12/2020.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil**. Lisboa: Expo 98, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **O Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa**. Educação & Linguagem, v. 17, n. 1, p. 76-116, jan.-jun. 2014.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa)**. Lusotopie, nº6, 1999, p. 355-367. Disponível em: <https://bit.ly/32a3EiK>. Acesso em: 11/07/2020.

CAMPOS, Itami F; DUARTE, Arédio Teixeira. **O Legislativo em Goiânia: 2. Ed.** Revista e ampliada, Goiânia: Ed. Assembleia, 2011.

CARTA A DIOGNETO. In: Coleção Patrística. **Padres apologistas**. São Paulo: Paulus, 1995.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, 55-70, set.-dez. 2017.

CARVALHO, G.V.R. O Senhorio de Cristo e a missão da igreja na cultura: a ideia de soberania e sua aplicação. In, RAMOS, Leonardo et al. **Fé Cristã e Cultura Contemporânea**. Viçosa: Ultimato, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. São Paulo: Editora Vozes, 1998.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CORBIN, Alain (org.). **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo**. São Paulo: Editora, WMF Martins Fontes, 2009.

CORRÊA, Olympiades Guimarães. **Brasília e seu Aspecto Intelectual**. Correio Brasiliense, caderno 2, p. 2. 9 de fev. 1965.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Monumentos, política e espaço**. *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Vol. IX, n. 183, 15 de febrero de 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3t8eArU>. Acesso em: 29/01/2021.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 6.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Luiz Carlos Guimarães da. **História da literatura Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2005.

CROCE, Benedetto. **História, pensamento e ação**. Tradução de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“Vinho Novo em Odres Velhos”**: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: USP, 2004, 332f.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Pentecostalismo e movimento ecumênico**: divergências e aproximações. *Estudos de Religião*, v. 25, n. 40, 33-51, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2N4xa3S>. Acesso em: 07/10/2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Cristianismos. Questões e debates metodológicos**. Rio de Janeiro, Kliné, 2011.

DANIEL, Silas (Org.). **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**: Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DEL RÉ, Adriana. **Malandragem perde Bezerra da Silva**. O Estado de São Paulo, Caderno 2, p. D5, 18/01/2005. Disponível em: <https://bit.ly/33jRcvQ>.

DIAS, Agemir de Carvalho. **O movimento ecumênico no Brasil (1954-1994)**: a serviço da igreja e dos movimentos populares. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná Curitiba, 2007. 291 p.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes: São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal**: a primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: Editora Senac, 2003.

FONSECA, André Dioneu. **“Temei a Deus Honrai ao Rei”**: Revista A Seara e os (des) caminhos do debate sobre a relação igreja/política na imprensa assembleiana (1956-1980). 350 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao Impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), 304 P. Unicamp, 1993.

- GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da Globalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. (Org.) Arthur Ituassu. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLENWEGER, Walter. **El Pentecostalismo: historia y doctrinas**. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1976.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- IMPRENSA EVANGÉLICA**. Jornal. Ano XV, n. 39. Rio de Janeiro, 1879.
- JEAN, YVONNE. **O ensino dia a dia/poemas**. In, Correio Brasiliense, n. 746, 9 de out. 1962, p. 9. Disponível em: <https://bit.ly/32j6KAm>. Acesso em: 11/09/2020.
- LIMA, Sonia; MATIAS, Lilian. **A greve dos operários navais de Niterói no contexto do pré-sal**. Brasília: Universidade e Sociedade, Andes, 2016. p. 125-139. Disponível em: <https://bit.ly/2Zhdexi>.
- LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In *PINSKY*, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAPA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL**. Região Centro Oeste/Estado de Goiás. SEMESP, 2015, p. 131-138. Disponível em: <https://bit.ly/3jWuEIN>. Acesso em: 31/07/2020.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTÍN, Maria. **Nos territórios proibidos do Rio, um pastor caminha entre fuzis e narcos**. Rio de Janeiro, El País, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3eh4Pzd>. Acesso em: 18/04/2020.
- MATOS, Alderi Souza de. **A atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil**. *Fides Reformata*, XII, Nº 2 de 2007, p. 43-62. Disponível em: <https://bit.ly/2RgTgPj>.
- MATOS, Alderi Souza de. **Breve História do Protestantismo no Brasil**. Goiânia: VoxFaifae, Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3bp7BTg>. Acesso em: 02/09/2020.
- MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira, 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, 1970-1979.

MOLINERO, Bruno. **Mercado editorial brasileiro diminui pelo quinto ano seguido.** Folha de São Paulo, Ilustrada, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/38JINUz>. Acesso em: 09/07/2020.

NOVAES, R. C. R. **Os escolhidos de Deus:** pentecostais, trabalhadores e cidadania. São Paulo: Editora Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Joanyr de. **Tempo de ceifar.** Brasília: Thesaurus, 2002.

OLIVEIRA, Joanyr de. **Memorial do sobrevivente:** autobiografia e poemas. Brasília: ALB, 2008.

OLIVEIRA, Joanyr de. **Coluna do Diretor.** Rio de Janeiro: Mensageiro da Paz, n. 10, 1977.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PAULA, Oziel Moura de. **Ecumenismo perigosa aventura.** In: MENSAGEIRO DA PAZ, n.6, p. 1. CPAD, 1970.

PAPA é argentino, mas Deus é brasileiro, brinca Dilma após encontro. **BBC News.** Brasil, mar. 2013. Disponível em: <https://bbc.in/323DxJV>. Acesso em: 14/04/2020.

Pontes, José Alfredo Vidigal. **Julio de Mesquita Filho.** Coleção educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2EUfJPt>. Acesso em: 02/09/2020.

QUEIROZ, Christina. **Fé pública:** pesquisadores locais e estrangeiros buscam compreender crescimento evangélico no Brasil, o maior do mundo. Revista Pesquisa FAPESP, ano 20, n. 286, dezembro de 2019, p. 12-19.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Aste, 1993.

RÉMOND, René. **O século XIX:** 1815-1914. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

ROOKMAAKER, H.R. **A arte não precisa de justificativa.** Viçosa: Ultimato, 2010.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça:** esperanças e frustrações no Brasil Neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SCHAEFFER, Francis A. **A igreja no século 21.** Trad. Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

SEARA, A. **Revista.** Rio de Janeiro: CPAD, 1957-1975.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA NETO, Fábio de. **“O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”:** Igreja, política e globalização. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB Vol. 10 n. 1, 2020 (a). Disponível em: <https://bit.ly/323tMvC>. Acesso em: 11/07/2020.

SOUSA NETO, Fábio de. **Por uma crítica cristã do poder: os evangélicos, o Estado e a pandemia.** Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEMB Vol. 10 n. 2, 2020 (b). Disponível em: <https://bit.ly/3hslG43>. Acesso em: 23/07/2020.

SOUSA NETO, Fábio de. **A Igreja Evangélica Assembleia de Deus: pode ser de Deus, mas, também é anapolina, goiana e brasileira.** Anápolis: Jornal Visão Anápolis, 2020 (c).

SOUSA NETO, Fábio de. “O Senhor vos tem dado a cidade”: demonstração da fé nos espaços públicos pela Assembleia de Deus. *In*: FERREIRA, Reginaldo Cruz (Org.). **Pentecostalismo e Sociedade: das origens aos movimentos, da sociedade religiosa mercantilista ao retorno à Palavra.** Goiânia: Editora Cruz, 2019. p. 11-52.

SKIDMORE, Thomas. **Uma história do Brasil.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SCHWARCZ, L. K. M. **Peter Burke. A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luis XIV.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, 254 pp. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 257-261, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3osyc6C>. Acesso em: 27/01/2021.

STOCKMAN, Steve. **Walk on: a jornada espiritual do U2.** São Paulo: W4 Editora, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Prefácio à Primeira página.** Folha de S. Paulo, 1921-1998. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 1999.

THELAMON, Françoise. No princípio: os primórdios da história do cristianismo. *In* CORBIN, Alain (org.). **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo.** São Paulo: Editora, WMF Martins Fontes, 2009.

VASCONCELOS, Alcebíades Pereira. **É o fim à vista?** *In*: Mensageiro da Paz, n. 11, p. 2, Rio de Janeiro: CPAD, 1976.

VIANA, Ludimila. **Orixás polêmicos no Vaca Brava.** Goiânia: Jornal Diário da Manhã, Editorial: Cidades, 18 de novembro de 2003.

VINGREN, Ivar. **O Diário do Pioneiro por Ivar Vingren.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

WATANABE, Tiago H. B. **De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990)** 219 P, dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) São Bernardo do campo: UMESP, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Anexo 1 – Processo de pré-análise: transcrição dos conteúdos no item selecionado no corpus documental: o Editorial.

UNIDADE DE REGISTRO – ITEM: EDITORIAL DO MP (1970-1979)	
Editorial	Transcrição do conteúdo
Nº 2 de 1970	<p>Título: Evangelização.</p> <p>A igreja cristã ainda está na terra, entre os homens, porque está evangelizando. No momento em que ela deixar de evangelizar, estará fora de sua esfera de ação na terra e deixará de existir como igreja. Reconhecemos haver no mundo muitas sociedades ecléticas, isto é, que portem o título de «igreja», que de verdadeiras Igrejas apenas têm o rótulo, porque não estão fazendo nada em favor da evangelização.</p> <p>Aliás, à muitas dessas sociedades, a evangelização nos moldes bíblicos é coisa fora de atualidade, porque acreditam que os tempos para a pregação do Evangelho visando a salvação das almas, é coisa do passado. Agora eles se ocupam apenas da parte social da religião, empregando em suas atividades os meios de que dispõem para salvar os corpos humanos, porque também não mais crêem em Cristo como Salvador. Cremos que a invenção do púlpito foi prejudicial à missão da igreja na terra, porque fez com que o pregador e o crente fiquem na dependência do evangelismo do púlpito. Aos modernistas que não mais creem na necessidade da evangelização, o evangelismo pessoal é um absurdo porque dizem, atenta contra a liberdade e o livre arbítrio do indivíduo, e o evangelismo em massa é um escândalo, porque dizem, é uma exibição ridícula, uma palhaçada espalhafatosa e exibicionista. Isto dizem, em razão de não mais crerem na eficiência nem no poder do evangelho que para eles não mais é a palavra de Deus e sim do homem, pois para eles Jesus Cristo não é Deus e sim meramente foi um homem de boa vontade que quis reformar os costumes de sua época. Porém, o mal que os afetou é contagioso: e nós os cristãos pentecostais devemos estar a postos, vigilantes, para que não nos deixemos influenciar por seu exemplo e sua maneira de descrever, porque em verdade quase nada mais lhes resta de fé e em consequência disto, quase nada mais lhes resta de veracidade e Eficiência nos métodos cristãos neotestamentários, de que se possam utilizar na prática.</p>
Nº 6, de 1970	<p>Título: Jerusalém problema da atualidade.</p> <p>Reconhecemos com base nos fatos, que o problema existente no Oriente Médio não é a presença de Israel, não" é a Península do Sinai que é uma região deserta, nem é o Estreito de Tiran ou a Faixa de Gaza, nada disto, o problema denomina-se Jerusalém. Deus mesmo disse pelo profeta que faria de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos, e é isto o que atualmente acontece: Jerusalém está convertida hoje mais do que nunca antes, em o maior problema da região em que existe, problema que provoca acalorados debates no plenário das assembléias gerais das Nações Unidas, em seu Conselho de Segurança, nas Conferências periódicas das chamadas «Quatro Grandes» ou «Super: Potências» e arregimenta os líderes árabes em Conferências de cúpula que sempre findam em fracasso, porque resultam inúteis, pois Jerusalém permanece de pé, como verdadeira pedra pesada para todos os povos. Biblicamente, o referido problema persistirá, enquanto os homens permanecerem indiferentes ao plano de Deus; isto é, até que eles reconheçam que o Deus «Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens» Dn. 5:21, e, portanto, interfere nos seus destinos.</p>
Nº 14, de 1970	<p>Título: Depois da gran tormenta.</p> <p>Cristão! Dá-te conta, sem demora, de que o mundo agoniza sob a influência pífida do inimigo das almas, Satanás. Apercebe-te das hordas que se levantam, ao teu redor, num desafio eloquente e estarrecedor à tua fé simples e pura. Um manto de inquietação e uma cortina de terror se estendem sobre o mundo, nesta última hora. Guerras que não terminam. Conflitos que não cessam. Racismo que eclode. Insurreições que proliferam. Imoralidades que se erguem, como bandeiras ao mastro. A morte. O crime, a dor, a corrupção, o ateísmo. A tormenta. Os dias são maus [...]. Maus para os religiosos, maus para os livres-pensadores. É o espírito do anticristo que invade espíritos. As aflições dos pobres sob o jugo dos poderosos, a vitimação dos inimigos pelo canhão da cornucópia dos falsos amigos, a trepidante política da diplomacia internacional o rufar dos tambores nas passeatas de protesto, o eco dos</p>

	foguetes no conflito árabe-israelense, que é tudo isto? A Igreja está e estará protegida [...]. Temos um timoneiro infalível (Cristo).
Nº 22, de 1970	<p>Título: Revendo o Passado.</p> <p>«Pastor, que houve em 1970? Pastor, que houve em 1970? », na igreja sob seus cuidados? Como você se portou para com o rebanho de Deus cuja guarda lhe foi por ele confiada? [...] o que dizem de você, pastor, os seus colegas de ministério? Aqueles que lhe são iguais, que tem os mesmos deveres e direitos que você; sim, que estão eles dizendo a seu respeito? Podem eles igualmente seguir-lhe o exemplo, na certeza de estarem na posição correta, conforme a vontade de Deus, e o plano que ele tem a respeito do verdadeiro pastor de almas? Que proveito direto, verdadeiro e permanente, teve a Igreja, como fruto de sua administração pastoral, de seus ensinamentos, de suas pregações durante o ano de 1970 Que proveito teve o Ministério Geral como direto fruto do seu exemplo.</p> <p>E, quanto ao futuro, pastor, que lhe parece? Quais são os seus planos, seus propósitos, suas aspirações?</p> <p>Quem sabe, você não se sente satisfeito na posição que ocupa, almeja ocupar outra e se está esforçando por conseguia-la. Que meios você está empregando para conseguia-la?</p> <p>Está procurando entregar seu caminho ao Senhor [...]? Ou você está forçando à porta daquela outra posição por considerá-la simplesmente melhor, mais vantajosa do que essa que exerce no momento? TENHA CUIDADO, pastor, não force à porta, não se precipite.</p>
Nº 2, de 1971	<p>Título: Verdadeiro Ecumenismo.</p> <p>Porventura o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos somos unicamente um pão, um só corpo: porque participamos todos de um nico pão. I Co. 10:16,17.</p> <p>Foi na tarde do dia 7 de novembro último (de 1970), que vimos o verdadeiro ecumenismo — o bíblico, o cristão, aquele aprovado e promovido por Deus, em ação plena e livremente. Cristãos pentecostais dos ramos Assembleia de Deus, Quadrangular, Santidade, Fé Apostólica, Igreja de Deus, Bíblia Aberta, Metodistas, Congregacionais, Episcopais, Batistas, Presbiterianos, Irmãos Unidos, etc. todos unidos em um acordo, em uma fé.</p> <p>Ali em Dallas não apareceu em absoluto, a palavra ecumenismo! Ao contrário: apareceu o ecumenismo cem por cento em exercício espiritual, cristão e bíblico; porque não foi fruto de maquinações humanas, e sim, foi uma ação direta do Espírito de Deus. Não cremos em divisão causada pelo aparente problema denominacional! Ao contrário, cremos que o denominacionalismo é uma bênção emulativa ao cumprimento da completa doutrina, até que todos cheguemos ao pleno conhecimento do Filho de Deus.</p>
Nº 9, de 1971	<p>Título: A ciência se multiplicará.</p> <p>Vivemos atualmente a era da ciência. A mais de dominar sobre todas as facetas da vida sobre a terra. Acaba a população do orbe, sem alardes e já com reduzida curiosidade, de testemunhar a dois formidáveis avanços da ciência astronáutica em sua pretendida conquista do espaço sideral. (1) – A Rússia colocou sobre a lua um veículo eletrônico sob controle remoto [...]. (2) – Prosseguindo em seu projeto Apolo, os Estados Unidos vêm de enviar mais uma expedição humana ao mesmo astro.</p> <p>Em-ambos os casos, há o sentimento velado de um eventual escape. Se é segurança que os homens procuram ela está no Senhor: “Torre forte é o nome do Senhor, para a qual corre o justo e é achado em alto, retiro”. Se, porém, é a mera especulação científica que buscam os homens de ciência, que os faz alar-se a voos tão altos e tão profundos, que prossigam, até que forçados pelas descobertas feitas, a semelhança de muitos outros, se voltem para aquele: “Em quem estão escondidos todos os tesouros da ciência e da sabedoria” (Cl 2:3).</p>
Nº 15, de 1971	<p>Título: Equidade.</p> <p>Definindo equidade, diz o Dicionário: — “Disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um”.</p> <p>Quão longe, muitas vezes, andam deste significado as nossas ações, mesmo quando nossas palavras alardeiam a nossa equidade!</p>

	<p>Entendemos, por isto, que o Senhor quer que haja perfeita harmonia entre as nossas palavras e as nossas ações. Devemos ser coerentes de tal modo em nossa maneira de falar e de agir, que desses dois atos nossos <u>possa resultar em sermos considerados cristãos por aqueles que nos conheceram ou conosco privarem.</u></p> <p>Emerson disse: “O que tú és fala tão alto que eu não posso ouvir o que dizes”. Se é que entendemos este pensamento do sábio e podemos interpreta-lo, ele quis dizer que alguém falava muito bem sobre algo que não praticava, de modo que para ele que o conhecia, as suas palavras eram quimeras que nada significavam.</p> <p>De fato, não é difícil em nossos dias, quando a franqueza de caráter se tornou como que o apanágio dos homens em sua maioria, encontrar-se aqueles cujas palavras são precisamente o contrário aos seus feitos.</p> <p>Irmão, não adianta viver frivolamente neste mundo! Muito melhor é ser prudente, e viver de um modo todo acorde com o plano de Deus a nosso respeito, constante do Novo Testamento; porque assim procedendo, os nossos atos autenticarão as nossas palavras, e poderemos assim “resplandecer como astros neste mundo’.</p>
<p>Nº 21, de 1971</p>	<p>Título: Avança a ciência.</p> <p>Estamos atualmente diante de um avanço da ciência, como nunca antes. Nestes últimos 15 anos, a ciência espacial se projetou adiante dos progressos humanos, levando o homem a culminâncias jamais previstas pela inteligência nem pela lógica humana. Porque, embora houvessem sonhadores que podiam vislumbrar coisas espetaculares, jamais houve em realidade qualquer tentativa anterior que pusesse o homem no caminho do cosmo desconhecido. No entanto, do <i>sputnik</i> passamos as viagens orbitais, destas as de circunavegação da lua e desta pusemos o pé no referido satélite da terra e, por fim, acabamos de percorrer de carro, parte do próprio solo lunar, como se aqui na terra estivéssemos em veículo especialmente feito para este fim. Agora, já se fala em uma estação exploratória científica, permanente, naquele satélite, onde cientistas possam ficar meses seguidos em estudos e trabalhos, à semelhança do que fazemos na região polar antártica. [...]</p> <p>[...]. Deus criou o homem “a Sua imagem, conforme a Sua semelhança”, e lhe deu o domínio do universo que criara: todas as coisas entregou-lhe nas mãos, para que ele as governasse livremente.</p> <p>[...]. Conquistas mais conquistas ele consegue no terreno científico, enquanto se enterra cada dia mais, no pântano pestilencial dos vícios, da imoralidade e da corrupção espiritual. Mesmo assim, blasona suas conquistas, suas vitórias, suas glórias, quando, infelizmente, é um vil conquistado, derrotado, que vive preso às garras aduncas do próprio inimigo que necessita derrotar. Sim, o homem necessita soerguer-se varonilmente e romper com o inimigo que o traz cativo, e pela fé em Cristo algar-se as conquistas espirituais que darão melhor e maior sentido as suas conquistas científicas, materiais. Sobrepondo-se ao domínio maligno pela fé em Cristo, o homem poderá obter a maior de todas as vitórias, que não é a conquista do orbe através da ciência e sim a conquista do céu é de toda a sua gloria pela fé em Cristo.</p>
<p>Nº 2, de 1972</p>	<p>Título: Passatempos Supersticiosos.</p> <p>“De que fazeis o vosso passatempo? ... porventura não sois filhos da transgressão, semente da falsidade, que vos abraçais com os ídolos... nas aberturas dos penhascos?”</p> <p>Is. 57:45</p> <p>O texto de Isaías que nos serve de introdução, como se nos demonstra haver o profeta, que viveu há milênios passados, estar à parte, no bairro carioca de Vista Alegre, a observar em outubro de 1971, a multidão estática diante das fendas de um penhasco, consequentes de explosão de dinamite, que ali estampou a grotesca aparência de um rosto humano! ... E, contemplando aquela cena pagã, o profeta verberou os pagãos contemplativos de modo direto e peremptório, interrogando-os: “De que fazeis o vosso passatempo? ”</p> <p>De fato, nada mais é do que um ligeiro passatempo! Porque, hoje, e aqui na Guanabara, é uma pedra rústica que por efeito de uma explosão de dinamite, ficou com aquela pálida aparência configurativa de um rosto humano, a que os supersticiosos acharam parecido com as não menos infamantes pinturas que campeiam por aí, ditas de Cristo.</p>

	<p>Espalhado o boato supersticioso não demorou nada e verdadeiro passatempo supersticioso se evidenciou ao pé do penhasco de Vista Alegre, a que afluiu verdadeira massa humana...</p> <p>E, por que afirmamos tratar-se apenas de um passatempo supersticioso? Precisamente porque os supersticiosos sempre andam a procura de tais passatempos. Haja vista aqueles que são comuns ao povo: brasileiro e doutras nacionalidades: Ali é uma é “senhora aparecida”, acolá é “a virgem que aparece e desaparece” além de um “santo que está transpirando sangue” e coisas... que são tomadas por algum tempo e por todos os supostos “religiosos”, por verdadeiros passatempos, de que se ocupam na ociosidade espiritual em que vivem, vazios das realidades espirituais.</p> <p>É lamentável a ignorância espiritual de que vive possuída a maioria dos brasileiros que, ao invés de se ocupar em conhecer o, plano de Deus para com a humanidade através da Bíblia Sagrada, o livro de Deus, [...] se entregam a superstições de toda sorte, que: tomam apenas como verdadeiros passatempos em que ocupam suas vidas vazias de Deus. Consultado sobre a superstição de Vista Alegre, o sr. D. Ivo Lorscheiter, secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (da confissão católica romana), afirmou: “Nós cremos no Cristo verdadeiro, que pregamos, e não num Cristo de parede”. Com esta afirmativa enfática e consciente, o referido prelado desautoriza a esses passatempos supersticiosos que, milhares praticam sob a capa de “catolicismo romano”.</p> <p>Mas, perguntamos, um pronunciamento assim, por si mesmo, resolve o problema da superstição? Nossa experiência nos diz que precisamente o contrário é que acontece: ao invés de resolver, fomenta-o ainda mais, pois, em lugar de se convencerem da verdade afirmada no referido pronunciamento, os supersticiosos se apegam ainda mais às suas superstições, atribuindo “protestantismo” aos prelados católicos que se declaram contrários a elas...</p> <p>Neste caso, que fazer para coibir o absurdo e libertar o nosso povo das garras da vergonhosa superstição? O único meio que conhecemos eficiente é pôr a Bíblia nas mãos do povo!</p>
<p>Nº 8, de 1972</p>	<p>Título: O verdadeiro pastor. Ser um pastor de almas é desfrutar de um privilégio inigualável, porque é superior a todos os demais desfrutados pelos homens nesta vida. [...]. Por que assim falamos? Por infelizmente sabermos haver aqueles que apenas são pastores em sentido geral. Porém não o são no sentido verdadeiro, no sentido lato do termo. Somos verdadeiros pastores ou apenas ocupamos os lugares daqueles que o são?</p>
<p>Nº 15, de 1972</p>	<p>Título: A Falácia das aparências. Infelizmente, sempre houve, há e haverá, em meio ao povo de Deus, aqueles que usam aparentar ante os homens, aquilo que não é real, que não é verdadeiro, aquilo que é apenas aparente. Tais pessoas estão diretamente vinculadas àqueles de quem se ocupou Paulo, ao escrever a Timóteo a seguinte verdade: Os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados”. 2 Tm 3:13. Porque eles pensam que ao aparentarem ser aquilo que não são, em verdade estão enganando os outros, quando o fato é que são eles pessoalmente os verdadeiros enganados!</p> <p>Mesmo estando a Bíblia repleta de casos semelhantes que evidenciam a falácia das aparências, mesmo assim, ainda na atualidade há os que vivem coma Bíblia em mãos, e se prestam a evidenciar em suas atitudes a prática das aparências, com a mesma finalidade daqueles doutrora. Alguns há que aparentam espiritualidade, fervor, fidelidade cristã e coisas semelhantes, tentando com isto enganar os homens e de fato o conseguem, pois há muitos simplórios a quem “tudo que brilha é ouro”...</p> <p>Mas, aqueles que não se enganam pelas aparências, e mui especialmente a Deus, eles não poderão jamais enganar, muito ao contrário, eles são os exclusivos enganados, os que se enganam a si mesmos! E, enquanto vivermos neste mundo, de certo modo as aparências se provam, às vezes, aos olhos dos homens, de maior valor do que a pura realidade dos fatos; mas, quando chegarmos ao outro lado da existência, será tudo diferente...</p>
<p>Nº 22, de 1972</p>	<p>Título: Vivendo-o, ele crescerá! QUALQUER PESSOA que planta um grão de feijão, arroz, milho ou qualquer outra semente, estão claro que deseja ver brotar e crescer o que plantou. Parece que todos</p>

	<p>os cristãos concordam no fato de que Deus espera que o cristianismo que Jesus proclamou, isto é, a semente de Boas Novas que foi lançada nos corações, produza, multiplicadamente, Boas Novas, paz, alegria: e salvação. Mas será que isso estão acontecendo? Será que todos quantos se confessam cristãos estão contribuindo para que o Cristianismo cresça e dê frutos iguais à semente que Deus plantou?</p> <p>Quando falamos em Cristianismo não nos referimos ao que anda por aí com esse nome; não nos referimos a programas que igrejas entidades que se organizam, sem levarem em consideração que Evangelho e Cristianismo devem crescer sem moletas, sem a intromissão de quem não está capacitado nem autorizado.</p> <p>Se o Cristianismo para crescer dependesse de programas, não há dúvida que não haveria ninguém fora do rebanho de Cristo. Há muita gente por aí que em nome do Cristianismo organiza programas contra a guerra, querendo alcançar a paz; não falta quem fale em fraternidade para substituir o ódio; muitos reclamam a retidão em lugar da corrupção; ninguém se contenta com a pobreza, todos querem fartura; quem é que não prefere a saúde em lugar da doença? A cultura é sempre mencionada para exterminar a ignorância, enfim, programas em nome do Cristianismo não faltam.</p> <p>Se o nosso propósito é redimir o mundo através do Cristianismo, lembremo-nos que antes de tudo o Cristianismo deve crescer, prosperar, e além de tudo deve ser posto a serviço desse mundo que perece. Programas não salvaram o mundo, nem o salvarão. Quando falamos em Cristianismo não podemos isolar a Pessoa de Cristo, o poder de Cristo, a orientação de Cristo. Certo dia o missionário Stanley Jones soube que Mahatma Gandhi se hospedara no mesmo edifício do colégio em que o missionário fazia conferências. Stanley Jones, sem perda de tempo, foi entrevistar Gandhi acerca do Cristianismo: O missionário perguntou ao grande líder hindu, qual seria o seu conselho para que o Cristianismo contribuísse para o progresso da Índia. Gandhi, apanhado de surpresa, respondeu rapidamente e com tal precisão que dir-se-ia estivesse ele, naquele momento, meditando no assunto. Eis a resposta:</p> <p>— “Antes De tudo, eu sugiro que vós os cristãos, missionários e todos mais comeceis a viver como Cristo viveu”. A resposta sábia de Gandhi deixou desconcertado e atônito Stanley Jones, o qual esperava do líder hindu a apresentação de um programa para prosperar o Cristianismo. Vivendo o Cristianismo, vivendo os ensinamentos do Evangelho, vivendo a revelação que vem pela graça, o Cristianismo crescerá, Cristo será visto em sua plenitude, e os homens serão por Ele salvos do pecado. Vivendo-o, Ele crescerá!”</p>
Nº 1, de 1973	<p>Título: Ano novo.</p> <p>Todos nós almejamos um Ano Novo de bênçãos e felicidades. Como poderemos desfrutar coisas excelentes no Ano. Novo? Será o ano iniciado melhor do que o ano findo? Um ano sucede a outro. Para terdes um feliz Ano Novo é necessário nascer de novo, isto é; nascer da água e do Espírito. Tereis de nascer da Palavra de Deus e do Espírito Santo.</p> <p>Disse Jesus ao sábio Nicodemos: “Necessário vos é nascer de novo”. Nascer para uma vida nova de gozo e paz. Senão deixardes a vossa vida velha, vossos erros e pecados, o ano novo será cheio de tristeza e dor. Queridos e prezados leitores do MENSAGEIRO DA PAZ, começai o Ano Novo com Cristo em vossos corações, pois somente assim, renovados, e também impulsionados pelo Espírito Santo, tereis um ano novo cheio de alegrias celestiais.</p>
Nº 8, de 1973	<p>Título: Em que consiste a vitória?</p> <p>Alguns há que se preocupam tão somente com os problemas de ordem econômica; sua visão é tão limitada, que não vai além da bolsa ou do cofre. Não têm visão da riqueza moral nem dos tesouros espirituais. Mais importante que a luta pelo ouro e pela prata; considerável que as disputas pelas finanças, é, sem dúvida, o conflito que se estabeleceu entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, entre a verdade e a mentira. [...] a vitória não é dos valentes, isto é, não pertence aqueles que confiam na força do seu próprio braço, ou na ação de suas próprias armas. Aquele que desejar impor-se pela violência, pela astúcia ou pela corrupção, não será um vencedor. É melhor empregar nosso dinheiro de modo mais útil e mais honesto. [...]: “é mais prudente ouvir a voz do Senhor, e atender o clamor dos pobres”.</p>
Nº 15, de 1973	<p>Título: Sucessão presidencial: - O General Ernesto Geisel, escolhido para substituir o Presidente Médici, é Evangélico, de confissão Luterana</p> <p>Sem o propósito de analisar com maior profundidade, a personalidade marcante do ilustre General Ernesto Geisel, podemos afirmar que a escolha desse insigne homem</p>

	<p>público para substituir o Presidente Garrastazu Médici, sob muitos aspectos, não podia ser mais feliz. Desde já, o General Geisel pode contar com orações fervorosas dos crentes sinceros, e entre eles, como parcela relevante, estão os membros das "Assembléias de Deus". Pois, para estes, o fato de ser evangélico o sucessor do General Médici, se reveste de significado especial. Há alguns anos passados, mesmo antes de eclodir o movimento revolucionário de 1964, o Senhor Jesus Cristo revelou, pelos dons que deu à sua Igreja, que: "Este País ainda será governado por um servo meu". [...] quem sabe é seu cumprimento, com a escolha do General Ernesto Geisel? Não menosprezamos outros candidatos ou presidentes, que não foram ou não são evangélicos, pois sempre os honramos e os acompanhamos com as orações, certos que "não há potestades (governo) que não venha de Deus"; "e os que resistem, trarão sobre si mesmo a condenação". Sabemos que Deus intervém, determinando governos e destinos dos povos, e o faz como supremo condutor dos homens. É um momento especial para a vida da nação brasileira, por isso registramos o fato com euforia especial. Não nos preocupa o fato político em si, nem consequências dele decorrentes. O que nos preocupa, sobretudo, é o sentido da direção de Deus na vida dos povos, e no caso particular, do povo brasileiro. Como a Palavra de Deus define os governantes como "meus servos", estamos certos que a expressão no caso, vem a calhar com mais propriedade, na pessoa do futuro presidente da República.</p>
<p>Nº 22, de 1973</p>	<p>Título: Cuidado com os falsos mestres. Ao me reportar a respeito de um tão sério acolá; quero me antecipar dizendo que meu desejo é preservar a obra de Deus, advertindo ou procurando avisar aos que estão desacordados, sobre tão grande, perigo, uma vez que precisamos estar sobreavisados. Não estou trazendo uma nova doutrina, pois é sobejadamente conhecida dos irmãos esse capital e indispensável assunto. [...] Verificamos que eles (falsos mestres) não: estão lá fora em; relação à igreja, estão ensinando até com destaque nos lugares de líderes. É que eles, às vezes, aparecem em nosso meio com capa de evangélicos, reformadores que surgem com o aparato de algo muito bonito, atraente, entretanto estão aí introduzindo ou procurando introduzir as suas dissoluções. Há em nossos dias homens com à liderança religiosa, entretanto eles têm profanado os caminhos do Senhor. [...]. Existem "muitas coisas que se apresentam como "encantos". Modificam a doutrina do batismo, que devia ser feito em nome da trindade. Blasfemam contra a doutrina do Espírito Santo, se falam línguas estranhas. [...] infama e desvirtua o caminho da verdade com facções, negociando os irmãos, vendendo até igrejas e congregações, num verdadeiro comércio, desprezando o Governo que Deus tem conferido à igreja.</p>
<p>Nº 2, de 1974</p>	<p>Título: Mensageiro da Paz – o evangelista silencioso. [...] com o crescimento da obra pentecostal, cresceu também a necessidade de um periódico que os ajudasse, suprisse e até os defendesse em algumas circunstâncias. Havia necessidade de que a palavra e a doutrina pentecostal fossem escritas e difundidas entre aqueles, onde a voz dos pregadores não pudesse chegar. As oficinas tinham, de ser próprias, caso contrário, não poderiam manter o jornal. As perseguições e os obstáculos que se antepunham à vida de qualquer órgão de publicidade que não se submetesse a batuta do clero (romano), não ofereciam condições para que pudesse prosseguir a caminhada, circulando normalmente. O clero perseguidor, prepotente, intolerante e pedante, era o mesmo que, agora, apresenta-se com salamaleques, procurando atrair igrejas evangélicas e certos líderes vaidosos, para o conluio ecumenista. Ecumenismo; sim, desde que o papa ou a igreja romana fique com a parte do leão... (que Deus guarde as "Assembleias de Deus", no Brasil). [...]</p>
<p>Nº 5, de 1974</p>	<p>Título: Mensageiro da Paz? - Joga, Fora. Os dois meninos desciam a rua, com destino ao centro da cidade, quando foram abordados por uma senhora idosa, de aspecto simples, mas respeitável, que lhes entregou dois Jornais, dizendo que os levassem aos pais para que lessem. Que seria uma bênção. Já próximo a uma padaria, no centro da cidade, os meninos encontraram o vigário da paróquia. Um padre velho e fumante inveterado. Além do vício do charuto, o sacerdote era intolerante e perseguidor dos evangélicos, principalmente dos pentecostais. Julgava, talvez, que o Brasil tivesse que retroagir à condição de Estado Católico – do tempo do Império – quando, só podia admitir em suas esferas, elementos</p>

	<p>católicos, pois essa era a condição indispensável para que o cidadão pudesse bacharelar-se nas escolas superiores, lecionar, exercer funções públicas, ou concorrer cargos eletivos. Mas o Brasil - República, o Brasil de povo esclarecido, não admite nem aceita estes pruridos. [...]</p> <p>Mas no caso das duas crianças, aquele padre fez prevalecer a sua “autoridade”, perguntando: Que jornal é esse? – Não lemos, responderam os dois garotos. Endireitando o charuto no canto da boca, o padre olhou a primeira página, e disse aos rapazinhos: – Mensageiro da Paz? Joga fora isso!</p>
<p>Nº 8, de 1974</p>	<p>Título: Mensageiro da Paz: leva a mensagem à zona rural.</p> <p>Temos falado sobre o "Mensageiro dá Paz", revelando alguns dos muitos resultados alcançados pela sua mensagem. Na sua humildade de órgão evangelístico, ele penetra às camadas populares, levando mensagem de salvação aos necessitados, nos lugares maus distantes, inclusive aos sítios e fazendas.</p> <p>Não importa o indiferentismo pedante de certos intelectuais da <i>high-life</i>, pois a despeito disso, ou talvez, por isso mesmo, Deus o tem utilizado para a salvação de muitas almas, que ao aceitarem a mensagem inserta em suas páginas, tornam-se libertas do ergástulo da ignorância espiritual.</p> <p>“O “estranho”, humildemente tirou o chapéu da cabeça e colocando-o sobre o peito, respondeu delicado: - Eu vim, até aqui para trazer uns jornais para o senhor...o seu esposo. Teve início à diálogo seguinte:</p> <p>– Um “jornal para meu esposo? Mas ele não sabe ler.</p> <p>– Não faz mal – Respondeu o homem, a senhora pode ler para ele. Este jornal é uma bênção!</p> <p>– Uma bênção, por que? Retrucou a mulher um tanto espantada.</p> <p>– Bem, a senhora saberá, quando tiver a oportunidade de ler.</p> <p>Ele e a esposa se tornaram crentes. Moço ainda, aprendeu a ler e dedicou-se ao estudo da Palavra. Passaram--se os anos, e em 1973, quando participamos de uma Escola Bíblica e falávamos; dos periódicos da CPAD, aquele ex-sitante levantou a mão disse: eu fui salvo pela leitura de uma Mensagem contida no “Mensageiro da Paz”, que foi deixado em minha residência. Hoje, pela graça de Deus, sou Pastor.</p>
<p>Nº 11, de 1974</p>	<p>Título: Obras, caminho que Deus preparou.</p> <p>Estou francamente admirado como tantos homens estão hoje se encaminhando sem ter essa experiência, procurando nos concílios a arregimentação para uma força que não há, pois é certo que, trabalhar para Deus, fazer as suas obras, não depende de aprendermos nos colégios, nas faculdades, mas, sim vivermos uma vida íntima aos pés de Jesus. Disse certa vez um pregador, nós aprendemos mais durante 6 horas junto com Deus em um quarto, com Sua Palavra; orando, do que em 6 anos numa faculdade. Isto é maravilhoso! E faz-me lembrar quando Pedro e João falavam perante o Sinédrio, em que todos admiravam a ousadia, e, informados; que eram indoutos, se maravilhavam. E é isto que os homens precisam ver, para verem as maravilhas, através do poder de Deus na vida de cada um de nós. Não quero que ninguém entenda que estou contra o estudo, seria desconhecer a necessidade de estarmos neste mundo. Estudar é muito bom, tenho procurado estudar também, para conhecer melhor as coisas deste imundo e saber entender a linguagem desta vida; onde vivemos. Entretanto para fazermos a obra de Deus, temos uma outra escola, o colégio do amor, cadeira da humildade, horário da paciência e perseverança, ministrado pelo professor Espírito Santo.</p>
<p>Nº 2, de 1975</p>	<p>Título: Cuidado com a farinha seca!</p> <p>No Levítico, entre muitas coisas, encontramos logo no início do segundo capítulo, a “oferta de manjar”. Porém, esta tinha como elemento constitutivo principal, a flor de farinha, [...]</p> <p>No entanto, não é propriamente da oferta de manjar, nem da forma como era apresentada que queremos falar. Mas do azeite que era adicionado a flor de farinha, a fim de que a oferta fosse completa.</p> <p>O azeite é símbolo do Espírito Santo. [...] a flor de farinha é também um tipo da Palavra de Deus, na sua poliforme aplicação a favor dos homens e para a vida dos crentes, em particular. Todavia, para que ela seja completa terá que ser molhada com o azeite glorioso, que é tipo do Espírito Santo.</p>

	<p>Hoje há muita gente, e "de boa fama", ministrando "Flor de farinha", isto é, a Palavra de Deus, porém sem estar composta, ou molhada com o azeite. Não negamos que seja farinha pura, de trigo verdadeiro, no entanto, falte-lhe o óleo [...] é farinha seca. Escreve bem. Apresentam os "assuntos" de "lições" tecnicamente distribuídos e bem ilustrados, obedecendo a requisitos da moderna pedagogia. É "Flor de Farinha", mas falta o "Azeite". E falta o Azeite" porque a visão predominante, o sentimento que impulsiona é o comercial. É vender bastante, faturar mais e mais...</p> <p>Além disso, há que se observar em muitos casos, a falta de conteúdo doutrinário e de substancia espiritual, porque os "assuntos" são apresentados sempre dentro de uma forma técnica, <i>sem preocupação maior, qual seja, a de plasmar caracteres cristãos</i>, de elevação do nível espiritual do povo de Deus.</p> <p>Isso é perigoso, porque cria, como: já tem criado, crentes "protestantes" convictos, mas não salvos, que vivam a vida de verdadeira comunhão com Deus. Que o Senhor guarde seu povo (e particularmente os membros das "Assembléias de Deus").</p> <p>Nenhum trabalho na Obra de Deus deve ser feito sem oração, para que o "incenso seja pasto sobre a farinha", E a oração não pode ser essa oração formal, fria, estudada e rebuscada. Essa oração bonitinha, feita com a mão ou dedos na testa, mas aquela com invocação, adoração, com lágrimas, temor e tremor. E muitas vezes com renovação do Espírito.</p> <p>Nossas lições Bíblicas" editadas pela CPAD, e comentadas por eminentes doutrinadores, Doutores constituídos por Deus, ainda não apresentam sob o aspecto técnico-didático-- pedagógico – o nível que desejamos atingir, mas o atingiremos, Deus perante.</p> <p>Contudo, nossas "lições bíblicas" tem "azeite", e de suas páginas trescalam sempre o perfume do incenso maravilhoso! E Como prova da aceitação das "Lições Bíblicas" temos os pronunciamentos e elogios de grandes homens de Deus, inclusive de outras denominações.</p>
<p>Nº 5, de 1975</p>	<p>Título: Porque a promessa vos diz respeito a vós... a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar..."</p> <p>Estamos certos de que os pentecostais e, particularmente os Ministros e membros das Assembleias de Deus, crêem e recebem o Batismo com o Espírito Santo, sendo por isso mesmo, desnecessário adscrever qualquer coisa a respeito.</p> <p>Há, entretanto, aqueles que, bem-intencionados ou por vaidade, se utilizam de argumentos prosaicos contra o Batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais. Muitos negam-no pura e simplesmente, como se Jesus não fosse "o mesmo, ontem, hoje e eternamente". Pensam que o Senhor Jesus deixou de batizar com o Espírito Santo, "respeitando" seus argumentos e "teologia" baseados em afirmações e concepções humanas. Um dos argumentos desses doutores formalistas e vaidosos (ou incrédulos?), é o de que o Batismo com o Espírito Santo foi para a igreja primitiva, quando os crentes não possuíam o Novo Testamento ou a Bíblia completa"; que hoje não há mais necessidade disso. [...]. Os presunçosos dizem isso, para se tornarem "diferentes". Sabemos que esses ensinadores, por vaidade mórbida ou cegueira espiritual, descem ao inverossímil – chamando de heréticos ou fanáticos, aqueles cristãos sinceros e fervorosos, que buscam e recebem o Batismo com o Espírito Santo. Esses doutores preferem que suas igrejas continuem frias e inanimadas, sem a motivação que o Espírito Santo pode outorgar. Essa ojeriza parece até obra de inspiração maligna. [...]. Damos graças a Deus, porque há exceções honrosas, pois, muitos ministros e igrejas de outras denominações estão "avivadas", buscando e recebendo o Batismo e os dons do Espírito Santo.</p>
<p>Nº 8, de 1975</p>	<p>Título: Falar línguas, sinal do batismo com o Espírito Santo. Com a manifestação do Poder de Deus e o conseqüente despertamento, muitas igrejas pentecostais, e Denominações, outrora infensas ao Movimento Pentecostal, têm experimentado um surto de progresso espiritual que vem causando pasmo aos "conservadores" mais irredutíveis. No entanto, em certos meios ditos pentecostais, e muitos o são, na verdade, pois têm crido na Promessa do batismo com o Espírito Santo, surgem "enganos e até afirmações peremptórias de que "não há necessidade de falar línguas" e que "estas" não constituem evidência ou "prova" do batismo com o Espírito Santo. Portanto, o crente "pode receber o batismo com o Espírito Santo, sem que tenha falado línguas". Porém, esse "ensino" ou afirmação carece de fundamento na Bíblia.</p>

<p>Nº 11, de 1975</p>	<p>Título: Não há um só fato em prova da evolução, mas muitos contra ela.</p> <p>A evolução é uma teoria não sustentada por fatos imparciais. É uma cisma selvagem. A única causa de sua invenção é que ela ministra ao orgulho do homem natural e o auxilia a desfazer-se de concepções que lhe-são desagradáveis ao coração ímpio e rebelde. Seus sentidos são obtusos ao máximo para perceberem coisas espirituais. Assim os milagres são-lhes repugnantes; portanto, ele busca uma explicação materialista da vida. Não há um só fato em prova da evolução, mas muitos fatos "contra ela." (D. Simmons - Tradução de Emílio W.Kerr).</p> <p>Sempre houve aqueles que procuram contestar a existência de Deus e, particularmente, Sua excelsa condição de criador do universo e do homem. Satanás tem procurado utilizar seus instrumentos, que estimulam "teorias" que supostamente prova a existência de tudo, sem a necessária existência d'Aquele que EXISTE, como Supremo SER, RAZÃO PRIMEIRA E ETERNA.</p> <p>Os "instrumentos" citados, obedecendo à "orientação do príncipe das trevas e "pai da mentira", lançam sobre gerações inteiras as sementes do embuste transformado em' fanal de glória, torcendo, muitas vezes, o sentimento das: palavras de cientistas, e até de resultados a que chegaram paladinos da verdadeira ciência. É o caso dos defensores da evolução, ou simplesmente, do evolucionismo, que têm impingido aos menos avisados, e até sinceros, uma teoria que, felizmente, continua ainda como "teoria". E para provar o que estamos afirmando, passamos a palavra a Cientistas e Autoridades no assunto, cujas opiniões abalizadas e incontestáveis, transcrevemos:</p> <p>O evolucionista Rutherford Platt, no seu livro "The River of Life" (O Rio da Vida), diz a respeito da célula viva: "Tão perfeita é a forma unicelular original da vida, e tão potente é para a formação do corpo, para ativação dos nervos e dos músculos, e para procriação, que a célula nunca alterou seu tamanho ou natureza básicos desde o começo da vida até o dia de hoje."</p> <p>Por que não? Por que que a evolução não continuou à melhorá-la, se foi produto da evolução? Foi apenas por acaso que este mecanismo infinitamente complexo era perfeito desde começo? Indaga, irônico, certo autor.</p> <p>Mas, outro autor continua com apalavra: "A teoria da evolução duma célula viva partindo da matéria inanimada é realmente apenas uma versão refinada da antiga teoria da geração espontânea, a qual, passo a passo, foi desacreditada pelos-verdadeiros fatos científicos.</p> <p>A evolução afirma que a primeira partícula de vida na terra surgiu por si só de matéria inanimada. Mas toda matéria na terra se compõe de elementos químicos básicos. Um elemento é uma, substância composta inteiramente de átomos de uma única espécie, então pode ser simplificado nem decomposto por meios químicos comuns.</p> <p>O investigador sincero não pode deixar de ficar supresso em vista desta situação: Os evolucionistas afirmam que "a evolução é um fato", no entanto, "aditem que todas as conclusões importantes são conjecturas" (...)</p> <p>Outro assunto que motiva disputas entre cientistas (evolucionistas) é sobre como o homem evoluiu, quando o fez e que aspecto tinha; por isso, até alguns mestres (em faculdades); dizem que "é ridículo aceitara afirmação de que o homem veio de, Adão." Ora, muito mais ridículo, é admitir que o homem veio do macaco. Adão, pelo menos, era homem.</p> <p>E essa história de "primata", ancestral comum, não passa de conjetura inverossímil. E digam o que disserem (os cientistas), ironizem na vaidade mórbida oriunda da pobreza de espírito, porém a declaração mais consentânea com a condição de "ser moral" e, especialmente daquele que foi feito "imagem e conforme semelhança de Deus" é esta: o homem veio de Deus, foi criado por Ele. Esta declaração aparentemente tão simples, é aquela que realmente satisfaz os corações movidos pela fé, regenerados por Cristo Jesus e habitados pelo Espírito Santo proveniente de seu criador.</p> <p>[...]. O grande matemático professor doutor P. Dirac, da Universidade de Cambridge, crê em Deus e admira sua obra "de grande beleza". Não desceu à posição ridícula de certos petit-mestres, vaidosos, soberbos, incultos, que procuram poluir mentes de alunos, cujas formações lhes são confiadas. No entanto, o que esses "mestres" procuram diligentemente é confundir os corações e banir a Deus das almas. [...].</p>
<p>Nº 2, de 1976</p>	<p>Título: Jesus Cristo, o maior dos líderes.</p>

	<p>Havia uma exatidão, um vigor e uma autoridade, no ensino do Senhor Jesus Cristo que o tornam mais eficaz do que os líderes de todos os tempos. [...] e mais, o Senhor Jesus Cristo não dependeu de “escolas” de seu tempo, nem de nenhuma outra – porque Ele podia dispensá-las, pois a origem do seu saber transcendia a tudo que as escolas dos homens pudessem ministrar. [...]</p> <p>A liderança do Senhor Jesus Cristo se destacava e se destaca, porque seu ensino era discussão livre e acessível ao povo. Todo e qualquer ensino de Jesus tinha um propósito moral e espiritual que estava ligado com a missão para a qual Ele tinha sido enviado pelo Pai.</p> <p>Nenhum líder do seu tempo e dos tempos “posteriores, até nossos dias e cremos, de tempo algum, - poderá alcançar a metade do prestígio que Senhor Jesus obteve e tem entre os povos. E a razão principal é que nenhum líder entre fundadores de religiões podia nem pode afirmar como o Senhor Jesus: Eu sou a verdade [...].</p> <p>Os outros líderes não puderam afirmar de si mesmos, como o Senhor Jesus. Sidarta ou Buda, com é mais conhecido, nos seus últimos dias de vida afirmou que não havia encontrado a verdade, nem se encontrara a si mesmo. Jesus, porém, disse: – Eu sou a verdade. [...]</p> <p>E o mais importante, é que o Senhor outorgou aos seus continuadores, aqueles que crêem em seu nome e o aceitam como Salvador, os mesmos poderes. Os outros líderes escreveram, falaram e ensinaram, apenas porque falar é fôlego. [...]</p> <p>O Pentecostalismo que se conserva dentro da, ortodoxia da Palavra de Deus, que não admite distorções quanto aos sinais e maravilhas prometidos pelo Senhor, nem esposa exageros comprometedores. – e que recebe, proclama e vive a experiência da operação dos Dons do Espírito Santo – realiza os sinais e obras pelo Poder que foi outorgado pelo Senhor [...].</p>
Nº 5, de 1976	<p>Título: Jesus Cristo, o grande Mestre, determinou: portanto ide, ensinaí...</p> <p>Já temos falado que o Senhor Jesus Cristo dedicou a maior parte do tempo do Seu Ministério glorioso, ao ensino da Palavra e Sua doutrina, pela qual reafirmou a validade dos livros canônicos do Velho Testamento, reformulando, outrossim, os conceitos mantidos pelos mestres Seus contemporâneos, principalmente dos fariseus, escribas doutores da Lei.</p> <p>O ensino do Senhor. Jesus está “espalhado pelos Evangelhos” e dificilmente se encontra neles qualquer página em que não se encontrem alocações didáticas de Jesus. O “material didático aparece em blocos”. O ensino ético, por exemplo, ‘está concentrado no “Sermão da. Montanha. As parábolas do Reino estão juntas em Mateus13; o ensino escatológico quanto ao termo da “Idade dispensacional” acha-se principalmente em Mateus 24 e 25, nas passagens paralelas de Marcos 13, e Lucas 21. Não há provas de que o Senhor Jesus Cristo tenha determinado jamais que se codificassem seus ensinios’. - porque Ele sabia que Suas palavras “não passariam” e não passaram. Glória ao Seu nome eterno.</p> <p>Seu “Código” seria continuação “do Velho Testamento. Não se preocupou em estabelecer um sistema filosófico, porque seus-ensinos eram e são superiores aos dos ensinios e doutrinas dos filósofos e escolas de todos os tempos. Os seus ensinios foram organizados em volta de Si próprio, pois o seu valor depende do que Ele é.</p> <p>É notável no Sermão da Montanha, a frase: “Eu, porém, vos digo” – que marca a autoridade que Jesus tinha e tem. À luz da Sua pessoa, os Seus ensinios tomam significado novo, diferente de todos quantos se tem lido ou ouvido falar. São facetas brilhantes da Sua personalidade divina.</p> <p>A parábola como meio de ensino servia diversos fins. O ouvinte médio entendê-lo-ia prontamente, porque reconhecia a sua relação com a própria vida diária. As parábolas de Jesus não eram longas, nem abstratas. E sua aplicação espiritual era sempre apropriada à necessidade do ouvinte.</p> <p>Ao tecer estas considerações a respeito de Jesus, como o maior dos Mestres, contamos com a opinião do Sr. Merrill C. Teney PH.D., em sua obra – “O Novo Testamento, sua origem e análise”– quando afirma “que o Mestre por excelência, não dependeu nem depende de experiências e imitações de métodos adotados por mestres humanos, ainda que estes se chamem Aristóteles, Sócrates, Platão Ou</p>

	<p>Tomás de Aquino”, pois tanto o método como conteúdo do ensino de Jesus Cristo, são inigualáveis.</p> <p>Por todas essas razões e outros fatores, sobre os quais não comporta comentários agora, Ele, o Mestre excelso, podia determinar, como determinou, que seus discípulos ensinassem todas as nações a guardar todas as cousas que Ele havia mandado, porque o cristianismo teria de ser uma Escola divulgadora dos seus ensinamentos. Destarte, a função da Igreja, há de ser não somente aquela de pregar, mas de ensinar a guardar a mensagem.</p> <p>Para que seja dado cumprimento ao mandamento do Mestre, a Igreja Sua continuadora, deverá estabelecer períodos de aulas, em dias adequados para suas reuniões. A reforma do século XVI trouxe maiores perspectivas para o ensino da Palavra, pois a Bíblia que fora liberada ao povo deveria ser ensinada [...] daí o surgimento da “Escola Dominical” [...].</p> <p>Uma Igreja ou pastor que minimiza o valor da Escola Dominical está expondo seus membros aos perigos de serem atingidos por “ventos de doutrinas” e instabilidade espiritual.</p> <p>Quanto aos professores da ED, sabemos que muitos são até consumados pedagogos, com experiência de magistério. Contudo, e aqui incluímos o ensino da Palavra de Deus – não devem olvidar o que Sócrates explicava – “que o mérito educativo do diálogo, isto é, adotar o diálogo na classe, com os alunos para que se não dê caso de “ficar falando sozinho”.</p> <p>Alguns professores, entretanto, se esquecem de outra advertência do mesmo sábio, quando dizia “que o maior mal de que alguém possa ser vítima, na indagação da verdade, no ensino, ou no trabalho, é o de supor que aquilo que não sabe, e insensatamente pretender corrigir a tudo e a todos...”</p> <p>O professor, por isso, ED, deve descer aos alunos, a fim de que eles possam subir no conhecimento das verdades. Nenhum professor da ED pode prescindir do estudo e preparo das lições que pretende ministrar aos seus alunos, para que os mesmos não constituam assistentes que não participam da aula. E para evitar tais obstáculos e falhas por parte de professores da ED – é conveniente que todos conheçam até onde alcançam sua ciência e capacidade de transmitir a lição. [...]. Ainda com respeito ao método, o professor não deve omiti-lo, porque o método no estudo faculta não só os meios mais eficientes de adquirirem idéias e noções novas como também os de se desenvolver os hábitos de reflexão, disciplinando o aprendizado e afinando a distinção entre o essencial e o acessório [...].</p> <p>Quanto a ordem natural, sabemos que o progresso humano, decorre diretamente da apreciação das grandes sínteses do saber que o homem consiga obter. Porém, no aprimoramento das cousas do espírito, mister se faz, um maior alicerçamento nos princípios e conteúdos da Bíblia Sagrada, que nos capacita ao maior conhecimento de Deus e de seu filho Jesus Cristo.</p>
<p>Nº 8, de 1976</p>	<p>Título: não ligará a boca ao Boi que debulha.</p> <p>A questão principal, de que pretendemos falar, é o sustento ou "remuneração de Obreiros. Daqueles que foram chamados para exercer o ministério. Em muitas igrejas há os avarentos, que sempre discordam que o servo de Deus, o homem que vive no Altar e para o altar</p> <p>Saibam que a função ministerial (pastoral) nas igrejas não é emprego de salário, nem aquele que o exerce adquire "direitos" na forma que a lei preceitua - como o previsto na C.L.T. porque o Ministério não é emprego. É de Deus. É chamada divina. Se alguns tem laborado em erros, “negociando” igrejas, "tirando dinheiro do povo", não irão muito longe. Deus os tira e, às vezes, as autoridades são usadas – para retirar de circulação esses inescrupulosos a fim de que os verdadeiros Ministros do "Altar", divinamente vocacionados, não sejam confundidos com mercenários.</p> <p>É um assunto muito sério, mas a verdade deve ser dita, a fim de que "os que estão de fora" saibam que os Ministérios que possuem uma tradição de responsabilidade espiritual e moral, não são coniventes com fatos ou procedimentos desabonadores. Que as Igrejas Pentecostais, ou não, que têm a sua linha espiritual e "modus operandi" alicerçados nas páginas aurifulgentes das Sagradas Escrituras, não devem ser confundidas com certos Teudas que se levantam por aí; conspurcando o nome respeitável do evangelismo nacional e, particularmente, das “Assembléias de Deus”.</p>

<p>Nº 11, de 1976</p>	<p>Título: É o fim à vista? Autoria: A. P. Vasconcelos)</p> <p>Nascemos na fé quando o neo-modernismo representado por C. Barth, ensinava que a Sagrada Escritura "não é a revelação, mas um testemunho da revelação". Daí um passo adiante veio a negação da infalibilidade das Escrituras e a afirmação de que nelas unicamente João 3:16 é a Palavra de Deus divinamente inspirada, sendo tudo o mais delas constante, lendas, mitos e tradições; surgindo a necessidade neomodernista de separação e classificação mediante acurada pesquisa textual, dos mitos, lendas e tradições. Um passo mais, veio a negação do nascimento virginal de Jesus e as afirmações de que Ele nunca foi nem é Deus, nunca foi nem é Redentor e, conseqüentemente, a fé nEle é mera idolatria.</p> <p>Como era de esperar, porque a árvore cultivada não, podia dar fruto diferente, veio ultimamente "a teologia do Deus morto": o Deus dos neomodernistas morreu, é eles estão órfãos nesta vida e assim ficarão na eternidade, se não se converterem ao Deus dos cristãos, que os pode vivificar para a vida eterna.</p> <p>Filho legítimo do neo-modernismo, o sincretismo religioso hodierno, com o pomposo apelidado de ecumenismo, se projeta em meio às igrejas neo-modernistas do universo, levando-as não apenas de volta ao seio largo e para elas acolhedor, da Igreja Romana, também as prepara para a aliança com o "homem do pecado" profetizada por Daniel, (Dn 9:27). Essa aliança ela à fará com as religiões orientais e ocidentais, incluindo as igrejas neo-modernistas.</p> <p>No que concerne às nações, atualmente, quando o socialismo ateu domina sobre a metade da população humana e estende tentáculos subversivos a toda a humanidade, vemos nisto um terreno extremamente propício a "aparição do homem do pecado", porque jamais houve, de acordo com a profecia de Daniel, outro regime mais propício ao seu domínio, do que o comunista.</p> <p>Do mesmo modo que do lado político-social as nações e o comunismo internacional preparam o terreno para o advento do homem do pecado, no plano religioso, o sincretismo sob: a alcunha de ecumenismo, prepara as religiões do universo para aquela aliança que será feita no devido tempo, conforme a profecia aludida.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 5ª Assembléia de Nairobi, sob o título de "RELAÇÕES COM A IGREJA ROMANA" (e outros eventos de natureza ecumênica)
<p>Nº 2, de 1977</p>	<p>Título: "Amai a fraternidade, temeí a Deus, honrai ao rei." (algo interessante, o único editorial com foto – Gen. Geisel)</p> <p>A recomendação do Apóstolo está firmada em três colunas mestras: Amai a fraternidade, temeí a Deus e honrai o rei. Em primeiro lugar, e que constituiria a quarta coluna - é o dever de honrar a todos. O verdadeiro cristão, como testemunho da sua vida, não deve apenas manter uma "entente cordiale" com os outros homens, mas honrá-los, a fim de que possa manter a paz com todos. Não significa, todavia, uma mistura ou participação nos pecados, ou <i>modus vivendi</i> particular de cada um. A recomendação que citamos como sendo a primeira coluna, - é amar a fraternidade. Isto é, aos membros da igreja, aqueles que vivem sob a mesma égide, que participam do mesmo sentimento e até do mesmo cálice. São Pedro tinha razão, porque não se pode conceber que irmãos se digladiem, se devorem, se traiam, se neguem. Pois o que deve existir é aquela permuta de abnegação, motivada pela compreensão que perdoa, que suporta, que transige para o bem de todos.</p> <p>A terceira recomendação é mais importante porque determina o temor de Deus. S. Pedro sentiu no seu tempo, como nós, em nossos, a falta de temor de Deus. Os homens continuam embrutecidos. Não há temor de Deus, porque o Salmista, no seu tempo, já clamava: "Desviaram-se todos, e juntamente se fizeram imundos; não há quem faça o bem, não há sequer um." Sl 53.3. "A falta de temor de Deus tem trazido ao homem, individualmente, e à sociedade, tantas desgraças. Na família, desajustes e até querelas intermináveis; na coletividade, tantos crimes e injustiças. Por falta de temor de Deus a humanidade vive no caos das desavenças que a conduz para abismo imprevisível. Os dirigentes das chamadas superpotências ignoram a suprema interferência de Deus nos procênios da história.</p> <p>Uns, por esposarem filosofias atéias, procuram banir Deus, da direção individual e coletiva; outros, embora se dizendo cristãos e defensores da "civilização cristã", não temem a Deus nem dão lugar à operação do Seu Espírito nas decisões que, muitas vezes, modificam o curso da história dos povos. São dirigentes, que se dizendo</p>

	<p>cristãos, mas não passam de expoentes de um materialismo pedante e corrupto. São homens que se transformaram em "obreiros da iniquidade", ignorando que o temor do Senhor é uma fonte de vida, para preservar dos laços da morte." (Pv 14: 27). Portanto, São Pedro tinha razão ao aconselhar: "temei a Deus".</p> <p>HONRAI O REI</p> <p>O ex-pescador do mar de Tiberiades, agora Pescador de homens, conclui sua exortação à cristandade, dizendo: "Honrai o rei". Expressão em desuso em nossos tempos, quando os reis são tão poucos. E a maioria deles reina mas não governa. Neste particular, temos como exemplo a rainha daquela nação que foi até o início da segunda guerra mundial o maior império dos últimos séculos - a "orgulhosa Albion". Por isso, nesta geração, poucos entendem o sentido das palavras de S. Pedro. Mas sua recomendação se reveste de grande importância, porque todos os verdadeiros cristãos devem "honrar" aqueles que governam, investidos de poder, porque S.Paulo diz: "a quem honra, honra; a quem tributo, tributo."</p> <p>Este ensino de S.Paulo pode parecer desarrazoado, ou um adesismo, ou acomodações interesseiras. A verdade, porém, é que acima das opiniões pessoais, o cristão deve-se conservar dentro dos conceitos expressos pela Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada, porque o mesmo S.Paulo, na sua epístola aos Romanos, ensina: "Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades (governos) que há foram ordenados por Deus. Por isso, quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque ela (o governo constituído) é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o mal". Repetimos que o cristão cujo caráter espiritual é plasmado nos princípios cristalinos, exarados nas esplendorosas páginas das santas Escrituras, não deve obstacular de nenhuma forma, as diretrizes daqueles que exercem o poder. E mesmo contrariando o "velho eu", deve apoiar as autoridades constituídas, com suas orações, conforme o ensino que citamos.</p> <p>São Pedro, por isso, tinha (e tem) razão, ao afirmar: ""honrai o rei".</p> <p>O BRASIL PODE VENCER TODAS DIFICULDADES</p> <p>Ouvimos e lemos o discurso do eminente Presidente da República. Sua Excia. não divagou nem fez literatura - embora o discurso seja peça excelente. O Sr. Presidente Geisel foi direto ao assunto, num chamamento de atenção, um comando, para que o povo brasileiro ouvisse sua palavra sincera, clara, sensata. Um aviso à Nação. Não negou a gravidade do momento, porém não exagerou, trazendo o pessimismo, porque o País possui condições para vencer esta, e outras etapas deste ciclo de nação em desenvolvimento.</p> <p>O Brasil possui possibilidades para vencer a crise porque, além da probidade do Sr. Presidente da República e da capacidade da maioria dos seus colaboradores, pode contar com as orações do povo de Deus. Dos cristãos que, de fato, sabem "honrar o rei". E na linha de vanguarda se coloca o povo pentecostal liderado pelas "Assembléias de Deus". Não importa se elas são "vistas", distinguidas ou consideradas. O que interessa no caso, é que elas - "Assembléias de Deus" – são conhecidas de Deus, que ouve as orações deste povo humilde. Orações e intercessões, que sobem ao Trono da Graça, qual incenso singular.</p> <p>Oremos pelo Governo e pelo povo brasileiro.</p>
<p>Nº 5, de 1977 Obs. A partir do número 2 de 1977, houve uma mudança na linha editorial. Surge um campo intitulado:</p>	<p>O editorial não aparece – Artigo com vistas a Editorial. Tema: Reações Oportunas. Autoria: A. P. Vasconcelos.</p> <p>Há dois anos escrevemos umas notas sobre música profana na igreja, e, cremos, os que nos conhecem na intimidade observaram o tom irônico de nossos conceitos, ao dissertarmos sobre o assunto. Aqueles, porém, que não privam da nossa intimidade, nada notaram; e, com certeza, engoliram a pílula inteirinha e, quem sabe, muitos aplaudiram-nos sem reservas, porque, muito a propósito, o tom irônico que usamos foi de tal modo sutil que talvez tenha passado despercebido a nossos bondosos leitores, desprevenidos a nosso respeito...</p> <p>Mas, graças a Deus, aquilo a que visávamos pelo referido artigo, embora não haja tido, parece-nos, a repercussão que almejávamos, não passou de todo despercebido, pelo menos a dois irmãos em Cristo. Eles não se fizeram esperar com suas críticas</p>

<p>“Coluna do Diretor” assinado por Joanyr de Oliveira.</p>	<p>construtivas e oportunas sobre este tema controverso e verdadeiramente atualizado entre nós.</p> <p>O primeiro a se manifestar [...] foi o pastor Manoel Francisco de Almeida, articulista abalizado, que há alguns anos vem ilustrando estas nossas páginas com trabalhos de real valor doutrinário.</p> <p>Depois, este periódico estampou da lavra de Joanyr de Oliveira o que consideramos um magistral artigo sobre o assunto. Interpretou os nossos conceitos com justeza de crítica construtiva e, com aquele tom que lhe é peculiar, chamou a atenção de todos nós, membros das Assembléias de Deus no Brasil, para o que considera um perigo de profanação de nossos cultos pela música popular denominada "embalo", tão comum em nossos dias no Brasil e no mundo.</p> <p>Nada escrevi ao ilustre jornalista Joanyr de Oliveira, porque desde o próprio momento em que lemos seu ótimo artigo, assentamos o propósito de escrever estas linhas e dar-lhes publicação, a fim de com ele, e com Manoel Francisco de Almeida, uma vez mais chamar a atenção de nossos amados irmãos em Cristo para o perigo de profanação de nossos cultos pela música mundana.</p> <p>Coluna do Diretor (Editorial de fato?): Portanto, não somos movidos por convicções de ordem religiosa, apenas (o vício é pecado, como incapacidade de seus praticantes de zelar pelo templo do Espírito Santo, nosso corpo), quando combatemos o fumo. Move-nos, também, o bom senso, na afirmação da inadmissibilidade desse vício, porque o fumo é veneno.</p> <p>Visando à contenção da enxurrada de anúncios de cigarros, em todos os meios de comunicação de massa, em nosso País, o Deputado evangélico Daniel Silva apresentou Projeto de Lei, ora em tramitação na Câmara Federal. A proposição (nº 1229/75) fundamenta-se nas razões acima expostas e em outras. O Deputado Gíóia Jr. também é autor de Projeto de Lei no mesmo sentido (nº 1096/75). Apraz-nos destacar a iniciativa. Com ela os aludidos parlamentares evidenciam a seriedade com que desempenham o seu mandato, recebido da comunidade evangélica.</p>
<p>Nº 10, de 1977</p>	<p>Coluna do Diretor (Editorial de fato?). Ausência de título.</p> <p>O volume da correspondência à redação cresce cada dia e não chega a 10 por cento o número dos descontentes. Eles se queixam dos cabelos compridos que, por acaso, apareceram em uma ou outra fotografia de moços. E também dos vestidos longos de uma ou outra senhora. Temos a esclarecer que as fotos são-nos enviadas por pastores e por irmãos que atuam como correspondentes, depois de recomendação pastoral. Não obstante isso, vimos rejeitando grande número de fotografias com “cabeludos” e certas roupas esportivas combatidas por considerável parcela de nossas lideranças. Em atenção aos que se incluem entre os descontentes, exerceremos maior vigilância ainda fim de que não mais tenham de que se queixar de nós...</p> <p>Certo leitor supôs haver o MP apoiado o divórcio. Isto, porque divulgamos o resultado da votação, na Congresso Nacional, introduzindo dispositivo que permite a dissolução do casamento, em nosso País. Mesmo porque ninguém pode apoiar (ou não) questão dessa relevância, nos órgãos das Assembléias de Deus, antes de decisão convencional a respeito. Estamos procurando fazer o melhor com o MP, e manter-nos em consonância com o pensamento dos nossos pastores, evangelistas e Oficiais da igreja, e com a maioria dos leitores.</p> <p>Editorial – título: Controle da Mente</p> <p>A fim de neutralizar os terríveis efeitos da lavagem cerebral hoje praticada em alguns países comunistas, várias instituições pesquisam a mente humana no objetivo de descobrir um meio de controlá-la. Analisam todos os fenômenos relacionados com a parapsicologia, tais como hipnotismo, comunicações espíritas, mesas girantes, radiestesia, rdomancia, telepatia, clarividência, precognição, psicocinesia, telecinesia, etc.</p> <p>Os pesquisadores levam ainda em consideração as estranhas realizações de Uri Geller. Este jovem judeu, em questões de segundos, provocou o desaparecimento de um objeto em Nova York e o seu surgimento em Israel, numa distância de 10 mil quilômetros. Além deste e de inúmeros outros “milagres”, afirma-se que ele mudou a estrutura molecular de alguns materiais e provocou o funcionamento de relógios e outros aparelhos defeituosos, valendo-se do extraordinário poder da sua mente.</p>

	<p>Conseguirão os cientistas o que procuram? A Bíblia afirma que o Anticristo dominará as pessoas com incrível autoridade, servindo-se de recursos paranormais: “faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta... opera grandes sinais... seduz os que habitam sobre a terra... faz que lhes seja dada certa marca...” (Ap 13). Quer nos moldes previstos ou não pelos atuais cientistas, a Besta exercerá poderosa influência sobre mente humana, talvez numa operação global de lavagem cerebral e de manipulação da opinião pública através dos poderosos instrumentos de propaganda. Os regimes totalitários têm dado uma mostra do que se pode fazer neste campo, particularmente a Alemanha de Hitler e a China de Mau Tsé-Tung, servindo-se dos veículos de comunicação de massas.</p> <p>Dentro desta perspectiva escatológica, os progressos hoje alcançados no campo da parapsicologia assinalam o adiantado da hora em que vivemos e sugerem-nos uma vivência enquadrada nos padrões bíblicos: “transformai-vos pela renovação da vossa mente...”; “Pensai nas coisas lá do alto...” (Rm 12.2; Cl 3.2).</p>
<p>Nº 16, de 1977</p>	<p>Coluna do Diretor (Editorial de fato?): Tema: As Assembleias, ontem e hoje.</p> <p>De algum tempo a esta parte um fato “novo começou a ser registrado pelos pesquisadores sociais. Eles - principalmente os sociólogos e psicólogos - passaram a observar que algo incomum ocorria, cada vez mais acentuadamente, em nosso País, em termos de “comportamento religioso”, Era o “surgimento” do fenômeno pentecostal. Para os desconhecedores, [...] não passa de meras ilusões de pessoas pouco dotadas intelectualmente: para cristãos formalistas, ou apenas indiferentes à realidade de que o Salvador é o mesmo ontem, hoje e eternamente, trata-se de coisa de fanáticos. Estes preconceitos, nascidos da miopia espiritual, marginalizaram, e espezinharam por longos anos, às Assembléias de Deus no Brasil. As Assembleias de Deus aumentaram muitas vezes nestes últimos 30 anos. Éramos tão poucos naquele tempo. Pela graça de Deus, constituímos hoje a maior denominação evangélica da América, excetuadas as mais importantes dos Estados Unidos, e somos a maior comunidade pentecostal de todos os tempos e de todo o mundo.</p> <p>Líderes religiosos buscam as Assembléias de Deus à procura da chave do “enigma”. Sociólogos, impressionados com as multidões que se concentram nas Convenções e nas concentrações promovidas pelas Assembléias de Deus em quaisquer das regiões do País, promovem pesquisas e somam informações. Todavia, nenhum “especialista” encontra a resposta desejada, porquanto somente homens espirituais estão à altura de entender as coisas espirituais.</p> <p>Em outra coluna focalizaremos pesquisa realizada pelo Dr. René Ribeiro, “Master of Arts” em Antropologia pela Northwestern University a faz a análise do que ele denomina de “Pentecostalismo no Brasil.</p> <p>Editorial – título: Avança o ecumenismo no Brasil.</p> <p>A criação de um Conselho Permanente de Igrejas Cristãs no Brasil, integrando a Igreja Católica Romana e, inicialmente, as igrejas Luterana, Episcopal do Brasil, Metodista, Brasil com Cristo e Cristã Reformada, está nos planos da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que já elaborou estudos nesse sentido.</p> <p>Não é nova a tentativa da Igreja Romana de trazer de volta ao seu seio os “hereges” ou, na linguagem ecumênica moderna, os “irmãos separados”. Já no Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, no qual foram definidos os dogmas católicos, quis o papado a participação dos reformadores.</p> <p>Antes de Lutero, Roma não dialogava com os cristãos dissidentes, mas fazia prevalecer a sua férrea autoridade. De 1200 a 1250 ela exterminou um milhão de albigenses. Depois queimou na fogueira Savanarola, Huss, Jerônimo de Praga e milhares de outros. Pouco depois do Concílio Tridentino, em 24 de agosto de 1572, na chamada noite de São Bartolomeu, cerca de cem mil Huguenotes (protestantes franceses) pereceram na França da maneira mais selvagem possível, ao ponto de as ruas de Paris ficarem juncadas de cadáveres e o Sena correr vermelho.</p> <p>Da parte do Vaticano, nenhum passo foi dado em direção ao protestantismo, desde a Reforma. Pelo contrário, novas doutrinas, igualmente antibíblicas, foram incorporadas ao credo católico romano: imaculada conceição de Maria (1854), infalibilidade papal (1870) etc. E o atual papa Paulo VI reafirmou, em mais de uma ocasião, a fidelidade da igreja a todos os seus dogmas. Está claro que Roma não</p>

	<p>mudou. Ela permanece sempre a mesma: <i>semper eaden</i>. Mas algumas igrejas protestantes mudaram. E ao afastarem-se da sã doutrina dos apóstolos, foram atraídas por Roma, em cuja órbita estão entrando. Acabarão elas, finalmente, absorvidas pelo romanismo, pois “um abismo chama outro abismo” (Sl 42.7). É a formação da grande Babilônia de Apocalipse 18: “morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável.” Sem dúvida, vivemos no estertor da História, e a criação do Conselho Permanente de Igrejas no Brasil é cumprimento da Palavra de Deus. “Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina... e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.” (2 Tm 4.3,4). “A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz.” (Rm 13:12).</p>
<p>Nº 1083, de 1978</p>	<p>Coluna do Diretor (Editorial de fato?). Título: Nós, a Política e o Parlamento.</p> <p>A Câmara Federal assistiu, na noite de 1º dezembro de 1977, a um acontecimento inédito: oradores ocuparam a tribuna, como também os microfones de apartes, não para divergirem sobre quaisquer matérias, não para a defesa de teses conflitantes sobre economia, direitos humanos, administração pública, política nacional ou internacional. O tema não foi AI-5, sucessão presidencial, escolha de novos Governadores. Falou-se unicamente da Palavra de Deus, exaltando-se o nome de Cristo.</p> <p>Diante do que assisti, voltou-se meu pensamento para as cartas, recebidas na redação, com expressões de despreço aos políticos. Elas são até muito poucas, mas não ignoramos que considerável parcela da comunidade evangélica é hostil aos que se dedicam a esse tipo de atividade. Sim, há velhos e generalizados preconceitos contra eles. Nenhuma outra classe é tão agredida pela injustiça e tão ofendida pela maledicência. A verdade é que o desrespeito à ética, a falta de seriedade, a desonestidade campeia por todas as profissões. Quem assim age, esquece-se de que as autoridades são constituídas por Deus (Rm 13.1) e que, ao invés de injúria, merecem respeito e honra (Rm 13.7).</p> <p>Ademais disso, há a considerar que os evangélicos autênticos estão no parlamento como intérpretes de nossos pontos-de-vista. Quando eles combatem jogo, dizem lá o que diríamos se dispuséssemos de uma tribuna e quando condenam o alcoolismo, expressam nossa opinião, que não pode ecoar no plenário das Casas do Parlamento. Quando enfatizam os malefícios do tabagismo, expõem à opinião pública aquilo que todo homem “nascido de novo” tem no coração, mas não logra fazer ecoar muito longe. Porque tomam posições em defesa de nossa fé e contra o mal, estes homens são muitas vezes tratados com desdém, com indiferença, com hostilidade até, pelos veículos de comunicação, em que militam muitos materialistas. O combate ao vício contraria poderosíssimos interesses econômicos. (Entre os maiores anunciantes da televisão e da imprensa estão os fabricantes de cigarro e de Wisky).</p> <p>Este é o momento oportuno para enfatizar o alto sentido da participação evangélica na atividade parlamentar. É óbvio que não advogamos e envolvimento da igreja na política, porque isto é extremamente perigoso. Temos dito que pode o crente entrar na política, mas não se deve admitir, em hipótese alguma, que a política entre no crente. Porque devemos buscar, primeiramente, o reino de Deus e Sua justiça”.</p> <p>Editorial – Título: Prenúncio da paz árabe-israelense.</p> <p>Os heroicos gestos do presidente Sadat e do premier Begin, ao superarem as barreiras antes consideradas intransponíveis e negociarem diretamente um acordo de paz para seus povos, foram acompanhados com profundo interesse em todos os continentes. O mundo viu-se, de repente diante de um verdadeiro milagre e os editorialistas recorreram mesmo à terminologia escatologia bíblicas para explicar o encontro dos dois chefes de Estado, outrora inimigos, dispensando-se intermediários benignos ou malignos e chegando ac aperto de mãos.</p> <p>A corajosa atitude de Sadat, ditada pelas mais fortes aspirações de seu país inflacionado pelos dispendiosos orçamentos militares, foi aplaudida em todo o mundo, exceção feita aos aliados árabes e à União Soviética que viram no comportamento do Egito a perda de seu mais lídimo capitão na luta contra Israel. A queima de bandeiras egípcias pelos antissionistas (inclusive no Brasil) e as ruidosas manifestações de protestos dos palestinos inflamados de ódio, dão bem uma ideia do papel!</p>

	<p>preponderante desempenhado pelo Egito nas guerras palestinas, desde 1948, e do evidente enfraquecimento bélico das restantes nações árabes que vêem mais difícil a solução da causa palestina.</p> <p>Os observadores são unânimes em afirmar que, sem a participação egípcia, os árabes não se arriscarão numa nova guerra contra o Estado Judeu. Daí o regozijo dos povos pacíficos e pacificadores e a atmosfera de intensa religiosidade que cercou o acontecimento. Preces muçulmanas, judias, católicas e orações protestantes, inclusive o evangélico Presidente Carter orando na sua igreja pelo sucesso do encontro, constituíram uma estranha interferência espiritual nos frios cálculos diplomáticos, propiciando um entendimento que interessa não só à tormentosa região palestina, mas ao destino de toda a humanidade.</p> <p>Os resultados positivos do histórico encontro produziram um alívio internacional. “O barril de pólvora” – como tem sido chamado o Oriente Médio – já se mostra menos explosivo do ponto de vista estratégico. Porém, à luz da Bíblia, as montanhas de Israel e o vale de Josafá ainda verão derramar muito sangue. Gogue e seu bando abater-se-ão, segundo Ezequiel 38 e 39 sobre a descendência de Abraão [...] (restante ilegível).</p>
<p>Nº 1088, de 1978</p>	<p>Coluna do Diretor (Editorial de fato?). Título: A Igreja que desejamos II.</p> <p>Os cantores formem seus repertórios em fontes sadias - nos bons hinários, por exemplo - recusando-se a servir de instrumento ao Inimigo astuto, que se infiltra nas Igrejas através da Música Profana;</p> <p>Os veteranos não cometam o erro de supor que “antiguidade é posto”, uma vez que a Casa de Deus não é caserna, mas um recinto e uma comunidade onde somos mantidos apenas pela misericórdia de Deus;</p> <p>Ninguém seja aproveitador, parasita, mas cada qual viva do suor de seu rosto;</p> <p>Os ricos não tratem os pobres com altivez e menosprezo; nunca os humilhem nem lhes fechem as mãos.</p> <p>Editorial. Título: Os malefícios de uma seita.</p> <p>As práticas fetichistas de umbanda, quimbanda ou de outras variações do espiritismo, sempre foram condenadas pelos que servem conscientemente a Deus. Não se trata de preconceito ou exclusivismo religioso, como querem alguns, mas de obediência à Palavra inspirada que, tanto no Velho como no Novo Testamentos, indica textualmente a paternidade diabólica daquele amontoado incongruente de credices. Eis algumas referências bíblicas: Dt 18.10; Ex 22.18; Lv 19.31; 1 Sm 15.23; II Rs 9.22; le 8.19; Mg 5.12; At 8.11; Gl 5.20 e Ap 18.23.</p> <p>Infelizmente, grande parte da humanidade propensa à maldade, é vingança ou ao imediatismo de soluções mirabolantes para seus problemas pessoais, tem-se deixado enredar por essa falsa religião que o simples bom senso repele de pronto.</p> <p>Até há pouco tempo as restrições ao fanatismo espírita, especialmente às exteriorizações de suas ramificações de origens africanas ficavam restritas à área espiritual ou, em alguns casos, a apreciações de ordem estética em decorrência da colocação das chamados “despachos” ou “trabalhos” nas esquinas das ruas ou nas encruzilhadas de estradas e caminhos.</p> <p>Agora, no entanto, o crescimento dessas mazelas que bem demonstra a ignorância religiosa e até cultura! dos seus adeptos, está alarmando as autoridades responsáveis pelo equilíbrio da ecologia. Recentemente, o “Jornal do Brasil” (01/02/78), divulgou veemente protesto de um dos membros do Conselho Estadual de Cultura, clamando numa reunião daquele colegiado contra a destruição de TRINTA MIL METROS QUADRADOS DE FLORESTAS (só no Rio de Janeiro), em “consequência da prática religiosa de queimar velas na base das árvores”.</p> <p>Igualmente aquele matutino, com data de 20/01/78; divulgou circunstanciado denúncia intitulada “o lixo da macumba”, em que o sr. Murillo Guimarães reclamava contra “garrafas, velas, fitas, farofa, charutos” espalhados nos logradouros públicos, como atentado à saúde: pública e à limpeza urbana.</p> <p>Como se vê, essa seita condenada pela Palavra de Deus traz malefícios não só ao espírito e ao corpo, mas destrói as dádivas da natureza (árvores, arbustos), tão necessários a uma melhor qualidade de vida numa cidade já tão poluída como o Rio de Janeiro e ainda entulha as ruas em flagrante desrespeito às posturas municipais e aos foros de civilização do povo brasileiro.</p>

	<p>Proclamemos o Evangelho poderoso de Jesus Cristo com entusiasmo e dinamismo, pois o poder de Deus é a única força capaz de bloquear o avanço dessa avalanche diabólica que está crescendo vertiginosamente em nossa Pátria, envolvendo cada vez' mais a nossa gente. "Para isso o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo." (I Jo 3:8).</p>
<p>Nº 1093, de 1978</p>	<p>Editorial alocado para a página 9. Título: Israel: 30 anos depois.</p> <p>A história dos judeus é mais conhecida pela crônica dos massacres sofridos por esse povo singular no decorrer dos últimos vinte séculos. Por isso não existe sequer um caso semelhante na História. À presença atual do judeu no mundo e particularmente na Palestina constitui um testemunho inegável, uma prova irrefutável da existência de Deus. Não se pode explicar esse povo - suas derrotas, suas vitórias, sua inabalável fé - a não ser pela Bíblia, a Palavra de Deus.</p> <p>E foi citando a Palavra de Deus que entidades israelitas, em todo o mundo, comemoraram no mês de maio o trigésimo aniversário da criação do Estado de Israel. Uma data significativa não somente para os filhos de Abraão segundo a carne, mas também para os que dele descendem mediante a fé. Os judeus, através de séculos de horríveis opressões, jamais deixaram de acalantar o dia em que seriam novamente reunidos na sua pátria, em cumprimento à promessa divina: "E removerei o cativo do meu povo Israel, e reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. E os plantarei na sua terra, e não ser do mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor teu Deus." (Am 9.144,15).</p> <p>O Deus de Israel e da Igreja cumpriu sua palavra. No dia 29 de novembro de 1947, sob a presidência do chanceler brasileiro Oswaldo Aranha, « Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu o Estado de Israel na Palestina, depois de uma prolongada batalha diplomática. Cumpria-se, desta forma, a profecia de Isaías: "Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia?" "Dias virão em que Jacó lançará raízes, florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto a face do mundo." (68.9; 27.6).</p> <p>Acatando a decisão da ONU, a Inglaterra, até então possuidora de um mandato na Palestina, deixou o país a 14 de maio de 1948, data em que os árabes iniciaram sua primeira guerra não declarada a Israel. Mas neste mesmo dia foi lida ao mundo a Proclamação da Independência de Israel, redigida ds pressas, nos seguintes termos: "Aqui se forjou sua personalidade espiritual, religiosa e nacional. Aqui tem vivido como povo livre e soberano. Aqui tem legado ao mundo o eterno Livro dos Livros... Oferecemos a paz e a amizade a todos os países vizinhos e q seus povos, e os convidamos a cooperar com o povo judeu independente em seu país, na base da ajuda mútua. O Estado de Israel está disposto a colaborar no esforço comum para o progresso do Médio Oriente em sua totalidade". E mais adiante: "Com fé no Todo-Poderoso, firmamos de nosso próprio punho e letra esta declaração, na sessão do Conselho Provisório do Estado, sobre o solo de Pátria, na cidade de Tel-Aviv. Este dia, véspera de sábado, é 5 de Iyar de 5.708. It de Maio de 1948.</p> <p>O renascimento de Israel ocorreu 3.900 anos depois de Abrão, 2.900 anos depois da divisão do reino após a morte de Salomão, 1.900 anos depois da queda de Jerusalém e exatamente 50 anos após a declaração do célebre líder sionista Teodor Herzl, segundo a qual o Estado Judeu nasceria dentro de 5 ou 30 anos.</p> <p>O impressionante florescimento da jovem nação milenar é um sinal dos tempos, anunciando para breve o advento de Cristo, Cabeça da Igreja e Messias de Israel.</p>
<p>Nº 1098, de 1978</p>	<p>Coluna do Diretor (Editorial de fato?). Título: Semeadores e sementes.</p> <p>Só uma parte teve o privilégio de ser plantada em boa terra: ela se constitui dos crentes que logo se desenvolveram, espiritualmente, e passaram a dar bons e abundantes frutos. Os que receberam essa bênção não podem ser egoístas, mas precisam amar as sementes que caíram à margem do caminho, sobre pedregais, entre espinhos. Devem correr ao local onde se encontram, levar-lhes o refrigério da oração, da leitura da Palavra de Deus, e toda a ajuda espiritual. Assim, como o bom pastor ama suas ovelhas (e por elas dá sua vida), o bom agricultor ama as sementes e deve cobri-las</p>

	<p>de proteção. Porque, caso venham a morrer será ele responsabilizado por Deus pela sua negligência, pela sua clamorosa falta de amor.</p> <p>Editorial – Título: Um pesado legado de Paulo VI</p> <p>“Ostpolitik” define o rumo dado pelo Vaticano às relações entre a igreja e o mundo comunista, particularmente no pontificado de Paulo VI. Embora desde 1930 funcione a Pontifícia Comissão para a Rússia, somente a partir de 1958 se traçaram novas diretrizes em virtude de uma maior preocupação relacionada com os católicos da URSS.</p> <p>Os resultados da Óstpolitik, segundo muitos analistas internacionais, têm sido negativos. A Igreja Católica fez concessões gravíssimas e unilaterais, nada recebendo em troca. Diz-se que o próprio Stalin alimentou o desejo de abrir em Moscou um consulado vaticano não para favorecer ou tolerar a religião, mas com o propósito de instrumentalizar a Igreja Católica e colocá-la a serviço do comunismo internacional. O ditador soviético não conseguiu o seu intento, mas a política adotada pelo Papa, a partir de 1963, acabou abrindo as portas da igreja à influência marxista. Em maio daquele ano, o chefe da Igreja Católica recebe, no Vaticano, o filho de Nikita Kruchev, Alexei Adjubei, então diretor do Izvestia. Mais tarde o próprio presidente da URSS, Nikolai Podgorny, visita Paulo VI, secundado (várias vezes) pelo chanceler Andrei Gromiko e por outros dirigentes de países comunistas.</p> <p>Em relação à Hungria, por exemplo, o presidente Janos Kadar esteve no Vaticano em 1956, alegando que sua visita era fruto da Ostpolitik, e conseguiu que bispos comprometidos com o comunismo dirigissem as dioceses húngaras. Por essa mesma ocasião o Vaticano restabelecia relações com a Iugoslávia e a Polónia. Não faz muito tempo um padre polonês radicado no Chile denunciou as tentativas comunistas para destruir a religião, através da subversão interna. E recentemente o arcebispo Arrigo Pintoneilo, de Roma, em carta aberta ao papa Paulo VI, esclareceu que o comunismo já havia contaminado mais de noventa por cento do clero jovem da Igreja Católica Romana, enquanto nos países da cortina de ferro proíbe-se a educação religiosa das crianças e os que teimam em ser fiéis à sua fé acabam nas prisões, nos hospícios e nos campos de concentração.</p> <p>Mas a influência marxista não se faz sentir apenas no seio do romanismo. O Conselho Mundial de Igrejas, que tem como membros dezenas de seitas protestantes liberais, a Igreja Ortodoxa Russa, e agora busca o apoio de Roma, chegou a financiar movimentos guerrilheiros na África Negra. No Brasil, tanto o clero romano como os líderes ecumênicos ligados ao CMI, em vez de pregarem a sua fé pretendem intervir na vida política, contestando o regime, a ordem social e econômica.</p> <p>Caso o sucessor do papa João Paulo I persevere na mesma política de seus antecessores, o processo de marxização do clero romano continuará trazendo como consequência o seu envolvimento no CMI para a formação futura da igreja babélica, de acordo com Apocalipse, capítulos 17 e 18.</p>
<p>Nº 1102, de 1979</p>	<p>Editorial. Título: Meninos de Deus (Editorial deslocado para a página 13).</p> <p>Ralph e Charlotte Hopper, John e Jackie Roberts, dois casais norte-americanos, foram expulsos do Brasil sob a acusação de desenvolverem atividades atentatórias à segurança nacional. Eles são membros da seita “Os Meninos de Deus”.</p> <p>Tantos são os problemas trazidos ao nosso País pelos adeptos dessa nova religião, que certos setores da imprensa já chegaram mesmo a identificá-los como “Meninos do Diabo”.</p> <p>E não se trata de intolerância religiosa ou radicalismos sectários. Quando o nocivo movimento foi colocado no banco dos réus pela imprensa de todo o País e especialmente pelo animador-produtor de programa de televisão, Flávio Cavalcanti, nenhum líder dos “Meninos de Deus” conseguiu defender suas indefensáveis atividades. Como justificar o sexo livre, o sexo grupal, o aliciamento de jovens sob o pretexto de paz com Deus e fraternidade humana, a lavagem cerebral e a exploração de moças que são lançadas à prostituição com fins lucrativos para o “grupo”: A imoralidade da seita começa na sua literatura, cheia de figuras e frases obscenas.</p> <p>Segundo denúncias chegadas das autoridades policiais brasileiras, depois de se submeter à lavagem cerebral, cada novo membro é obrigado a vender, em panfletos,</p>

	<p>entre 80 a 150 cruzeiros por dia. Do total arrecadado, 11 por cento são enviados, clandestinamente, para “Pai David”, nos Estados Unidos.</p> <p>No contexto dos últimos acontecimentos mundiais, o surgimento e a expansão de seitas satânicas, tais como “Meninos de Deus”, “Hare Krishna”, “Templo do Povo” etc., Constituem um sinal dos últimos tempos em que vivemos, conforme Mt 24.11: “E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos”.</p>
<p>Nº 1104, de 1979</p>	<p>Título: O Irã à luz da Bíblia. (p.4)</p> <p>Ocupando uma área de 1.621.900 km, a Pérsia teve o seu nome mudado em 1935 para Irã, ou Governo Imperial do Irã. Mais da metade da sua população é formada pelos persas, descendentes diretos dos árias, existindo no país grupos de árabes e turcomanos, além de outros. A população, em cerca de noventa e cinco por cento, é constituída de muçulmanos xiitas, à religião oficial do Estado, e aproximadamente quatro por cento pratica a religião muçulmana sunita. Da população total do país, que é de cerca de vinte e cinco milhões, apenas um por cento é de confissão não muçulmana. Possuindo extensa fronteira com a Unido Soviética, o Irã foi ocupado pelos russos em 1945, que organizaram, no norte do país, duas Repúblicas do Povo e depois recusaram a evacuar suas forças. O Irã protestou com veemência perante a ONU, e só então as tropas soviéticas se retiraram, não sem antes obterem uma série de concessões favoráveis de petróleo. Não constituindo um país árabe e não falando a língua desse povo, mas sim o persa, o Irã tem sido a principal fonte de fornecimento de petróleo para Israel, e sua tendência expansionista tem despertado a desconfiança de seus vizinhos árabes. Uma prova disso é que o Golfo Pérsico, com o qual aquele país possui mais de mil quilômetros de litoral, não é assim denominado pelas nações árabes, as quais chamam-no de Golfo Árabe. Elas ainda não se esqueceram de que o Irã, em 1970, tomou posse de três ilhas do Golfo: Abu Musa e os Tumbs. A tendência expansionista da antiga Pérsia torna-se evidente quando analisados os orçamentos militares das nações do Golfo, nos últimos cinco anos. Em 1970 aquele país destinou 961 milhões de dólares para suas forças armadas, enquanto o Iraque, a Arábia Saudita, o Kuwait e o Bahrain, juntos, destinaram um total de 780 milhões. Em 1971, o Irã aplicou um bilhão e trezentos e cinquenta milhões de dólares em armas, enquanto todas as demais nações do Golfo, juntas, não chegaram q 850 milhões. Essa mesma proporção continuou em 1972 e 1973, para chegar, em 1974, as impressionantes cifras: Irã, cinco bilhões e setecentos milhões; Iraque, um bilhão e vinte e quatro milhões; Arábia Saudita, um bilhão e quinhentos milhões; Kuwait, trezentos e oitenta e nove milhões e o Bahrain, sete milhões. Em fins de 1976 o Congresso norte-americano estudou um pedido do Pentágono para vender armas no valor de seis bilhões de dólares a dez países, a maioria do Oriente Médio, onde o Irã é o principal comprador, gastando, somente dos Estados Unidos, quatro e meio bilhões de dólares. Sabedores de que nenhum outro Estado petrolífero do Golfo pode rivalizar com seu país em desenvolvimento e poderio militar, os persas tem demonstrado interesses e ambições cada vez mais amplos. Isso os levará a unir-se aos russos na invasão da Terra Santa, integrando o bando de Gogue para tomar os despojos de Israel. Assim, o atual Irã é também uma árvore que está a brotar, mostrando que o verão se aproxima. Registradas há dois anos, as palavras acima estão sendo plenamente confirmadas pelos últimos acontecimentos ocorridos no Irã.</p> <p>Reza Pahlavi, o Xainxá que conseguiu transformar o velho império feudal num país moderno e industrializado, foi afastado do poder. A monarquia, que durou 2.550 anos contados a partir do grande Ciro, tantas vezes referido nas páginas da Bíblia, ruiu fragorosamente, dando lugar a um novo sistema de governo - à República Islâmica.</p> <p>A mudança verificada na grande nação iraniana, pela sua repercussão internacional, possui significações profundas: é a fornecedora de 60 por cento de todo o petróleo consumido em Israel, principal exportadora do precioso combustível aos países ocidentais (inclusive o Brasil) e mantenedora de grandes negócios com várias nações, especialmente com a República Federal da Alemanha, onde cerca de 40 mil trabalhadores dependem de contratos firmados com o antigo governo, ora no exílio. Todos esses negócios estão parcialmente ameaçados de restrições por parte do novo regime. A União Soviética, primeira nação a reconhecer o novo Governo do Irã e a congratular-se com ele, não escondeu sua alegria pela desintegração do sistema monárquico daquele país. Comparou a revolução xiita aos movimentos socialistas da</p>

	<p>Etiópia, Angola, Moçambique e Afeganistão, países onde a influência do Kremlin tem sido cada vez maior. Otimista, o Pravda, órgão oficial do comunismo soviético, afirmou que o campo socialista avançou rapidamente em nova etapa de seu desenvolvimento. Segundo aquele jornal, “o surgimento de vários governos seguidores da trajetória do socialismo converteu-se em um acontecimento de significação universal”.</p> <p>A maior e principal vítima da derrota da monarquia iraniana foi Israel. Moshé Dayon, na qualidade de chanceler de seu país, manifestou sua preocupação por uma nova onda de fanatismo muçulmano e pelos efeitos desestabilizadores de tal mudança nos países da região. A Bíblia prevê a invasão da Palestina por Gogue nestes tempos finais. O profeta descreve o grande acontecimento vindouro com estas palavras: “Filho do homem, dirige o teu rosto contra Gogue, terra de Mogogue, príncipe e chefe de Mesaque e de Tubal, e profetiza contra ele, e diz: Assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu sou contra ti, é Gogue, príncipe e chefe de Mesaque e de Tubal); e te farei voltar, e porei anzóis nos teus queixos, e te levarei ti, com todo o teu exército, cavalos e cavaleiros todos vestidos bizarramente, congregação grande, com escudo e rodeta, manejando todos a espada; persas, etíopes, e os de Pute com eles, todos com escudo e capacete; Gomer e todas as suas tropas; a casa de Togarma, da banda do norte, e todas as suas tropas, muitos povos contigo.” A maioria absoluta dos estudiosos da Bíblia afirma que Gogue é a Rússia, por ser este o único país que possui todas as características exigidas pela profecia bíblica. Todos os povos mencionados como acompanhantes de Gogue estão a aproximar-se dele mais e mais. A esse respeito escreveu H.L. Heijkoop: “Nas palavras Ros, Mesech e Tubal reconhecemos claramente os Russos, Moscovo e Tobolsk. Vemos aqui, pois, a Rússia com os seus aliados nos últimos dias. São chamados seus aliados: Persas, Etiopes (em hebraico Cush) e Líbios (descendentes de Pute). Cush e Pute são filhos de Cam, uma parte de cujos descendentes habita o Eufrates (Gn 10). Gomer é o progenitor dos Celtas. A casa de Togarma são os Armênios. Estes são os países que se encontram submetidos a Gogue ou ligados a ele, ” (%) A euforia demonstrada pelos soviéticos, ao alegarem que a antiga Pérsia está agora caminhando para o socialismo, atesta a infalibilidade da Palavra de Deus. “Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhei para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.”</p>
<p>Nº 1105, de 1979</p>	<p>Título: O menor abandonado e o ano internacional da criança</p> <p>O juiz de Direito de Itaperuna, RJ, Dr. Ademir Paulo Pimentel, por haver proibido que menores de idade participassem de bailes carnavalescos em horas noturnas, fora daquelas permitidas em lei, foi desacatado em sua autoridade por ferir interesses de pessoas poderosas da localidade. O magistrado, apesar das pressões injustamente sofridas, manteve sua determinação. Isso ocorreu em 1977.</p> <p>Agora, no vigésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos da Criança, a ONU, através da UNESCO, elege 1979 como o Ano Internacional da Criança. A iniciativa tem por finalidade corrigir sérias distorções sociais, causadoras do estado de abandono em que vivem milhões de menores, muitos deles na prática da delinquência. Segundo dados estatísticos recentes 16 milhões de menores brasileiros vivem abandonados; nos Estados Unidos o número de agressões praticadas por estudantes menores de idade contra seus professores alcança índices alarmantes; na Alemanha Ocidental, duas instituições de Stuttgart apresentaram uma estatística assustadora: cerca de 14 mil escolares tentaram o suicídio naquele país, em 1977.</p> <p>Psicólogos, educadores e líderes religiosos estão estudando o problema nos seus diversos ângulos. Por que a criança moderna comete agressões, desacata as autoridades, abandona o lar ou tenta o suicídio?</p> <p>Para o Dr. Bernt Stober, do Instituto Central de Saúde Psíquica de Mannheim, Alemanha Ocidental, “uma tentativa de suicídio na idade infantil e juvenil representa de modo geral o ponto final de um período de esgotamento psíquico sempre maior com um fracasso simultâneo das possibilidades de solução. A tentativa de suicídio pode ser o primeiro indício de uma enfermidade psíquica ou neurótica séria, mas geralmente representa um apelo ao ambiente, e aqui “quase sempre à família, de modo especial à família em sentido mais restrito, acima de tudo também os pais.”</p> <p>O dr. Billy Graham, conhecido evangelista internacional, disse em São Paulo, em fevereiro de 1979, que a causa desse comportamento anormal está na falta de diálogo entre pais e filhos.</p>

	<p>Afirmam os educadores que os futuros estadistas e políticos têm o seu caráter formado antes que completem o seu quinto ano de vida. Foi baseando-se nesse princípio da pedagogia que os bispos da Igreja Católica Romana nos Estados Unidos recomendaram aos seus paroquianos, anos atrás: “Ensina a criança a ser católica até os sete anos de idade, e ela nunca mais deixará de ser católica.” Desta maneira aquela igreja conta com dezenas de milhões de adeptos num país de origem e tradição evangélicas!</p>
<p>Nº 1107, de 1979</p>	<p>Título: A tríplice missão deste jornal (p. 4)</p> <p>Para atender todas as necessidades de informação, orientação espiritual e social e das atividades evangélicas da igreja, a CPAD precisaria editar, a exemplo de suas similares no exterior, mais de uma dezena de periódicos por mês, além de manuais da Escola Dominical cobrindo todas as faixas etárias (alunos e professores) com um currículo elaborado de acordo com as leis comprovadamente eficientes da Pedagogia. Todavia, enquanto não dispusermos de todos os recursos em literatura evangélica, cumpre-nos atender a Obra do Senhor da melhor maneira possível, através dos poucos meios a nossa mão. Assim, o “Mensageiro da Paz”, órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil, desempenha uma tríplice tarefa, sendo, a um só tempo, noticioso, doutrinário e evangélico:</p> <p>Como noticioso, leva o MP aos seus milhares de leitores o que ocorre na Seara do Mestre em nossa Pátria (seções: De todo o Brasil, Breves, Testemunhos, Necrológio etc.), nas diversas frentes missionárias brasileiras no exterior (Missões), no mundo religioso em geral (Flagrantes Mundiais) e finalmente no mundo secular (Informação), onde apresentamos uma verdadeira suma do noticiário internacional no que mais de perto interessa à Igreja em geral e em particular aos Obreiros que militam nos povoados mais afastados das grandes cidades e, portanto, com pouco acesso aos veículos de comunicação. Para o preparo desse noticiário contamos com a colaboração de correspondentes em todo o País, do CEBIMI - Centro Brasileiro de Informação Missionária, e dos Consulados da Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Canadá, Países Baixos e diversos outros.</p> <p>Quanto ao seu aspecto doutrinário, tem o MP cumprido um ministério dos mais eficientes em nossa Pátria. Verdadeira tribuna de renomados expositores da Palavra de Deus. Dessa maneira fiéis aos princípios bíblicos fundamentais e imutáveis, sobre os quais se estabeleceu o movimento pentecostal brasileiro, procuramos salientar em cada edição assuntos como: « obra redentora de Cristo, o batismo com o Espírito Santo, a vida cristã vitoriosa, dons espirituais, jejum e oração, a Segunda Vinda de Cristo etc., além de enfoques de temas atuais e escatológicos, como Israel na profecia, sinais dos tempos, O Milênio e análise de seitas heréticas a luz da Bíblia. Nosso alvo é fazer com que os leitores não apenas leiam, mas colecionem e recomendem este órgão como o melhor jornal evangélico produzido no Brasil. E não somente isto: esperamos que os irmãos adquiram sempre alguns exemplares para presentear os amigos, pois as mensagens evangélicas publicadas hão de levar almas aos pés do Salvador Jesus.</p>

Anexo 2 – Classificação dos conteúdos a partir da exploração dos editoriais.

CLASSIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS NO ITEM EDITORIAL	
EDIÇÃO	CONTEÚDO EXPLÍCITO
Nº 2, de 1970	Prática de Evangelização

Nº 6, de 1970	Relações Internacionais: o conflito árabe-israelense
Nº 14, de 1970	Conflitos globais, racismo, comportamento, criminalidade, corrupção, ateísmo, exploração do pobre, ineficiência da diplomacia, convulsões sociais, e o conflito árabe-israelense.
Nº 22, de 1970	Conselhos aos pastores
Nº 2, de 1971	Ecumenismo. Campo Religioso
Nº 9, de 1971	Os avanços Científicos, a corrida espacial no bojo da guerra-fria.
Nº 15, de 1971	Ortopraxia: o autor convoca seus leitores à coerência entre a fé e a prática.
Nº 21, de 1971	Os avanços científicos, a corrida espacial.
Nº 2, de 1972	Conteúdo apologético: crítica ao que chama de superstição.
Nº 8, de 1972	Conselho aos pastores
Nº 15, de 1972	Cuidado com a práxis, relação entre a fé e a prática.
Nº 22, de 1972	Prática de evangelização. O leitor é instado a contribuir para o avanço do cristianismo.
Nº 1, 1973	Prática de evangelização. Conteúdo evangelístico (conversionista)
Nº 8, de 1973	Crítica à uma visão de mundo materialista, à violência e à corrupção.
Nº 15 de 1973	Congratulação pela escolha de Geisel como Presidente.
Nº 22 de 1973	Crítica à falsos mestres (pastores, ministros)
Nº 2 de 1974	Defesa do MP como instrumento evangelizador e apologético.
Nº 5 de 1974	Defesa do MP como veículo da visão de mundo da AD, como instrumento evangelizador.
Nº 8 de 1974	Defesa do MP como instrumento eficiente de evangelização.
Nº 11 de 1974	Crítica à falta de experiência ministerial de alguns pastores
Nº 2 de 1975	Utiliza de várias metáforas bíblicas como crítica às prédicas, e publicações que fogem ao padrão pentecostal.
Nº 5 de 1975	Conteúdo apologético: defesa da glossolalia.
Nº 8 de 1975	Conteúdo apologético: defesa da glossolalia.
Nº 11 de 1975	Crítica ao evolucionismo darwiniano.
Nº 2 de 1976	Conteúdo apologético: a superioridade de Jesus em relação aos fundadores de outras religiões.
Nº 5 de 1976	Conteúdo apologético: apresentação de Jesus como Mestre ou professor.
Nº 8 de 1976	Questões ministeriais: o sustento de pastores.
Nº 11 de 1976	Conteúdo apologético: crítica ao liberalismo teológico.
Nº 2 de 1977	Recomendações ao leitor: necessidade de viver em sociedade, em comunidade, sobretudo no seio da igreja, de honrar a Deus e aos governantes. Congratula o presidente Geisel.
Nº 5 de 1977	Artigo versando sobre a igreja e a cultura. Posicionamento dualista de rejeição da música popular, sob o risco de profanação do culto (categorias de santo e profano). A coluna do diretor apresenta os perigos do tabagismo e os projetos de lei de dois deputados evangélicos no sentido de conter o volume de propaganda da indústria do tabaco nos meios de comunicação.
Nº 10 de 1977	Na coluna do diretor Joanyr apresenta o volume de insatisfação e cobranças dos leitores sobre as imagens divulgadas, que dizem respeito a revolução cultural: o penteadado e o vestuário. Um leitor também criticou reportagem versando sobre o divórcio. Editorial. Título: Controle da Mente. a ciência sob suspeita. O Comunismo utilizaria a ciência e disciplinas pseudocientíficas em seu projeto de lavagem cerebral.
Nº 16 de 1977	Na Coluna do Diretor , o autor registra algumas representações sobre o pentecostalismo: seu crescimento e interesse da academia em explorá-lo.

	Editorial: aborda o ecumenismo, a aproximação entre a igreja católica e setores do protestantismo. Um sinal dos tempos.
Nº 1083 de 1978	A Coluna do Diretor aborda a relação da igreja com a esfera política. Registra as cartas de leitores com desaprovação hostilidade à classe política. O editorial aborda o conflito árabe-israelense, sobretudo, as relações entre Egito e Israel
Nº 1088 de 1978	A Coluna do Diretor propõe algumas recomendações gerais à igreja. O editorial versa sobre alguns “cultos de matriz africana”: a “Umbanda, Quimbanda e outras variações”.
Nº 1093 de 1978	Panorama histórico religioso sobre o povo Judeu e o moderno Estado de Israel.
Nº 1098 de 1978	A Coluna do Diretor conclama à evangelização e os cuidados pastorais com a igreja. O editorial versa sobre uma inclinação no vaticano em se associar ao marxismo desde Paulo VI.
Nº 1102 de 1979	O editorial versa sobre uma experiência religiosa chamada “Os Meninos de Deus”.
Nº 1104 de 1979	O autor propõe explorar historicamente o Irã. O período vai desde 1935 a 1976.
Nº 1105 de 1979	Atenção com o menor abandonado e os direitos da criança e do adolescente.
Nº 1107, de 1979	Defesa do valor das publicações da CPAD, sobretudo do MP.

Anexo 3 – Classificação dos conteúdos obtidos na Capa – primeira página do MP.

Edição	Artigo	Notícia	Imagem
Nº 2 de 1970	1 – Literatura pornográfica;	3 – Batismo; Convenção; Inauguração de templo.	3 – Pastores em Inauguração de templo; Candidatos ao Batismo; Multidão de Convencionais.
Nº 6 de 1970	1 –Ecumenismo;	2 – Comemoração de aniversário de igreja. Inauguração de templo.	2 – Hasteamento de bandeira; Desfile.
Nº 14 de 1970	1 – Bíblia; Escatologia	2 – Inauguração de templo; Evangelização	(2) Inauguração de templo; (1) Evangelização de detentos.
Nº 22 de 1970	1 – Fé e Ciência	3 – Conferência; Cruzada; Festividade	3 – Grande coral; Pastores em conferência; Multidão à frente do templo
Nº 2 de 1971	1 – Elogio póstumo à Emílio Conde	1 – Falecimento do Escritor Emílio Conde	3 – Foto de perfil de Emílio Conde; Emílio o “inesquecível homem de letras”; “figura proeminente da EBD”
Nº 9 de 1971	1 – Evangelização (Prática conversionista)	2 – Festividades; Campanha de evangelização.	1 – Lideranças da igreja
Nº 15 de 1971	0	2 – Batismo; Inauguração de templo	2 – Multidão no interior do Templo; Multidão à frente da fachada externa.
Nº 21 de 1971	1 – Prática dos fiéis (Crítica ao modernismo – “a falsa cultura moderna”	2 – Saudação de bem-vindo a pastor dos EUA.	2 – Multidão no interior do Templo; Multidão à frente da fachada externa.
Nº 2 de 1972	0	2 – Evangelização; Convenção.	5 – Pastores no púlpito; outras 4 imagens de vários pastores no interior do templo.
Nº 8 de 1972	1 – Artigo doutrinário: glossolalia.	8 – (1) Festividade; (2) aniversário da igreja; (4) Batismo; (2) Inauguração de templo; (2) Evangelização.	2 – Pastores no púlpito; Multidão à frente da fachada externa.
Nº 15 de 1972	1 – Escatologia	9 – (2) Congresso; (1) Evangelização e Estudo bíblico; (1) Festividade; (4) Inauguração de templo; (2) Batismo	(1) Desfile; (1) multidão à frente da fachada externa; (1) pastores no púlpito.
Nº 22 de 1972	1– Eclesiologia: as práticas dos fiéis e o culto.	5 – (2) festividade; (1) evangelização (1) inauguração de templo; (1) Convenção: temário, CPAD, Educação religiosa, ordenação feminina, relações com grupos pentecostais recentes, responsabilidades sociais da igreja; música profana	3 – Foto de perfil de missionário; (1) Multidão no interior do Templo; (1) Multidão à frente da fachada externa.

Nº 1 de 1973	1 – Prática do fiel: oração	(2) Evangelização; (2) inauguração de templo (1) Convenção (2) batismo (2) aniversário de templo; (1) festividade	2 – Cidade do Cabo; Multidão no lançamento de Pedra fundamental
Nº 8 de 1973	1 – Escatologia: Antiecumenismo; (1) evangelização.	(4) batismo; (1) desfile; (1) congresso; (1) inauguração;	2 – Candidatos ao batismo.
Nº 15 de 1973	1 – A formação do cânone do AT;	(1) Pedra fundamental; (3) Batismo; (1) inauguração de templo (3) festividade (1) aniversário de templo (1) publicidade; (1) Publicidade: livros da CPAD.	2 – Multidão à frente da fachada externa; capa de livro.
Nº 22 de 1973	1 – Historicidade da Bíblia.	(1) Conferência; (1) batismo; (1) festividade; (2) evangelização	2 – Pastores em evangelismo; gravura de Bíblia
Nº 2 de 1974	0	3 – (2) batismo; (1) Decreto oficializando o Dia da Bíblia.	3 – Multidão à frente da fachada externa; Candidatos ao batismo.
Nº 5 de 1974	3 – (2) Evangelização; (1) avanço da AD.	(1) Convenção; (2) inauguração de templo; (2) batismo; (1) Pedra fundamental; (1) Desfile;	2 – Pastores em ato inaugural; multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 8 de 1974	1 – Testemunho de cura.	(1) Inauguração de templo; (2) evangelização; (3) batismo; (2) aniversário de templo; Convocação de Convenção.	3 – Fachada do templo; multidão à frente da fachada externa do templo; foto de perfil de pastor presidente
Nº 11 de 1974	0	(2) Inauguração de templo; nota de falecimento de Lewi Pethrus; (1) batismo; (3) festividade; (1) evangelização. Convocação de Convenção em Goiás.	4 – Lewi Pethrus; embarcação lotada de crentes; (2) multidão à frente da fachada externa do templo
Nº 2 de 1975	8 artigos – Prática conversionista. Doutrina.	Aniversário de templo; desfile; Notas de viagem de Lawrence Olson: A guerra de Yom Kipur	2 – Escavações em Qumaran; Multidão no interior do Templo
Nº 5 de 1975	1 – Testemunho	(2) Evangelização; (4) Batismo; (2) inauguração de templo; (1) aniversário de templo; (1) A evangelização beneficia a sociedade por “combater o vício e o crime.	5 – (3) Multidão no interior do Templo; (1) multidão à frente da fachada externa do templo; (1)
Nº 8 de 1975	3 artigos. Prática conversionista.	(1) Aniversário do programa de Rádio Voz da AD (1) Desfile; (4) batismo; (2) inauguração de templo; (1) Aniversário da igreja;	Foto de Lawrence Olson; Pastores no interior do templo.

Nº 11 de 1975	1 – Nota sobre a importância da CPAD e de seu diretor (Sotero): paráfrase de poesia de Castro Alves ¹⁴ ?	(2) Batismo; (2) inauguração de templo; (1) evangelização (1) Convenção; (1) Cruzada “Boas Novas”	4 – Multidão de membros da AD junto à ônibus; multidão à frente da fachada externa do templo; (1) Multidão em espaço público; fachada de templo.
Nº 2 de 1976	16 artigos classificados em: (9) Doutrina; (1) Análise histórico-cultural da música: à música “falsificada”; (1) Crítica literária (1) Crítica ao catolicismo, às religiões de matriz africana e outras; (1) crítica às confissões históricas; (1) Crítica ao “curandeirismo” Evangélico; (1) fé e ciência; (1) Capital cultural e fé;	(1) Festividade; (2) inauguração de templo (1) Pedra fundamental.	3 – (2) multidão à frente da fachada externa do templo; (1) Banda de música.
Nº 5 de 1976	0	(2) inauguração de templo; (1) convenção; (1) congresso; (1) aniversário do templo (junto com aniversário da cidade em Piedade - SP); (1) Batismo	4 – Multidão no interior do Templo; pastores em interior de templo; candidatos ao batismo; desfile.
Nº 8 de 1976	0	(4) Batismo (com ênfase para “médico e uma ex-freira”); (2) aniversário de templo; (1) doação de templo em razão de pentecostalização de uma comunidade (3) desfile (1) convenção.	4 – (2) multidão à frente da fachada externa do templo; Embarcação lotada de crentes no rio Xingu; desfile.
Nº 11 de 1976	0	(2) Convenção; (2) aniversário de templo; (3) Batismo.	3 – (1) Multidão à frente da fachada externa do templo; (2) batismo.
Nº 2 de 1977	0	Convenção em recife toma quase toda página; 11ª Conferência Mundial Pentecostal em Londres; Pentecostalismo na Europa: a AD em Paris; Novos diretores da CPAD: Andrade e Joanyr. Notícias internacionais: relação com o crescimento do pentecostalismo.	3 – (1) Foto panorâmica de Recife; Coral da AD em Paris; Lideranças da AD em frente ao Capitólio, Washington.
Nº 5 de 1977		Evangelização no Xingú; inauguração de templo; desfile; distribuição de Bíblia em escolas;	4 – Embarcação lotada de crentes no rio Xingu; Multidão à frente da fachada externa do templo; Foto de representante

¹⁴ Trocadilho com a poesia “do poeta cantor dos escravos”: “Talhada para as grandezas, para crescer, criar, subir” – a CPAD sente a vitória na seiva do porvir.

			da Liga Bíblica Mundial; Divulgação de Capa de livro.
Nº 10 de 1977	0	Batismo; Homenagem na Câmara Federal à AD; Crescimento da CPAD; 1º Congresso Juvenil das Assembléias de Deus Entre os Imigrantes Portugueses na Europa; Cacique é pastor pentecostal.	2 – Foto de pastores; funcionários e equipamentos da CPAD.
Nº 16 de 1977	0	Diplomata pentecostal prega no RJ; (3) Evangelização; (2) Batismo; (4) inauguração de templo	2 – (1) Recepção de “Diplomata Pentecostal” na AD S. Cristóvão RJ. (1) Candidatos ao batismo.
Nº 1083 de 1978	0	Inauguração; congresso; concurso: viagem Israel; Câmara Federal homenageia à Bíblia.	3 – Foto da fachada do templo; Pastor da AD Recife recebendo presente da Filadélfia de Estocolmo; foto de policial com judeu em trajes típicos.
Nº 1088 de 1978	0	Associação de impactos ambientais aos cultos de matriz africana (queima de velas e despachos); Congresso; Marketing: revista Jovem Cristão; concurso: viagem Israel; Chamada da 12ª Conferência Mundial Pentecostal;	3 – Foto de floresta no RJ; Multidão de pentecostais no ginásio da UCG; foto de policial com judeu em trajes típicos.
Nº 1093 de 1978	Destaque para o Editorial: “Israel aos 30 anos, um sinal dos tempos”.	Aumento da tiragem do MP em mais de 200%; Coleta de dados para obra historiográfica de Joanyr; Nota de falecimento do Pr. Severino Amador; Chamada para concurso Bíblico tendo como prêmio viagem à Israel.	2 – (1) Militares Israelenses em rua de Jerusalém; (1) Militar Israelense junto a um Judeu ortodoxo com trajes típicos.
Nº 1098 de 1978	Publicidade: Literatura da CPAD; Revistas de EBD.	Campanha evangelística na matriz de Madureira – RJ; Pr. Ganha viagem à Israel em concurso de assinaturas do MP garantindo 4.500 assinaturas;	2 – Multidão no interior do Templo; Foto de perfil: evangelista em Madureira; Foto de perfil do Pr. Premiado com viagem à Israel.
Nº 1102 de 1979	0	Convenção Geral em Rio Grande do Norte: a principal pauta foi a CPAD, seguida do Divórcio e Consagração de Diaconisas. Relatório da Diretoria de Publicações da CPAD	3 - Foto dos componentes da mesa Diretora da Convenção; Foto de Nils Taranger, pastor hospedeiro; Multidão em interior de Estádio (legenda destaca 15 mil pessoas).
Nº 1104 de 1979	2 – Defesa da Glossolalia; artigo de Spurgeon sobre o tema Justificação;	Confraternização de Jovens em Curitiba; suplemento como suporte evangelístico;	1 – Multidão em interior de Ginásio em Curitiba;

Nº 1105 de 1979	3 – (1) Artigo doutrinário assinado por R. A Torrey: (1) Artigo doutrinário: escatologia; (1) Chamada para dois outros artigos; introduz informando sobre os avanços científicos: os dois artigos são de natureza escatológica.	Evangelização da AD em Moçambique, África; chamada da 12 ^a Convenção Mundial Pentecostal no Canadá: “a primeira Convenção Mundial a ter uma sessão especial para mulheres pentecostais”.	1 – Foto de projeto de uma usina de Conversão de Energia Térmica Marinha
Nº 1107 de 1979	3 – Artigo apologético: defesa da glossolalia; artigo de natureza evangelística; artigo apologético: “Um sábado que já passou”	Comemoração de aniversário de Banda Musical no Paraná; Chamada de curso para professores de EBD em Iporá, Goiás.	Banda de Música em frente à fachada do templo no Paraná.

Anexo 4 – Classificação das imagens no item primeira página do periódico.

Edição	Descrição/classificação das representações imagéticas
Nº 2 de 1970	Pastores em Inauguração de templo. Candidatos ao Batismo. Multidão de Convencionais.
Nº 6 de 1970	Hasteamento de bandeira. Desfile.
Nº 14 de 1970	Inauguração de templo. Evangelização de detentos.
Nº 22 de 1970	Grande coral. Pastores em conferência. Multidão à frente do templo
Nº 2 de 1971	Foto de perfil de Emílio Conde. Emílio o “inesquecível homem de letras”. “Figura proeminente da EBD”
Nº 9 de 1971	Lideranças da igreja
Nº 15 de 1971	Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 21 de 1971	Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 2 de 1972	Pastores no púlpito. Outras 4 imagens de vários pastores no interior do templo.
Nº 8 de 1972	Pastores no púlpito. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 15 de 1972	Desfile. Multidão à frente da fachada externa. Pastores no púlpito.
Nº 22 de 1972	Foto de perfil de missionário. Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa.
Nº 1 de 1973	Cidade do Cabo. Multidão no lançamento de Pedra fundamental
Nº 8 de 1973	Candidatos ao batismo.
Nº 15 de 1973	Multidão à frente da fachada externa. Capa de livro.
Nº 22 de 1973	Pastores em evangelismo. Gravura de Bíblia
Nº 2 de 1974	Multidão à frente da fachada externa. Candidatos ao batismo.
Nº 5 de 1974	Pastores em ato inaugural. Multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 8 de 1974	Fachada do templo. Multidão à frente da fachada externa do templo. Foto de perfil de pastor presidente.
Nº 11 de 1974	Lewi Pethus. Embarcação lotada de crentes. Multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 2 de 1975	Escavações em Qumaran. Multidão no interior do Templo.
Nº 5 de 1975	Multidão no interior do Templo. Multidão à frente da fachada externa do templo.
Nº 8 de 1975	Foto de Lawrence Olson. Pastores no interior do templo.
Nº 11 de 1975	Multidão de membros da AD junto à ônibus. Multidão à frente da fachada externa do templo. Multidão em espaço público. Fachada de templo.
Nº 2 de 1976	Multidão à frente da fachada externa do templo. Banda de música.
Nº 5 de 1976	Multidão no interior do Templo. Pastores em interior de templo. Candidatos ao batismo. Desfile.
Nº 8 de 1976	Multidão à frente da fachada externa do templo. Embarcação lotada de crentes no rio Xingu. Desfile.
Nº 11 de 1976	Multidão à frente da fachada externa do templo. Batismo.
Nº 2 de 1977	Foto panorâmica de Recife. Coral da AD em Paris. Lideranças da AD em frente ao Capitólio, Washington.
Nº 5 de 1977	Embarcação lotada de crentes no rio Xingu. Multidão à frente da fachada externa do templo. Foto de representante da Liga Bíblica Mundial. Divulgação de Capa de livro.
Nº 10 de 1977	Foto de pastores. Funcionários e equipamentos da CPAD.
Nº 16 de 1977	Recepção de “Diplomata Pentecostal” na AD S. Cristóvão. Candidatos ao batismo.
Nº 1083 de 1978	Foto da fachada do templo. Pastor da AD Recife recebendo presente da Filadélfia de Estocolmo. Foto de policial com judeu em trajes típicos.

Nº 1088 de 1978	Foto de floresta no RJ. Multidão de pentecostais no ginásio da UCG. Foto de policial com judeu em trajes típicos.
Nº 1093 de 1978	Militares Israelenses em rua de Jerusalém. Militar Israelense junto a um Judeu ortodoxo com trajes típicos.
Nº 1098 de 1978	Multidão no interior do Templo. Foto de perfil: evangelista em Madureira. Foto de perfil do Pr. Premiado com viagem à Israel.
Nº 1102 de 1979	Foto dos componentes da mesa Diretora da Convenção. Foto de Nils Taranger, pastor hospedeiro. Multidão em interior de Estádio (legenda destaca 15 mil pessoas).
Nº 1104 de 1979	Multidão em interior de Ginásio em Curitiba.
Nº 1105 de 1979	Foto de projeto de uma usina de Conversão de Energia Térmica Marinha
Nº 1107 de 1979	Banda de Música em frente à fachada do templo no Paraná.

Anexo 5 – Primeira página do MP n. 2 de 1970.

A literatura pornográfica e o Santo Evangelho

« Bem-aventurada a noção cujo Deus é o Senhor ». Sal. 33:12

Podemos julgar já termos escrito e falado o bastante contra os males que ameaçam pôr em decadência ou mesmo o motor a vida espiritual dos evangélicos, porém se considerarmos seriamente o assunto, teremos que chegar a conclusão de que nada temos feito e portanto, agora é que devemos agir destemidamente e sem tréguas.

É indispensável que falemos e escrevamos em defesa da pureza evangélica, do contrário teremos que ver ruir por terra a vida espiritual da Igreja.

De todas as maneiras o mundo procura invadi-la e tomar conta, isto é, dominá-la. O príncipe das trevas. Então, começando no jardim do Eden a perturbar a humanidade e continua na sua obra maligna, fazendo tudo para ver se o sacrifício de Cristo fica sem valor. O caso é este, já estamos ganhando por Cristo e jamais nos devemos deixar vencer pelo mal. Romanos 12:21.

Uma missão nos é imposta: falar e não nos calarmos — Atos 18:9-10; 4:20, porque se nós nos calarmos as próprias pedras cla-

marão. Luc. 19:39-40. A época em que vivemos, apesar da liberdade do culto que a Lei nos facultou, é perigosíssima. Estamos no tempo da libertação e é isso, o maior perigo que estamos a enfrentar. A liberdade é boa, é lícita e é recomendável e aí do povo que vive numa nação opressora. Contudo, a liberdade precisa ter seu limite, suas regras, suas normas; nunca devemos abusar da liberdade a ponto de confundir-la com a libertação. Inteligentemente é o que está havendo no Brasil com o título de «civilização».

O nosso artigo traz como título: A LITERATURA PORNOGRÁFICA E O SANTO EVANGELHO, isso porque pretendemos apresentar a distinção que há entre uma e outra. Porém a degeneração não se nota apenas na literatura; não é apenas nela que está a pornografia. A nossa Nação está ficando em absoluto degenerada nos seus costumes morais. A moral está sendo uma finada. Não encontramos apenas escritos impudicos nos jornais, livros e revistas, também encontramos fotografias imorais e indignas para famílias que ainda primam pelo pudor, além do que se vê nos carros e pra-

(Página 7)

EVANGELIZAÇÃO - PAG. 3

mensageiro da paz

Orgão das Assembleias de Deus no Brasil

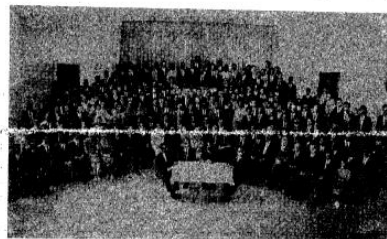
ANO 40 * JANEIRO DE 1970 * Nº 2

Missionário brasileiro batiza na BOLÍVIA



Após receberem as últimas instruções pelo missionário João Francisco, nas águas batizantes

10ª Convenção em Londrina, Paraná



Obreiros que estiveram presentes à Convenção em Londrina-PR.

Ocupamos uma parte do nosso querido jornal o MENSAGEIRO DA PAZ para dar notícias do trabalho do Senhor Jesus nesta cidade de Londrina, no Estado do Paraná.

Londrina é uma cidade com apenas 35 anos de existência, conta com aproximadamente 220 mil habitantes, sendo uma das cidades que mais crescem no Brasil, para onde tem vindo de toda parte muita gente à procura de meios para viver e aqui construíram seus lares dentro desses muitos de nossos irmãos que aqui chegando pregaram a Palavra de Deus, contando hoje entre todos os evangélicos mais de vinte mil.

A nossa igreja, como acontece em todo o lugar, cresceu bastante, não apenas em número, mas na graça, no conhecimento e no temor de Deus.

O nosso trabalho conta com 20 anos de existência nesta cidade. Muitos pastores passaram por aqui. Ultimamente, isto é, há sete anos atrás, o atual pastor Ivo Luis de Souza, quando mudou-se para esta cidade, notando a necessidade de construir um templo melhor, e atendendo uma velha aspiração da igreja, lançou mãos à obra para uma construção das mais modernas e na altura de abrigar condignamente o povo de Deus; se fosse construída agora ficaria em mais de setecentos mil cruzeiros novos. Graças a Deus por Ele nos ter proporcionado isto, e a seu servo pastor Ivo, um dos mais jovens pastores deste Estado, mas que já tem os cabelos grisalhos dado o trabalho que sobre os seus ombros pesa.

A inauguração está prevista para o ano de 1970, com data a ser fixada. A igreja conta

(Página 7)

Assembleia de Deus na Ilha do Governador inaugura templo sede

As 14.00 horas do dia 12 de outubro último, concentrou-se na Praça de Esportes no Cocotá na Ilha do Governador, a Assembleia de Deus sob a direção do pastor Francisco Assis Gomes que assistido pela banda de música da igreja e vários pastores das igrejas da Guanabara e mais de seus auxiliares, dava com essa concentração, início as cerimônias de dedicação do templo da igreja de que é pastor.

Após o cântico de alguns hinos, foi convidado a falar à multidão reunida o pastor Valdir Neves, representante do pastor e igreja em Cordovil que num brilhante improviso disse de gloriosa razão daquele ajuntamento e do poder de Cristo manifestado no Evangelho para salvação do pecador que nele crer.

Seguiu-se à mensagem um ordenado desfile da referida Praça de Esporte até a frente do templo a ser inaugurado que está na Estrada da Caeuia, 475, onde a multidão foi convidada numa demonstração de patriotismo cristão, a cantar o Hino Nacional Brasileiro, o que foi feito.

O pastor Túlio Barros, da igreja em São Cristóvão leu o Salmo 84, a pedido do pastor Francisco Assis Gomes que em seguida convidou o pastor Alcebiades Pereira Vasconcelos a descerrar a fita simbólica que vedava a porta principal do templo, abri-lo e convidar a multidão a nele entrar, no que foi obedecido; a multidão em poucos minutos lotou o grande e belo templo em todas as suas dependências expostas.

(Continua na pág. 8)



O pastor A. P. Vasconcelos procede à leitura do texto no momento da dedicação

Membro da Igreja em Medianeira, Paraná foi curada de câncer pela oração da fé

Numa demonstração inequívoca de que Jesus Cristo é o mesmo e nada é impossível para Deus, passamos a informar aos nossos milhares de leitores que a irmã LENITA LOPES DOS SANTOS, membro da Assembleia de Deus na cidade de Medianeira, Estado do Paraná, depois de uma oração com unção pelo pastor da Igreja, segundo recomenda a Palavra de Deus, foi milagrosamente curada pelo poder de Deus.

A doença da irmã Lenita era um câncer que se inoculava em sua garganta e nos últimos dias que precederam a sua cura, ela já não mais possuía voz para falar. Ela foi operada na cidade de Paranavai, no Estado do Paraná, mas depois da operação foi desenganada pelos médicos. Foi a São Paulo, à procura de especialistas, mas sem resultado. Então voltou a Medianeira, para se despedir dos seus pais, pois sua morte era algo definitivamente esperado.

Antes de morrer, porém, resolveram chamar o pastor da igreja, irmão JOSÉ ESCORIÇA NETO (que também abona o testemunho) e este orou pela enferma e a ungiu em nome do SENHOR; no dia seguinte a irmã Lenita começou a falar. Agora ela está cantando hinos de louvor a Deus, aleluia! Toda honra, glória e louvor sejam dados ao nosso Deus.

Olivir B. Apolidoro

Anexo 6 – Primeira página do MP n. 15 de 1971



No interior do templo recém-inaugurado, o povo de Deus comemora a vitória.

mensageiro da paz

Órgão das Assembleias de Deus no Brasil

ANO 41 ★ 15 DE AGOSTO DE 1971 ★ N. 15

VIAGENS E BATISMO NAS ÁGUAS EM ASSUNCIÓN-PARAGUAI

«Aí! aqui nos ajudou o Senhor».

No dia 10 de abril de 1971, sai de Assunção — Paraguai, rumo a uma colônia brasileira localizada aproximadamente a 200 km. da Capital. Acompanham-me nesta viagem minha esposa Helena J. da Silva, meu filho Osmar J. da Silva que louva ao Senhor com seu violão, as irmãs Zíndra Gomes da Silva e Ana Elizabeta de Souza, que estão tendo suas primeiras experiências no campo missionário. Chegamos às 11 horas com muita dificuldade. Pela misericórdia do Senhor encontramos o Dr. Jorge, fazendeiro naquela região, que bondosamente conduziu-nos até o Sítio Mineiro onde teríamos que realizar os trabalhos.

Damos graças a Deus por podermos encontrar ali um pequeno grupo de irmãos brasileiros que servem

ao Senhor naquele sertão paraguaio. A congregação é dirigida pelo irmão José Mamédio.

A noite tivemos um abençoado culto. Os irmãos chegavam portando tochas de fogo para alumiar o caminho por onde passavam. O local ficou repleto e Deus esteve presente. No dia seguinte os irmãos improvisaram uma represa onde efetuou o batismo de 10 novos soldados de Cristo e o Espírito Santo se manifestou confortando os corações dos irmãos presentes.

A missionária Ana Elizabeta de Souza entregou uma poderosa mensagem da parte de Deus. Após hinos cantados em espanhol pelo membro Osmar J. da Silva fez uso da palavra a missionária Zíndra Gomes da Silva. A Santa Ceia foi celebrada após a pregação e Deus se manifes-

to poderosamente no meio de Seu povo.

Para o bom andamento dos trabalhos, no dia seguinte fizemos a seguinte distribuição: As missionárias Ana Elizabeta de Souza e Zíndra Gomes da Silva seguiram para a colônia Mburacy em visita oficial, minha esposa regressou à Capital e eu permaneci na colônia visitando os outros pontos de pregação onde também celebrei a Santa Ceia do Senhor.

Dia 15 regressei à Capital, onde encontrei os cooperadores que me deram boas notícias do trabalho do Senhor no período de nossa ausência.

Toda honra e glória sejam dadas ao nome do Senhor.

Pastor IRENO JACINTO DA SILVA — Cx. Postal 1.588 — Assunção — Paraguai.

Inaugurado em Iporá, Estado de Goiás, Novo Templo da Assembleia de Deus

Presentes mais de duas centenas de Obreiros, procedentes de várias cidades goianas, realizou-se em Iporá, nos dias 2 a 4 de abril, a XVIII Convenção Regional das Assembleias de Deus. Autoridades comarcas e estaduais estiveram presentes. O Sr. Valdemar Ramos (já descança no Senhor), Jurandy Luiz da Silva (Formosa) e Demervil Augusto da Fonseca. O pastor Divino Gonçalves dos Santos (Brasília) foi também um dos pioneiros, que tem com-ventes relatos dos primeiros passos do movimento pentecostal na região.

Iporá é muito evangelizada: o templo é um dos maiores edifícios da cidade, imponente e com sua elevada torre, os «pentecostais» (é assim que os crentes são chamados) se destacam no comércio, no magistério, alguns são pecuaristas; o maior hospital de Iporá é evangélico (Batista), dirigido por médico daquela igreja co-irma.

A Mesa Diretora dos trabalhos ficou constituída dos seguintes pastores: José Leite de Lacerda, presidente; Geraldo Gonçalves da Silva e Cardoso, vice-presidente; Amador Carlos dos Santos, 1º secretário; Mousés Martins da Rocha, 2º secretário; Divino José Pinheiro, tesoureiro. Promoveram-se estudos bíblicos, deliberaram-se várias matérias de interesse da Obra e houve consagração de evangelistas, presbíteros e diaconos.

BREVE HISTÓRICO

O trabalho pentecostal na região tem uma história comovente, de lutas ruidosas, vitórias extraordinárias, em que Deus tem permanente presença, quase palpável. De Samambá, onde um grupo de crentes — quase todos procedentes de Minas Gerais — entregava-se ao Senhor em vigília e consagrações, um fogo do poder alastrou-se para várias cidades. Em 1944 já havia um trabalho organizado na localidade denominada Burtli, que atualmente é congregação da igreja de Iporá. O primeiro dirigente foi Miguel Coelho e o primeiro crente o irmão Alberício Augusto da Fonseca.

Vários irmãos, hoje pastores, tiveram os primórdios de sua fé ligados à região. Atualmente servem ao Senhor em várias cidades: Nabilim Augusto da Fonseca (Guaipó); Antônio Domingos Batista (São Luís de Montes Belos); Geraldo Gonçalves da Silva e Cardoso (há alguns anos pastor da grande igreja de Iporá); Amador Carlos dos Santos (Piranhas); Waldemar Alves de Souza (Calapônia); Waldomiro Raimundo (Aragarças); Odilon Vieira (Estrela do Norte); José Ferreira (entre as mais antigas, até data recente no campo de Itapiranga).

Valdemar Ramos (já descança no Senhor), Jurandy Luiz da Silva (Formosa) e Demervil Augusto da Fonseca. O pastor Divino Gonçalves dos Santos (Brasília) foi também um dos pioneiros, que tem com-ventes relatos dos primeiros passos do movimento pentecostal na região.

A CONVENÇÃO

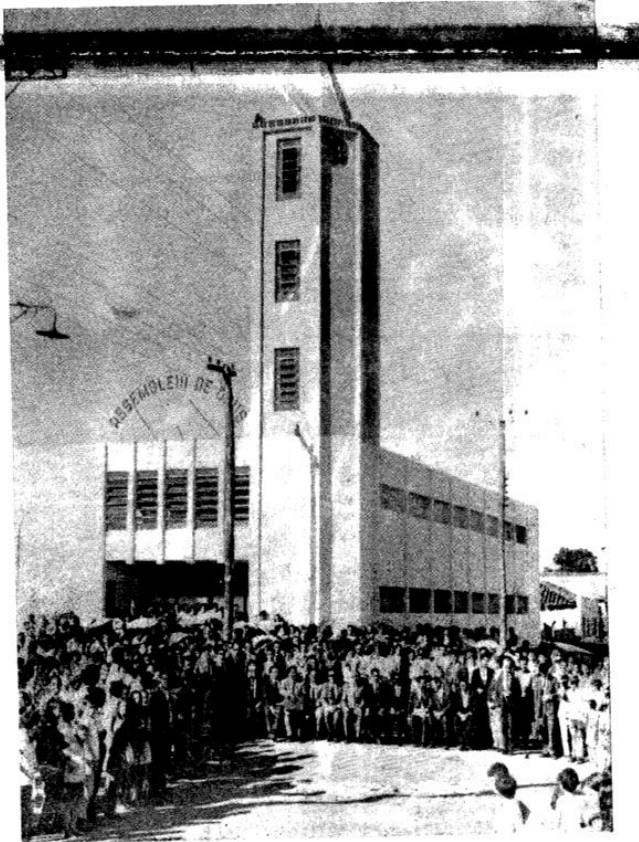
Era grande aspiração dos irmãos iporanos que uma Convenção se realizasse na cidade, agora que o asfalto a liga a Goiânia e a energia elétrica de Cachoeira Dourada começa a impulsionar aceleradamente o seu progresso.

Finalmente, puderam agora realizar esse desejo, hospedando com inestimável carinho os crentes que vieram do norte, do centro, do sudeste. O pastor Alvinio Rocha esteve presente, na qualidade de presidente da Convenção do Sudoeste, que tem vinculações com Minas Gerais.

Os pastores Divino José Pinheiro (Palmópolis), Benedito Amâncio de Oliveira (Rubiataba) e Alvinio Rocha (Rio Verde) ministraram estudos bíblicos.

O Governador do Estado, Dr. Leotônio Collares e outras autoridades estaduais e municipais trouxeram de viva voz sua saudação aos convencionistas. O Chefe do Executivo estadual recebeu uma Bíblia, das mãos do prof. Jorge Fernandes, que lhe

(Cont. na pág. 8)



Monumento de fé e de esperança, o novo templo da igreja em Iporá embeleza a cidade, alegra os crentes e glorifica a Deus.

Anexo 7 – Primeira página do MP n. 15 de 1972

MENSAGEIRO DA PAZ

ÓRGÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

ANO 42 **15 DE AGOSTO DE 1972** **Nº 15**

Sexto Congresso da Mocidade em Goiás em Votuporanga, SP

Estudos Bíblicos



Desfile da Mocidade em Goiás. (pág. 6)



Obreiros no Estudo Bíblico em Votuporanga. (pág. 6)

BOLÍVIA

Da vizinha e amiga República boliviana nos chegam notícias de festividades espirituais realizadas em Santa Cruz. A obra se estende pelo poder do Espírito Santo. (pág. 8)

SÃO PAULO

De São Paulo, trazemos variado noticiário que abrange as igrejas em Lençóis Paulista (batismo em águas), Álvaro de Carvalho (Escola Dominical) e Mauá (inauguração de templo). (pág. 6)

PARÁ

Foram batizadas 186 pessoas com o Espírito Santo em curto período na cidade de Irituaia, Pará. É o avivamento de 1911 que continua em plena eferescência no Estado marajoara. (pág. 6)

MINAS GERAIS

Batismo de novos convertidos reuniu muitos servos de Deus na cidade de Campina Verde. Também houve estudos bíblicos. (pág. 9)

BAHIA

"Indiferentes a todos os inimigos da obra de Deus, os servos do Senhor na Bahia continuam com uma só preocupação: ganhar almas para o Reino de nosso Pai Celestial". Notícias detalhadas do Congresso da Mocidade, quando 81 foram batizados com o Espírito Santo. (pág. 7)

Inauguração na Gamboa, GB



Inauguração do templo. (pág. 7)

RIO DE JANEIRO

A Assembléia de Deus em Cordovil, Gb, atravessou as fronteiras do Estado e foi a Monsuaba alegrar-se com a Igreja em Ilha Grande, na inauguração solene do templo que abrigará o povo de Deus. (pág. 5)

EDITORIAL
Fala, a das Assembléias
(pág. 2)

AGENDA PRO CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS
(pág. 8)

ESTUDO BÍBLICO
Com Lampadas Acesas Esperando Jesus - IX - Em sua última parte
(pág. 2)

mensageiro da paz

ÓRGÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

ANO 43

30 DE ABRIL DE 1973

Nº 8

São Paulo

Com 12.000 habitantes, a cidade de Cosmópolis vem testemunhando o progresso constante da Assembléia de Deus local. Neste número damos notícias da Obra de Deus em Cosmópolis e suas congregações, incluindo Estudos Bíblicos, batismo e desfile. (pág. 7)

Maranhão

Sob o tema "Trabalhai, enquanto é dia!" reuniu-se o Terceiro Congresso da Mocidade da Assembléia de Deus no Estado do Maranhão, na cidade de S. Luís, com a presença de centenas de jovens, dezenas de pastores e muitos visitantes. (pág. 12)

"Até aqui nos ajudou o Senhor"



Pastor local ladeado pelos candidatos a batismo. (pág. 7)

Goiás

Pastores goianos ministraram estudos bíblicos ao povo de Deus reunido em Itaguaru. Também nos chegam notícias da abençoada reunião de obreiros e de batismo em água de novos crentes. (pág. 6)

Espírito Santo

A cidade de Muqui conta com mais um templo da Assembléia de Deus. Para a festa de inauguração foram convidadas várias igrejas e seus respectivos pastores, sendo batizados novos crentes. (pág. 6)

POVO DE DEUS, ALERTA!

Novos crentes são batizados no Acre



A beira do rio os candidatos a batismo aguardam o grande momento. (pág. 7)

Povo de Deus, alerta! Nuvens negras começam a cobrir a terra na preparação torpe e macabra para a recepção do Anticristo!

Vozes sinistras começam a se ouvir agudamente no horizonte espiritual, enquanto Satanás agride violentamente a Igreja de Jesus, num esforço desesperado e final para tolher-lhe os passos triunfantes.

Esta é uma hora séria para a comunidade cristã mundial, pois a Vinda gloriosa do Cristo Vivo se aproxima e o Inimigo cuida habilmente de impedir a expansão do corpo de Cristo, a fim de ter mais companheiros para a eternidade no lago de fogo!

De todos os lados ouve-se o gemido frenético das multidões que atendem às insinuações dos estratagemas do Adversário e caem, perdidas, no labirinto de seus planos destruidores, donde jamais poderão sair.

A luta contra a Igreja de Cristo atinge seu ápice neste momento culminante da História, ocasião em que religiões falsas se entromizam nos corações, desonrando a verdade e tentando obscurecer a verdadeira luz.

É indispensável que a Igreja se una imediatamente para combater e vencer os planos inimigos. As armas de Satanás estão em ação: a imoralidade desenfreada, sob todas as for-

(continua na pág. 12)

EDITORIAL:

Em que consiste a vitória?

(pág. 2)

A BIBLIA DIZ:

"Os loucos zombam do pecado, mas entre os retos há boa vontade." Pv 14:9

LEIA

Quando se trata em missão.

(pág. 2)

mensageiro da paz

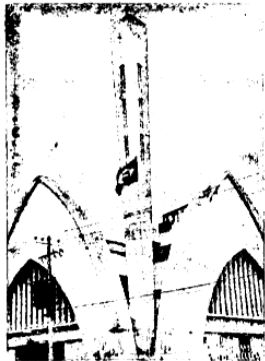
ÓRGÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

ANO 44

NÚMERO 8

1974

Marechal Hermes **PRODÍGIOS E MARAVILHAS** inaugura seu belo templo



Fachada do Templo de Mar. Hermes no momento da inauguração.

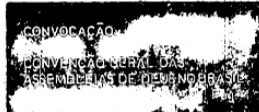
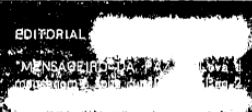


Pastor José L. Leocádia, Pres. da Ass. de Deus em Marechal Hermes

O bairro de Marechal Hermes sentiu a vibração e os efeitos de uma programação genuinamente cristã e de cunho evangelístico para fins de inauguração de seu belo templo, com a capacidade para 2.000 pessoas sentadas, aproximadamente, galerias, berçário, biblioteca, sala destinada ao funcionamento de Escola Dominical, área para estacionamento de carros, que falam bem alto do interesse e da eficiência de sua administração, responsabilidade que está sobre os ombros do Pastor José Leite de Lacerda, denodado obreiro a quem Deus tem abençoado grandemente. E, pois, eminentemente colaborador do Pastor geral, Paulo L. Macalão, obviamente com sua direção circunscrita e ligada ao ministério de Madureira. Várias visitas, corais, bandas de música, autoridades tomaram parte no conclave. Estudos Bíblicos foram realizados com grande proveito para todos, cujas recordações permanecerão eternamente com seus resultados espirituais para o evangelismo de nosso povo. Pág. 9.



Entrada ao templo após o corte da fita simbólica.



CURADA DE CÂNCER - Há mais de dois anos sofria de câncer. Tive crises repetidas e constantes. Em tratamento, fiz por orientação médica vários exames. Depois fui operada, mas sem nenhum resultado. Fui completamente desenganada pela Medicina, diante também de séria complicação. Já sem qualquer esperança de cura, por meios normais, no dia 20 de junho, chamei meus onze filhos, esperando a "minha hora". A notícia correu, e no dia seguinte duas irmãs do Circuito de Oração, uma chamada Josefa e outra Cândida, resolveram passar um período

de jejuns orando em meu favor. E, enquanto oravam, Deus mostrou-lhes numa visão uma lâmpada acesa intorçionalmente no meu corpo e um histuri, o qual alcançava exatamente o local da enfermidade. Foram elas de volta com a certeza de que Jesus havia de me curar. Voltei ao médico no dia seguinte e contei o ocorrido, submetendo-me a novos exames, dos quais ficou constatado que eu realmente havia sido curada. Glória a Jesus! Pois agora posso dizer que estou liberta pelo poder de Deus. Almezina Azeredo da Silva. (Apojado pelo Fr. José Santos, Penha - Guarabara). Págs. 10 e 11.

MISSIONÁRIOS BRASILEIROS EM SÉRIE DE REPORTAGENS

Alcançou ampla repercussão em nosso meio a matéria intitulada "Jesus Chega à Alma da África" (MP 6), com que o jornalista Joanyr de Oliveira deu início a uma série de reportagens que focalizarão os Missionários brasileiros em todo o mundo.

Reiteramos o apelo no sentido de que os Missionários, como também os que dispõem de seus endereços, escrevam fornecendo dados, porquanto não desejamos que nenhum nome fique excluído da relação dos entrevistados. (O endereço é: Caixa Postal 700 - CEP 74000 - Goiânia - Goiás - Brasil).

Diretor de Publicações.

Apontamentos de viagem - San Lorenzo - Paraguai

O conhecido Pastor Joaquim Marcelino da Silva, de Santo André (SP), alcançou a cidade de San Lorenzo no Paraguai, dando-nos uma resenha baseada em apontamentos de viagem que interessa muitíssimo ao nosso povo, onde se amplia largamente o espírito missionário. A visita constituiu grande alegria a todos ali, onde o Senhor está salvando almas. Pág. 14.

RIO DE JANEIRO

Desta vez Nova Friburgo, campo que está hoje com 6 templos e 12 congregações. Mais 25 pessoas foram batizadas. E o povo de Deus luta pela fé que uma vez foi entregue aos santos. Pág. 8

GOIÁS

Vila Nova escolheu o dia 26 a 29 de junho para comemorar festivamente o 5º aniversário do seu templo. Grandes cultos tiveram lugar e a Palavra do Senhor foi pregada com ampla liberdade espiritualmente. Há projeto de novo templo no setor Universitário. Pág. 8

DISTRITO FEDERAL

Um batismo de 63 novos crentes foi realizado em Brasília, em duas etapas, o que confirma de modo visível o progresso do trabalho da Igreja naquela área. A construção do novo templo está em franco progresso. Foi realizada também a Escola Bíblica com a cooperação de vários obreiros. Pág. 16

ESPÍRITO SANTO

Foi comemorado o aniversário do templo em Jucutuquara, cuja data coincidiu com o aniversário do Pastor local. Um programa foi posto em ação, que repercutiu favoravelmente para o trabalho evangélico naquela localidade. Pág. 8

MENSAGEIRO DA PAZ

ÓRGÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

ANO 45

NÚMERO 5

1975

JESUS É O MESMO ONTEM, HOJE E PARA SEMPRE

"Na minha angústia clamei ao Senhor, e Ele me curou." Sl 120.1.

Sofri de uma enfermidade há mais de 15 anos. Nos primeiros anos, julguei se tratar de uma coisa simples. Foi originada de um corte de navalha sobre uma espinha, no meu rosto, que foi se agravando, e de uns certos anos para cá, tornou-se uma terrível fúria. Alguns diziam ser uma alergia. Vários médicos trataram de mim, como sendo alergia, usaram uma infinidade de remédios, porém tudo debalde. Já agora, no ano passado (1974), alguém me aconselhou que eu fosse a um especialista. O diagnóstico desse facultativo foi que eu tinha que fazer uma operação plástica.

Procurei um cirurgião e este exigiu uma infinidade de exames, culminando com uma biópsia. Quando recebemos o resultado do laboratório, o médico operador disse para minha esposa que se tratava de um câncer, e que ele operava, mas não garantia. Ela, minha esposa, não me revelou logo este resultado, e eu fiquei aguardando o dia da operação. Com mais ou menos um mês, um culto doméstico, ela começou a chorar, e eu perguntei: o que tens? Ela, então, me revelou tudo. Quando soube que se tratava de um

mal que a Medicina não tem recursos para a cura, eu disse: pois bem, se é assim, não quero mais me operar, eu tenho UM que me pode curar. Fizemos uma série de jejuns, com oração e consagração. Naqueles dias fizemos um pedido a Jesus, que, o primeiro servo de Deus, ungido, que viesse a nossa casa, fosse o enviado por Deus para orar por mim, para que Jesus me curasse. Do dia 10 de janeiro p. passado até o dia 14, sofri as piores dores, e a enfermidade sangrava e supurava todo tempo. Era coisa horrível!

No dia 14, às 20 h, chegava a nossa casa um presbítero, e logo mais um outro, com suas respectivas esposas. Quando minha esposa viu chegar o primeiro, me disse: olha, quem chegou! Eu disse, sim, é este a quem o Senhor mandou para fazer a obra. Antes que aqueles irmãos saíssem, notifiquei: tenho um pedido que fiz a Jesus, e o irmão é a pessoa que Ele mandou. O irmão vai me ungir para Jesus me curar. Naquela oração, logo que o irmão pôs óleo na minha testa, eu senti como um poder extraordinário sobre todo o meu corpo, e exclamei: Jesus me curou e, levantando-me, todas as dores já haviam cessado. Glória a Jesus!

Pastor Manoel F. de Almeida

Mais testemunhos na pág. 10.

NOTÍCIAS DA BOLÍVIA

PÁGINA 7



EDITORIAL:

...Porque a promessa vos diz respeito a vós... a tantos, quantos Deus, nosso Senhor, chamar..."

A BÍBLIA DIZ:

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei." Mt 11.28.

NORTE

O Pastor Eliezer da S. Ribeiro, de Itaituba (PA), realizou uma viagem através da Amazônia, até a Bolívia. Grandes bênçãos foram registradas, com salvação de almas, batismos com o Espírito Santo e curas. Um batismo de 101 candidatos toma lugar em Rio Branco, Acre. Em Coroatá (MA), a inauguração de um templo e batismo. Participaram das comemorações o Dep. Estadual Raimundo G. de Lima e o Delegado de Polícia local. Págs. 5 e 9.

ITAITUBA - PA



COROATÁ - MA



NORDESTE

MESSEJANA - CE



A cidade de José da Penha (RN) tem agora casa pastoral, e 40 novos convertidos desceram às águas batismais. Do trabalho circunscrito ao ministério de Campina Grande (PB), notícias gerais de Pombal, Catolé do Rocha, Picuí, Barra de Santa Rosa, Juazeirinho, Pocinhos e Ingá, são registradas. O 6º aniversário de pastorado em Campina Grande foi celebrado com grande culto de ações de graças. Em Messejana (CE) um templo construído em prazo recorde é inaugurado. Págs. 5, 8 e 14.

ESTE

Informes do trabalho em Coroaci e Acejutiba (BA) têm-nos chegado, apresentando o desenvolvimento que se registra paulatinamente, graças a ajuda do Espírito e a esforços denodados. Em ambas as localidades batismos foram realizados. Grande alegria inunda os corações. Toda a glória pertence a Jesus - Rei dos reis e Senhor dos senhores. Págs. 9 e 11.

CENTRO-OESTE

Chuvvas de bênçãos em Avelinópolis (GO) com o registro do primeiro aniversário do templo ali. Em Mato Grosso, na localidade de São José do Povo, tornou-se em data prevista o ponto para o encontro de irmãos procedentes de outras regiões para se alegrarem no Senhor e realizarem também mais um batismo daqueles que estão ingressando nas fileiras da milícia celestial. Pág. 5.

AVENILÓPOLIS - GO



SUL

Variadas notícias abrangendo diversos campos da região sul, como Olaria (RJ), Osório (RS), São Joaquim (SC), Mauá, Catanduva, Barretos, Andradina e Lins (SP). Emocionantes oportunidades que consubstanciam o progresso do trabalho evangélico no setor brasileiro, que se traduz em benefício de nossa grande Pátria, na missão de combater o vício e o crime. Págs. 4, 5, 8, 9 e 16.

Anexo 11 – Primeira página do MP n. 2 de 1976

MENSAGEIRO DA PAZ

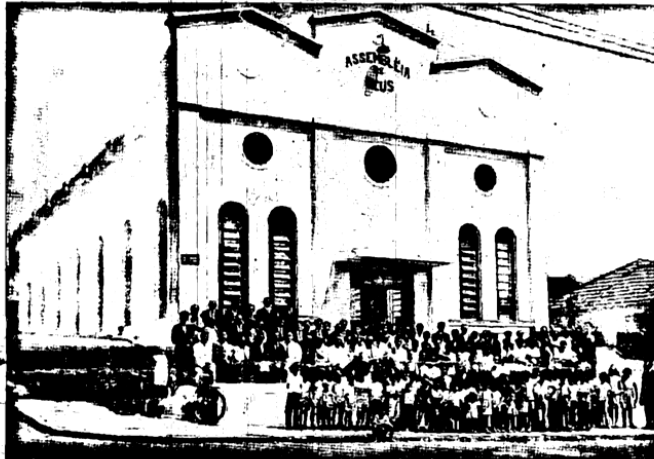
ÓRGÃO OFICIAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

ANO 46

NÚMERO 2

1976

O que vai pela Assembléia de Deus de Assis - SP



Templo em Assis - S. Paulo. Vendo-se parte dos crantes que compareceram àquela reunião. Pág. 16.

Lançamento da Pedra Fundamental e inauguração em Guarapuava - PR



Grande número do povo afilou ao local, aguardando a hora em que seria cortada a fita simbólica. Pág. 8.

ARTIGOS

- Jesus Cristo, o maior dos líderes 2
- Música falsificada 3
- "O dia da Reforma" 4
- O destino da alma após a morte - Justos e Injustos 5
- Nem tudo está perdido (II) 6
- Encontro e desencontros 6
- Jesus - O Príncipe da Paz (II) 7
- O emocionalismo nas reuniões Sagradas 9
- Religião graxa 9
- Chamados para vivermos em santidade 12
- Cuidado com os curandeiros 13
- Fica conosco 14
- O Advogado Cristão - Profissão de fé 14
- Bíblia e Evolução (III) 15
- Matusalém, o colecionador diferente 15
- "Nascer duas vezes e morrer uma vez" 16

REPORTAGENS

- Catarinense venceu concurso de Poesia 4
- Artista que apresentava "Show" em Teatros e Circos foi salva e transformada pelo Poder de Deus 7
- Prodigios e maravilhas 10
- Bacharelado do Pastor Arasmindo P. da Silva. 11
- Duas vezes milagrosamente livre de assalto a mão armada 11
- Inaugurado novo templo em Cabreúva - SP 12

A BÍBLIA DIZ:

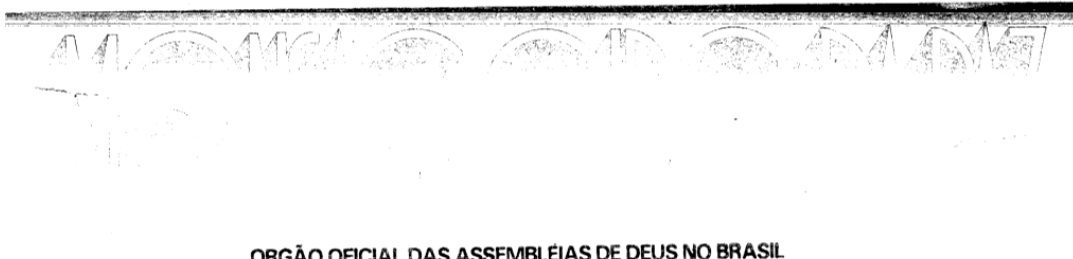
"Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas". Mt 11.28,29.

Inaugurado novo templo em Cabreúva - SP



Banda de Música de Perus quando executava harmonioso hino de louvor. Pág. 12.

Anexo 11 – Primeira página do MP n. 5 de 1977.



ORGÃO OFICIAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

ANO 47

NUMERO 5

1977

“GIDEÃO”

NAVEGA POR UM RIO QUE CLAMA

TEXTO SOBRE O TRABALHO DE EVANGELIZAÇÃO NO XINGU Pág.9.



CORONEL FABRICIANO (MG) TEM NOVO TEMPLO

(TEXTO NA PÁG.8)



VAMOS A ISRAEL?
 Faça o teste CPAD LEVAM VOCÊ A ISRAEL e ganhe uma viagem a TERRA SANTA

A Igreja é presidida por José Alves Pimentel, primeiro pastor consagrado pela AD em Minas.

BÍBLIA AOS SEM BÍBLIA

Milhões de estudantes, em vários países, conhecem a Bíblia quando um exemplar com a palavra "amor" na capa chega às suas mãos. O contato com o maior livro de todos os tempos está sendo possível porque a Liga Bíblica Mundial existe para isto: para que as escolas recebam gratuitamente o texto sagrado e nenhum secundarista ou universitário continue a ignorá-la. Há muito para fazer, ainda. Mas, desde 1972, cerca de 11 milhões de exemplares são entregues, anualmente. Impressos em Inglês, Espanhol, Português, Francês e em estranhíssimos idiomas de vários grupos indígenas.

O Instituto Lingüístico de Verão, instalado em Brasília, tem prestado inestimável colaboração a este trabalho, mediante convênio com a Liga Bíblica Mundial. Sob a liderança de William Chapman e o slogan "Uma Bíblia em cada lar sem Bíblia", em 1938 um grupo de evangélicos deu os primeiros passos, em Chicago, rumo a grande obra. Hoje a Liga atua em mais de 50 países. O rev. Chester Schemper, em visita a nossa redação, eufórico, externa sua gratidão a Deus pelos resultados obtidos, a princípio nos lares e atualmente nas escolas públicas.

Na Bolívia, mais de 500 mil estudantes receberam o seu exemplar de "Lo mas importante es el amor", "edición especial para las escuelas..." O Presidente Banzer recomendou a obra. No Peru, mais de 100 mil foram distribuídos, na Guatemala 300 mil.

No Brasil, não foi menor a receptividade. A Secretaria de Educação do Est. do Rio pediu 500 mil exemplares para colocação nas salas de aula, em 1977, como livro-texto, e outro tanto para 1978. Em Brasília e no Ceará o trabalho se realiza, também, com grande êxito.

A Liga Bíblica Mundial não acolhe pedidos de particulares; seu objetivo são as escolas oficiais, às quais atende mediante solicitação das autoridades educacionais.

Reverendo Chester Schemper veio ao Brasil oferecer milhares de Bíblias aos nossos estudantes. Na redação do MP informou que o Secretário da Educação do Rio lhe disse: "sem religião é impossível educar."



Anexo 12 – Primeira página do MP n. 1107 de 1979.

MENSAGEIRO DA PAZ

ÓRGÃO OFICIAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

Diretores: Gunnar Vingren (1930-1932) - Samuel Nyström (1933-1934) - Nils Kastberg (1935-1938) - Carlos de Brito (1939) - Francisco L. Coelho (1939-1946) - Emilio Conde (1947-1969)

ANO XLIX

1979

Nº 1107

O DOM DE LÍNGUAS

Muitos expositores e escritores modernos mostram-se inclinados a evitar qualquer explicação do fenômeno de falar línguas. Ignoram ou torcem as passagens bíblicas a respeito, principalmente estas: "Pois quem fala em outra língua, não fala aos homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós", 1 Co 14.2,18. (Pág. 7)

O TOQUE DE JESUS

Jesus tem seu braço estendido para tocar no rico e no pobre, no sábio e no ignorante, no são e no doente. Ainda hoje Jesus está ansioso por tocar em nós. O toque de Jesus traz saúde, alegria, descanso e paz interior.

Feliz a pessoa que se deixa tocar pela mão de Jesus. Os vaidosos e orgulhosos passam pela vida sem esse toque maravilhoso, que muda verdadeiramente a nossa vida física, moral e espiritual. A mão de Jesus é cheia de virtude e de poder do alto, por causa disso qualquer criatura que se aproxima para receber o toque da mão de Jesus jamais será a mesma de outrora. Certamente maravilhosa mudança se dará nas profundezas do seu ser. Novos pensamentos, novos desejos, novos sentimentos, novas alegrias, novos propósitos logo brotam do coração mais desalentado ou mais depravado. Esse é o resultado inevitável do toque de Jesus em nossas vidas. Desta gloriosa experiência dão testemunho centenas, milhares e milhões de pessoas alcançadas e abençoadas pelo toque da mão de Jesus.

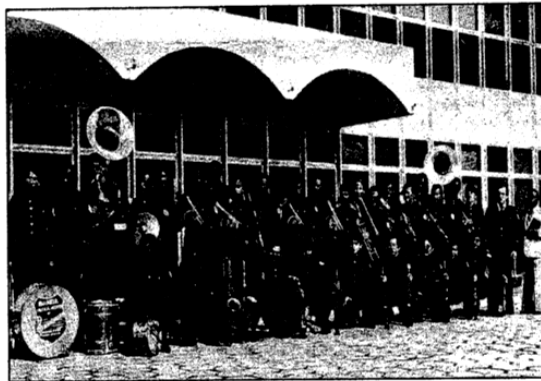
À luz disso, verificará o amado leitor que toda religião é boa, PORÉM NENHUMA RESOLVE! Só Jesus resolve. Somente Ele entorna paz perfeita e eterna alegria nas entranhas profundas da alma.

Experimente, leitor, e, surpresa, verá explodir em júbilo todo o seu ser! Onde você estiver, na terra, no mar ou no ar, feche os olhos, com humildade, e diga a Jesus que o vê e o ama: Vem Senhor Jesus tocar em mim, e salva-me! Outro momento tão feliz e gratificante você nunca teve! Jamais terá outro igual ou semelhante.

Este é o testemunho de todos os que já comeram deste Pão e beberam desta Água, para nunca mais terem fome nem sede, de eternidade a eternidade.

Glória a Deus.

ACORDES DE JERUSALÉM COMEMORA 15 ANOS



Fundada em 1964 com o propósito de louvar a Deus e pregar o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, a Banda Musical "Acores de Jerusalém", da AD de Paranaguá, PR, não tem falhado no cumprimento do seu ministério. (Pág. 10).

EM IPORÁ, CAPED MINISTRADO A 800 ALUNOS

O CAPED, Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical, que será ministrado este mês em Iporá, GO, nos dias 15 a 22, sob a coordenação do pastor Antonio Gilberto, superou o limite máximo de inscrições.

PARA SUA MEDITAÇÃO

"Os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem, e vêem todos os seus passos. Não há trevas nem sombra assaz profunda, onde se escondam os que obram a iniquidade." Jó 34.21,22.

UM SÁBADO QUE JÁ PASSOU

"O serviço a Deus aos domingos era uma prática da igreja primitiva e estamos de acordo com ele. Mas não guardamos o domingo como se quem não o guardar esteja destinado ao inferno. Nós não guardamos sábados e domingos. Nós nos guardamos todos os dias para uma vida santa e proveitosa na presença do Senhor. Não é o dia que salva. Quem salva é Jesus." (Pág. 6)